

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO SOCIAL

FERNANDO SIMÕES ANTUNES JUNIOR

**A RETÓRICA DO MEDO:
UMA ANÁLISE NEUROLINGUÍSTICA DA MÍDIA**

TESE DE DOUTORADO

Porto Alegre – RS – Brasil

2016

FERNANDO SIMÕES ANTUNES JUNIOR

**A RETÓRICA DO MEDO:
UMA ANÁLISE NEUROLINGUÍSTICA DA MÍDIA**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Professor Dr. Jacques Alkalai Wainberg

Porto Alegre

2016

Ficha Catalográfica

A636r Antunes Junior, Fernando Simões

A retórica do medo : uma análise neurolinguística da mídia /
Fernando Simões Antunes Junior . – 2016.

309 f.

Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em
Comunicação Social, PUCRS.

Orientador: Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg.

1. Comunicação. 2. Retórica. 3. Emoções. 4. Empatia. 5. Medo. I.
Wainberg, Jacques Alkalai. II. Título.

FERNANDO SIMÕES ANTUNES JUNIOR

**A RETÓRICA DO MEDO:
UMA ANÁLISE NEUROLINGUÍSTICA DA MÍDIA**

Tese apresentada como requisito final para a obtenção do grau de Doutor em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Faculdade dos Meios de Comunicação Social da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Aprovada em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Jacques Alkalai Wainberg (PUCRS) - Orientador

Prof. Dr. Francisco Rüdiger (PUCRS)

Prof. Dr. Jorge Campos da Costa (PUCRS)

Profa. Dra. Regiane Miranda de Oliveira Nakagawa (UFRB)

Prof. Dr. Adair Caetano Peruzzolo (UFSM)

Porto Alegre

2016

DEDICATÓRIA

À senhora Patrícia Maria, que me ensinou a
racionalizar pelas emoções.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço minha amada esposa Fernanda Elisa Locatelli, pela paciência, companheirismo, ajuda e o apoio incondicional desde os primeiros escritos até o último parágrafo deste trabalho.

Ao meu orientador, Professor Doutor Jacques Alkalai Wainberg, pela confiança e espírito libertário que me encorajou a explorar mundos além da comunicação.

Aos professores Jorge Campos da Costa e Mirna Wetters Portuguese, que, com muita paciência e compreensão, me possibilitaram exercer a transdisciplinaridade entre a comunicação, a linguística e a neurociência.

Aos(Às) demais professores(as) e funcionários(as) do PPGCOM da PUCRS, sempre prestativos(as) em auxiliar e motivar os alunos e alunas do programa.

Aos(Às) colegas do Grupo de Pesquisa Comunicação, Emoção e Conflito (GPCEC), pela chance de tantas trocas valiosas para as investigações aqui expostas.

Também sou grato aos meus pais, Fernando Simões Antunes e Aparecida de Lurdes da Fonseca, que, sem chances de estudo, dedicaram suas energias e suas vidas para garantir boa educação e conhecimento aos filhos.

Também agradeço minhas irmãs Andreia Cristine, Adriana de Fátima e Alessandra Luzia, por serem verdadeiros alentos nos momentos mais difíceis, bem como aos meus sobrinhos Gabriela, Juan Pablo, Natan e Júlio César, por me ajudarem a manter viva a criança que habita em mim.

Não poderia deixar de lembrar também dos amigos-irmãos Alan Birck e Anelise Zanoni, que mesmo “grávidos” do pequeno Noah, não economizaram apoio e incentivo, além de me fornecerem uma consultoria valiosa no campo da estatística.

Por fim, mas não menos importante, agradeço profundamente ao programa de bolsas da CAPES, sem o qual a realização deste trabalho não seria possível.

EPÍGRAFE

O horror visível tem menos poder sobre a alma do que o horror imaginado.

William Shakespeare

RESUMO

O presente estudo pretende estabelecer, de forma transversal e exploratória, interfaces entre alguns fundamentos teóricos da comunicação, do pensamento sistêmico, da neurociência e da linguística. Essa relação surge para avaliar como ocorre a eliciação de emoções a partir dos construtos simbólicos produzidos pelos meios de comunicação de massa, em especial os do jornalismo, bem como lançar luz sobre os possíveis efeitos na formação e ressignificação de crenças individuais e coletivas a partir deste processo. A partir da perspectiva sistêmica de que o complexo mente-corpo-linguagem forma um sistema único e indissociável, utilizou-se pressupostos teóricos de Bateson (1987), Chomsky (2005), Damásio (2000/2012), Ekman (2011), Krznaric (2015), Jung (1991/ 2001/ 2008/ 2011a/ 2011b), entre outros, para a elaboração de circuitos que explicam a função das emoções na ativação do processo empático por meio da linguagem. Pesquisas de campo junto a emissores e receptores de construtos simbólicos do jornalismo sugerem que existe uma predileção pela ativação do medo na elaboração de tais construtos, e que esta predileção impacta no humor, com efeitos de ressignificação no crençário coletivo. Dados quantitativos coletados em uma amostragem de pessoas submetidas ao consumo de notícias dos portais Zero Hora e Correio do Povo ao longo de 14 dias revelaram um aumento da vivência de emoções como o medo, a raiva e a tristeza, e uma diminuição da vivência da alegria. Ao mesmo tempo, tais dados demonstraram um aumento no grau de verdade para sentenças que representam crenças mais pessimistas em relação à sociedade. A pesquisa de campo também permitiu a elaboração de um *corpus* demonstrativo de construtos simbólicos para que, via análise de discurso, fossem identificadas estratégias retóricas específicas usadas para o acionamento do medo nos receptores. O cruzamento destes dados com entrevistas em profundidade realizadas junto aos construtores das notícias revelou, por fim, que tais fenômenos, bem como seus efeitos, muitas vezes ocorrem no campo da inconsciência, caracterizando uma transmissão de ideologia por condicionamento, na qual o jornalismo opera enquanto catalizador do que Bartolli Filho (2015) chama de “antropologia do terror”.

Palavras-Chave: Comunicação. Retórica. Emoções. Empatia. Medo.

ABSTRACT

This study aims to establish, with a cross and exploratory way, some interfaces between the communication theoretical foundation, systemic thinking, neuroscience and linguistics. This relationship appears to evaluate how the elicitation of emotions generated from the symbolic constructs happen. It's produced by the mass media, especially journalism, as well as shed light on the possible effects on the formation and reinterpretation of individual and collective beliefs as from this process. Considering, with a systemic perspective, that the triad mind-body-language builds a single and indivisible system, we used theoretical assumptions of Bateson (1987), Chomsky (2005), Damásio (2000/2012), Ekman (2011), Krznaric (2015), Jung (1991/ 2001/ 2008/ 2011^a/ 2011^b), among others, to develop circuits that explain the function of empathic process on activation of emotions, and how it can be activated by language. Field survey of transmitters and receptors of journalism's symbolic constructs has shown that there is a preference for activation of fear in the preparation of such constructs, and this preference impacts on mood, with reinterpretation's effects on collective beliefs. Quantitative data collected in random groups submitted to consumption of news, from media platforms of Zero Hora and Correio do Povo, over 14 days shown an increase in experience of some emotions such as fear, anger, and sadness, and a decrease in the joy experience. At the same time, these data showed an increase in the degree of truth for sentences representing more pessimistic beliefs about society. Field research has also enabled the development of a framework of symbolic constructs in order to, through discourse analysis, identify which specific rhetorical strategies were used in the activation of fear in the receivers. The crossing of this data with the in-depth interviews of journalists uncovered, at the end, that such phenomena, and its effects, often occur in the field of unconscious, featuring a transmission of ideology by conditioning, in which journalism play a role as a catalyst of something that Bartolli Filho (2015) calls "terror anthropology".

Keywords: Communication. Rhetoric. Emotions. Empathy. Fear.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - Fluxograma do Pensamento Sistêmico.....	24
FIGURA 2 - Modelo geral da comunicação de Gerbner.....	31
FIGURA 3 - Modelo do Enquadramento.....	33
FIGURA 4 - Níveis neurológicos de Robert Dilts.....	36
FIGURA 5 - O processo de significação	40
FIGURA 6 - O processo de ancoragem	41
FIGURA 7 - Proporções da mente.....	46
FIGURA 8 - O acionamento da Empatia por associação.....	51
FIGURA 9 - A formação do rosto empático.....	52
FIGURA 10 - Alan Kurdi, o menino sírio que comoveu o Mundo.....	54
FIGURA 11 - Imprensa internacional repercute estupro coletivo no RJ.....	56
FIGURA 12 - Composição fotográfica do caso “os porcos do Rodoanel”.....	57
FIGURA 13 - Mascotes da indústria alimentícia brasileira.....	59
FIGURA 14 - Logotipos de empresas produtoras de carne.....	59
FIGURA 15 - <i>Screenshot</i> Willian Bonner anuncia o Terror em Paris.....	69
FIGURA 16 - <i>Screenshot</i> Hollande anuncia pacote de medidas.....	70
FIGURA 17 - <i>Screenshot</i> G1 anuncia tragédia em Mariana.....	71
FIGURA 18 - <i>Screenshot</i> G1 comentários da matéria tragédia em Mariana.....	72
FIGURA 19 - Circuito de acionamento empático por evocação arquetípica.....	73
FIGURA 20 - Globo e Valor noticiam ida de Temer à escola do filho.....	76
FIGURA 21 - Comentários pró e contra Temer.....	77
FIGURA 22 - Mulheres-maravilha na revista Glamour.....	83
FIGURA 23 - Estereótipos da dona de casa feliz em propagandas de 1930.....	85
FIGURA 24 - Capas raivosas.....	87
FIGURA 25 - Capas esperançosas.....	88
FIGURA 26 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”.....	89
FIGURA 27 - <i>Tumblr</i> em “homenagem” à Marcela Temer.....	91
FIGURA 28 - Estrutura Profunda e Estrutura Superficial.....	110
FIGURA 29 - Estruturas profundas.....	110
FIGURA 30 - Estrutura superficial.....	110
FIGURA 31 - <i>Screenshot</i> Veja na cobertura das manifestações de 2013.....	128
FIGURA 32 - Capa e lead da Veja impressa sete dias depois.....	131

FIGURA 33 - Roda Das Emoções (RE).....	139
FIGURA 34 - RE preenchida por voluntário no grupo piloto pré-consumo.....	140
FIGURA 35 - RE preenchida por voluntário no grupo piloto pós-consumo.....	141
FIGURA 36 - Escala Visual Analógica (EVA) Original.....	144
FIGURA 37 - EVA adaptada para o crençário.....	145
FIGURA 38 - <i>Screenshot</i> Atentados Bélgica.....	172
FIGURA 39 - <i>Screenshot</i> Videográfico do Terror em Bruxelas.....	176
FIGURA 40 - <i>Screenshot</i> Videográfico Mortos e Feridos.....	177
FIGURA 41 - <i>Screenshot</i> Videográfico escuridão no metrô.....	178
FIGURA 42 - <i>Screenshot</i> Videográfico governo belga.....	178
FIGURA 43 - <i>Screenshot</i> Videográfico ruas de Bruxelas.....	179
FIGURA 44 - <i>Screenshot</i> Videográfico site escrita árabe.....	180
FIGURA 45 - <i>Screenshot</i> desemprego aumenta.....	182
FIGURA 46 - <i>Screenshot</i> execução no HCP.....	184
FIGURA 47 - <i>Screenshot</i> vacinação.....	187
FIGURA 48 - <i>Screenshot</i> massacre em Orlando.....	190

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - Arquétipos, funções e marcas.....	68
QUADRO 2 - Lemas arquetípicos.....	68
QUADRO 3 - Estratégias de sedução de Ferrés e seus correlatos.....	127
QUADRO 4 - Crençário.....	143
QUADRO 5 - Notícias que mais eliciaram medo em receptores.....	152
QUADRO 6 - Questionário-base para os emissores.....	154

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 - Vivência das emoções básicas Grupo Piloto.....	157
GRÁFICO 2 - Vivência das emoções básicas G2 - março de 2016.....	159
GRÁFICO 3 - Vivência das emoções básicas G3 - junho de 2016.....	160
GRÁFICO 4 - Vivência das emoções básicas média G2 + G3.....	162
GRÁFICO 5 - Espectro do medo G2+G3.....	163
GRÁFICO 6 - Espectro da Raiva G2+G3.....	164
GRÁFICO 7 - Espectro da Tristeza G2+G3.....	165
GRÁFICO 8 - Espectro da Alegria G2+G3.....	166

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida - G PILOTO.....	156
TABELA 2 - Resultados antes e depois RE soma das áreas G PILOTO.....	156
TABELA 3 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida G2.....	158
TABELA 4 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G2.....	158
TABELA 5 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida G3.....	159
TABELA 6 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G3.....	160
TABELA 7 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida G2 + G3.....	161
TABELA 8 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G2 + G3.....	161
TABELA 9 - Resultados antes e depois da RE do crençário.....	168
TABELA 10 - Primeira medida das questões da RE G PILOTO.....	212
TABELA 11 - Segunda medida das questões da RE G PILOTO.....	212
TABELA 12 - Primeira medida das questões da RE G2+G3.....	213
TABELA 13 - Segunda medida das questões da RE G2+G3.....	213
TABELA 14 - Primeira medida das questões do Crençário G2+G3.....	214
TABELA 15 - Primeira medida das questões do Crençário G2+G3.....	214
TABELA 16 - Reações emocionais por construto simbólico.....	215

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	17
2. COMUNICAÇÃO, EMOÇÕES E EMPATIA.....	28
2.1 UM ESTUDO EM INTERFACES.....	28
2.2 O PAPEL DAS EMOÇÕES NA FORMAÇÃO DA CRENÇA.....	34
2.3 A NATUREZA EMPÁTICA DO INCONSCIENTE.....	45
2.4 O VIÉS ARQUETÍPICO.....	61
2.5 OS ESTEREÓTIPOS NO REGRAMENTO DO HUMOR.....	79
3 O IMPÉRIO DO MEDO.....	93
3.1 ANTROPOLOGIA DO TERROR.....	98
4 LINGUAGEM, RETÓRICA E EMOÇÕES.....	103
4.1 METAMODELOS.....	107
4.1.1 Sujeitos Não Especificados.....	112
4.1.2 Verbos Não Especificados.....	113
4.1.3 Comparações.....	113
4.1.4 Julgamentos.....	114
4.1.5 Substantivações.....	114
4.1.6 Operadores Modais de Possibilidade.....	115
4.1.7 Operadores Modais de Necessidade.....	115
4.1.8 Quantificadores Universais.....	116
4.1.9 Equivalência Complexa.....	117
4.1.10 Pressuposições.....	118
4.1.11 Relação de Causa e Efeito.....	118
4.1.12 Leitura da Mente.....	120
4.2 OS MODELOS DE INDUÇÃO DE MILTON ERICKSON.....	121
4.3 CATEGORIAS DE ESTRATÉGIAS RETÓRICAS.....	126
5 PERCURSOS METODOLÓGICOS.....	134
5.1 ESTUDO DE RECEPÇÃO.....	135
5.1.1 Roda das emoções (RE).....	138
5.1.2 Crençário.....	142
5.1.3 Registro Emocional por construto simbólico.....	146
5.1.4 Rastreamento Socioeconômico.....	146
5.1.5 Rastreamento de Comportamento Midiático.....	148

5.2 ANÁLISE DE DISCURSO.....	149
5.3 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE COM EMISSORES.....	152
6. RESULTADOS.....	155
6.1 DADOS QUANTITATIVOS DA PESQUISA DE RECEPÇÃO.....	155
6.1.1 Oscilações na Roda das Emoções.....	155
6.1.1.1 Breve discussão acerca da RE.....	166
6.1.2 Oscilações no Crençário.....	167
6.1.2.1 Breve discussão acerca do Crençário.....	168
6.1.3 Limitações e pesquisas futuras.....	170
6.2 DADOS QUALITATIVOS DA ANÁLISE DE DISCURSO.....	171
6.2.1 Terror em Bruxelas.....	172
6.2.2 Desemprego volta a subir no Brasil.....	182
6.2.3 Execução no Hospital Cristo Redentor.....	184
6.2.4 Gripe A chega a Porto Alegre.....	186
6.2.5 Massacre em Orlando.....	190
6.3 TENSIONAMENTOS COM OS GATEKEEPERS.....	192
7 CONCLUSÃO.....	197
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	203
APÊNDICES.....	212

1 INTRODUÇÃO

Em suas aulas de pós-graduação em Comunicação Social, o professor Jacques Wainberg costuma dizer que “mais cedo ou mais tarde, todo pesquisador faz um acerto de contas com o passado”. Esta tese de doutorado não foge à regra. Entre as motivações para a realização deste trabalho estão alguns traumas que determinaram meu modo de viver durante quase 25 anos. O mais terrível deles, sem dúvida, foi a disfemia crônica, um distúrbio da fala mais conhecido como gagueira, que adquiri aos três anos de idade.

A disfemia ainda apresenta controvérsias sobre sua origem. Em muitas literaturas da psicologia a encontraremos como um mal sem cura. Na medicina, sua origem é explicada ora por danos cerebrais, ora por carga genética. A que me acometeu, hoje eu sei, teve outra origem, também possível de se encontrar nos livros. Fui gago porque sofria de uma disfunção emocional enraizada no inconsciente. Uma disfunção relacionada à emoção do medo. Sofria de medo em excesso. Medo das pessoas. Medo do desconhecido. Medo do Mundo. Medo de tudo. E é o medo, esta emoção que possui uma função sistêmica de alerta aos organismos dotados de tal recurso, que serve de motor para esta pesquisa.

O medo, segundo o neurocientista português António Damásio (2000), pode ser de dois tipos: medo justificado ou medo herdado. O justificado é aquele que surge a partir de uma experiência sensorial-cognitiva do indivíduo. A pessoa sofre o trauma e aquela experiência significativa se aloja na memória para servir de “modelo de reação” para experiências futuras. Já o medo herdado, como o próprio nome diz, é do tipo que adquirimos a partir das experiências e relatos daqueles que são conhecidos como nossos formadores de crenças. Pessoas que nos servem de referência e nas quais nos inspiramos para interagir com o mundo. É deste segundo tipo de medo, o herdado, que se trata esta tese. Um tipo de medo que pode ser eliciado em frente à televisão, ter respaldo nas ondas radiofônicas, se esconder nas entrelinhas dos textos hipermidiáticos e reverberar massivamente nas redes sociais.

Num universo científico que supervaloriza o cartesianismo, colocar a emoção como tema central de uma pesquisa parece um tanto quanto arriscado. Nas ciências lógicas, a emoção tem pouco espaço, está relegada aos estudos do cérebro e da mente justamente por adentrar no campo da subjetividade. Na comunicação, está

intrinsecamente ligada às práticas comunicacionais, mas no meio acadêmico era até pouco tempo um assunto “mal visto”. Um equívoco que, por incentivo de alguns mestres e pelo exemplo de outros, me atrevo a afrontar a partir deste estudo.

Para realizar esta pesquisa, parto da premissa de que os meios de comunicação são capazes de eliciar emoções específicas nas massas por meio de seus construtos simbólicos. Meu objetivo central, frente a esta premissa, é analisar se existe uma predileção de quem faz a mídia à eliciação da emoção do medo na produção destes construtos, bem como perceber se esta é deliberada, ou seja, feita de forma consciente pelos emissores, ou se isto acontece no campo da inconsciência.

Diante da constatação do fenômeno, entender como ele ocorre e quais são os seus efeitos se tornam objetivos secundários obrigatórios nesta jornada, de forma a propor uma compreensão sobre os impactos da comunicação midiática no estímulo das emoções. Portanto, trata-se de um estudo que pretende averiguar as esferas de emissão, produção e recepção da mensagem.

O escopo deste trabalho propõe um estudo exploratório e transversal sobre os impactos da formatação midiática sobre o conteúdo produzido, a fim de gerar emoção em seus receptores. Importa, aqui, especialmente a relação com a emoção do medo.

Parto da hipótese de que existe uma predileção de quem atua nos meios de comunicação de massa pela eliciação da emoção do medo, corroborando o que preconizou Foucault (2005) no campo da sociologia, quando dissertou sobre o medo enquanto motor de uma sociedade repressora. A razão para ser exaustivamente estimulado se justifica na existência de um sistema e de um governo que, sem o auxílio desta emoção, não teriam controle sobre as massas. Não à toa, a sociedade estaria organizada de forma a reprimir nossos instintos, como se fossem a causa de um mal ou de nossos problemas. Sob uma ótica hobbesiana de que “o homem é o lobo do homem em uma guerra de todos contra todos”, construímos a sociedade ocidental sob regras que partem do pressuposto de que se não fosse a organização social, nos aniquilaríamos (FOUCAULT, 2005). Um pressuposto legítimo sob o ponto de vista histórico, mas um tanto quanto infundado do ponto de vista psicológico.

Se Foucault identifica nas estruturas sociais evidências da opressão pelo medo, Deleuze vai filosofar sobre as questões racionais e passionais que transformam o oprimido no seu próprio carrasco, seja por influência cultural e social, seja pela indução dos aparatos de controle das massas (DELEUZE, 2000). O sujeito, ao ter a emoção do medo estimulada através de construtos simbólicos que demonizam coisas,

comportamentos e pessoas, não só passa a evitar os agentes demonizados que o colocariam em risco, mas também se coloca como um guardião, agindo de maneira repressora em relação a quem se atreve a vivenciá-los.

Foucault, Deleuze e muitos outros filósofos e sociólogos procuraram entender porque optamos pela visão hobbesiana para interpretar o homem e formular nossas regras sociais. E obtiveram respostas não apenas na razão, mas também na passionalidade a qual estamos sujeitos, diretamente ligada às subjetividades emocionais de quem está no controle do sistema social.

Esta percepção nos leva a alguns campos da psicologia, em especial aqueles que se debruçam sobre os processos cognitivos do sujeito e que se propõem a explicar porque determinados comportamentos são como são. Desvendar como determinadas emoções induzem a estados de ação específicos que, em condições normais, os teríamos como insanos, passa a ser um percurso obrigatório neste trabalho.

A história nos mostra que os grandes eventos que culminaram no mundo existente hoje foram determinados pela emoção. Hitler promoveu o extermínio de seis milhões de judeus por acreditar que a herança cultural hebraica era um problema. E só o fez porque induziu, pela passionalidade de emoções estrategicamente eliciadas, milhares de pessoas a acreditarem na supremacia da raça ariana e no direito natural dos alemães de serem os senhores do mundo. George W. Bush orquestrou uma ofensiva ao Iraque depois dos atentados de 11 de setembro ao convencer a maioria dos eleitores estadunidenses, por meio dos aparatos de comunicação e controle social de que dispunha, que Saddam Hussein era um patrocinador do terror e, portanto, um mal a ser combatido. Sua ofensiva no Oriente Médio recebeu o apoio de mais de 80% da população¹ que, ainda sob os efeitos do 11 de setembro, estava tomada de tristeza e temor.

Em ambos os casos, Hitler e Bush apresentaram argumentos racionais para suas decisões, mas as motivações passionais e profundamente subjetivas, evidenciadas em seus discursos, foram determinantes em suas políticas. A crença na malevolência do inimigo, na existência do bem e do mal e na incontestabilidade de dogmas políticos, sociais e religiosos seguidos por ambos deram o tom emocional de suas decisões.

¹ Fonte: Diário do Grande ABC com informações do The Washington Post, disponível no link <<http://www.dgabc.com.br/Noticia/305457/americanos-querem-ofensiva-contra-o-iraque-diz-pesquisa>>. Acessado em 05/05/2015.

A própria realização desta pesquisa, como dito anteriormente, possui motivações passionais e subjetivas. Além do medo justificado pela vivência de um trauma que culminou na disfemia, um outro medo, desta vez herdado pela força da profissão de repórter, me forneceu os primeiros insights para realizá-la. Em 2007, já com 27 anos, descobri, prestes a embarcar em um avião, que havia desenvolvido pânico de voar. Durante sessões de hipnoterapia, realizadas um ano mais tarde, percebi que este pânico havia nascido não de experiências vividas, mas sim de experiências imaginadas, estimuladas pela exposição à massiva cobertura midiática sobre acidentes aéreos. Mais especificamente os ocorridos no Brasil em setembro de 2006, com a queda do voo 1907 da Gol, e em julho de 2007, quando o voo 3054 da TAM teve uma aterrissagem malsucedida em Congonhas, São Paulo, vitimando todos os passageiros e tripulação a bordo.

Foi o impacto da cobertura destes dois eventos trágicos que me trouxe uma real dimensão do poder que um medo herdado pode exercer nos indivíduos. A vivência extrema desta emoção se mostra capaz de sobrepujar qualquer pensamento lógico. Sob este efeito, as decisões e ações são tomadas de assalto da racionalidade para ficar à mercê daquilo que Freud atreveu-se a conceituar como sendo o inconsciente, a parte da mente que denomina os instintos e as ideias latentes, de caráter dinâmico, intensas e ativas, e que apesar disto, se mantêm distantes da consciência (FREUD, 2004).

Racionalmente, argumentos lógicos como o baixíssimo índice de acidentes e o reduzido número de mortes embasam a tese de que o avião é o meio de transporte mais seguro do mundo. Mas estes argumentos não surtem qualquer efeito em quem tem medo de voar. As reações físicas e orgânicas ativadas pelo pânico só obedecem à força de emoções enraizadas em algum lugar da mente que foge à razão. Esta constatação nos permite inferir que as emoções são dispositivos e/ou propriedades que ocorrem, majoritariamente, no campo do inconsciente.

Determinado a entender não apenas as origens, mas também o funcionamento destes medos irracionais, deparei-me com os estudos fundamentais de Freud sobre o papel do inconsciente nos processos psíquicos e comportamentais. Diz ele:

O inconsciente é uma fase inevitável que ocorre regularmente nos processos que constituem nossa atividade psíquica, e todo ato psíquico começa como um ato inconsciente e pode assim permanecer, ou pode desenvolver-se em direção à consciência, dependendo de encontrar ou não resistência (FREUD, 2004, p.87).

Sendo as emoções processos que constituem tais atividades psíquicas, que emergem da parte inconsciente da mente e irrompem do mundo das ideias para o mundo físico, alheios às vontades conscientes, Carl Jung atribui a estas propriedades importância vital para a sobrevivência dos indivíduos dotados de tal função.

O fato de que todos os processos psíquicos acessíveis à observação e à experiência estão de algum modo ligados a um substrato orgânico mostra-nos que eles se acham incorporados à vida do organismo como um todo e, conseqüentemente, participam de seu dinamismo, ou seja, dos instintos, ou são em certo sentido o resultado da ação destes instintos (JUNG, 1991, p.187).

O inconsciente é, portanto, a parte da psique que possui uma dinâmica funcional instintiva e, em certo nível, é responsável pelo ordenamento e regulação das emoções. Questionar os impactos da mensagem midiática na mente inconsciente dos indivíduos nos leva a extrapolar as teorias freudianas e junguianas para encontrar os pressupostos do Pensamento Sistêmico, corrente teórica nascida em Palo Alto, na Califórnia. Tal corrente se destacou por assumir uma premissa contrária ao cartesianismo que se consagrou nas ciências tradicionais. O Pensamento Sistêmico, fundamentado nas ideias de Gregory Bateson (1987), assume que a tríade mente-corpo-linguagem forma um sistema único e indissociável em seu funcionamento.

Esta concepção básica de Bateson, que ganhou interfaces em diversas áreas do conhecimento, foi uma das bases na concepção da Teoria da Complexidade, de Edgar Morin (1998), e também serviu de fundamento para os estudos de Noam Chomsky (2005), que conceituou a linguagem como uma propriedade inata da mente humana.

Mas foram dois discípulos de Bateson que fizeram um uso vivencial e experimental do Pensamento Sistêmico para entender aspectos conscientes e inconscientes das relações humanas ao estabelecerem os princípios do que chamaram de Programação Neurolinguística (PNL). Richard Bandler, formado em matemática e Gestalt-terapia², e John Grinder, formado em linguística, acreditando na ligação indissociável entre mente, corpo e linguagem, uniram seus conhecimentos para criar modelos explícitos de excelência humana a partir da observação dos padrões mentais, verbais e comportamentais de três terapeutas que consideravam bem sucedidos: o alemão Fritz Perls, criador da Gestalt-terapia; Virgínia Satir, terapeuta familiar

² "Gestalt" é uma palavra alemã que significa "configuração" a maneira peculiar como cada sujeito estrutura a percepção de si mesmo e do mundo. A Gestalt-terapia propõe uma terapia centrada no aqui-agora e na experiência concreta do sujeito englobando a sua totalidade: corpo, sensações, emoções, sentimentos, pensamentos, fantasias, sonhos, bem como tudo aquilo que está presente no momento e que constitui o campo de experiência único do indivíduo, com todos os seus valores e significados.

renomada internacionalmente; e Milton Erickson, famoso hipnoterapeuta fundador da Sociedade Americana de Hipnose Clínica (O'CONNOR; SEYMOR, 1990).

“Como consequência desse trabalho inicial, Grinder e Bandler formalizaram as suas técnicas de modelagem e suas contribuições individuais denominada Programação Neurolinguística para simbolizar a relação entre cérebro, linguagem e corpo” (DILTS, 1999, p.171).

Em essência, toda a PNL se baseia em duas premissas fundamentais. A primeira é de que “o mapa não é o território”³, ou seja, como seres humanos, jamais poderemos conhecer a realidade em si, somente teremos acesso à nossa própria percepção dela. A segunda premissa assume que “a vida e a mente são processos sistêmicos”, ou seja, os processos mentais e emocionais que acontecem dentro de um ser humano, e entre os seres humanos e o ambiente em que vivem, estão interligados, formando uma ecologia de sistemas e subsistemas complexos que interagem e influenciam uns aos outros (DILTS, 1999, p.171-172).

A partir destes e de outros princípios da gramática transformacional, Bandler e Grinder promoveram um uso terapêutico do Pensamento Sistêmico, o qual experimentei pela primeira vez em dezembro de 2008, quando consegui, em apenas 15 minutos, me livrar completamente da dislexia crônica adquirida aos três anos de idade. Depois de uma série de exercícios de indução pela linguagem, pude acessar memórias inconscientes que desencadearam processamentos mentais até então desconhecidos, o que me permitiu articular a fala de maneira clara e ininterrupta para um público de 200 pessoas, algo até então inédito em minha vida. A experiência catártica foi tão intensa que, em um único instante, senti também ter perdido o pânico de avião adquirido em 2007.

Esta experiência derrubou os últimos resquícios de qualquer fragmento do pensamento cartesiano que ainda pudessem existir em meu crençário, e me deu fortes evidências de que: 1) a reprogramação do inconsciente é possível, 2) ela ocorre pela eliciação de emoções e 3) as emoções podem ser eliciadas pela linguagem.

A subjetividade das emoções é o elemento raiz da PNL, pois é a partir delas que os significados são construídos e é por elas que ocorrem processos de ressignificação. Apesar do forte embasamento teórico, no entanto, a PNL em si ainda desperta pouco interesse científico no Brasil. Durante muito tempo foi renegada às sessões de

³ Conceito do autor Alfred Korzybski que será elaborado mais adiante.

autoajuda nas livrarias do País, e poucos trabalhos de caráter acadêmico foram desenvolvidos até então. Na área da comunicação, são poucos os pesquisadores que mencionam seus pressupostos, apesar de muitos de seus idealizadores a relacionarem mais com a comunicação do que com a psicoterapia. Joseph O'Connor, que sintetizou vários dos princípios formulados por Bandler e Grinder, defende que o caráter linguístico da PNL a torna um pré-requisito essencial para qualquer comunicador profissional (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 105).

Merece destaque, no entanto, os esforços da Dra. Regina Maria Azevedo (2006), jornalista, mestre em comunicação e doutora em psicologia social. A autora, além resgatar os valores científicos da PNL em seus trabalhos acadêmicos, também faz um acerto de contas com o passado, identificando interferências da mídia brasileira. Esta, na década de 90, teria promovido distorções ao cobrir palestras do cardiologista Lair Ribeiro, considerado um "pioneiro" da PNL no Brasil, a fim de desacreditá-la enquanto ciência.

[...] Por conta dos métodos polêmicos utilizados em seus workshops, Lair Ribeiro recebeu severas críticas por parte da mídia. Associada à imagem desse "precursor", a PNL tornou-se aqui popular à medida que era desqualificada e reduzida a um conjunto de técnicas de forte impacto persuasivo e conteúdo duvidoso. As críticas apontavam-na como um modismo, algo "inventado pelo Sr. Lair Ribeiro" para se ganhar dinheiro (AZEVEDO, 2006, p.14).

Ainda hoje, no Brasil, a PNL recebe um status de terapia alternativa e "pseudocientífica". No *Wikipédia* brasileiro, é descrita como "sem aderência a qualquer método científico por afirmar que a experiência subjetiva humana da mudança jamais se repete, devido à percepção individual, que é um dos fatores que impede a comprovação de sua eficácia"⁴.

Em contrapartida, diversas instituições de ensino ao redor do mundo encaram os fundamentos teóricos e metodológicos da PNL como um conjunto de premissas e técnicas que seguem uma sequência lógica de ideias, de forma a proporcionar maior compreensão do processamento cognitivo de emoções, significações, crenças e reações, à luz do Pensamento Sistêmico de Bateson, o qual lhe deu origem.

Estudos de autores como Robert Dilts (1980) e Joseph O'Connor (1990) ampliaram a premissa central de Gregory Bateson, de que mente, corpo e linguagem

⁴ Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Programa%C3%A7%C3%A3o_neurolingu%C3%ADstica>. Acesso em 17/12/2014

formam um sistema único e que qualquer alteração em uma das partes deste sistema inevitavelmente impacta nas outras. Se considerarmos que a esfera da mente está ligada a ciências humanas, que a esfera do corpo diz respeito às ciências médicas e exatas, e a esfera da linguagem é objeto de estudo de ambas, este trabalho, em um sentido complexo, buscará abordagens transdisciplinares entre alguns fundamentos da comunicação, da neurociência, da psicologia e da comunicação. Testar possibilidades de entendimento no processo de formação e ressignificação de crenças a partir de emoções induzidas pela mídia, com especial atenção à emoção do medo, se consolida, portanto, como um dos objetivos gerais desta pesquisa.

Se assumirmos como verdade que a mente, ou seja, tudo aquilo que imaginamos, pensamos e elaboramos no campo das ideias, exerce influência direta na linguagem e no corpo físico, é também verdade que, pela lógica de Bateson (1987), o que fazemos com o corpo físico também influencia no que processamos mentalmente e no que articulamos como linguagem. Também se faz verdadeira a premissa de que tudo aquilo que elaboramos no campo da fala, da comunicação escrita e da linguagem gestual, inevitavelmente vai impactar no funcionamento da mente e no funcionamento corporal (Figura 1).

FIGURA 1 - Fluxograma do Pensamento Sistêmico



FONTE: Elaborado pelo autor

Sob o prisma dos estudos em comunicação, motivação primeira desta pesquisa, é natural que boa parte de nossos esforços seja dedicada à questão da linguagem e de seus impactos nos processos comunicacionais midiáticos.

Averiguar as consequências da linguagem midiática na formação do pensamento e na indução de comportamentos não é algo novo. As correntes teóricas

nascidas na *Mass Communication Research* fazem isto desde os anos 40, como a Teoria Hipodérmica, sintetizada com a afirmação de que “todo membro do público de massa é pessoal e diretamente ‘atacado’ pela mensagem” (WRIGHT apud WOLF, 2005, p. 04), e a Teoria Funcionalista, que estuda as funções dos sistemas de comunicação de massa que resultam em manipulação, persuasão e influência (WOLF, 2005, p.50).

O que é novo, no entanto, são as análises que pesquisadores da linguística e da neurociência vêm desenvolvendo nos últimos 40 anos sobre como a mente inconsciente recebe as informações e como a significação ocorre a partir das emoções para formar crenças e determinar reações, comportamentos e capacidades na vida cotidiana das massas. É sobre estas análises que lançaremos a outra parte dos esforços aqui empenhados de forma a estabelecer interfaces que ajudem na compreensão dos fenômenos.

O aprofundamento dos conhecimentos sobre a mente, as emoções e o inconsciente se mostra necessário para um estudo que propõe relacionar os construtos midiáticos às formas discursivas de indução ao medo. Para isto este trabalho se propõe a revisar alguns fundamentos teóricos da psicanálise de Sigmund Freud, da psicologia analítica de Carl Gustav Jung e da hipnoterapia de Milton Erikson. Este último foi considerado uma autoridade mundial em estados alterados de consciência e influenciou diretamente o trabalho de Bateson e de seus seguidores. Por diferentes caminhos, estes três estudiosos do inconsciente humano deram uma base teórica consistente, para as quais convergem muitas das teorias da PNL.

Já no estudo das emoções e suas implicações físicas, orgânicas, comportamentais e sociais, esta pesquisa vai explorar algumas análises de António Damásio, Humberto Maturana, Paul Ekman e Roberto Lent, cada qual em sua área de conhecimento, sobre as funções inatas das emoções nos organismos dotados de tal recurso.

Seguindo para a área da linguagem, com especial atenção ao aspecto retórico, serão abordados fundamentos das obras de Steven Pinker, Noam Chomsky, Olivier Reboul, Richard Bandler e John Grinder, que vão ajudar a endossar a ideia do Pensamento Sistêmico proposto por Bateson, de que a linguagem impacta no funcionamento da mente e do corpo, ao mesmo tempo em que é impactada pelo pensamento e pela ação.

Esta junção de conhecimentos, por fim, deve alimentar novos paradigmas acerca de algumas das teorias da comunicação que corroboram o impacto da forma sobre o conteúdo e da função orgânica, sistêmica, dos meios de comunicação de massa na formação de crenças, como é o caso da Teoria dos Meios e da Teoria Funcionalista.

Toda esta revisão teórica tem o propósito de, a exemplo de muitos estudos de comunicação, desbravar os impactos dos meios de comunicação no conteúdo das mensagens e suas possíveis consequências nas transformações comportamentais, sociais e culturais da sociedade.

Para isto, encontrar interfaces acerca dos estudos das emoções entre a neurociência, a psicologia e a linguística, bem como entender como estas interfaces corroboram a hipótese de que os meios de comunicação de massa promovem significações e ressignificações por serem indutores de emoção são objetivos adjacentes nesta pesquisa.

A revisão bibliográfica que vai nos possibilitar estabelecer estas interfaces será norteada por duas hipóteses centrais. A primeira é a de que os meios de comunicação induzem a formação de crenças pela ativação das emoções. A segunda é de que existe uma predileção pelo medo na construção dos discursos midiáticos. Portanto, alguns estudos específicos sobre a eliciação de emoções pela linguagem, em especial a emoção do medo, são abordados nesta pesquisa. Buscaremos compreender suas funções sistêmicas em um sistema orgânico em equilíbrio e as consequências de uma exposição exagerada a construtos que eliciem o medo.

Esta pesquisa não se faria satisfatória sem uma averiguação desta hipótese em pesquisa de campo, tanto com produtores quanto com receptores de conteúdo. Por isto, além da revisão bibliográfica e da análise de discurso de materiais midiáticos, ferramentas exploratórias foram empregadas junto a uma amostragem de voluntários, a fim de verificar a presença de elementos emocionais acionados pelo contato com os construtos simbólicos.

Por ter minha história ligada ao jornalismo, os materiais selecionados para aplicação do experimento de campo são hipertextos produzidos pelos portais de notícias dos dois maiores jornais do Rio Grande do Sul. Isto possibilitou averiguar o crençário envolvido na produção das notícias pelo acesso facilitado aos emissores pesquisados, que forneceram informações fundamentais nas entrevistas em profundidade que foram realizadas.

Os resultados dos procedimentos exploratórios no âmbito da produção, mais qualitativos, e no da recepção, mais quantitativos, serão confrontados com posterior análise de discurso. Esta será realizada a partir de um *corpus* de cinco notícias apontadas pelos voluntários como as mais significativas. O procedimento tem como objetivo entender se houve eliciação de emoções, se o medo é uma emoção predominante no produzir e no consumir, e quais estratégias foram utilizadas neste processo.

Saber, com precisão, qual é o grau de poder e influência dos meios de comunicação nas opiniões e comportamentos das pessoas talvez seja algo inalcançável. Mesmo assim, apesar das subjetividades que permeiam possíveis conflitos inconscientes gerados a partir das exposições midiáticas a que estamos sujeitos, a lógica do pensamento sistêmico nos obriga a fazer uma verificação mais abrangente destes efeitos, não apenas acerca de seu poder de influência sobre o que pensar, mas também seu poder de influência sobre o que sentir.

Para todos os efeitos, esta pesquisa de forma alguma pretende ser comprobatória. Seu caráter é exploratório e desapegado da necessidade de conclusões definitivas. Longe de pretensões megalomaniacas, meu objetivo é, de forma bastante aberta e provocativa, apresentar mais um possível caminho para as pesquisas acerca das emoções nos processos de comunicação de massa que hoje ajudam a construir a realidade compartilhada em que vivemos.

2. COMUNICAÇÃO, EMOÇÕES E EMPATIA

2.1 UM ESTUDO EM INTERFACES

Trabalhos recentes têm se debruçado sobre diversos recortes acerca do papel das emoções no processo comunicativo. Uma busca rápida na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações apresenta 176 resultados para trabalhos que contenham as palavras “comunicação” e “emoções” nos títulos ou assuntos. Destes, 130 são dissertações de mestrado e 46 são teses de doutorado. Mais de 95% destes trabalhos foram escritos nos últimos dez anos, o que mostra que o assunto é relevante e atual em diversas linhas de pesquisa não só da comunicação, mas também da linguística, da psicologia, da pedagogia e de outras áreas que estudam comunicação e comportamento humano.

Outra consulta sob os mesmos critérios mostrou que existem 188 trabalhos que abordam a temática do medo, mas nenhum destes está fundamentado sob uma perspectiva comunicacional. Uma triagem destes estudos levou à seleção de 49 trabalhos brasileiros que pudessem dialogar com nossa pesquisa.

Entre estes, destacamos 1) estudos que relacionam o medo à violência, 2) pesquisas que avaliam o eliciação do medo pela linguagem, 3) trabalhos que abordam os efeitos do medo no organismo físico e psíquico, e 4) teses e dissertações que aviltam possibilidades de impactos sociais frente ao condicionamento do medo enquanto formador de crenças no imaginário coletivo. Destes, no entanto, nenhum aborda o fenômeno da ativação do medo por meio do discurso midiático a partir de uma perspectiva sistêmica, que englobe produção e recepção.

Jacques Wainberg (2015a, 2015b) tem coordenado uma série de estudos na PUCRS sobre o papel das emoções na formação de utopias e na radicalização de discursos que geram conflitos e resultam em formação de grupos terroristas. Atualmente ele coordena o grupo de pesquisas chamado Comunicação, Emoção e Conflito (GCEC), ao qual este trabalho está vinculado, que busca investigar as relações existentes entre estas três palavras-chave e os desdobramentos decorrentes dessas relações nos campos social, político e cultural.

Em uma revisão do estado da arte para o estudo das emoções em interface com a comunicação, algumas pesquisas realizadas recentemente já apontam caminhos

para um entendimento desta dinâmica. Débora Gadret (2016), em sua tese de doutorado, buscou, sob a perspectiva da teoria do enquadramento, entender como a estética televisiva opera no acionamento de emoções e produção de sentidos a partir de análises discursivas do Jornal Nacional. Márcia Benetti (2013) tem dedicado alguns esforços para entender a dinâmica emocional que envolve emissor-receptor via feedbacks raivosos ou opressivos nas redes sociais. Outros estudos, embora não realizados na área da pesquisa em comunicação, abordam os efeitos midiáticos das emoções na construção social cotidiana, que abordam aspectos políticos, sociais, jurídicos e econômicos.

Quando se estabelece uma interface entre os estudos em comunicação, os processos de ativação das emoções e seus consequentes efeitos na formulação da linguagem, percebe-se aos poucos que a temática das emoções forma um elo que costura muitas das teorias de comunicação, de forma a nos fazer perceber que elas mais se complementam do que se opõem. Por estar atrelada às subjetividades de quem comunica, à codificação e decodificação do meio, e às subjetividades de quem recebe a informação, a comunicação já permitiu o surgimento de mais de 1800 teorias, o que dificulta qualquer consenso entre os pesquisadores que a elegem como campo de estudos.

Em um trabalho publicado em 2008, examinando o conteúdo dos mais de quinze livros com esse título, foi possível notar que apenas 23,5% das teorias citadas são reconhecidas como “teoria da comunicação” por todos os autores. O resto, 76,5% das ideias, é aceito como “teoria da comunicação” por um autor, mas não por outro (MARTINO, 2014, p.13).

Diante desta perspectiva, a ideia de que existem teorias ultrapassadas e outras mais relevantes se mostra um tanto ingênua, pois quando se trata de emoções, estamos falando de um estado para a ação com alto grau de subjetividade que independe da racionalidade e que pode ser eliciado por estímulos instintivos (inatos) ou condicionados (aprendidos).

Em Simpósios e Congressos Nacionais e Internacionais, o favorecimento ou desmerecimento de certas teorias até então formuladas funcionam como ondas. A invalidação da Teoria Hipodérmica geralmente é justificada por ela ignorar o censo crítico do receptor, tratando-o como um mero agente passivo no processo comunicacional, onde recebe informações e comandos diretos aos quais acata sem

questionar (MARTINO, 2014). O argumento ganha força em um contexto hipermediático, onde os papéis de emissor e receptor já não são claros e a informação circula em todas as direções.

A hipótese da agulha hipodérmica, portanto, seria inconcebível na visão de seus críticos, na era da informação em rede e da troca em tempo real. Mas quando se considera as subjetividades da mente humana e quando se percebe as particularidades da experiência de cada sujeito, nem mesmo a agulha hipodérmica pode ser sumariamente descartada. Os padrões de funcionamento do cérebro e do inconsciente mostram que as experiências cognitivas e as emoções são acionadas a partir de estímulos sensoriais, sejam eles mediados ou não, e inevitavelmente vão resultar em comportamentos e hábitos se tiverem aderência ao crençário do sujeito (DAMÁSIO, 2012; EKMAN, 2011).

Como veremos mais adiante, o hipnoterapeuta Milton Erikson demonstrou, ainda nos anos 60, como a mente aceita sugestões sem questionar quando é induzida a estados alterados de consciência pela evocação de determinadas memórias, referências e emoções, exatamente como pode fazer a televisão, o cinema, o rádio e o computador (HALEY, 1991).

Dentro desta mesma premissa, o modelo de pesquisa de Lasswell (HOHLFELDT et al, 2001) para entender a estrutura e a função da comunicação na sociedade torna-se ainda mais pertinente. As perguntas “quem”; “diz o quê”, “em que canal”, “para quem”, e “com qual efeito” integram uma estratégia simples, porém poderosa na intenção de demonstrar fenômenos indutivos de emoção.

Da mesma forma, o modelo do pesquisador estadunidense George Gerbner, mais abrangente que o modelo de Lasswell, propõe uma análise vinculada a uma concepção dinâmica da comunicação como um processo de articulação entre informações que considera aspectos interpretativos e produtivos dos atores envolvidos.

De acordo com o autor, o processo de comunicação se explica nos seguintes termos: “alguém percebe um evento e reage a essa situação através dos meios disponíveis, criando um produto, em uma forma e dentro de um contexto, conduzindo o conteúdo com alguma consequência” (MARTINO, 2014, p.35).

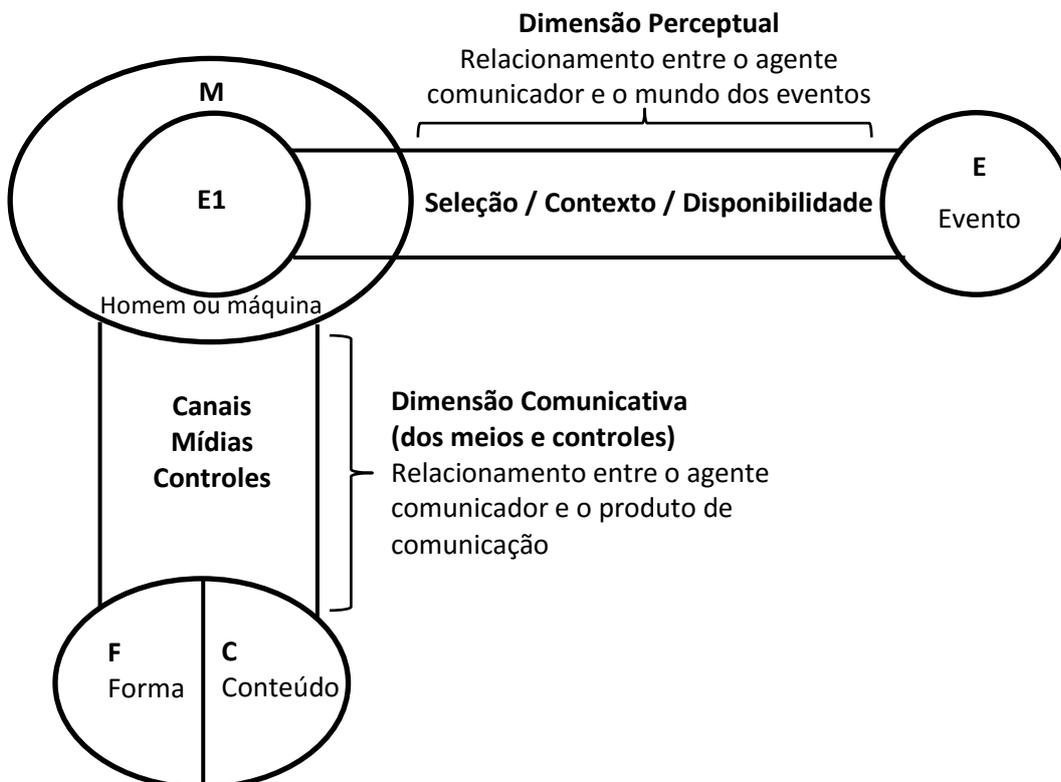
As imprecisões “alguém” e “alguma” são indicativos de uma tentativa de se criar um modelo que pudesse investigar a dimensão ao mesmo tempo perceptiva e produtora na comunicação, que retira a ilusão de sermos capazes de falar sobre tudo ou entender a totalidade das coisas. Ou seja, cada indivíduo da cadeia informativa

entende a realidade conforme seu próprio contexto e seu próprio estoque de memória, formando em seu mapa cognitivo um “resumo da realidade” (MARTINO, 2014, p.35).

A representação gráfica desenvolvida por Gerbner para explicar o processo comunicativo parte da premissa de que quando um evento (E) é percebido por algo ou alguém (M), esta percepção é transformada por três fatores: uma seleção de conjunto de fatos, o contexto onde transcorre a comunicação e a disponibilidade das mensagens. Esses elementos fazem com que o evento real (E) e o evento percebido (E1) sejam diferentes, o que caracteriza a parte perceptiva do modelo.

A parte produtiva começa quando (M) produz uma mensagem a partir da sua percepção (E1), o que demanda dar uma forma (F) a um conteúdo (C). O sistema (FC) é então transmitido por um canal ou mídia, controlado por alguém, sendo percebido por outro indivíduo como uma mensagem (FC1) e assim o sistema se repete (Figura 2).

FIGURA 2 - Modelo geral da comunicação de Gerbner



FONTE: MARTINO, 2014, p. 36

Foi em cima deste sistema que Gerbner passou a questionar a predileção da mídia por construtos simbólicos que priorizavam eventos violentos. Para ele, a violência

retratada na televisão era uma distorção da realidade que contribuía para a construção de um mundo mais pessimista e paranoico (GERBNER et al., 1994).

No jornalismo, o modelo de Gerbner fez surgir diversos estudos de *Newsmaking*, que buscam identificar que caminhos e regras são utilizados nos processos de produção da notícia. Partem do pressuposto de que as escolhas feitas pelo jornalista na elaboração de construtos midiáticos vão mudar, em algum grau, o jeito como os receptores vão entendê-los. Esse tipo de interferência ocorre o tempo todo e, segundo os pesquisadores deste modelo, os profissionais de comunicação que o exercem não estão sempre conscientes desse procedimento.

Vários estudos mostram uma tendência dos profissionais em diminuir a importância dessas escolhas, como se fossem absolutamente óbvias e inevitáveis. Negar esses aspectos arbitrários da escolha ironicamente reforça o argumento de que estruturas de conhecimento usadas por uma pessoa são invisíveis para ela mesma, aparecendo como “natural” (MARTINO, 2014, p.38).

A interferência das subjetividades do jornalista na seleção de notícias foi tema de pesquisa pela primeira vez em 1950, quando o pesquisador David M. White encontrou as ideias do psicólogo Kurt Lewin a respeito de como pessoas selecionam o que é consumido em um ambiente doméstico. A dinâmica é regulada por um indivíduo que tem a incumbência de determinar o que pode e o que não pode ser comprado, o qual denominou *gatekeeper*, ou, o “guardião do portão”. Ao aplicar a ideia de Lewin no processo de produção de notícias, White fez um estudo de caso onde constatou que o *gatekeeper* de um jornal de província fazia suas escolhas a partir de um conjunto de experiências profissionais no jornalismo, mas também de subjetividades que resultavam em arbitrariedades no discurso e assimetrias entre as pautas possíveis e aquelas que realmente se tornavam notícias (TRAQUINA, 2005).

Estudos posteriores, como os de McNelly, em 1959 e Galtung e Ruge, em 1965, identificaram critérios práticos para as escolhas do *gatekeeper*. Allan Bell acrescentou a estes critérios de ordem prática outros de ordem institucional, o que não constituiria uma manipulação deliberada, mas uma rotina industrial (BELL apud MARTINO, 2014).

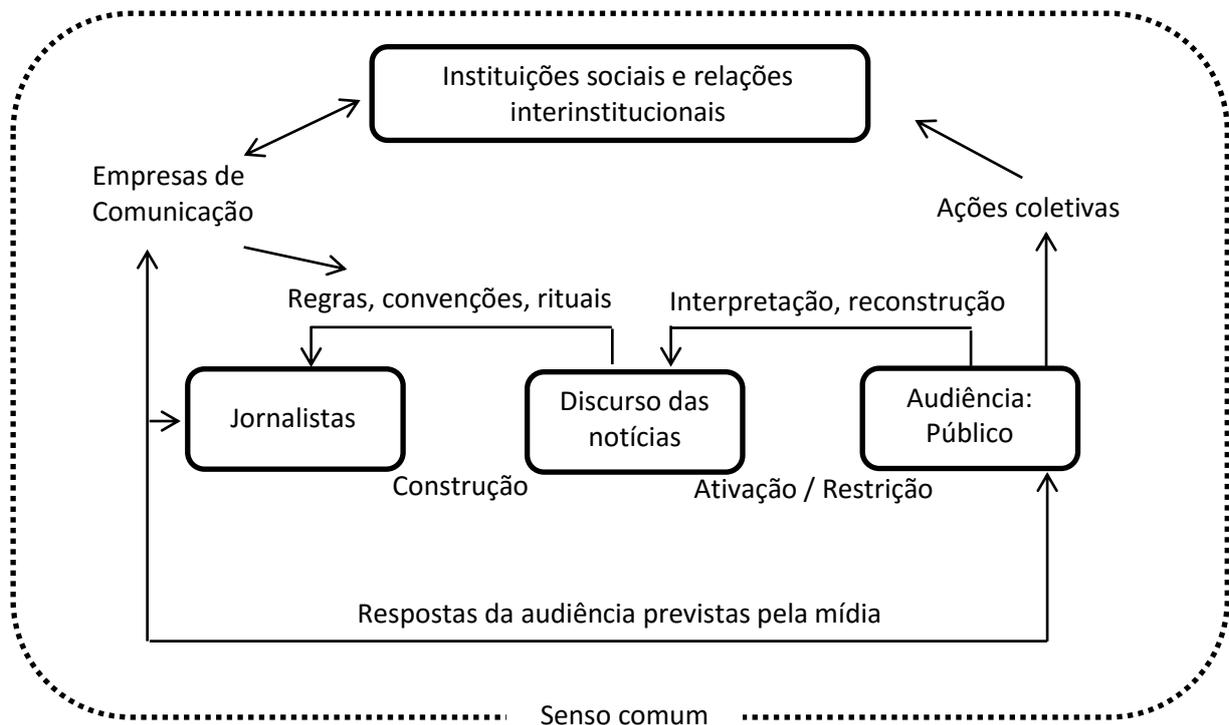
Outro modelo de comunicação relacionado à percepção de que a mídia afeta a maneira como enxergamos a realidade ficou conhecido como *Framming Theory*, ou Efeito de Enquadramento, cujos primeiros estudos surgiram na década de 1970. Parte do pressuposto de que a maneira como as informações são apresentadas podem

influenciar diretamente no modo como as pessoas as entendem, deixando poucas margens para outras interpretações.

Ao receber informações, o repórter as estrutura de acordo com os padrões da atividade jornalística – manchete, linha fina, olho, retranca. O leitor, ao receber a notícia, recebe a soma informação + ângulo escolhido pelo repórter, pelo editor e por quem mais interferiu no texto. Informação e interpretação ao mesmo tempo. No entanto, o protocolo de leitura faz com que o leitor ou telespectador compreenda interpretação e informação da mesma maneira, como o resultado inevitável de uma apreensão objetiva da realidade (MARTINO, 2014, p.47).

A longo prazo, segundo os defensores deste modelo, receptores e mídia tendem a desenvolverem pensamentos semelhantes. Com o tempo, a informação tratada de uma determinada maneira deixa o campo da arbitrariedade para ser vista como correta ou verdadeira, ganhando progressiva aderência ao crençário do público receptor formando um campo compartilhado de verdades chamado de senso comum (Figura 3).

FIGURA 3 - Modelo do Enquadramento



FONTE: MARTINO, 2014, p.48

Quando se propõe uma revisão destas teorias e modelos à luz do pensamento sistêmico e das descobertas da neurociência sobre o papel das emoções e do inconsciente nos processos de significação das coisas, é porque há o entendimento de

que as emoções determinam estados não somente para a ação, mas também para a interpretação e conseqüente formação de representações. A condição emocional direciona a afetividade do sujeito a determinadas crenças, que assumem o caráter de “verdade” e vão embasar suas proposições e julgamentos de valor em relação ao mundo percebido por seus cinco sentidos.

2.2 O PAPEL DAS EMOÇÕES NA FORMAÇÃO DA CRENÇA

Segundo Gregory Bateson (1987), foi o filósofo russo Alfred Korzybski, considerado um dos pais da Semântica Geral, que cunhou a frase "o mapa não é o território", um dos princípios fundamentais do Pensamento Sistêmico e dos estudos de comportamento e cognição no mundo. Seu trabalho na área da semântica, combinado com a teoria sintática da gramática transformacional de Chomsky, forma em grande parte o núcleo do aspecto "linguístico" da Neurociência. Foi esta noção de Korzybski que possibilitou à psicologia cognitiva provocar as diretrizes e dogmas. É esta percepção que permite a afirmação de que os fatos são fatos. Serão bons ou ruins, felizes ou tristes, respeitosos ou ofensivos de acordo com a rede de crenças de cada um.

O principal trabalho de Korzybski, *Science and Sanity* (1933), afirma que o progresso humano é, em grande parte, resultado do seu sistema nervoso mais flexível, que é capaz de formar ou usar representações simbólicas, ou mapas para representar suas experiências sensoriais. A linguagem, por exemplo, é um tipo de mapa ou modelo do mundo que nos permite resumir ou generalizar as nossas experiências e passá-las para os outros, poupando-os de cometerem os mesmos erros ou reinventar o que já foi descoberto. Essa capacidade de generalização linguística dos humanos, Korzybski argumentava, é responsável pelo nosso enorme progresso sobre os animais, mas também por muitos dos nossos problemas no entendimento das construções simbólicas subjetivas. Ele sugeria que os humanos precisavam ser corretamente treinados no uso da linguagem para evitar os desnecessários conflitos que resultam da confusão entre o “mapa” e o “território”.

Em outras palavras, Korzybski queria dizer que vivemos a realidade que nosso cérebro cria a partir de percepções do mundo exterior. A partir das informações colhidas no mundo externo pelos nossos órgãos dos sentidos, “filtramos” um grande

número de informações, simplificando e depois trabalhando com aquelas que são interessantes segundo nossas crenças, valores, pressuposições, entre outros fatores.

O corpo humano com certeza é visto de modo diferente por um médico, um artista plástico e um fisiculturista. Ou seja, o mesmo mundo externo é visto e entendido diferentemente por três sistemas nervosos distintos, sendo que a atividade profissional de cada um deles agiu como filtro.

Nossas crenças, valores, profissão, cultura, interesses e memórias agem como filtros das experiências que extraímos do mundo exterior. A pergunta que surge para os pesquisadores em comunicação é quanto destes filtros são criados, induzidos e sugeridos pelos meios de comunicação? Para obtermos esta resposta, o percurso metodológico realizado nesta tese abarca uma investigação profunda sobre a origem das emoções, bem como seu papel na formação de comportamentos, crenças e valores nos indivíduos.

O conceito de crença utilizado nesta pesquisa refere-se a tudo aquilo que determina uma verdade para o indivíduo, conforme especifica Martino:

A “crença” é ligada por laços afetivos a uma tendência de considerar certas suas proposições e julgamentos de valor. E crença não está ligada à religião. A rigor, qualquer proposição pode assumir um caráter de crença quando deixa de ser vista como uma ideia e passa a ter o caráter de “verdade”. A condição afetiva torna corretos e válidos todos os princípios expostos por um conjunto doutrinário: não há discussão na medida em que se trata de uma verdade (MARTINO, 2014, p.48).

Entender a formação de crenças e suas funções no mapa cognitivo do sujeito é se debruçar sobre diretrizes profundas que vão se enraizar no inconsciente e que servirão de base para qualquer interação com o mundo exterior à mente.

Quando Gregory Bateson se deparou com o trabalho lógico e matemático de Bertrand Russel, formulou o que chama de níveis lógicos de aprendizagem e mudança (VERÓN, 2013). Robert Dilts (2014) estudou a hierarquia destes níveis lógicos e percebeu que a função de cada um deles consiste em sintetizar, organizar e dirigir as intenções do nível inferior (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990).

Sugere, portanto a existência de uma estrutura lógica que determina o funcionamento da aprendizagem e de mudanças comportamentais baseada numa hierarquia do que chamou de níveis de processamento e organização, ou níveis neurológicos, onde os níveis mais baixos são comandados e determinados pelos níveis mais elevados (DILTS, 2014).

O primeiro nível, ou o mais inferior, está relacionado às **reações** e aos impulsos emocionais sem qualquer uso da razão, frequentemente acionado quando nos deparamos com ambientes ou situações inesperadas. O segundo nível refere-se aos **comportamentos**, relacionados aos hábitos e condicionamentos. O terceiro nível abarca as **capacidades**, conjunto de aptidões adquiridas que determinam o que o sujeito é ou não capaz de fazer em suas interações com o mundo. As **crenças**, então, constituem o quarto nível, que estabelece diretrizes de tudo o que pode ser uma verdade e tudo que não pode. Acima das crenças, Dilts (2014) refere ainda dois outros níveis, sendo o quinto o que ele chama de **missão**, onde se define a identidade do sujeito, dando sentido à vida e à individualidade; e o sexto nível, o qual denomina de **visão**, relacionado à espiritualidade e aos questionamentos filosóficos da humanidade, responsável por dar sentido à existência. Este nível também está ligado à noção de pertencimento a um sistema maior, para além da individualidade (Figura 4).

FIGURA 4 - Níveis neurológicos de Robert Dilts



FONTE: DILTS, 2014.

Qualquer mudança em um nível superior necessariamente "irradia" para baixo, precipitando alterações também dos níveis hierarquicamente inferiores. Como exemplo, imaginemos um bebê prestes a nascer. Seu sistema psíquico, ainda sem propriedades racionais, sabe instintivamente que o corpo se alimenta pelo cordão umbilical (crença/verdade) e, portanto, ainda não possui a capacidade de respirar (capacidades).

Por óbvio, o hábito de respirar ainda não existe (comportamento), e tampouco este bebê reage à ausência de ar (reações / ambiente). A mudança abrupta provocada pelo evento do nascimento faz o bebê lidar com uma situação extrema de mudança de ambiente e condições. O desconforto do choque térmico ativa um conjunto de emoções e sensações que vão desencadear processos orgânicos instintivos e inatos (missão) e, portanto, naturalmente pré-programados pelo organismo que o concebeu (visão). A nova necessidade de respirar, de se alimentar de oxigênio pelo ar que adentra aos pulmões, faz com que o recém-nascido comece a realizar os movimentos de inspiração e expiração 30 segundos após o parto. Toda esta cadeia de eventos “traumáticos” vai promover uma ressignificação no sistema dos níveis neurológicos do bebê. Por instinto, a crença de que “é preciso respirar para sobreviver” torna-se uma diretriz enraizada em seu inconsciente. É ela que possibilita a capacidade de respirar e fazer os movimentos necessários de inspiração e expiração para que o ar chegue aos pulmões e as moléculas de oxigênio voltem a alimentar a corrente sanguínea. Da mesma forma, as reações passam a obedecer esta nova diretriz para estabelecer os reflexos necessários a este processo vital de sobrevivência.

O nível das crenças, portanto, seria a ponte conectiva que estabelece as relações e modos de interação do indivíduo com o meio, determinando reações, comportamentos e aprendizagens, e seguindo uma lógica que obedeça a instintos individuais e coletivos dentro da trajetória cognitiva do sujeito. São as crenças que vão determinar, afinal, quem é o sujeito no cenário social. O que pensa sobre o mundo, como encara os eventos de seu cotidiano e como deve agir e reagir, seja física ou psiquicamente, frente aos acontecimentos.

O exemplo do funcionamento dos níveis neurológicos em um bebê é pertinente, pois permite a inferência de que a hierarquia dos níveis neurológicos é operante mesmo antes da formação da consciência. Com o passar dos anos, o sujeito, ao desenvolver seus processamentos racionais, passa a conscientizar muitas de suas crenças. Quando desenvolve a linguagem, torna-se capaz de atribuir códigos sentenciais para descrevê-las. Isto é, formula frases que representam as diretrizes as quais seu sistema psíquico obedece. É quando o sistema de crenças substitui o código de diretrizes de um sentir instintivo por um conjunto de construções frasais.

Supomos outro indivíduo, já adulto, que é submetido a uma experiência sensorial que lhe cause medo de voar de avião. A exemplo do que já relatei ter vivido, tomemos como premissa que este sujeito assistiu exaustivamente a uma cobertura

jornalística sobre a queda de uma aeronave que vitimou todos os passageiros. É muito provável que este indivíduo, acometido por emoções acionadas frente ao assistido, estruture profundamente uma crença de que “voar é perigoso”. Os níveis neurológicos abaixo do campo das crenças entram imediatamente em operação, sob efeito das emoções ancoradas nestes estímulos, para agir conforme esta crença. Este processo o faz crer ser incapaz de voar e, portanto, obriga-o a um comportamento que busque alternativas de transporte. Em casos extremos, reações físicas orgânicas que o impeçam de voar são desencadeadas, como desmaios ou ataques de pânico. Tudo para que a diretriz da crença seja cumprida.

Tanto os exemplos do adulto quanto o do bebê mostram que a teoria dos níveis neurológicos parte de um pressuposto de que nossas crenças são formadas a partir da significação que construímos em nossas interações com o mundo. Grande parte destas diretrizes vão se formar ainda na infância. Serão herdadas daqueles que são os formadores de crenças do sujeito, como os pais, a família, os amigos, a cultura, a religião, a escola e a mídia. Outras surgirão de processos mentais decorrentes da interação entre o consciente e o inconsciente já na vida adulta. Tido como o pai da Semiótica, área do conhecimento que estuda os sistemas de significação, Charles Sanders Peirce foi sensível a este “caráter dividido” da mente humana.

Os homens muitas vezes imaginam que agem com a razão quando, em realidade, as razões que atribuem a si mesmos são nada mais do que desculpas que o instinto inconsciente inventa para satisfazer os ‘porquês’ provocadores do ego. A extensão desta auto ilusão é tal que torna o racionalismo filosófico uma farsa (apud COLAPIETRO, 2014, p.81).

Peirce declara ainda acreditar que: (1) a parte obscura (ou inconsciente) da mente é a parte principal; (2) ela age de forma muito menos errônea do que o resto; e (3) é quase infinitamente mais delicada em suas sensibilidades (apud COLAPIETRO, 2014, p. 80-81). Em um texto específico onde disserta sobre quatro métodos de fixação da crença, Peirce (1877) afirma que é uma emoção, neste caso a “irritação” da dúvida, que causa uma luta para atingir um estado de crença. Neste ponto, evidencia os motivadores emocionais inconscientes que nos obrigam a aderir a determinadas verdades para alcançar estados de espírito mais favoráveis. Diz ele:

A irritação da dúvida é o único motivo imediato para a luta por atingir a crença. É certamente melhor para nós que as nossas crenças sejam tais que possam verdadeiramente guiar as nossas acções de forma a satisfazer os nossos

desejos; e esta reflexão far-nos-á rejeitar qualquer crença que não pareça ter sido formada para assegurar este resultado (PEIRCE, 1877, p.8).

O próprio processo de semiose, ou seja, de produção de significado e sentido dos signos, depende do que Peirce chama de “interpretante emocional”, que gera sentimentos diante do signo. Para o autor,

Às vezes um signo gera, juntamente com tais sentimentos, esforços, caso em que temos uma instância de um ‘interpretante energético’. Pode haver interpretantes emocionais sem energéticos; porém não pode haver um interpretante energético sem um emocional (PEIRCE apud COLAPIETRO, 2014, p. 161).

Somado ao interpretante lógico, que diz respeito à produção de um sentido a partir de uma funcionalidade, o interpretante emocional dará o contorno ao significado e à sua significação, estabelecendo um crençário específico na psique de cada indivíduo.

Alguns dos fundamentos que compõem a Semiótica de Peirce, somados a alguns pressupostos já vistos do Pensamento Sistêmico, ficam mais transparentes quando postos em interface com os estudos da neurociência. Para entender melhor como as emoções operam até mesmo nas decisões que julgamos inteiramente racionais, é necessário primeiro entender como se organizam em nossa estrutura cerebral.

Em suas pesquisas clínicas, Damásio constatou que a função primeira das emoções é manter a homeostasia do organismo, ou seja, a regulação automática de temperatura, da concentração de oxigênio ou do pH do corpo, associada às reações fisiológicas coordenadas e, em grande medida automáticas, que são necessárias para manter estáveis os estados internos do indivíduo (DAMÁSIO, 2000, p.60-61). Do ponto de vista neurológico, portanto, as emoções se definem como

[...] conjuntos complexos de reações químicas e neurais, formando um padrão; todas as emoções têm algum tipo de papel regulador a desempenhar, levando, de um modo ou de outro, à criação de circunstâncias vantajosas para o organismo em que o fenômeno se manifesta; as emoções estão ligadas à vida de um organismo, ao seu corpo, para ser exato, e seu papel é auxiliar o organismo a conservar a vida (DAMÁSIO, 2000, p.74-75).

Damásio divide as emoções em três tipos, sendo o primeiro as emoções primárias ou universais, das quais fazem parte as emoções de tristeza, alegria, medo, raiva, surpresa e repugnância. No segundo tipo estão as emoções secundárias ou

sociais, dentre as quais estão o embaraço, o ciúme, a culpa e o orgulho. Por fim, o terceiro tipo compreende as emoções de fundo, que seriam as sensações de bem-estar, mal-estar, calma e tensão.

Estas propriedades e categorizações funcionais das emoções as tornam cruciais no processo de interação do organismo com o mundo. São elas que definem a organização do mapa cognitivo do sujeito a partir das percepções vivenciadas e da conseqüente significação que geram. Quando o indivíduo, ainda criança, presencia um evento pela primeira vez, sua experiência sensorial com ele irá disparar uma determinada emoção, e desta emoção surgirá um significado subjetivo para o fato.

Este processo vai originar uma diretriz no indivíduo que servirá de referência sempre que este se deparar com fatos semelhantes ao primeiro, e esta diretriz determinará o acionamento dos mesmos comportamentos e reações em vivências futuras (Figura 5).

FIGURA 5 - O processo de significação



FONTE: elaborado pelo autor.

Bandler e Grinder (1982) atestam que este processo de significação é o princípio do que chamam de ancoragem na Programação Neurolinguística. Para eles, âncora é qualquer estímulo sensorial capaz de eliciar um estado interno, de maneira automática, sem interferência do senso crítico. Estes estímulos passam a integrar uma estrutura emocional de significação e memória que pode ser eliciada sempre que são

percebidos. Estímulos similares tendem a eliciar emoções similares, fundamentando uma espécie de condicionamento emocional, como demonstra a figura 6.

FIGURA 6 - O processo de ancoragem



FONTE: elaborado pelo autor

As âncoras podem ser auditivas – correspondentes aos estímulos sonoros; visuais – acionadas por imagens; e cinestésicas – disparadas por sensações táteis, olfativas e gustativas. Elas têm a função de automatizar respostas para ajudar os organismos no reconhecimento de situações e, a partir deste reconhecimento, gerar respostas e reações imediatas de acordo com as diretrizes enraizadas no crençário (BANDLER; GRINDER, 1982).

Conforme observa LeDoux (2011, p.23-24), o primeiro nível de análise de qualquer estímulo externo pelo sistema nervoso envolve as propriedades físicas do estímulo, caracterizando processos inferiores que dispensam a consciência. Ao que acrescenta:

[...] o cérebro possui mecanismos para calcular a forma, cor, localização e movimento dos objetos que vemos, bem como altura, entonação e origem dos sons que ouvimos. Se tivermos de definir, entre dois objetos, qual está mais próximo ou, entre dois sons, qual é o mais alto, seremos capazes de fazê-lo, mas não poderemos explicar que ações realizadas pelo cérebro permitem-nos

chegar a essas conclusões. Temos acesso consciente ao resultado da computação, mas não à ação em si. O processamento de estímulos físicos possibilita todos os demais aspectos da percepção, inclusive nossa percepção consciente de alguma coisa. É bom não termos consciência desses processos, pois iríamos ficar tão ocupados que nunca conseguiríamos perceber o que quer que fosse, se precisássemos fazer tudo com uma concentração intencional (LEDOUX, 2011, p.23-24).

Damásio corrobora a percepção de LeDoux, assim como Bandler e Grinder o fazem no conceito de ancoragem. Segundo o autor,

Todos os mecanismos podem ser acionados automaticamente, sem uma reflexão consciente; a variação individual, considerável, e o fato de a cultura ter um papel na configuração de alguns indutores não impedem que as emoções tenham uma natureza fundamentalmente estereotipada e automática com uma finalidade reguladora (DAMÁSIO, 2000, p.74).

Ou seja, a cascata de processos desencadeados pelas emoções primárias ou universais, secundárias ou sociais, e as emoções de fundo pode ser iniciada sem que haja consciência dos mecanismos indutores que as disparam. Assim,

A trama da nossa mente e de nosso comportamento é tecida ao redor de ciclos sucessivos de emoções seguidas por sentimentos que se tornam conhecidos e geram novas emoções, numa polifonia contínua que sublinha e pontua pensamentos específicos em nossa mente e ações em nosso comportamento (DAMÁSIO, 2000, p.64).

A incapacidade de controlar intencionalmente as emoções pode levar os indivíduos a transitar entre estados de alegria e tristeza sem que tenham qualquer consciência dos motivos e âncoras que os levam a estes estados específicos.

Em outras palavras, não necessariamente prestamos atenção às representações que induzem emoções e que depois conduzem a sentimentos, independentemente de elas significarem ou não algo externo ao organismo ou algo lembrado internamente. Representações do exterior ou do interior podem ocorrer independentemente de um exame consciente e ainda assim induzir reações emocionais. Emoções podem ser induzidas de maneira inconsciente e, assim, afigurar-se ao self consciente como aparentemente imotivadas (DAMÁSIO, 2000, p. 71).

A percepção de Damásio sobre as propriedades emotivas do inconsciente encontra amplo respaldo nos estudos de Paul Ekman (2011), renomado psicólogo da *University of California Medical School* e pesquisador das emoções há mais de 40 anos. Ekman afirma que o papel das emoções é nos preparar para lidar com eventos importantes sem precisarmos pensar no que fazer. Aos mecanismos que disparam os

gatilhos emocionais, Ekman atribuiu o nome de *mecanismos automáticos de avaliação*, ou apenas *autoavaliadores*, que rastreiam continuamente o mundo ao nosso redor em busca de elementos importantes para nosso bem-estar e sobrevivência.

Para cada emoção, pode haver alguns eventos armazenados no cérebro de todos os seres humanos. Pode haver um esquema, um esboço abstrato ou a intuição simples de uma cena, tal como, com relação ao medo, à ameaça de dano, ou, com relação à tristeza, a alguma perda importante (EKMAN, 2011, p.40).

Bandler e Grinder, ao explicar o processo de ancoragem, mostram como se formam os gatilhos emocionais que são adquiridos ao longo da vida experimental. No entanto, Ekman defende a ideia de que alguns gatilhos emocionais são universais e inatos, ou seja, que determinados temas que ativam as emoções não são adquiridos, mas sim herdados a partir dos processos evolutivos da espécie. A evidência “darwiniana” que atestaria esta concepção partiria dos estudos realizados pelo psicólogo sueco Arne Ohman, que constatou na espécie humana uma predisposição inata ao medo de cobras e aranhas.

Ohman deu um choque elétrico (tecnicamente denominado estímulo não condicionado, pois produz excitação emocional sem que haja aprendizado), juntamente com um estímulo relevante – que desperte medo – (cobra ou aranha) ou irrelevante (cogumelo, flor ou objeto geométrico). Após a aplicação de apenas um choque em combinação com um dos estímulos relevantes, as pessoas sentiram medo quando uma cobra ou aranha foi mostrada sem a aplicação do choque, ao passo que, com relação aos estímulos não relevantes (flor, cogumelo ou objeto geométrico), foram necessárias mais associações com o choque para que o medo se manifestasse sem a aplicação do estímulo. As pessoas também continuavam com medo de cobra ou aranha, enquanto o medo da flor, do cogumelo ou do objeto geométrico se desvanecia (OHMAN apud EKMAN, 2011, p.44).

Além de suscetíveis a gatilhos universais, Ekman (2011), tal qual Bandler e Grinder (2004), disserta sobre as possibilidades de acionamento emocional por experiências empíricas, lembranças e também pela imaginação. Este mecanismo seria a base de uma pré-disposição inata à empatia, que é a capacidade de se colocar no lugar do outro e de sentir pelo outro diante de uma história assistida, narrada ou escrita, processo este de extrema importância para a aprendizagem.

A pessoa não precisa ser nossa amiga para que sua falta de sorte desencadeie nossa reação empática. Pode ser um estranho completo, que pode nem sequer estar em nossa presença. Podemos vê-lo na tela da tevê, ou em um filme, ou ler sobre, em um jornal ou livro. Embora não haja dúvida de que podemos nos

emocionar com leitura apenas, é surpreendente que algo que surgiu tão tarde na história da nossa espécie – a escrita – possa gerar emoções. Imagino que a linguagem escrita seja convertida em sensações, visões, sons, cheiros ou até sabores em nossa mente e, depois que isso acontece, essas imagens são tratadas como qualquer outro evento pelos mecanismos de avaliação automática, para originar emoções (EKMAN, 2011, p.51).

A aprendizagem emocional pela empatia é o que permite adquirir conhecimento pela experiência do outro. Tende a ser muito intensa nos primeiros anos de vida, quando desencadeia sucessivos espelhamentos de hábitos da criança em relação aos adultos, que são os primeiros formadores de crenças do sujeito.

Em geral, esse caminho simbólico envolve um instrutor no início da vida, e seu impacto será reforçado se a emoção à qual fomos instruídos for muito intensa. Também podemos observar como pessoas importantes em nossas vidas nos geram emoções e, involuntariamente, adotamos suas variações emocionais como nossas próprias variações. Uma criança cuja mãe tem medo de aglomerações pode também desenvolver esta fobia (EKMAN, 2011, p.51).

Conscientizar que todo significado que o ser humano dá ao mundo pressupõe uma ancoragem a uma experiência sensorial e, conseqüentemente, a uma emoção, contradiz a afirmação cartesiana de que o ser humano é, em essência, um ser racional. Humberto Maturana (2009) lembra que é esta característica que é frequentemente usada para diferenciar a raça humana das outras espécies que existem, o que contesta com veemência.

Dizer que a razão caracteriza o humano é um antolho, porque nos deixa cegos frente à emoção, que fica desvalorizada como algo animal ou como algo que nega o racional. Quer dizer, ao nos declararmos seres racionais vivemos uma cultura que desvaloriza as emoções, e não vemos o entrelaçamento cotidiano entre razão e emoção, que constitui nosso viver humano, e não nos damos conta de que todo o sistema racional tem um fundamento emocional (MATURANA, 2009, p.15).

Convergindo com o entendimento de Damásio sobre as funções biológicas das emoções, Maturana defende que as emoções são disposições corporais dinâmicas que definem os diferentes domínios da ação em que nos movemos. Ou seja, quando há uma mudança de emoção, há uma mudança de domínio da ação. “Quando estamos sob determinada emoção, há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer, e que aceitamos como válidos certos argumentos que não aceitaríamos sob outra emoção” (MATURANA, 2009, p.15).

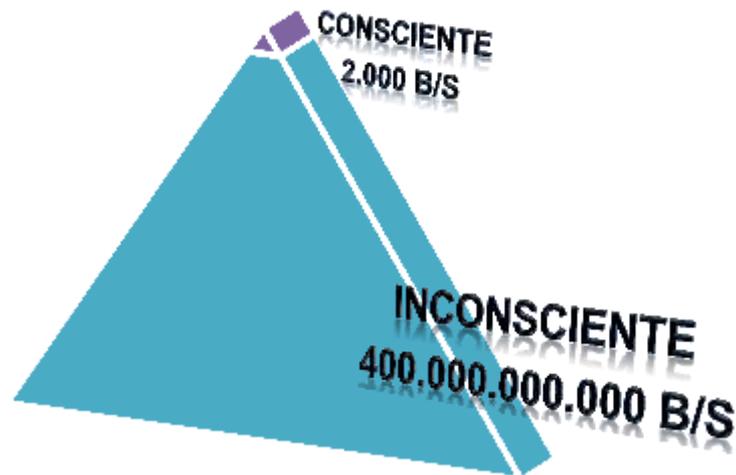
O médico e pesquisador Roberto Lent (2002, 2008) tem realizado inúmeros estudos sobre as atividades cerebrais que geram emoções, bem como suas funcionalidades para o organismo. Lent faz a síncope das interfaces aqui estabelecidas ao admitir três grandes utilidades para as emoções: (1) elas são vitais para a sobrevivência do indivíduo; (2) elas determinam a sobrevivência da espécie; e (3) elas determinam a comunicação social. Para estas utilidades, ele considera as emoções como experiências subjetivas acompanhadas de manifestações fisiológicas detectáveis, e conclui que estes comportamentos têm “uma determinação inata, sofrendo evolução do mesmo modo que as demais características biológicas das espécies” (LENT, 2002, p.653).

O que pode ser inferido a partir de todos os apontamentos feitos até aqui a cerca das emoções é que, por mais que consideremos racionais os argumentos que nos façam defender ou optar por determinada ação ou visão de realidade, inconscientemente sempre existirão motivações emocionais preponderantes. Estas sustentam escolhas e nem sempre estão acessíveis à compreensão de nossa parte consciente, justamente porque obedecem a programações inatas ou mesmo condicionadas, que são alheias ao senso crítico.

2.3 A NATUREZA EMPÁTICA DO INCONSCIENTE

A neurociência afirma que a mente humana realiza basicamente dois tipos de processamento de informações. Um deles se daria no consciente, responsável pela atenção, pelo raciocínio lógico, pela vida de relação que nos permite criar métricas de espaço e tempo. Um processador focal, que filtra as informações que recebemos do mundo exterior para uma análise crítica, com capacidade de processar, em analogia com um computador, cerca de dois mil bytes por segundo. O segundo processador seria o nosso inconsciente, capaz de armazenar todas as nossas experiências vividas e imaginadas, responsável pela organização de todas as nossas memórias, desde as mais remotas até as mais recentes (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990).

Em um equivalente computacional, o inconsciente é capaz de processar 400 bilhões de bytes por segundo (Figura 7), funcionando ininterruptamente desde a formação das primeiras células neurais do feto até o último suspiro do indivíduo.

FIGURA 7 - Proporções da mente

FONTE: O'CONNOR; SEYMOUR, 1990.

Para Bandler e Grinder, o consciente é a parte lógica da mente. É matemático, relacional, responsável pela organização das ações e estratégias, capaz de criar e compreender o sentido figurado, responsável pela organização da linguagem e pela relação do “eu” com “o outro”. Já o inconsciente teria uma lógica própria, cuja função primordial seria a de cuidar da integridade física e psíquica dos indivíduos, estando ali programados todos os instintos de sobrevivência (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990).

Em diferentes culturas ao redor do mundo o inconsciente é representado pela imagem de um dragão, símbolo arquetípico das forças incontroláveis da natureza, uma representação da parte mais primitiva, reptiliana do cérebro (JUNG, 2008). No oriente, o dragão é cultuado como um ser poderoso, que pode ser evocado e controlado pela consciência humana quando esta atinge um determinado grau de iluminação. Na cultura cristã ocidental, o ser mitológico é visto como uma criatura malévola a ser derrotada pela racionalidade, cuja representação simbólica mais famosa parece ser a imagem de São Jorge prestes a desferir um golpe de lança sobre um dragão.

Ironicamente, estes dois tratamentos à figura do dragão servem de metáforas quanto à forma como as propriedades inconscientes do ser humano foram tratadas por algumas culturas ao longo dos séculos. O catolicismo criou dogmas, estabeleceu regras de conduta e instituiu leis que condenavam as vontades inatas dos indivíduos, enquanto algumas religiões do oriente como o taoísmo, o hinduísmo e o budismo incentivaram a compreensão e conscientização dos impulsos inatos em detrimento dos impulsos do ego.

Jung aborda que um progresso viável da mente só pode ocorrer através da cooperação entre nossas partes consciente e inconsciente, e que “não podemos nos identificar com a própria razão, pois o homem não é apenas racional, não pode e nunca vai sê-lo. Todos os mestres da cultura deveriam ficar cientes disso. O irracional não deve e não pode ser extirpado” (JUNG, 2011, p.84).

É o inconsciente o responsável pelo funcionamento orgânico, pelas reações instintivas e pelos desejos inatos e reprimidos do ser humano. Um dragão interior à mercê das vontades do ego, das crenças que direcionam nossos comportamentos e também daquilo que Jung (2011) conceituou como arquétipos. Representações imagéticas e simbólicas herdadas pelos indivíduos que estão presentes em todos os povos e em todas as culturas humanas, como a própria imagem do dragão. É no inconsciente que funcionam os metaprogramas inatos responsáveis por nossos anseios instintivos, e é lá que, segundo a neurociência, também armazenamos nossa rede de crenças sobre o mundo.

Outra característica do inconsciente é a incapacidade de diferenciar o vivido do imaginado. Isto porque esta parte da mente possui um sistema de armazenamento de informações que executa uma espécie de categorização por aproximação. Ou seja, tudo aquilo que é imaginado e tudo aquilo que é vivenciado pode ser guardado nos mesmos compartimentos de memória, desde que ocorram semelhanças físicas, sensoriais ou emocionais nos estímulos. Para o cérebro, afinal, tanto o vivido quanto o imaginado formam sinapses neurais, para as quais são geradas respostas de acordo com metaprogramas inatos ou aprendidos. Foi em cima desta característica que Fritz Pearls fundamentou os princípios da Gestalt-terapia (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990).

Uma das formas de categorização de memórias por parte do inconsciente está fortemente embasada nas emoções. Pearls (1981), para descobrir a origem dos traumas de seus pacientes, solicitava que os mesmos focassem nas sensações físicas provocadas pela emoção a ser trabalhada. Quando os questionava se eram capazes de lembrar de outros momentos da vida aonde tinham vivido aquela mesma sensação, os pacientes eram induzidos a acessar suas gestalts para evocar memórias profundas do inconsciente.

Todas estas características de processamento e armazenamento por aproximação explica a capacidade humana de estabelecer empatia, tida por alguns teóricos como inata. Por perceber as sensações do outro através de suas manifestações físicas, sonoras e verbais, as gestalts onde armazenamos as mesmas

sensações são acionadas, e eliciamos estados emotivos que nos permitem a ação de nos colocarmos no lugar do outro e de sentir como o outro. É esse processamento que nos induz a “agir por empatia” (Ekman, 2011).

Dentro desta premissa, Damásio aponta que “o sentimento (o processo de viver uma emoção) não é uma qualidade mental ilusória associada a um objeto, mas sim uma percepção direta de uma paisagem específica: a paisagem do corpo” (DAMÁSIO, 2012, p.18). Ao que acrescenta que

Os sentimentos, juntamente com as emoções que os originam, não são um luxo. Servem de guias internos e ajudam-nos a comunicar aos outros sinais que também os podem guiar. E os sentimentos não são nem intangíveis, nem ilusórios. Ao contrário da opinião científica tradicional, são precisamente tão cognitivos como qualquer outra percepção. São o resultado de uma curiosa organização fisiológica que transformou o cérebro no público cativo das atividades teatrais do corpo (DAMÁSIO, 2012, p.19).

Quando vamos ao cinema, por exemplo, somos induzidos a vivenciar as emoções dos personagens por este mecanismo. Um bom filme parece ser representado por aquele que melhor consegue ativar nossa empatia. O ator que “se consagra” é aquele que expressa suas emoções de tal forma que nosso emocional adere facilmente às suas representações, e nos associamos à vivência do personagem. E então choramos, sorrimos, odiamos, nos aterrorizamos e amamos em frente às telas e aos palcos. A parte consciente da mente sabe que tudo é um jogo de representações, mas para a mente inconsciente, as emoções, as representações e os traumas são vivências reais que vão se armazenar nas gestalts que constituem o mapa cognitivo do sujeito.

Quando uma criança assiste a um filme de terror e se paralisa frente à necessidade de sair da cama para ir ao banheiro, ela está associada, ou seja, sua mente a colocou no lugar da personagem do enredo fílmico, e ela fica à mercê do domínio de forças inconscientes e com as quais não pode lutar. É preferível fazer as necessidades na cama e enfrentar um possível castigo dos pais do que encarar a morte que se esconde no caminho até o vaso sanitário e que vitimou muitos dos personagens do filme que assistiu. Realidade e ficção se misturam nas gestalts, e tudo passa a ser uma questão de uma escolha inconsciente entre o castigo e a morte.

Roman Krznaric (2015) passou mais de doze anos estudando a capacidade empática do ser humano, e suas análises o fizeram questionar ideias de pensadores influentes e consagrados como Thomas Hobbes e Sigmund Freud, que definiam nossa

espécie como essencialmente egoísta e voltada a fins individualistas. Tal descrição parece ter se tornado uma concepção dominante na cultura ocidental. De acordo com o autor,

Neurocientistas identificaram em nosso cérebro um “conjunto de circuitos de empatia” com dez seções que, se danificado, pode restringir nossa capacidade de compreender o que outras pessoas estão sentindo. Biólogos evolucionistas mostraram que somos animais sociais que evoluímos naturalmente para ser empáticos e cooperativos, como nossos primos primatas. E psicólogos revelaram que até mesmo crianças de três anos são capazes de sair de si mesmas e ver a partir das perspectivas de outras pessoas. É evidente então que temos em nossa natureza um lado empático, tão forte quanto nossos impulsos internos egoístas (KRZNNARIC, 2015, p.13-14).

Se a empatia ocorre por processos associativos de sentimentos e emoções, a quebra ou ausência dela ocorre em processos dissociativos. Ao mesmo tempo em que defende nossa natureza empática, Krznaric versa sobre como esta propriedade inata tem sido atacada pela cultura ocidental, gerando o que chama de “déficit de empatia”. Um estudo feito pela Universidade de Michigan constatou um declínio nos níveis de empatia dos jovens americanos a partir de 1980 e que estaria se acentuando até os dias atuais. Outra pesquisa realizada na Universidade da Califórnia teria mostrado que quanto mais rica uma pessoa é, menos empática ela tende a ser, o que explicaria os crescentes abismos sociais entre ricos e pobres nos países do terceiro mundo (KRZNNARIC, 2015, p.18).

As causas para este déficit estariam relacionadas a uma “epidemia de narcisismo” alimentada pelo estilo de vida cada vez mais individualista da sociedade capitalista, fomentado pela urbanização que fragmenta comunidades e pelo distanciamento provocado pelos meios de interação de que dispomos neste sistema, como os meios de comunicação e as redes sociais, aos quais Krznaric faz uma forte crítica. Para ele,

O Facebook pode ter atraído mais de um bilhão de usuários, mas não serviu para reverter o declínio empático, e talvez esteja até contribuindo para ele. As redes sociais são boas para disseminar informação, mas – pelo menos até agora – menos competentes em difundir empatia (KRZNNARIC, 2015, p.18).

A superexposição a reportagens e imagens deprimentes vindas de todos os cantos do planeta também contribui para o que Krznaric denomina de “fadiga da compaixão” ou “fadiga da empatia”. O sociólogo Stanley Cohen descreve que somos

produtos de uma “cultura da negação” que permite à maior parte de nós ter conhecimento das atrocidades e do sofrimento, e, no entanto, também bloqueá-los e não agir. Ao que afirma:

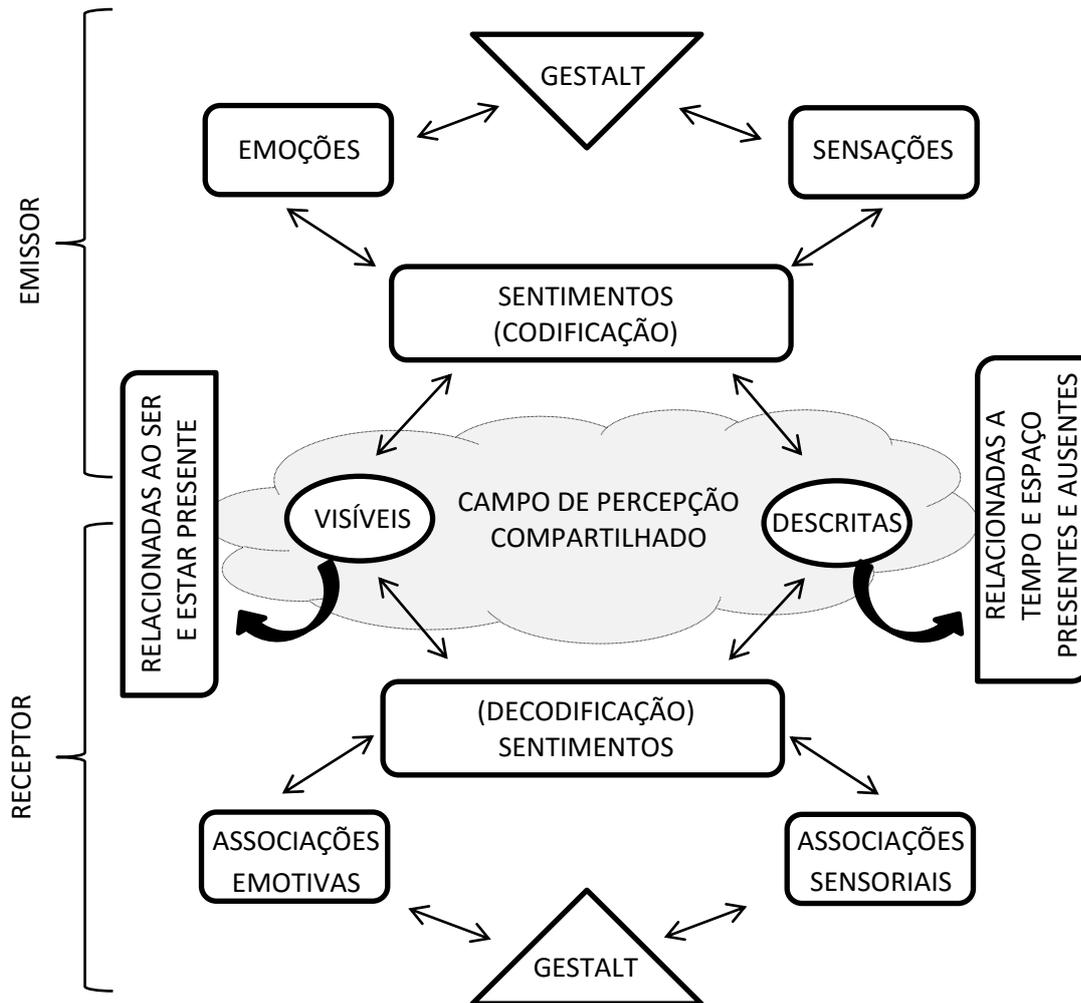
Pessoas, organizações, governos ou sociedades inteiras são expostos à informação que é perturbadora, ameaçadora ou anômala demais para ser absorvida ou abertamente reconhecida. [...] A informação é por isso reprimida de alguma maneira, rejeitada, posta de lado ou reinterpretada (COHEN apud KRZYNARIC, 2015, p.75)

Steven Pinker (2002) lembra que foram grandes florescimentos empáticos coletivos que proporcionaram a revolução humanitária da Europa no Século XVIII, que originaram os movimentos abolicionistas, a defesa do fim das torturas no sistema judiciário e o crescente interesse pelos direitos das crianças e dos trabalhadores. Pinker estudou como os processos empáticos são eliciados pela linguagem, e concluiu, tal qual Chomsky (2005), que a linguagem é uma aptidão inata. Trata-se de uma capacidade instintiva de designarmos sons, articularmos fonemas que formam palavras e escolher símbolos para representar nossos pensamentos, sentimentos e emoções, de forma a fazer com que o outro nos compreenda e, de forma empática, estabeleça uma interação social.

A linguagem nos permite aderir, por empatia, não somente ao que está no presente, diante dos nossos olhos, mas também ao que está distante, ao que aconteceu no passado e ao que ainda pode acontecer no futuro. Ela estabelece uma relação temporal que vai servir de conexão entre a parte consciente e a parte inconsciente da mente para formular mensagens que nos permitam experimentar as emoções e sensações do outro, de forma que gestalts sejam acionadas e o processo de entendimento ocorra.

Em uma interface com as teorias da comunicação, é esta lógica do acionamento da empatia por meio de gestalts, seja por sentimentos assistidos/descritos (acionados pelo “ser e estar presente” do corpo físico) ou recordados/representados (acionados pela codificação de situações passadas, futuras ou distantes), que estabelecemos uma padronização de vivências emocionais que vão gerar o cenário do senso comum, um campo de percepção compartilhado que se tornará matriz de eliciadores emocionais e sensoriais, como mostra a Figura 8.

FIGURA 8 - O acionamento da Empatia por associação



FONTE: Elaborado pelo autor.

Ao discorrer sobre a necessidade da alteridade do ser humano, de ser validado e reconhecido pelo outro, Maffesoli (2009) atribui à dinâmica do espelho a função de promover um “vibrar em conjunto” que alimenta a psique com a sensação de “estar vivo”. Ele percebeu que o espelhamento daquilo que o outro demonstra ser é uma maneira instintiva de reconhecimento. Como já vimos, nas crianças a dinâmica de espelhar os adultos é a primeira forma de aprendizagem. Imitam seus formadores de crenças nos gestos, nas falas e, com o passar do tempo, no sentir e no reagir (PINKER, 2002).

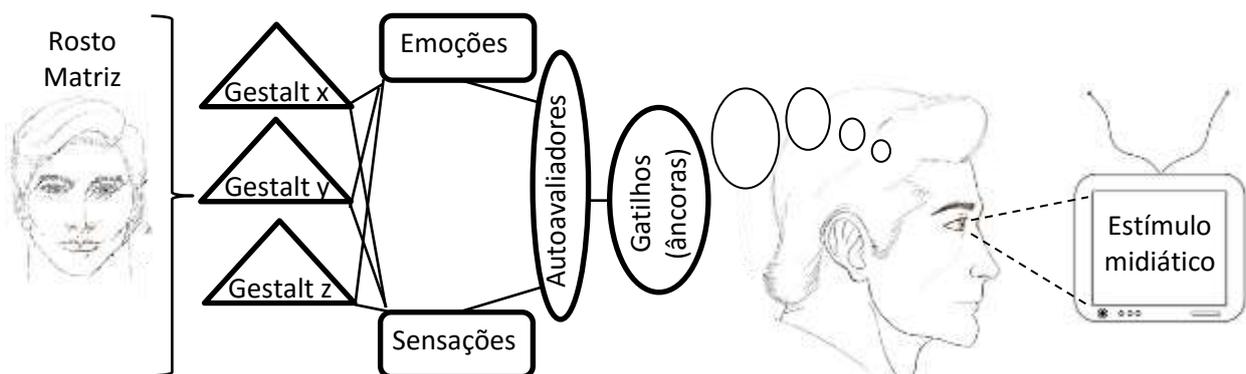
As manifestações físicas do sujeito ao sentir emoções é um elemento indispensável no processo empático instintivo. Ekman (2011) percebeu isto ao identificar que as expressões faciais que demonstram as emoções são inatas, e

apenas algumas variações são aprendidas. Ao perceber a emoção no outro, os autoavaliadores emocionais do sujeito percorrem um “banco de dados” armazenado no inconsciente que identifica, a partir dele, o que as expressões do outro querem dizer.

A capacidade de se emocionar junto ao outro de maneira mediada, seja por um filme ou um jornal, está relacionada a uma propriedade da mente capaz de converter o código mediado, seja ele escrito, falado ou visualizado, em imagens, sensações, cheiros, sons e sabores que, inevitavelmente, estarão carregadas de gatilhos emocionais (EKMAN, 2011).

É como se nosso cérebro construísse um rosto matriz a partir dos elementos que recebe pelos códigos. Primeiro, ele cria imagens mentais a partir de um código disponível. Os autoavaliadores percebem estas imagens e, ao colocá-las em confronto com gatilhos/âncoras, disparam emoções e sensações que vão eliciar memórias gestálticas. Estas memórias vão criar o rosto matriz, pelo qual o sujeito estabelece empatia. A cada elemento novo, mais detalhes este rosto recebe e, quanto mais detalhes, maior o potencial empático dos códigos mediados. A este rosto matriz chamaremos de “rosto empático”, que não é necessariamente um rosto com olhos, nariz e boca, mas uma base referencial que transmite ao receptor do código emoções a partir da composição dos elementos que lhe eliciam estados internos emotivos, conforme mostra a Figura 9.

FIGURA 9 - A formação do rosto empático



FONTE: Elaborado pelo autor

Krznaric (2015) lembra que a capacidade de se colocar no lugar do outro é aumentada quando somos capazes de identificar pontos de experiência comum que nos sensibilizam com suas paisagens mentais.

O inatismo desta propriedade fica ainda mais latente quando é percebido também nos animais. Monty Roberts, famoso domador de cavalos dos Estados Unidos, desenvolveu uma técnica a qual batizou de *join up*⁵, que consiste em detectar os estados emocionais dos cavalos e estabelecer uma comunicação empática a partir de códigos físicos corporais. Roberts descobriu, por exemplo, que quando levantava as mãos com os dedos abertos na altura dos ombros, os cavalos demonstravam sinais físicos de medo. Talvez em analogia aos gestos das garras feitos por predadores naturais destes animais. Por mecanismos de tentativa e erro, Roberts desenvolveu toda uma linguagem que o permite montar em um potro selvagem em questão de minutos, algo que seu pai demorava de seis a oito semanas para realizar pelos métodos tradicionais (ROBERTS, 2001).

Podemos assumir, portanto, que o processo empático é o primeiro estágio do ato comunicativo, que está ligado à capacidade de reconhecer estados emotivos no outro a partir de referências universais (inatas) e aprendidas (condicionadas). A capacidade de manifestar e de perceber o sentir através da linguagem, seja ela física, falada ou escrita, vai interferir na organização da mente, tanto em seus processamentos conscientes quanto inconscientes, afetando a cognição, o aprendizado e a formação das crenças e diretrizes que vão gerar comportamentos.

Quando estamos em processo empático, há um reconhecimento do outro em nós mesmos, e um reconhecimento do “nós” no outro. Assim, é como se duas mentes entrassem em concordância sobre o que as fazem sofrer, bem como o que lhes causa angústia, bem-estar, prazer e tantas outras sensações. O processo empático, portanto, viabiliza um fenômeno de aceitação, que Jean Larède (1984) vai chamar de “fenômeno da sugestão”.

Basicamente, por entrarmos nesse processo empático, nos tornamos mais suscetíveis ao que o outro sugere, aceitando suas verdades como possíveis, e agregando estas novas diretrizes à nossa rede de crenças. É deste processo que a propaganda e o cinema fazem uso para venderem produtos, serviços e ideias, por exemplo.

⁵ Jurtar-se, na tradução livre.

Ao mesmo tempo em que o processo empático é desencadeado pelos autoavaliadores que reconhecem as emoções do outro e acionam emoções similares no observador, a interrupção deste processo, ou a ausência de empatia, se dá quando o “rosto empático” é impedido de emergir em nossa psique. As generalizações, omissões e distorções impostas pela linguagem, por exemplo, geralmente são elementos de ocultação ou distorção de gatilhos emocionais. Desta forma, pode ocorrer um acionamento emocional ou sensorial distorcido, ou pode nem ocorrer.

A crítica de Krznaric (2015) aos meios de comunicação e sua enxurrada de informações se fundamenta diante deste aspecto. A presença massiva de violência e sofrimento nos *mass media* acabam por anestesiar o espectador por dificultar ou encobrir o surgimento do “rosto empático”. A multidão não tem rosto. Os números não têm rosto. Qualquer generalização retira as individualidades de um grupo, tornando-o uma massa homogênea e disforme, na qual os mecanismos da empatia não conseguem identificar sinais emocionais que ativem o “rosto empático” interno.

O drama dos refugiados sírios na Europa, por exemplo, ganhou outra dimensão quando imagens de um menino de três anos, morto nas areias da praia de Ali Hoca, na Turquia, ganharam o mundo⁶. Alan Kurdi, nome do garotinho sírio que morto após sua embarcação naufragar, tinha escapado das atrocidades do grupo autointitulado "Estado Islâmico" em seu País, mas sucumbiu à ausência de empatia dos países que negaram asilo a seus pares (Figura 10).

FIGURA 10 - Alan Kurdi, o menino sírio que comoveu o mundo



FONTE: Revista Época⁷

⁶ Informações retiradas do site da BBC Brasil, disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd>. Acesso em 04/07/2016.

⁷ Disponível em <<http://epoca.globo.com/tempo/filtro/noticia/2015/09/familia-de-menino-sirio-encontrado-em-praia-tentava-ir-para-o-canada.html>>. Acesso em 02/07/2016.

A imagem descortina algo óbvio, mas que está sempre velado pelos números: as principais vítimas da guerra dos adultos são as crianças. Diante de tal imagem, detalhes antes ocultos ou omitidos são agregados ao rosto empático que se forma na mente do observador. Se for um pai, mãe ou alguém que conviva com crianças pequenas, a tendência é que seja acionado um rosto empático que, ora coloca o observador no lugar do pai do menino, único sobrevivente do naufrágio que o vitimou, ora preencha o rosto do menino com o de alguma criança de seu convívio. É desse processo que surge a dor interior e, a partir da resignificação provocada por ela, diferentes ações e reações são providenciadas.

Dois eventos midiáticos no Brasil servem de exemplo para explicar como estas dinâmicas de acionamento ou inibição da empatia se desenrolam a partir do consumo de construtos simbólicos nos meios de comunicação. O primeiro deles é o caso do estupro coletivo de uma jovem de 16 anos que ocorreu em uma favela do Rio de Janeiro em maio de 2016. O segundo é a cobertura de um acidente envolvendo uma carreta que carregava porcos para um abatedouro em São Paulo, em agosto de 2015.

O primeiro fato referido, que se tornou público apenas no começo de junho de 2016, trata do caso de estupro de uma jovem de 16 anos por um grupo de homens em uma casa abandonada do Morro do Barão, no Rio de Janeiro. O caso ganhou destaque primeiro nas redes sociais, com a disseminação de vídeos e fotos feitos por integrantes do próprio grupo envolvido. Em seguida, sites de notícias alternativos passaram a abordar o assunto, gerando manifestações de grande revolta entre os internautas. Os meios de comunicação tradicionais⁸ disponibilizaram espaço ao acontecimento apenas após manifestações de revolta que questionavam a ausência da devida cobertura sobre o fato. O distanciamento inicial das mídias tradicionais brasileiras, criticada até mesmo pela imprensa internacional⁹ (figura 11), se explicaria em um dossiê lançado pela Secretaria de Segurança do governo do Rio de Janeiro¹⁰, que revelou que pelo menos 4612 mulheres foram vítimas de estupro em 2015, e que um estupro ocorre a cada 2 horas na cidade.

⁸ Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2016/06/celular-de-suspeito-tem-novo-video-de-abuso-de-menor-no-rio.html>>. Acesso em 29/06/2016.

⁹ Parte desta crítica partiu do jornal The Times of India, que questionou o "silêncio" dos principais meios do país sobre o tema. Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/05/cultura-do-estupro-no-brasil-e-destaque-na-imprensa-internacional.html>>. Acesso em 29/06/2016.

¹⁰ Disponível em <<http://www.isp.rj.gov.br/Conteudo.asp?ident=48>>. Acesso em 01/07/2016.

FIGURA 11 - Imprensa internacional repercute estupro coletivo no RJ



FONTE: Portal G1¹¹.

No Brasil, o Fórum Brasileiro de Segurança Pública estima que ocorra um estupro a cada 11 minutos, o que representaria 500 mil casos de violência sexual contra a mulher por ano. Esta “massa de vítimas” só deixou de ser um número para ganhar representatividade no imaginário nacional quando gatilhos emocionais começaram a ser disparados através das imagens da vítima desacordada que correram a internet. Um “rosto empático” passou a ganhar forma e a comoção do público aumentou gradativamente a cada detalhe que agregava novos elementos a este “rosto”. A imprensa tradicional, talvez por estar mais habituada aos números, custou a estabelecer empatia para repercutir o crime.

O segundo evento midiático que evidencia o funcionamento do processo de ativação do rosto empático versa sobre um caminhão carregado com 110 porcos que tombou próximo a um dos pedágios do Rodoanel Metropolitano de São Paulo, em agosto de 2015 (Figura 12). O acidente começou a ganhar dimensão quando vídeos da “carga”, presa na carreta tombada, começaram a aparecer nas redes sociais¹². Imagens e sons de animais em claras manifestações de sofrimento, dor e angústia

¹¹ Disponível em <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2016/05/cultura-do-estupro-no-brasil-e-destaque-na-imprensa-internacional.html>>. Acesso em 29/06/2016.

¹² Cobertura feita pela Rede Globo disponível em <<https://globoplay.globo.com/v/4419689/>>. Acesso em 01/07/2016.

acionaram gatilhos emocionais que permitiram a formação de um o “rosto empático” no imaginário coletivo.

FIGURA 12 - Composição fotográfica do caso “os porcos do Rodoanel”



FONTE: Foto maior: Band¹³. Foto menor: Blog O Holocausto Animal¹⁴.

As primeiras tentativas de resgate foram classificadas como “desastrosas” pelos jornalistas que acompanharam a ação. Ativistas pelos direitos dos animais foram até o local para ajudar no resgate e, de seus celulares, enviavam imagens¹⁵ que agregavam cada vez mais detalhes ao rosto empático gerado pelo sofrimento dos porcos. O olhar de pavor, em meio a gritos desesperados que lembram “choro de criança” foram elementos de humanização das expressões faciais dos porcos, que gradualmente perderam a alcunha de “carga” frente ao processo empático desperto. Depois de todo o drama vivido, a ideia de que aqueles seres portadores das mesmas emoções e sentimentos que o “eu” coletivo seguissem seu destino para se tornar comida passou a ser rejeitada. A comoção foi tamanha que uma ação online¹⁶ arrecadou cerca de R\$300 mil para que os sobreviventes se livrassem do fatídico destino do abatedouro e ganhassem uma nova chance de vida em um santuário para animais.

¹³ Disponível em <<http://noticias.band.uol.com.br/transito-sp/noticia/100000768068/aceso-do-rodoanel-sentido-dutra-esta-fechado-.html>>. Acesso em 01/07/2016.

¹⁴ Disponível em <<https://oholocaustoanimal.wordpress.com/2015/08/26/eu-desabei-diz-ativista-que-participou-do-resgate-do-acidente-no-rodoanel/acidente-rodoanel-porcos-grande-sao-paulo-miniatura/>>. Acesso em 01/07/2016.

¹⁵ Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=sN5OVrXpSOI>>. Acesso em 01/07/2016.

¹⁶ Disponível em <<https://www.vakinha.com.br/porcos-do-rodoanel>>. Acesso em 01/07/2016.

O caso dos porcos do Rodoanel merece especial atenção não só por demonstrar o poder empático das emoções quando estas são manifestadas e identificadas por nossos autoavaliadores, mas também por tornar evidente quão apáticos podemos nos tornar quando estes processos emotivos são generalizados, ocultados ou distorcidos.

A ação de salvar os suínos evidenciou uma contradição emocional vivida pelo imaginário coletivo em relação aos animais considerados “para abate”. Segundo dados do IBGE de 2013, a indústria da carne mata um porco, um boi e 185 frangos por segundo no Brasil. Somos o quinto maior exportador de carne do mundo e o sexto em consumo. Uma pesquisa feita pela revista Forbes¹⁷ aponta que um brasileiro come em média 78kg de carne por ano. Para a filósofa e pesquisadora Sônia T. Felipe (2014), especializada em ética e direito dos animais, só alcançamos esta marca porque a indústria da carne não só é hábil em ocultar os dispositivos que acionam nossas emoções empáticas em relação a eles, como também é hábil em distorcê-las. Retirar animais destinados ao consumo do convívio com humanos não seria uma estratégia meramente logística. A máxima de que “o que os olhos não veem o coração não sente” torna-se uma premissa bastante válida neste caso (FELIPE, 2014).

Dessa forma, apresenta-se o fato de que não é possível estabelecer empatia se as emoções dos animais estão afastadas de nossas percepções. Ao mesmo tempo, criar personagens que representem estes animais, com traços infantis e expressões faciais de alegria e felicidade, para estampar peças publicitárias e embalagens de produtos, é uma estratégia que coloca um rosto empático distorcido no lugar daquele que provavelmente emergiria diante do sofrimento ante o confinamento e o abate.

Ocultar ou distorcer as emoções dos animais se tornaram estratégias recorrentes da propaganda desta indústria. Geralmente, as logomarcas são acompanhadas de personagens sorridentes e convidativos, como se eles estivessem felizes ou satisfeitos por serem consumidos ou explorados. Uma rápida busca na internet sobre grandes marcas de carne, leite e derivados evidencia que a preocupação com os indutores empáticos inatos do ser humano são uma preocupação da indústria que explora animais, como mostram algumas logomarcas reunidas na figura 13.

¹⁷ Disponível em < <http://www.forbes.com.br/listas/2015/08/15-paises-que-mais-consomem-carne-no-mundo/> >. Acessado em 01/07/2016.

FIGURA 13 - Mascotes da indústria alimentícia brasileira



FONTE: painel elaborado pelo autor com logomarcas retiradas da internet

Em alguns casos, o rosto do animal é ocultado, de forma que não seja possível identificar emoções ou sensações, como mostram as logomarcas da figura 14.

FIGURA 14 - Logotipos de empresas produtoras de carne



FONTE: Painel elaborado pelo autor com logomarcas retiradas da internet.

Krznaric afirma que a empatia “murcha e morre quando deixamos de reconhecer a humanidade de outras pessoas – sua individualidade e singularidade – e as tratamos como seres dotados de menos valor que nós mesmos” (KRZNNARIC, 2015, p.76). Sônia T. Felipe (2014) sugere que não subverteríamos os animais de consumo ao confinamento e abate se não os considerássemos como seres inferiores, pois em condições naturais, reconhecemos e somos reconhecidos por eles como seres sencientes, igualmente capazes de sentir dor, sofrimento e prazer.

Para Felipe (2014), as estratégias usadas pela indústria da carne e do leite para anulação empática são as mesmas operadas pelo holocausto nazista. Krznaric (2015) relembra a história de Oscar Schindler, “impetuoso homem de negócios nazista” que se transformou num dos maiores salvadores de vítimas do holocausto. Schindler, no dia 08 de junho de 1942, experimentou um momento de epifania empática ao presenciar o sofrimento de judeus que estavam sendo exterminados na Cracóvia.

Ele não era um antissemita mórbido como Hitler e Goebbels, tendo, como tantos outros, uma atitude indiferente em relação aos judeus e vendo-os como uma massa anônima que podia facilmente explorar para seus próprios fins. Ninguém em 1940 poderia ter predito que no fim da guerra estaria arriscando a vida e pagando altas quantias em suborno para salvar operários judeus de sua fábrica de extermínio em Auschwitz. O que explica sua conversão radical? Algo muito interessante aconteceu a Schindler ao longo dos anos: ele começou a ver os judeus como seres humanos (KRZNNARIC, 2015, p.85).

A desumanização dos negros na escravidão, dos judeus no nazismo, das mulheres ao longo de muitos anos e a inferiorização de determinados animais na sociedade de consumo seguem um mesmo princípio distorcivo que nos afasta da empatia. Reconhecer, portanto, os dispositivos que acionam nossos operadores emocionais e nossa natureza empática, sejam eles linguísticos ou simbólicos, é o primeiro passo para adquirirmos o que os neurocientistas chamam de inteligência emocional. É trazer à luz da consciência os indutores que controlam nossos estados internos e, a partir desta conscientização, modificá-los ou até mesmo desativá-los. Nesse sentido,

Não precisamos ter consciência do indutor de uma emoção, com frequência não temos e somos incapazes de controlar intencionalmente as emoções. [...] No entanto, podemos não ter êxito na tarefa, mas o trabalho de remover ou manter o indutor ocorre sem dúvida alguma na consciência (DAMÁSIO, 2000, p.70-71).

Para Pearls (1981) e outros teóricos do Pensamento Sistêmico, dependendo do nível de disponibilidade ou distração do consciente dos indivíduos, o inconsciente pode ser induzido e reprogramado pela linguagem a partir dos metaprogramas empáticos inatos do cérebro, desde que ocorra um pareamento de emoções por acionamentos de âncoras previamente estabelecidas dentro de um campo de percepção compartilhado. Estas características emocionais e empáticas da mente revolucionaram os processos terapêuticos e deram novas perspectivas aos estudos da linguagem, como veremos nos capítulos a seguir.

2.4 O VIÉS ARQUETÍPICO

Como já vimos, Ekman (2011) apresenta indícios de que algumas emoções humanas, como o medo de insetos e répteis, incorrem na psique de forma instintiva. Seria uma herança evolutiva responsável por acionar dispositivos emocionais para nos colocar em um determinado estado de ação frente a supostos perigos naturais. Também já vimos que toda emoção que se manifesta por cognição, ou seja, de forma vivenciada ou herdada, possui um dispositivo acionador, um estímulo sensorial que vai encontrar correlações dentro da cognição do sujeito, em sua rede de crenças, para acionar a emoção mais adequada para o momento.

A neurolinguística aponta para a existência de uma base referencial presente na psique humana e que facilitaria este processo de reconhecimento empático. Isso se daria em parte acionada por gatilhos aprendidos (condicionados) e em parte eliciada por gatilhos universais (inatos).

Ekman assume a existência de gatilhos emocionais universais, comum a todos os seres humanos, cujas matrizes de acionamento são ancestrais, herança de nosso processo evolutivo enquanto espécie. É em cima desta suposição da existência de uma referência ancestral, anterior à própria vida do sujeito, que podemos estabelecer uma interface entre os conceitos de Ekman e os escritos de Carl Jung sobre o que chamou de arquétipos.

Os estudos da mente de Ekman e alguns pressupostos da psicologia junguiana apresentam conceitos e embasamentos aos quais é possível se estabelecer interfaces para um maior entendimento do funcionamento das emoções no sistema psíquico humano. Jung (2011), ao realizar pesquisas com diferentes culturas ao redor do mundo

e ao longo da história, defendeu que existem estruturas inatas na parte inconsciente da mente. Essas estruturas se apresentam em forma de imagens, símbolos e temas universais presentes na psique dos indivíduos. A estas imagens-referências ele deu o nome de arquétipos, ou tipos arcaicos. Podemos inferir, *a priori*, que o inatismo é um evidente pressuposto presente tanto nos estudos de Ekman quanto nas pesquisas de Jung.

Arquétipo, na origem epistemológica da palavra, significa “o primeiro modelo”. Jung usou o termo porque deduziu que tais estruturas servem de matriz para a expressão e desenvolvimento da psique. Os arquétipos funcionariam como os primeiros filtros de percepção do mundo, ao mesmo tempo em que determinam padrões de comportamento dentro da espécie.

Para o autor, os arquétipos formam a base do que chamou de inconsciente coletivo, que seria a parte mais profunda do inconsciente, presente e compartilhada por todos os indivíduos. Os arquétipos seriam, portanto, nossos metaprogramas primordiais, responsáveis por nossos instintos de sobrevivência e por nossas pulsões a executar determinadas ações no ambiente. Para Jung,

[...] ele [o homem] traz dentro de si certos tipos de instintos *a priori* que lhe proporcionam a ocasião e o modelo de sua atividade, na medida em que funcionam instintivamente. Como ser biológico, ele não tem outra alternativa, senão a de se comportar de maneira especificamente humana e realizar o seu *pattern of behavior*¹⁸. Isto impõe estreitos limites às possibilidades de ação de sua vontade, tanto mais estreitos, quanto mais primitivo ele for e quanto mais sua consciência depender da esfera dos instintos (JUNG, 1991, p.206).

Se as crenças, que são nossas diretrizes de comportamento, estão no quarto nível neurológico de Dilts (2014) em termos de hierarquia, parece plausível inferir que os arquétipos talvez estejam um nível acima, no campo chamado de missão, pois dão as bases inclusive de como as crenças se formam. Os arquétipos seriam, tal qual as emoções, reguladores sempre presentes e biologicamente necessários. Assim como o organismo físico precisa de alimentos para sobreviver, o corpo psíquico carece vivenciar enredos arquetípicos para sustentar a psique do sujeito em suas interações com o meio. É da necessidade de vivência dos arquétipos e da respectiva correspondência a esta necessidade que a cognição se desenvolve para a formação da identidade.

¹⁸ Padrão de comportamento

Para Jung (1991), é dos arquétipos que nascem nossas ações intuitivas. São “decorrentes de processos inconscientes que culminam em uma ideia súbita, a irrupção de um conteúdo inconsciente na consciência” (JUNG, 1991, p.136). O autor entende a intuição como um processo análogo aos instintos, apenas com a diferença de que “enquanto o instinto é um impulso predeterminado que leva a uma atividade extremamente complicada, a intuição é a apreensão teleológica de uma situação, também extremamente complicada” (JUNG, 1991, p.136).

Tal qual as emoções, e por estarem diretamente ligados a elas, ora acionando-as e ora sendo acionados por elas, os instintos são respostas automáticas, alheios às motivações conscientes, disparados por um impulso natural cego, sem deliberação prévia e sem a percepção consciente do que se está fazendo. “A ação instintiva, portanto, aparece mais ou menos como um acontecimento psíquico abrupto, uma espécie de interrupção da continuidade de consciência. Por isso, é sentida como uma ‘necessidade interior’” (JUNG, 1991, p.134).

Dessa forma, os instintos não podem ser entendidos sem que se leve em conta os arquétipos, pois um condiciona o outro. É da analogia entre eles que se formam os padrões de comportamento.

O instinto da formiga-cortadeira [saúva] realiza-se na imagem da formiga, da árvore, da folha, do corte, do transporte e no pequeno jardim de fungos, cultivado pelas formigas. Se falta uma destas condições, o instinto não funciona, porque não pode existir sem sua forma total, sem sua imagem. Uma imagem desta natureza constitui um tipo apriorístico. É inato na formiga, antes de qualquer atividade, porque esta só tem lugar quando um instinto de forma correspondente oferece motivo e possibilidade para isto. Este esquema vale para todos os instintos e apresenta forma idêntica em todos os indivíduos da mesma espécie (JUNG, 1991, p.206).

Na mesma direção que o exemplo da formiga, sempre que a psique humana se depara com uma imagem ou símbolo arquetípico, uma série de emoções são ativadas para nos colocar em um determinado estado de ação ou padrão de comportamento. Os arquétipos seriam, portanto, mais do que relíquias ou vestígios de antigos modos de comportamento, mas reguladores sempre presentes e biologicamente necessários, cujas imagens representam os sentidos dos instintos. Assim, “na medida em que os arquétipos intervêm no processo de formação dos conteúdos conscientes, regulando-os, modificando-os e motivando-os, eles atuam como instintos” (JUNG, 1991, p.210).

Os arquétipos se manifestam em representações imagéticas e símbolos, conteúdos que Jung distingue entre “naturais”, derivados da psique mais arcaica, cujas

ideias e imagens são encontradas nos mais antigos registros das mais primitivas sociedades; e “culturais”, que passaram por inúmeras transformações e longos processos de elaboração para expressarem “verdades eternas” em determinadas culturas das “sociedades civilizadas” (JUNG, 2008, p.117). O que nos permite estabelecer mais uma interface com as conceituações de Ekman sobre gatilhos emocionais universais, portanto, inatos, e gatilhos emocionais aprendidos ou condicionados.

Seguindo esta perspectiva, Murray Stein (2006), um dos pesquisadores da obra de Jung mais reconhecidos, atribui aos arquétipos um extraordinário poder para influenciar a consciência de um modo tão eficiente quanto as emoções e os instintos. Para o autor,

Quando o ego se depara com uma imagem arquetípica, pode ser por ela possuído, sobrepujado, e render-se-lhe mesmo querendo resistir-lhe, pois a experiência é percebida como algo sumamente fecundo e significativo. A identificação com imagens e energias arquetípicas constitui a definição de Jung de inflação e até, em última instância, psicose. [...] Em contraste com o impacto dos instintos sobre a psique – quando a pessoa se sente impelida por uma necessidade física – a influência dos arquétipos leva ao arrebatamento com ideias e visões grandiosas. Ambos afetam dinamicamente o ego de um modo semelhante, na medida em que, de uma forma ou de outra, ele é dominado, possuído e levado a agir (STEIN, 2006, p.93).

Segundo Stein (2006), tanto Freud quanto Jung acreditavam que todo sujeito possui uma produção de energia psíquica que está destinada ao desenvolvimento da psique. A diferença entre ambos é que Freud chamava esta energia de libido, e defendia que todos os processos de acúmulos e dissipações desta energia estavam relacionados ao desejo sexual que os filhos alimentam inconscientemente pelos pais. Jung entendeu esta energia de forma distinta ao perceber que seus pacientes tinham necessidades de vivências que muitas vezes eram alheias aos desejos sexuais, mas que se encaixavam em enredos arquetípicos.

Da mesma forma que o corpo precisa de movimentos específicos para desenvolver os tecidos musculares, a psique necessita de vivências específicas para amadurecer. Os arquétipos, portanto, seriam figuras metafóricas criadas por nossa mente inconsciente para manifestar à mente consciente suas necessidades de vivência com o propósito de amadurecimento.

Estes símbolos, sejam eles naturais ou culturais, podem evocar reações emotivas profundas. Constituiriam uma espécie de matriz de gatilhos emocionais universais, que por sua vez, podem desencadear processos empáticos que originam ações e comportamentos.

Ao explorar a história da evolução humana, traçando muitos paralelos com alguns de seus pacientes, Jung estabeleceu o mito do herói, ao qual atribuiu uma importância primordial na formação da consciência. O arquétipo do herói, ou da criança-herói, seria um padrão humano básico, que implica em eliciar estados emocionais para lidar com rupturas. Desde o nascimento, onde há a ruptura com o ventre da mãe, passando por outras fases de rompimento ao longo da vida, como a ida para a escola, a universidade, a ruptura com o lar paterno/materno, e outras saídas da zona de conforto, o arquétipo do herói exige o abandono de pensamentos fantasiosos infantis para colocar o sujeito em condições de lidar com a realidade (STEIN, 2006, p. 86).

Ao mesmo tempo em que o arquétipo do herói é correspondido quando o indivíduo centra sua energia psíquica para a superação das rupturas, ele também é correspondido por outras sensações inerentes ao herói, como a necessidade de ajudar ao outro. Isto implica na existência de personagens secundários do enredo, como a vítima da situação de ruptura, ou a revelação de um elemento provocador de possíveis rompimentos, uma nêmesis que, no caso do herói, se personifica na figura do vilão (JUNG, 2011).

Joseph Campbell constatou estas pré-disposições ao conceber a obra *O herói de mil faces* (1995), onde percebe que grandes narrativas cinematográficas seguem um mesmo roteiro de forma a desenvolver a jornada do herói nas telas do cinema, uma narrativa também recorrente na construção dos mitos.

O sucesso dos chamados *blockbusters*¹⁹ se explica, para além de fatores como qualidade técnica, estética ou narrativa, pelo cuidado em comum que todos estes filmes tiveram em proporcionar ao espectador a vivência de experiências arquetípicas. O acionamento de estados empáticos se dá pela identificação de signos ancorados nestas narrativas, e o sujeito receptor é levado a se associar inconscientemente aos personagens que eliciam um “rosto empático arquetípico” em sua psique.

¹⁹ “Arrasa-quarteirão”, na tradução livre. O termo é utilizado como gíria para descrever filmes de enorme sucesso no cinema estadunidense.

Quando estudou a importância dos arquétipos no cinema, o psicólogo estadunidense Skip Dine Young percebeu que “há um desejo de vivenciarmos as figuras arquetípicas a todo instante da vida cotidiana, como símbolos ressonantes de uma esfera psíquica emocional que nos conecta a um ‘mundo mais elevado’” (YOUNG, 2014, p.44-45).

Young estudou o que chama de “fenômeno do imitador”, onde há um acionamento tão empático das emoções arquetípicas em determinadas pessoas que estas desenvolvem sintomas de trauma, depressão e psicose, como se vivessem no próprio filme. Joan Ferrés (1998), por sua vez, aborda o anseio do telespectador em viver a vida do mito como um envolvimento de sedução irracional, como compensações das próprias limitações e carências.

Campeões de bilheteria como *Avatar* (2009) e os filmes da saga *Star Wars* são recheados de personagens arquetípicos, que surgem a partir da jornada do herói, e dão vazão a outros arquétipos, como as figuras do curador (aquele que sobrevive às chagas da vida e, portanto, tem o conhecimento da cura), do mestre (aquele que transmite os conhecimentos e aprendizados), do visionário (aquele que enxerga padrões e consegue planejar o futuro), da grande mãe (a referência espiritual que proporciona a sensação de pertencimento a algo maior que a individualidade), etc (STEIN, 2006).

A evidência destes arquétipos e sua ordem de surgimento e importância ficam perceptíveis em qualquer análise rasa. Em *Avatar*, por exemplo, o protagonista é um ex-soldado cadeirante chamado Jake Sully (o herói e o curador ferido) que vive em um futuro desconhecido onde os humanos já conseguem fazer viagens espaciais e exploram recursos de outros planetas com fins comerciais. Quando é enviado à lua Pandora, Jake trabalha junto a um exército de exploradores que estão encontrando dificuldades em extrair minérios valiosos devido à resistência do povo nativo humanoide conhecido como Na'vi. Jake então, por conexão mental, assume o controle de um avatar, um corpo alienígena idêntico ao dos habitantes locais. Quando entra em contato com Neytiri, uma nativa de Pandora, Jake descobre o significado de Eywa, o cultuado espírito do planeta (arquétipo da grande mãe). Em sua jornada, conhece mentores (o mestre e o sábio) que vão lhe ajudar na compreensão de si mesmo e de valores há muito esquecidos pela espécie humana.

Em outra análise rápida, desta vez sobre a saga *Star Wars*, nos deparamos com o protagonista Luke Skywalker (o herói), que tem a família assassinada e é guiado por

um monge *jedi* chamado Obi Wan Kenobi (o mestre) em uma jornada em busca de suas origens e de reconexões com uma entidade universal denominada de “A Força” (a grande mãe). Durante a aventura, conhece personagens que vão representar outros arquétipos estudados na psicologia Junguiana, como Han Solo (o fora-da-lei), a Princesa Leia (a donzela em perigo), Darth Vader (a sombra do herói), mestre Yoda (o mago) e assim por diante.

Conforme os gatilhos emocionais universais são ativados pela narrativa fílmica, nos associamos empaticamente aos personagens que melhor correspondem a este banco de imagens arquetípico. Enquanto o enredo do herói elicia emoções necessárias à superação de limites e obstáculos, o enredo do mago evoca estados criativos. Por sua vez, o enredo da grande mãe elicia um estado amoroso de aceitação e pertencimento em contrapartida ao estado de medo eliciado pelo enredo do vilão. Nesta miscelânea de enredos, emoções são disparadas e as vivências arquetípicas ocorrem por empatia aos personagens e suas histórias. Processos psíquicos que Jung (1991) vai classificar como fundamentais na solução de experiências como a carência, o vazio e a finitude.

Somos seduzidos pelos arquétipos e seus enredos específicos a ponto de criarmos rituais onde nos seja possível interpretá-los e vivenciá-los, seja no cinema, na publicidade, nos esportes ou nos rituais religiosos. Margaret Mark e Carol Pearson (2001) realizaram um estudo que identifica o uso das necessidades arquetípicas na construção de grandes marcas. Nele apontam 12 arquétipos frequentemente usados pela indústria para eliciar estados de empatia nos consumidores, para os quais encontram correlatos no mundo das estrelas e dos esportes a fim de dar um rosto ao processo empático.

São eles o criador, o prestativo, o governante, o bobo da corte, o cara comum, o amante, o herói, o fora-da-lei, o mago, o inocente, o explorador e o sábio. No estudo, as autoras detalham o enredo de cada arquétipo na psique e sua “função compensatória”, bem como explicam como podem ser explorados na publicidade (Quadro 1).

QUADRO 1 - Arquétipos, funções e marcas

Arquétipo	Ajuda as pessoas a...	Marcas que usam
Criador	Criar algo novo	Willians Sonoma
Prestativo	Ajudar os outros	AT&T (Ma Bell)
Governante	Exercer o controle	American Express
Bobo da corte	Se divertirem	Miller Lite
Cara Comum	Estarem bem assim como são	Wendy's
Amante	Encontrar e dar amor	Hallmark
Herói	Agir corajosamente	Nike
Fora-da-lei	Quebrar as regras em nome de valor maior	Harley-Davidson
Mago	Influir na transformação	Calgon
Inocente	Manter ou renovar a fé	Ivory
Explorador	Manter a independência	Levi's
Sábio	Compreender o mundo em que vivem	Oprah's Book Club

FONTE: MARK e PEARSON, 2001, p. 27.

Para cada figura arquetípica, as autoras atribuem um lema, um enredo que serve de diretriz para a construção dos significados que as marcas desejam passar, como mostra o Quadro 2.

QUADRO 2 - Lemas arquetípicos

Arquétipo	Lema
Criador	“Se puder ser imaginado, poderá ser criado”
Prestativo	“Ama teu próximo como a ti mesmo”
Governante	“O poder não é tudo... é só o que importa”
Bobo da corte	“Se eu não puder dançar, não quero tomar parte da sua Revolução”
Cara Comum	“Todos os homens e mulheres são criados iguais”
Amante	“Só tenho olhos para você”
Herói	“Onde há vontade, há um caminho”
Fora-da-lei	“As regras foram feitas para serem quebradas”
Mago	“Pode acontecer!”
Inocente	“Somos livres para ser você e eu”
Explorador	“Não levante cercas à minha volta”
Sábio	“A verdade libertará você”

FONTE: MARK e PEARSON, 2001.

Tal qual no cinema e na publicidade, figuras arquetípicas também são frequentemente eliciadas na narrativa jornalística. Como explica Jung (2011), um contexto de ruptura é a condição primeira para a evocação do arquétipo do herói, e o jornalismo se constrói de eventos desta natureza. Nas manchetes de jornais e revistas, bem como nas chamadas televisionadas, a composição sujeito-verbo-predicado funciona para atrair a atenção do leitor a partir de rupturas geralmente alarmistas, de forma que o receptor possa identificar rapidamente os atores associados à jornada do herói que se estabelece na narrativa para assumir uma posição empática. Ao estabelecer enredos de ruptura, a narrativa jornalística elicia o arquétipo do herói, que necessita da existência de outros personagens para existir, como o vilão e a vítima.

Uma rápida análise de dois eventos midiáticos de grande repercussão jornalística - o rompimento de uma barragem no município de Mariana, em Minas Gerais; e os atentados em diversos pontos turísticos e culturais de Paris, na França – permitem constatar o estabelecimento deste enredo específico por parte da imprensa na construção de imagens arquetípicas para gerar empatia. Na figura 15, temos a chamada do Portal G1 em 13 de novembro de 2015, que noticia os atentados em Paris, com um vídeo do Jornal Nacional. Na abertura do telejornal, o apresentador Willian Bonner anuncia que “A Europa volta a ser alvo do Terror”, apresentando uma ruptura pelo discurso, onde vítima e carrasco são estabelecidos, criando condições para a criação e/ou o surgimento da imagem arquetípica do herói na mente do receptor.

FIGURA 15 - Screenshot Willian Bonner anuncia o Terror em Paris



FONTE: Portal G1²⁰.

²⁰ Disponível em <<http://goo.gl/awS8Z2>>. Acesso em 02/02/2016.

O estabelecimento de um contexto de “terror” faz com que as propriedades arquetípicas dos autoavaliadores do receptor comecem a rastrear o cenário em busca de um personagem ou elemento salvador, que devolva o ponto de equilíbrio à narrativa apresentada. Uma expectativa é criada mas não resolvida. Não obstante, no dia 16 de novembro, o presidente francês François Hollande anuncia um pacote de medidas para combater o terrorismo, dentre elas a formação de uma coalizão com Estados Unidos e Inglaterra para “localizar, imobilizar e destruir” um inimigo “sem rosto” identificado apenas como Estado Islâmico.

A manchete do G1 (Figura 16) estabelece então os heróis e anuncia suas jornadas, preenchendo a expectativa gerada pela chamada do Jornal Nacional, o que vai servir de base para uma aderência empática por parte do leitor frente ao inimigo. O acionamento de tais papéis gera uma incapacidade nos espectadores de eliciarem empatia pelo inimigo, visto que há uma generalização que o coloca como o próprio terror, com seguidores sem identidade e, portanto, incapazes de provocar um rosto empático para que ocorra uma compreensão mais profunda de suas motivações.

FIGURA 16 - Screenshot Hollande anuncia pacote de medidas



FONTE: Portal G1²¹.

Qualquer motivação política, religiosa ou econômica fica eclipsada quando a jornada do herói é estabelecida em uma narrativa, onde um dos lados assume a

²¹ Disponível em <<http://goo.gl/Of9hEJ>>. Acesso em 02/02/2016.

representação arquetípica do herói e o outro a do vilão ou de um desafio a ser superado. A premissa de uma luta eterna do “bem contra o mal” se instala em primeiro plano, na qual a tendência é sempre de que o “nós” seja a parte certa e o “eles” a parte errada.

Tendemos a formar o “rosto empático” com o herói que, dentro de uma lógica cognitiva, tem os objetivos claros. Por outro lado, tendemos a eleger um vilão a ser rejeitado, que geralmente é amorfo ou disforme, como os números, as multidões e outros produtos das generalizações e distorções da linguagem, pelo qual geramos aversão, antipatia, temor e, em casos extremos, ódio.

Na cobertura da tragédia ambiental ocorrida no município de Mariana, em Minas Gerais, em que se configurou o rompimento da barragem de contenção de dejetos de minério administrada pela mineradora Samarco, o enunciado do portal G1, no dia 05 de novembro de 2015, anuncia o evento categorizando a ruptura em questão como um “acidente”. A construção da manchete da notícia denota que o fato se relaciona a um fenômeno de ruptura de causas imprevisíveis ou desconhecidas, como mostra a captura de tela na figura 17.

FIGURA 17 - Screenshot G1 anuncia tragédia em Mariana



FONTE: Portal G1²².

²² Disponível em <<http://goo.gl/8S9niH>>, Acesso em 02/02/2016.

No caso, a narrativa do herói está presente ao longo do texto, na ação dos bombeiros que tentam ajudar as vítimas do ocorrido, sem que um vilão ainda esteja estabelecido. A figura do opressor, eclipsada do texto pela causalidade atribuída pela manchete, passa a existir como um espectro na cabeça do receptor, que vai buscar generalizações, omissões e distorções para estabelecer um distanciamento do possível causador da tragédia. A ausência do vilão faz com que o público “tateie” possibilidades dentro de gestalts associadas a inimigos no seu imaginário particular, e alguns algozes são sugeridos pela rede de crenças dos receptores da notícia, como mostram alguns dos comentários retirados da mesma matéria, expostos na Figura 18.

FIGURA 18 - Screenshot G1 comentários da matéria tragédia em Mariana



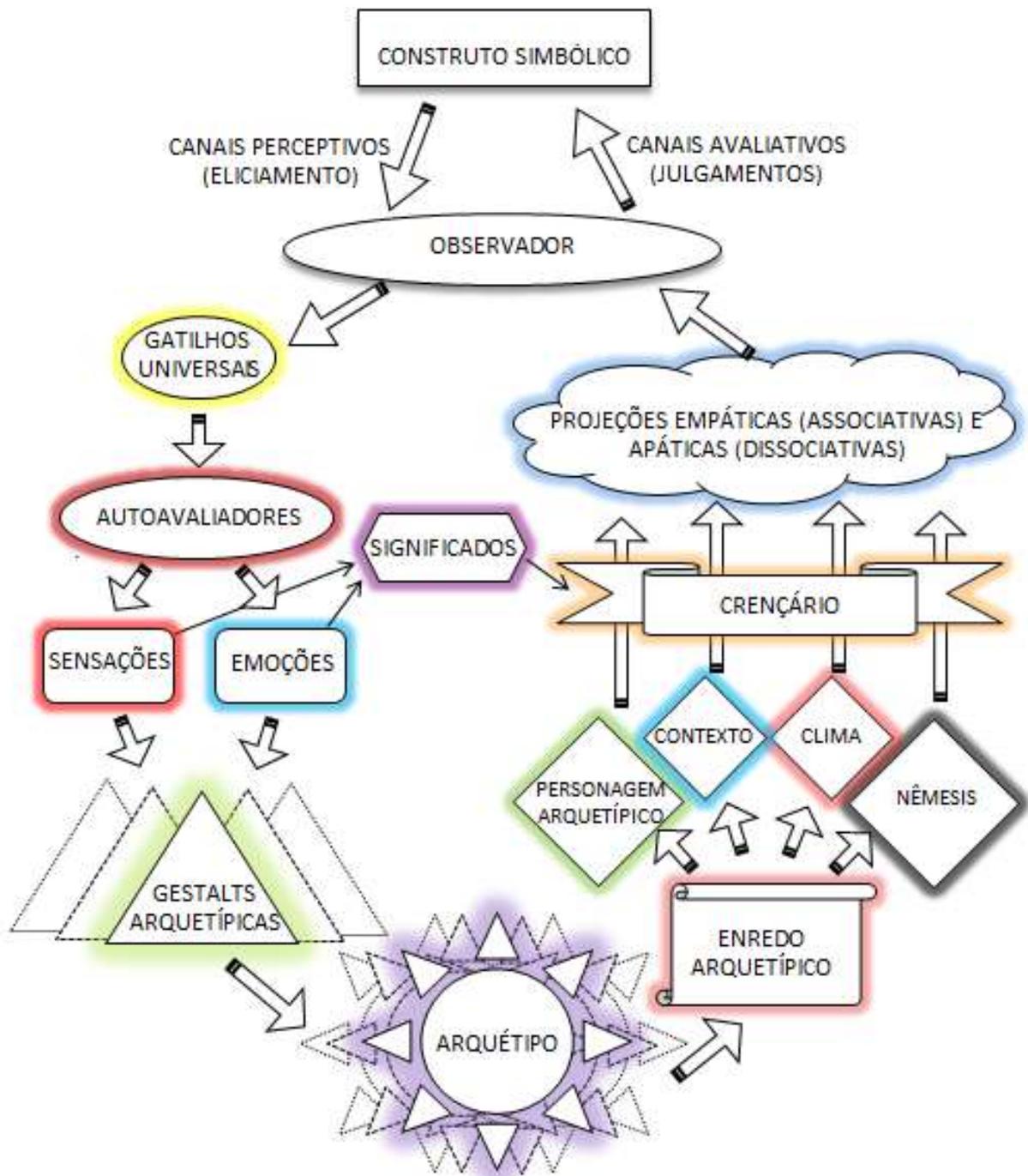
FONTE: Portal G1²³.

A necessidade de completar os personagens básicos que compõem a jornada do herói, portanto, tende a acionar a rede de crenças do receptor da mensagem para que ele insira os elementos faltantes e necessários à vivência arquetípica. Estes exemplos de reações frente a determinados construtos simbólicos, sob uma interpretação em interface com os estudos de Jung, Ekman, Campbell, Mark e

²³ Disponível em <<http://goo.gl/8S9niH>>. Acesso em 02/02/2016.

Pearson, permitem inferir como se desencadeia o circuito de acionamento empático a partir da evocação de arquétipos.

FIGURA 19 - Circuito de acionamento empático por evocação arquetípica



FONTE: Elaborado pelo autor

Partimos do pressuposto de que certos gatilhos emocionais são universais, como defendem Ekman e Damásio. Estes gatilhos são suscetíveis a certos estímulos sensoriais simbólicos, para os quais os autoavaliadores vão desencadear sensações e emoções que, ao mesmo tempo em que vão ajudar na construção de significados, irão acionar determinadas gestalts arquetípicas. As gestalts evocam o arquétipo correspondente aos símbolos eliciados e um enredo é desencadeado na psique do sujeito, onde serão projetados o personagem arquetípico, a nêmesis (o desafio do arquétipo), o contexto (cenário) e o clima (emocionalidade). Esta projeção passa pelo filtro do crençário, que congrega o conjunto de regras e valores que dão as diretrizes sociais, culturais e morais do indivíduo (Figura 19).

Deste processo, o sujeito passa a fazer projeções associativas (empáticas) e dissociativas (apáticas) em relação ao construto simbólico, as quais servirão de base para avaliações e julgamentos daquilo que é recebido por seus canais perceptivos tanto na experiência desencadeadora do processo quanto em experiências futuras semelhantes. A base arquetípica vai servir de referência para a formação do contexto e do clima necessários à ativação da empatia, mas é a rede de crenças que vai determinar por quais personagens apresentados no construto midiático a empatia será desenvolvida e por quais deles ocorrerá um processo inverso, de apatia. Há, portanto, um circuito simultâneo de formação de crenças e de evocação de arquétipos que é fundamentado nas experiências emocionais ativadas por construtos simbólicos.

Aqui vale diferenciar os conceitos de apatia e antipatia, geralmente confundidos no senso comum. A apatia se refere a um estado de indiferença ou insensibilidade emocional, onde não há condições de conexão com o outro. Já a antipatia consiste num processo mais intenso, de aversão e rejeição ao elemento que provocou tal sentimento. Da mesma forma, empatia e simpatia são estados distintos, onde o primeiro significa sentir pelo outro e se colocar no lugar dele, enquanto que o segundo implica em um processo de identificação por similitude de ideias, pensamentos e comportamentos (KRZNARIC, 2015).

Os processos de simpatia e antipatia não necessariamente surgem neste circuito empático eliciado pelos arquétipos, mas são recorrentes e normais de acontecerem como estágios secundários do processo.

A probabilidade de existência de um circuito de acionamento empático por evocação arquetípica fica visível quando observamos as diferentes reações a um cenário recente da política brasileira, no qual Dilma Rousseff, presidente eleita em

2014, foi afastada de suas funções por um processo de impeachment iniciado na câmara dos deputados e levado a cabo no Senado Federal em 2016.

Embasado em acusações de crime de responsabilidade por supostas pedaladas fiscais cometidas por Dilma, o processo de impeachment surgiu dentro de um clima político e econômico desencadeado ainda em 2013, quando movimentos autoproclamados como apartidários tomaram as ruas para protestar contra o aumento das passagens de ônibus nas principais capitais do País.

A aparente ausência de bandeiras políticas por trás daqueles movimentos deixou um espaço ideológico que começou a ser preenchido por simpatizantes e opositores do governo. A polarização política que se instalou desde então fortaleceu dois crençários coletivos bem definidos. Em um deles, Dilma Rousseff e seu partido, o PT, se tornaram símbolos da corrupção e, portanto, um mal que usurpou as riquezas do Brasil com intenções egoístas e moralmente condenáveis. No outro crençário, Dilma se tornou uma heroína, símbolo de resistência dos trabalhadores, frente a uma ofensiva conservadora que, insatisfeita com sucessivas derrotas em eleições diretas, derrubou, por meio de um golpe elaborado por artimanhas jurídicas, um governo legitimamente eleito.

A nêmesis de Dilma enquanto heroína do crençário petista demorou a ganhar um rosto ao longo do processo. Começou com a personificação do vilão na figura do presidente da Câmara dos Deputados, Eduardo Cunha, que aceitou abrir o processo de impeachment, e culminou no rosto do então vice-presidente Michel Temer, acusado de ser o principal articulador do golpe.

À luz do circuito de acionamento empático por evocação arquetípica, Dilma, Temer e Cunha alternaram-se nos papéis de herói/heroína e vilão/vilã. Esta alternância foi determinada pelos crençários compartilhados entre os defensores e opositores do governo petista. “Coxinhas” e “mortadelas”²⁴, a todo instante, recorreram ao enredo do arquétipo do herói na busca por empatia e simpatia a seus representantes políticos.

Michel Temer, por exemplo, quando ainda estava na condição de presidente interino, passou a convocar a imprensa para cobrir assuntos de ordem familiar. No dia

²⁴ A alcunha de “coxinha” faz referência ao salgado feito à base de farinha, batata e frango desfiado, comum na culinária brasileira. É tradicionalmente atribuída a policiais militares (considerados os inimigos principais do esquerdistas durante a ditadura de 1964), cujo baixo poder aquisitivo determinava uma predileção pela iguaria. Nos movimentos de rua contra o governo Dilma, muitos manifestantes posaram ao lado dos PMs como forma de demonstrar apoio ao conservadorismo, fato que estendeu a alcunha de coxinha para os defensores das ideologias de direita. Já o termo “mortadela” é mais recente. Está ligado aos militantes petistas que recebiam pão com mortadela para fazer volume em manifestações a favor do governo Dilma.

26 de julho de 2016, pediu para que assessores divulgassem a jornalistas que iria buscar o filho na escola no primeiro dia de aula. O assunto ganhou capa em alguns dos principais jornais do País (Figura 20). A estratégia pode ser entendida como uma tentativa de clarificar ainda mais o rosto empático do herói na cabeça de seus defensores, e de lhe atribuir valores que não condizem com o papel do vilão, que por ser a nêmesis do herói, é despedido de valores éticos e morais.

FIGURA 20 - Globo e Valor noticiam ida de Temer à escola do filho

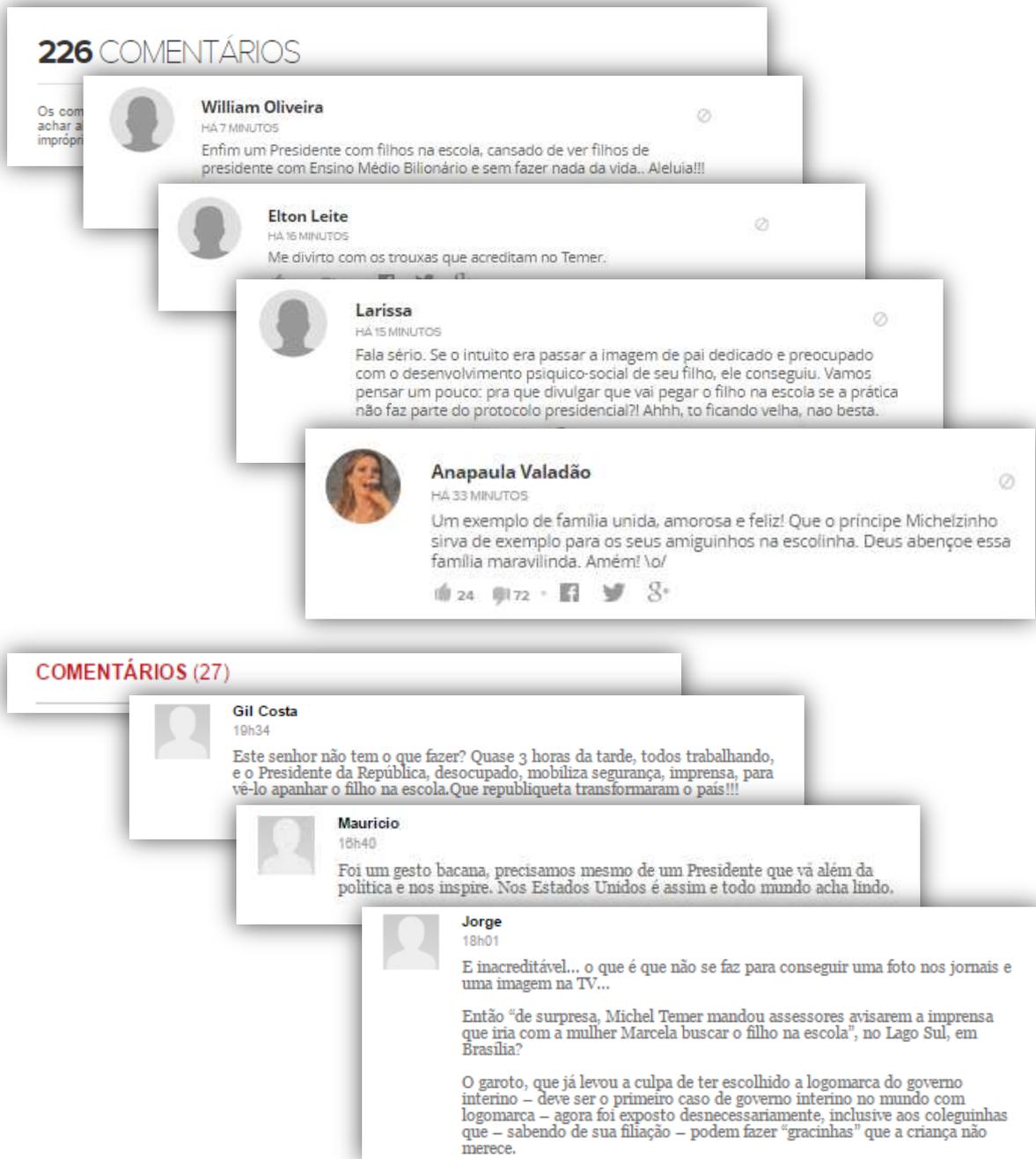


FONTE: Screenshots obtidos em www.globo.com e www.valor.com.br²⁵.

Comentários postados por internautas em alguns dos veículos que noticiaram o fato evidenciam não uma disputa ideológica, mas sim uma disputa emocional e arquetípica, que foge do campo dos argumentos para focar nas representações atribuídas ao presidente interino dentro do enredo do arquétipo do herói. O embate fica demonstrado em alguns recortes de *screenshots* que compõem a Figura 21.

²⁵ Acesso em 27/07/2016.

FIGURA 21 - Comentários pró e contra Temer



FONTE: Recortes de *screenshots*²⁶ dos sites Globo.com e Valor.com.br.

As construções retóricas pró e contra Temer enfatizam os atributos que o fazem herói ou vilão perante o fato. Para seus defensores, ser um pai dedicado condiz com a

²⁶ Comentários em matéria no portal Globo.com disponíveis em <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2016/07/temer-e-marcela-buscam-filho-na-escola-no-primeiro-dia-de-aula.html>>. Comentários em matéria no site do jornal Valor Econômico disponíveis em <<http://www.valor.com.br/politica/4648107/temer-convoca-imprensa-para-ve-lo-buscar-filho-na-escola>>. Ambos acessados em 26/07/2016.

missão salvadora frente à corrupção que assolou o País. Para os opositores, expor a própria família para se promover condiz com a “vilania” de obter visibilidade a qualquer custo em busca de mais poder.

O que fica constatado no exemplo, portanto, é que a vivência do arquétipo inevitavelmente vai sofrer influência da rede de crenças de quem o vivencia, e as generalizações, omissões e distorções geradas por estas crenças é que vão determinar por quais personagens ocorrerá associação empática e por quais haverá o distanciamento.

Vale observar que, quando o crençário ainda não possui referências e preferências para identificar a persona e a sombra do enredo arquetípico, o sujeito fica à mercê dos movimentos retóricos das mensagens construídas para persuadi-lo a tomar uma posição. Dentro do enredo do herói, no caso, não há como ficar indiferente, pois o mesmo impõe a existência da vítima e do oprimido. Ficar indiferente pode significar “não se importar”, o que obriga a psique do sujeito a escolher um dos lados de forma inconsciente. Na guerra político-ideológica que se instaurou no cenário político brasileiro, percebe-se que as estratégias de comunicação pró-Dilma e pró-Temer utilizam a necessidade de vivência arquetípica para construir estratégias de comunicação.

Desta constatação surgem novos questionamentos: a partir de uma retórica apoiada em factoides que eliciam estados arquetípicos, pode a mídia manipular emoções de maneira deliberada para gerar empatia por determinadas figuras e situações em detrimento de outras? Será que o *ethos*, *pathos* e *logos* da construção retórica (REBOUL, 1998) focadas em necessidades arquetípicas poderiam ter maior aderência ao imaginário coletivo? E se as emoções são parte determinante no processo de significação, saber como eliciá-las a partir de uma construção narrativa orientada por referências arquetípicas não poderia configurar uma fórmula maniqueísta de indução do público?

Por enquanto, parece aceitável inferir que a construção retórica, quando voltada a atender necessidades arquetípicas, ganha um maior poder de persuasão. Se esta premissa for verdadeira, podemos apontar que ganha poder aquele que constrói um discurso sobre os fatos que atenda as necessidades arquetípicas do sujeito, tendo boas chances de ser considerado o “melhor discurso” justamente por eliciar emoções que são ativadas pela vivência de arquétipos.

A significação, já é sabido, não está sujeita somente aos fatos em si, mas também ao clima elaborado pela narrativa retórica para a interpretação dos fatos. Ou seja, está sujeita às condições de emocionalidade que são propostas pelos operadores retóricos utilizados na construção do conteúdo.

A energia psíquica que, em tempos remotos e arcaicos, era destinada para nos manter vivos enquanto espécie frente às diferentes situações do ambiente, hoje é canalizada pelas narrativas estimuladas pela mídia. Liberada nas induções emocionais de filmes, novelas, jornais e outros construtos simbólicos, a energia se esvai e a sensação de realização reconforta a psique. Na sociedade hipermediatizada, é no conforto das telas - do cinema, da televisão, do computador, do smartphone etc. – que as necessidades arquetípicas são saciadas, e sensações de plenitude e satisfação dão sentido à existência.

Há ainda outro movimento retórico importante a ser investigado nesta pesquisa, que diz respeito aos estímulos emocionais aprendidos e aos condicionamentos que vão compor a rede de crenças individual. Este movimento pode ser compreendido pela interface entre o conceito de arquétipos e alguns estudos sobre a formação de estereótipos, que vão compor o crençário coletivo e estabelecer normas e regras de comportamento, como veremos a seguir.

2.5 OS ESTEREÓTIPOS NO REGRAMENTO DO HUMOR

Piotr Kropotkin (apud KRZNARIC 2015) defende que os seres humanos, assim como os animais, têm uma tendência natural a se envolver em ajuda mútua, o que caracterizaria uma vocação altruísta atribuída inata. No entanto, quando se estabelece uma divisão ou fronteira entre comunidades, sejam elas religiosas, ideológicas ou políticas, as quais recorrem a crenças e dogmas que estabelecem limites de ação, cria-se o cenário para o acionamento de estruturas secundárias aos arquétipos, que Jung vai chamar de *persona* e *sombra*.

Estas estruturas internas complementares vão determinar certas roupagens aos arquétipos, podendo incorrer em diretrizes distorcidas ou até mesmos contrárias ao que as figuras arquetípicas representam (STEIN, 2006).

A sombra, como o próprio nome já diz, está oculta do teatro social. É a parte mais primitiva da psique e armazena o oposto do que o indivíduo aceita mostrar aos

outros. Já a *persona* é justamente a “máscara” que delimita um personagem público, uma representação que tem muito pouco do “eu verdadeiro” (STEIN, 2006) e tende ao exagero das vivências arquetípicas.

Numa analogia ao computador, podemos dizer que os arquétipos estão para as crenças como um sistema operacional está para os programas. São matrizes operacionais responsáveis por rodar matrizes secundárias, programas necessários ao funcionamento de outros programas. Ou seja, são o que a neurolinguística chama de metaprogramas inatos (O’CONNOR; SEYMOR, 1990).

Tomemos como exemplo os lados *persona* e *sombra* do arquétipo do herói para entender estas estruturas. Se o indivíduo, quando eliciado a uma vivência arquetípica, demonstrar uma falsa humildade, for excessivamente disciplinado e concordar com tudo, pode-se presumir que o arquétipo do herói está sob influência da *persona*. Se o indivíduo, por outro lado, diante da evocação arquetípica do herói se mostrar rebelde e indisciplinado, egoísta, autoritário e briguento, é porque seu lado *sombra* está comandando a experiência.

Estas personalidades distorcidas e até mesmo invertidas são construídas a partir do crençário do sujeito, que, como já vimos, será formado por uma retroalimentação de experiências cognitivo-emocionais que determinam preferências, gostos e diretrizes de comportamentos e reações. Algumas destas predisposições inconscientes que vão influenciar na caracterização da *persona* e da *sombra* arquetípica assemelha-se a representações mentais que Walter Lippmann (2008) denominou de estereótipos.

A palavra vem do grego *stereos* e *typos*, compondo uma expressão próxima de “impressão sólida”. Citada pela primeira vez por Firmin Didot, nasceu no contexto do início das impressões por placas metálicas em substituição à prensa de tipos móveis. No contexto da comunicação, foi usada por Lippmann em seu estudo intitulado *Opinião Pública* (2008) para definir uma prática do jornalismo de recorrer a imagens mentais pré-concebidas para determinar pessoas, situações e coisas com o intuito de se ganhar tempo e espaço na atividade cotidiana da profissão.

Martino (2014) define estereótipos dentro de um contexto psicossocial, como sendo “imagens criadas pelo indivíduo a partir da abstração de traços comuns a um evento previamente vivido” (MARTINO, 2014, p.25). A formação dos estereótipos está, segundo o autor, ligada à necessidade de simplificar o mundo para tornar a comunicação possível.

A partir da experiência com alguma pessoa ou ambiente constrói-se um estereótipo ou representação que permite identificar situações semelhantes – e aplicar a elas a representação anterior. Os traços comuns da experiência anterior são mantidos na memória e comparados com o da experiência atual, garantindo a identificação. Nesse sentido, o estereótipo é um conhecimento imediato e superficial, ganhando em tempo o que perde em profundidade (MARTINO, 2014, p.25).

Essa representação tende a ganhar o *status* de verdade quando utilizada por um grande número de pessoas, o que por um lado facilita as relações sociais. Os estereótipos, acrescenta Martino, “explicam o que está diante dos olhos, permitindo formulação rápida de estratégias de ação em uma situação. A ausência de estereótipos implicaria um gasto considerável de tempo até a compreensão dos acontecimentos” (MARTINO, 2014, p.25).

Podemos inferir que a formação dos estereótipos, portanto, está menos ligada a uma prática deliberada de se estabelecer preconceitos a partir da repetição de mensagens que visam estabelecer um crençário social, e está mais relacionada a uma propriedade cerebral de nos fazer poupar tempo frente a experiências semelhantes a partir de comportamentos condicionados.

Em uma interface com a neurociência, Canteras e Bittencourt (2008) referenciam esta propriedade cerebral reducionista ao explicar as experiências de Ivan Pavlov (1849-1936) sobre estímulos e respostas condicionados.

[...] durante o aprendizado associativo, se um estímulo novo for pareado com outro “biologicamente significativo” (doloroso ou prazeroso) que produz invariavelmente uma resposta (fuga, salivação), a resposta emitida ante a apresentação do primeiro muda; fica condicionada ao pareamento. Assim, passou-se a denominar *estímulos condicionados* os estímulos neutros que produzem uma resposta alterada após sua associação com outros, e resposta condicionada a resposta nova produzida pela apresentação desse estímulo (CANTERAS; BITTENCOURT, 2008, p.247).

Sob esta perspectiva, o estereótipo não é uma representação errada, mas uma caricatura. Tem sentido positivo desde que o sujeito esteja consciente das limitações da representação. O estereótipo passa a ter força de dogma e preconceito quando a representação toma o lugar do representado, subvertendo e condicionando experiências distintas em um mesmo molde (MARTINO, 2014, p.26).

Podemos estabelecer uma interface entre o funcionamento dos estereótipos àquilo que Peirce (1877) chama de inquirição. É a irritação provocada pelas dúvidas e incertezas que nos tiram da zona de conforto. Ter um pré-conceito nos dá uma direção

a seguir, e permite respostas fáceis e rápidas diante de situações semelhantes. Quando este pré-conceito é compartilhado, o que caracteriza o estereótipo, o processo empático é acionado de forma mais rápida dentro dos grupos sociais que dele fazem uso.

Nesta direção, Joan Ferrés acrescenta que

O estereótipo é um mecanismo de defesa diante da ameaça de uma realidade complexa, ambígua, contraditória. Tanto nos noticiários como na ficção, o uso do estereótipo ajuda a reduzir a incerteza. Os estereótipos contribuem para potencializar a sensação de que se tem controle da realidade, de que esta pode ser conhecida, entendida, explicada, dominada (FERRÉS, 1998, p.137).

Podemos dizer, portanto, que estereótipos são crenças sociais compartilhadas que compõem um *self* normativo, as quais são programadas a partir de uma ideologia para, segundo Ferrés, facilitar os processos de envolvimento emocional pelo receptor. Assim, “o inconsciente humano, simples e dual, precisa, para ativar os mecanismos de identificação e projeção, de algumas diferenciações precisas, simples. O estereótipo cumpre esta função: permite a ativação fácil das emoções mais elementares” (FERRÉS, 1998, p.139).

Tal qual os arquétipos, os estereótipos podem ser eliciados por retóricas emotivas a partir dos construtos simbólicos elaborados pela mídia. Tal processo leva-nos à suspeita de que a formação de estereótipos está ligada, em maior ou menor grau, às necessidades de vivências arquetípicas. Neste caso o arquétipo funciona como receptáculo no qual o estereótipo ganha aderência e se funde quase que de maneira parasitária, condicionando a vivência das emoções arquetípicas a determinadas regras e conceitos compartilhados. Com o passar do tempo, o estereótipo passa a ser acionado de forma cada vez mais rápida e cada vez mais inconsciente, muitas vezes deixando o *status* de “conceito” para ganhar um *status* de “necessidade” na psique, culminando em hábitos e comportamentos.

Como visto anteriormente, Mark e Pearson (2001) citam empresas que fazem uso de figuras arquetípicas para fixar suas marcas. A estas figuras agregam adereços que, com o tempo, distorcem o entendimento do arquétipo e criam estereótipos com bases arquetípicas. Marcas esportivas consolidam atletas como referências comportamentais no imaginário popular ao referenciá-los como heróis, por exemplo.

A repetição constante de construtos simbólicos midiáticos que reforçam este significado começam a aderir ao enredo arquetípico da psique e os comportamentos

dos atletas passam a se fundir à vivência do arquétipo. E é nessa perspectiva que surgem os mitos.

Cortar o cabelo como Neymar, usar as mesmas roupas que Cristiano Ronaldo e consumir produtos que Lionel Messi utiliza ganham um significado de aproximação com o ídolo e com a vivência arquetípica. É como se o sujeito se sentisse um pouco mais herói ao aderir ao estilo do ídolo, ao passo que estas referências estereotipadas passam a compor o crençário do sujeito como condições para a vivência do arquétipo.

No mundo da moda não é diferente. Astros e estrelas do cinema e da televisão são confundidos com os personagens que interpretam no imaginário coletivo, e as projeções sobre o ideal de “ser” e se “sentir pleno”, tal qual o mito, se confunde com características rasas, o que caracteriza o estereótipo. No *screenshot* do site da revista Glamour (Figura 22), a inspiração na heroína mulher-maravilha agrega uma carga emocional a um estilo de ser. Se apresenta como mais uma “oportunidade” de vivenciar o arquétipo do herói proporcionada pela moda.

FIGURA 22 - Mulheres-maravilha na revista Glamour



FONTE: Revista Glamour²⁷.

²⁷ Disponível em <<http://revistaglamour.globo.com/Moda/noticia/2016/07/mulher-maravilha-na-moda-veja-looks-inspirados-na-personagem.html>>. Acesso em 27/07/2016.

Ferrés (1998) acredita que o estereótipo é sempre reflexo da ideologia dominante, pois pretende ser um princípio organizador da sociedade, mas a partir de uma perspectiva conservadora, tende a perpetuar e petrificar conceitos. O seu único dinamismo seria proveniente da carga emocional que possui, pois, de forma consciente ou inconsciente, é da oscilação emocional oriunda do estereótipo que se estabelecem as normas e regras comportamentais.

Na mesma direção, João Freire Filho (2015a) apresenta um relevante trabalho sobre como o estereótipo do brasileiro feliz foi sendo construído ao longo dos anos tanto no Brasil quanto no exterior com a ajuda de crônicas, ficções, ensaios, campanhas turísticas e reportagens veiculadas entre os anos de 1920 e 1930.

Esta construção simbólica cristalizava as regras do que significava ser brasileiro, e sempre permeou discursos ufanistas da chamada era do integralismo. O “herói” nacional não seria apenas herói. Teria um pouco de “bobo da corte” e também de “criador” como arquétipos fundantes, ao agregar as aptidões necessárias para sempre dar um jeitinho para tudo. O estereótipo do brasileiro feliz foi “martelado” no imaginário brasileiro por décadas como uma mistura bem aceita de raças e etnias, capaz de ser feliz em qualquer situação, cujos papéis do homem e da mulher são bem especificados dentro de um cenário descontraído e carnavalesco (FREIRE FILHO, 2015a).

Motivo de orgulho patriótico, a típica alegria dos brasileiros foi captada e cristalizada em um singelo conjunto de imagens, ritmos e símbolos: os saracoteios do samba da Sapucaí; as ruas ocupadas por foliões eufóricos e irreverentes; garis que removem os restos da festa, bailando felizes da vida; a descontração desnuda nas praias; o jeito lúdico de praticar e de apreciar futebol; a forma risonha ou gaiata de aguentar o fardo de uma rotina de trabalhos estafantes e de direitos precários (FREIRE FILHO, 2015a, p.402).

Ao lado do brasileiro feliz, a publicidade da época estampava em peças desenhadas o que a elite brasileira esperava das mulheres: que fossem esposas recatadas e sorridentes, as quais deveriam demonstrar constante alegria com sua missão doméstica e familiar, geralmente em um papel secundário ao do homem, de apoio àquele a quem caberia o sustento dela e dos filhos, como mostram algumas peças publicitárias da Pomada Minâncora, veiculadas em 1930 (Figura 23).

FIGURA 23 - Estereótipos da dona de casa feliz em propagandas de 1930



FONTE: Blog *História da Publicidade*²⁸.

Ferrés (1998) destaca que a eficácia comunicativa do estereótipo está no seu mecanismo socializador. Oferece uma sensação de pertencimento a quem o segue e de ameaça de exclusão a quem o rejeita.

O estereótipo baseia grande parte da sua força no medo da diferença, no medo do custo social que significa ter que assumir uma identidade minoritária. Esta pressão social é aproveitada, consciente ou inconscientemente, pelos que se movimentam no âmbito da comunicação persuasiva. Assim, o estereótipo, que começa sendo um mecanismo que permite a economia de energia, acaba sendo um mecanismo de pressão social para todos aqueles que não querem se sentir privados de uma identidade cultural, de um universo simbólico de referência. Mais uma vez, da necessidade emotiva aos efeitos socializadores (FERRÉS, 1998, p.142).

Em um de seus artigos, Freire Filho (2015b) explica como o *self* normativo estabelecido por estes estereótipos dita comportamentos através do humor dos brasileiros. O autor chega a tais conclusões a partir de análises de reportagens do jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, onde observou processos de desconstrução do estereótipo do brasileiro feliz pelo contraste que o veículo em questão dedicava a um mau-humor repentino do carioca com a Copa do Mundo de 2014 e com os rumos políticos do País. A pesquisa evidenciou, na concepção de Freire Filho (2015b) uma certa bipolaridade que ameaça o humor “típico” brasileiro, em especial o do carioca, cuja imagem estereotipada remete a um sujeito malandro, de sangue doce e feliz.

²⁸ Disponível em < <http://migre.me/uxKTR>>. Acesso em 20/07/2016.

Pacientes são diagnosticados como portadores de transtorno bipolar quando apresentam, no entendimento dos psiquiatras, graves e incapacitantes flutuações de humor, marcadas por períodos duradouros de sentimentos de tristeza, desesperança e isolamento e por fases de atividade frenética e de euforia desmedida. Na linguagem figurada de *O Globo*, a categoria nosológica não é usada para assinalar depressões e exaltações anormais de humor – indica, antes, uma oscilação entre um quadro atípico de mau humor (ainda que associado a fatores bastante concretos) e o usual bom humor carioca (presumidamente inabalável). Delineia-se assim, um *self normativo*, cujo modelo superior de humor funciona, tradicionalmente, como parâmetro para avaliar padrões de condutas e atitudes, para identificar os ranzinzas, os desmancha-prazeres, os enfermos e os mau sujeitos[...] (FREIRE FILHO, 2015a, p.411).

Este *self normativo* que balizou a alegria do brasileiro em momentos mais conservadores como o da Ditadura Militar, é colocado em contraste com estes quadros atípicos de mau humor, resultando em uma construção retórica que vai se intensificar nos últimos anos. Seria esta construção uma tentativa de passar a mensagem de que a alegria brasileira está ameaçada?

O discurso jornalístico presente nas capas das principais revistas semanais do país, como *Veja* e *Isto É*, que antecederam a abertura do processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, é constituído de operadores retóricos que evocam a desconstrução do estereótipo do brasileiro feliz calcados em emoções reativas a rupturas de um estado harmônico (EKMAN, 2011).

Capas escuras, letras em vermelho, fotos manipuladas para deixar os personagens mais sombrios e manchetes que reproduzem gritos de guerra de manifestações pró impeachment dão o tom emocional com o qual o receptor deve consumir as informações. A revista *Veja* de 12 de março de 2016 estampou uma foto do ex-presidente Lula com expressão raivosa, acrescida de manipulação digital que lhe confere um cabelo de medusa (em alusão à criatura da mitologia grega morta pelo herói Perseu) para expressar uma suposta irritação do presidente com as investidas da Operação Lava Jato. Em sua edição de 1º de abril de 2016, a revista *Isto É* utilizou uma foto de Dilma Rousseff gritando durante um jogo do Brasil registrada na Copa de 2014 para ilustrar o que seria um suposto descontrole emocional da presidente com assessores e aliados frente ao cenário hostil que se agravava com as chances de impeachment. A mesma revista já havia utilizado, uma semana antes, em 23 de março de 2016, fotos em preto e branco de Dilma e Lula com semblantes infelizes. A

composição era acompanhada da manchete “Basta!”, convidando o leitor a um estado de indignação (figura 24).

FIGURA 24 - Capas raivasas



Fonte: Revistas *Veja* e *Isto É*²⁹.

À Dilma e Lula não apenas são atribuídas emoções que rompem com o estereótipo do brasileiro feliz, como são conferidas características vilanescas, que os colocam em oposição direta ao arquétipo do herói.

Ao mesmo tempo em que recorreram à desconstrução da alegria brasileira para falar do governo petista, as mesmas revistas seguiram um caminho diferente para abordar a possibilidade de o País ser governado pelo vice-presidente Michel Temer, do PMDB. Ainda em novembro de 2015, a revista *Veja* estampou o rosto de Temer com expressão serena e um leve sorriso, acompanhado da chamada “O Plano Temer”. Meses antes, em julho de 2015, a concorrente *Isto É* já havia utilizado um estratagema semelhante ao estampar Temer em posição compenetrada, de semblante tranquilo, acompanhado da manchete “A solução Temer”, atribuindo ao vice-presidente um suposto papel de “pacificador” do cenário nacional. As construções imagéticas das duas capas são mais simpáticas, menos sombrias e mais coloridas, portanto, mais condizentes com o estereótipo do brasileiro feliz (Figura 25).

²⁹ Disponíveis em <<http://migre.me/uximh>>. Acesso em: 07/06/2016.

FIGURA 25 - Capas esperançosas



FONTE: Revistas *Veja* de 13/11/2015 e *Isto É* de 29/07/2017³⁰.

Num comparativo direto, podemos inferir que há uma tentativa de regravar o humor dos brasileiros por uma retórica das emoções que construa significados positivos a um possível governo Temer, mais alinhado ao jeito alegre, esperançoso e feliz do brasileiro, em contraste com as emoções de indignação, raiva e repulsa utilizadas nas capas estreladas por Dilma e Lula.

A recorrência a estereótipos para sinalizar uma possível volta da alegria para os brasileiros com um possível governo Temer teve um de seus ápices em um texto de perfil veiculado pela *Veja* em 18 de abril de 2016. Nele, a revista recorre à reconstrução do estereótipo que, segundo Freire Filho (2015b), sempre é alimentado para dar o clima moral que o País deve seguir, atrelado à imagem da “mulher dona de casa e feliz”. Com o título “Marcela Temer: bela, recatada e do lar”, a revista enumera condutas e comportamentos da esposa de Michel Temer que a tornam, sempre na voz de terceiros que a conhecem, uma “mulher exemplar” (figura 26).

³⁰ Disponível em < <http://migre.me/uxinV>>. Acesso em: 07/06/2016.

FIGURA 26 - Marcela Temer: bela, recatada e “do lar”



Fonte: Site da Revista Veja³¹

Uma das passagens do texto sentencia qual é o lugar de Marcela na relação com o marido. Uma posição de “apoio e braço digital”, como mostra o trecho a seguir.

Em todos esses anos de atuação política do marido, ela apareceu em público pouquíssimas vezes. "Marcela sempre chamou atenção pela beleza, mas sempre foi recatada", diz sua irmã mais nova, Fernanda Tedeschi. "Ela gosta de vestidos até os joelhos e cores claras", conta a estilista Martha Medeiros. Marcela é o braço digital do vice. Está constantemente de olho nas redes sociais e mantém o marido informado sobre a temperatura ambiente. Um fica longe do outro a maior parte da semana, uma vez que Temer mora de segunda a quinta-feira no Palácio do Jaburu, em Brasília, e Marcela permanece em São Paulo, quase sempre na companhia da mãe.

³¹ Disponível em <<http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/bela-recatada-e-do-lar>>. Acesso em: 07/06/2016.

Ao mesmo tempo em que enaltece os hábitos “recatados” de Marcela, a matéria busca eliciar a ternura do leitor para os lados “trabalhador”, “marido”, “pai” e “poeta” de Michel Temer, ao que complementa:

Amigos do vice contam que, ao fim de um dia extenuante de trabalho, é comum vê-lo tomar um vinho, fumar um charuto e "mergulhar num outro mundo" - o que ocorre, por exemplo, quando telefona para Marcela ou assiste a vídeos de Michelzinho [filho do casal]³², que ela manda pelo celular. Três anos atrás, Temer lançou o livro de poemas intitulado *Anônima Intimidade*. Um deles, na página 135, diz: "De vermelho / Flamejante / Labaredas de fogo / Olhos brilhantes / Que sorriem / Com lábios rubros / Incêndios / Tomam conta de mim / Minha mente / Minha alma / Tudo meu / Em brasas / Meu corpo / Incendiado / Consumido / Dissolvido / Finalmente / Restam cinzas / Que espalho na cama / Para dormir.

A última frase do texto do perfil afirma: “Michel Temer é um homem de sorte”, possibilitando múltiplas inferências, como a de que Temer tem sorte por ser trabalhador, por ser poeta, por ter uma família de valores tradicionais, e por ter uma mulher como Marcela.

Freire Filho (2015b) lembra que o cenário político suscitado pela primeira onda feminista, ainda no século XIX, teria impulsionado o discurso de afirmação da felicidade como um bem emocional e econômico dos lares da classe média, em que a esposa alegre representaria a oposição às novas militantes infelizes e raivosas da época. No século XX, revistas dos anos 50 retratavam a realização da mulher no papel de esposa e de dona de casa.

Sessenta anos depois, como nos mostra a revista *Veja*, as donas de casa permanecem nas representações midiáticas ditas conservadoras como um ideário a ser alcançado, caracterizando o *self* normativo do estereótipo da esposa submissa e feliz.

Em suas pesquisas, Freire Filho (2015b) trouxe à tona que o estereótipo da dona de casa feliz permeia a linha editorial de *Veja* já há algum tempo. Ele cita reportagens e artigos publicados pela revista que estabelecem um paralelo entre as conquistas femininas ao mesmo tempo em que aponta quedas da felicidade das mulheres ao longo do tempo. Dentre as hipóteses da revista para tal fenômeno, Freire Filho destaca a seguinte.

Se, na década de 1950, as preocupações giravam em torno do âmbito doméstico e das questões de beleza, hoje fatores como ‘ter sucesso no trabalho’, ‘contribuir para a sociedade’ e ‘ser uma líder na minha comunidade’

³² Grifo do autor

se tornam fundamentais, sem que as demandas antigas deixem de ser relevantes (FREIRE FILHO, 2015b, p.12).

A estratégia de *Veja* recorrer a estereótipos para eliciar o clima emocional em torno de Marcela Temer, no entanto, encontrou resistência nas redes sociais. O tom estereotipado do perfil sobre a esposa do então vice-presidente foi recebido com ironia, indignação e acusações de misoginia e sexismo por parte de ativistas feministas. Internautas criaram *memes*³³ e uma página no *Tumblr* para mostrar, em claro tom de deboche, suas versões nada conservadoras do que seriam as mulheres “belas, recatadas e do lar” dos tempos modernos (Figura 27).

FIGURA 27 - *Tumblr* em “homenagem” à Marcela Temer



Fonte: tumblr *recatada e do lar*³⁴

A aparente falta de adesão ao regramento emocional proposto pela *Veja* no caso da matéria do perfil de Marcela Temer demonstra que há uma contra força de significações operando no imaginário coletivo brasileiro. A própria *Veja* noticiou os *memes* em seu site, mas dando a entender que parte do que foi construído na narrativa de perfil era uma ironia³⁵, mas que “compreendia a divergência de opiniões e de manifestações nas redes sociais, classificando tudo como manifestações de bom humor”, como mostra o texto a seguir:

³³ Conceito atribuído a materiais recriados e compartilhados nas redes sociais.

³⁴ Disponível em <<http://belarecatadaedolar.tumblr.com/>>. Acesso em: 07/06/2016.

³⁵ Disponível em <<http://migre.me/uxir8>>. Acesso em: 07/06/2016

Há quem considere que a reportagem endossa o modo de vida de Marcela Temer, e é machista. Outros leram a ironia. E outros ainda simplesmente aproveitaram o título para fazer humor. A interpretação é livre.

As opiniões divergentes e polarizadas sobre o cenário político e econômico e a resistência ao estabelecimento de crenças, regras e padrões de comportamento passam pelo poder disseminador das redes sociais como um reduto de construções diversificadas que estão dispostas a questionar, seja pelo humor ou pelo discurso combativo, uma retórica midiática que faz uso de estereótipos para eliciar emoções de forma persuasiva. Nesse sentido, Freire Filho (2015a) define a internet como um “recanto de anônimos ressentidos”. Para o autor,

[...] a internet parece ter escancarado aversões latentes a “sentimentos feios” (NGAI, 2005) encobertos, costumeiramente, pelas máscaras sociais da alegria brasileira. Redes sociais virtuais – concebidas para o compartilhamento de memórias aprazíveis, instantes festivos, mensagens e produtos “inspiradores” – acabam servindo, também, para dar vazão a um volume notável de comentários e testemunhos raivosos que escapam, inteiramente, da proposta de contágio emocional positivo. Facebook, Youtube e outras plataformas da felicidade *on-line* se convertem, amiúde, em caixas de ressonância da fúria de legiões de consumidores e cidadãos revoltados (FREIRE FILHO, 2015a, p.414).

Se ao longo do século XX os meios de comunicação de massa exerciam um papel soberano na construção do clima emocional brasileiro por meio dos estereótipos, hoje os mesmos meios tentam se adaptar à voz dada ao receptor desde a massificação da internet e do advento das redes sociais.

Campo da informação e da desinformação, onde a verdade, a mentira e os contraditórios ganham mesmo peso e mesma medida, como já alertado por Andrew Keen (2009), a internet, em sua dinâmica com os meios tradicionais de comunicação de massa, tornou-se uma força contrária aos regramentos da grande mídia, originando um vasto campo de estudos na desconstrução e também reconstrução de imagens, mitos, utopias e estereótipos.

Ao mesmo tempo, esta dinâmica expôs este *modus operandi* midiático que tenta regar o humor da população pela construção e desconstrução de estereótipos, um processo que inevitavelmente incorre em estratégias retóricas específicas que merecem atenção nesta pesquisa, o que será revisto posteriormente.

3 O IMPÉRIO DO MEDO

Segundo Paul Ekman (2011), nenhuma emoção foi tão estudada quanto o medo. O interesse por este estado natural de alerta, que é acionado quando o organismo se depara com uma possível situação de desconforto, dor e, em último caso, aniquilamento, talvez se explique por ser o medo uma emoção que nos condicionou a respostas físicas e psíquicas que praticamente determinaram nosso modo de vida na atualidade (DAMÁSIO, 2000).

Da sociologia à neurociência, passando pelas ciências do comportamento e da comunicação, o medo e suas consequências originou os sistemas que regem o convívio social tanto no ocidente quanto no oriente. Como apontado por Bauman (2009), os medos modernos tiveram início no que ele chama de “consequências individualistas da redução do controle estatal”. Foi quando uma capacidade imemorial de estabelecer empatia pelo outro passou a ser substituída por laços artificiais embasados na competição. A inquietação sobre a ameaça constante que compõe o ambiente competitivo teria, na visão do autor, colocado o mundo em uma espiral de fobias em relação ao outro, ao que é diferente e ao que é estranho. Esta tensão constante, ao mesmo tempo em que é a consequência, é o combustível da sociedade do medo em uma relação cíclica de retroalimentação. Ela nos impulsiona a colocar limites e fronteiras, a erguer muros e barreiras, sempre nos afastando de qualquer oportunidade de conhecer mais a fundo o que foge à zona de conforto delimitada por nossa rede de crenças.

É o medo que determina como deve ser a arquitetura das cidades, como devemos nos locomover, no que devemos investir, que roupa devemos usar e até que comportamentos devemos adotar. Determina também quais devem ser as prioridades políticas e econômicas, pois frente a qualquer ameaça à segurança social, o medo é eliciado nas narrativas e construtos simbólicos que visam promover a integração da sociedade. É a emoção que, ainda compartilhando da visão de Bauman (2009), pode gerar uma infinidade de lucros políticos e comerciais quando colocada em antítese a promessas que prometem segurança. Para o autor,

A segurança pessoal tornou-se muito importante, talvez o argumento de venda mais necessário para qualquer estratégia de *marketing*. A expressão “lei e ordem”, hoje reduzida a uma promessa de segurança pessoal, transformou-se num argumento categórico de venda, talvez o mais decisivo nos projetos

políticos e nas campanhas eleitorais. A exposição das ameaças à segurança pessoal é hoje um elemento determinante na guerra pelos índices de audiência dos meios de comunicação de massa (incrementando assim o sucesso dos dois usos, político e mercadológico, do capital do medo) (BAUMAN, 2009, p.55).

A sensação de constante ameaça na sociedade competitiva gera dois encaminhamentos possíveis para a psique humana, duas rotas antagônicas, mas que se complementam, as quais Giddens (1989) define como “cultura da segurança” e “cultura de risco”. A primeira serve para legitimar os novos laços de sociabilidade propostos pela sociedade de consumo e a presença da ciência e da tecnologia como caminhos seguros e benéficos, instigando a adesão às instituições, produzidas e produtoras, das grandes estruturas da sociedade. A segunda recobre-se de cautelas ao enfatizar os riscos presentes e futuros à individualidade e à coletividade impostos pelo progresso e sua provável capacidade de minar a existência e nos conduzir a calamidades e problemas de difícil solução, senão com o próprio apocalipse, dando novos e mais sombrios contornos aos medos arquetípicos (BARTOLLI FILHO, 2013).

A dinâmica de ora amedrontar e ora oferecer segurança vai colocar em funcionamento a roda de consumo através da mídia. No papel midiático, este jogo duplo se divide entre o jornalismo e a publicidade, cabendo ao primeiro geralmente ser o portador das más notícias, e à segunda a apresentação das soluções disponíveis a quem pode pagar para evitar o pior. Esta dinâmica “solução-ameaça” está presente principalmente nas mensagens estereotipadas.

Existem mensagens estereotipadas que trazem a ameaça latente de expulsão do paraíso, de exclusão do reino da felicidade. Ocorre frequentemente nas mensagens publicitárias. Dizem que no fundo de cada comercial existe uma ameaça. É verdade. Se todos os anúncios são uma promessa de felicidade para aqueles que aderem a eles, são, também, explícita ou implicitamente, uma ameaça de desgraça ou de infelicidade para aqueles que não o seguem (FERRÉS, 1998, p.142).

Nesta dinâmica, a indústria e o comércio de alimentos, de medicamentos, de planos de saúde, de seguros, e até “da fé” se fortalecem por estarem constantemente desenvolvendo novos produtos ou serviços que tentam remediar aquilo que nos ameaça e causa temor. A publicidade recorre frequentemente ao medo para elaborar discursos e criar novas necessidades ao invés de resolver ou solucionar as já existentes. A partir do temor induzido pelas ameaças, sejam elas implícitas ou

explícitas, o receptor tende a aceitar as soluções apresentadas, mesmo que seja “pela dúvida” (FERRÉS, 1998).

Estas soluções instalam-se então como verdades no crençário coletivo ao ponto que, quando se tornam indisponíveis, o medo novamente é alimentado, formando uma espiral de ameaças que se apresenta como porta de entrada para outras emoções, como a raiva, a tristeza e o ódio.

Algumas fobias sociais como a xenofobia e a homofobia sofreram uma ressignificação neste sentido. Hoje são encaradas como sinônimos de “rejeição” e “ódio” a estrangeiros e homossexuais respectivamente, mas a origem das duas palavras não está calcada nestes sentimentos, e sim na palavra “fobia”, que significa “medo exagerado” e “aversão”.

Buscar soluções àquilo que nos ameaça é um processamento mental que muitas vezes irrompe em formulações racionais, mas que se inicia indiscutivelmente no inconsciente. Freud (1930) constatou que a base de todas as nossas pulsões instintivas está calcada na busca pelo prazer e na fuga dos estímulos de dor e desconforto. Instintivamente estamos em busca de soluções que nos levem ao primeiro estado e que nos mantenha distantes do segundo. Damásio (2000) destaca uma provável inter-relação entre os estados de dor, prazer, e as emoções que os acompanham. Dessa forma,

São estados fisiológicos diferentes e assimétricos, que fundamentam qualidades perceptivas distintas, destinadas a auxiliar na solução de problemas muitíssimo diversos. [...] A dor vincula-se a comportamentos como retirada ou paralisação. O prazer, por outro lado, vincula-se a recompensa e a comportamentos como o de busca de aproximação (DAMÁSIO, 2000, p.107-108).

Ekman acompanha esta percepção ao esclarecer que as emoções, em especial o medo, “normalmente ocorrem quando sentimos, justificadamente ou por engano, que algo que afeta seriamente nosso bem-estar, para melhor ou pior, está acontecendo ou prestes a acontecer” (EKMAN, 2011, p.36).

Entre as reações mais comuns e observáveis na natureza do medo, Damásio (2000) destaca quatro comportamentos instintivos possíveis desencadeados por esta emoção: fuga, agressão, paralisia e isolamento. O medo seria decorrente da saída da zona de conforto, uma emoção cuja funcionalidade é servir de alerta ao organismo que a sente sobre um perigo iminente. É o dispositivo que diz ao organismo que algo deve ser evitado e, em última instância, aniquilado.

Frente ao perigo, a emoção do medo é recorrentemente a primeira, mas não é a única a ser sentida. Sequer conscientizamos a reação emocional inicial, como observa Tomkins (apud EKMAN 2011), pois podemos não perceber que ficamos amedrontados, conscientizando apenas a raiva que foi despertada em resposta ao medo para provocar uma resposta reativa ao estímulo.

Se não ficarmos paralisados ou fugirmos, a outra reação mais provável é ter raiva de quem nos ameaçou. Não é incomum vivenciar o medo e a raiva em rápida sucessão. [...] Se a pessoa que nos ameaça parece ser mais forte, tenderemos a sentir medo em vez de raiva; mas ainda podemos, em algum momento, ou depois de escapar, ter raiva da pessoa que nos ameaçou. Também podemos ter raiva de nós mesmos por sentirmos esse medo, se acreditarmos que poderíamos lidar com a situação. Pelo mesmo motivo, podemos sentir aversão a nós mesmos (EKMAN, 2011, p.166).

Ao mesmo tempo, Damásio atribui à superação do medo uma prazerosa sensação de alívio. Para ele, “o efeito purificador (catártico) que toda boa tragédia deve produzir, segundo Aristóteles, tem por base a suspensão abrupta de um estado sistematicamente induzido de medo e compaixão” (DAMÁSIO, 2000, p.84). Esta sensação prazerosa de alívio pós-medo explica, em parte, porque muitas pessoas se atraem pela tragédia, uma das razões apontadas por estudiosos do jornalismo para justificar porque existe tanta violência na mídia.

Ekman aponta ainda outro fator que pode acrescentar entendimentos a esta predileção midiática pela violência, que estaria relacionada ao monopólio da atenção que o medo nos exige. Nesse sentido,

Quando sentimos algum tipo de medo, quando temos consciência de que estamos amedrontados, é difícil sentir ou pensar outra coisa por algum tempo. Nossa mente e nossa atenção estão concentradas na ameaça. Quando ela é imediata, concentramo-nos até a eliminarmos, ou, se vemos que não somos capazes disso, nossos sentimentos podem se transformar em pavor. Antecipar a ameaça de dano também pode monopolizar nossa consciência por longos períodos, ou tais sentimentos podem ser episódicos, voltando, invadindo nossos pensamentos enquanto lidamos com outros assuntos. (EKMAN, 2011, p.169)

De fato, a violência é hoje um dos assuntos mais recorrentes dos meios de comunicação de massa. Em um de seus trabalhos acadêmicos de pesquisa de campo, Gerbner (1994) aponta para mais de 4.500 programas ficcionais e não-ficcionais com medições de cenas violentas, sendo as crianças e jovens classificados como os públicos mais vulneráveis ao que chamou de “estado de cultivo”. O pesquisador estima que, aos 12 anos de idade, uma criança da década de 1990 já havia tido contato,

através da TV, com uma média de 8.000 mortes violentas. No estudo³⁶, Gerbner constatou que, em cada dez programas televisivos, oito apresentavam como tema a violência.

No Brasil, apesar de não haver levantamentos neste sentido, a Unicef³⁷ realizou uma série de estudos sobre o papel da mídia no aumento da violência entre os jovens brasileiro, onde questiona a competência dos meios para tratar do problema, o que geralmente é feito de forma superficial, sensacionalista e descontextualizada, visando somente ampliar um leque de atrativos em detrimento da função social educadora dos meios de comunicação.

Em outras frentes, inúmeras pesquisas na área da psicologia e do comportamento humano já estudaram os efeitos da violência na cognição. Margaret W. Matlin (2004) revela que “numerosos estudos têm concluído que a violência na mídia causa impacto no índice de agressão das crianças”. Bushman (1998) realizou outros estudos, concluindo que a violência na televisão intensifica a raiva, e que esta reduz a memória. Outros pesquisadores, como Levine e Burgess (1997) também concordam que a raiva gerada pelos construtos violentos impacta no funcionamento cerebral e torna a memória menos exata.

Questionar os efeitos da informação violenta no espectador torna-se, então, uma premissa que deveria transcender a justificativa simplista do jornalismo de que “as pessoas têm o direito de saber o que acontece” (TRAQUINA, 2005).

Vale lembrar que a emoção possui uma função sistêmica nos organismos dotados de tal recurso, que, segundo Damásio, ocorre em duas circunstâncias.

”Primeiro, quando um organismo processa determinados objetos ou situações por meio de um de seus mecanismos sensoriais – por exemplo, quando tem a visão de um rosto ou lugar conhecido. Segundo, quando a mente de um organismo evoca certos objetos e situações e os representa como imagens, no processo de pensamento – por exemplo, ao lembrar-se do rosto de um amigo e do fato de que ele morreu recentemente” (DAMÁSIO, 2000, p.73-74).

Conforme já citado anteriormente, a violência elicia emoções que nos colocam em possíveis estados de ação. Quando nos deparamos com um estímulo que nos aterroriza por seu grau de periculosidade o inconsciente nos impele a buscar soluções para a sensação de insegurança. Fugir, por exemplo, exige um nível de agressividade

³⁶ Estudo realizado entre 1992 e 1993, e publicado em 1994 na *University of Pennsylvania's Annenberg School for Communication*.

³⁷ Fonte: UNICEF. Disponível em <http://www.unicef.org/brazil/pt/Cap_04.pdf>. Acesso em 20/10/2013

para que o corpo se coloque em disparada (EKMAN, 2011). Caso a possibilidade de fuga não esteja disponível, esta agressividade pode ser intensificada e direcionada à destruição do objeto/situação/autor do estímulo. No entanto, não somos completamente reféns deste processo se dispomos de uma rede de crenças rica em possibilidades de resolver situações ameaçadoras. Da mesma forma, se somos paralisados por crenças limitantes ou pela ausência de crenças possibilitadoras, o inconsciente pode, em última instância, desligar os canais perceptivos. É nesse momento que entra em ação o desmaio. Fica assim subentendido que, quando se altera o crençário, se altera o leque de respostas inconscientes às emoções.

Como visto anteriormente, para a parte inconsciente da mente, não há diferenças entre o vivido e o imaginado, bem como não há diferenças entre presente, passado e futuro (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990). É um banco de dados que serve à psique para gerar respostas frente a qualquer formação mental. Isto quer dizer que, numa escala social, a atenção massiva das pessoas que consomem os *mass media* está sucessivamente sendo colocada em estados de alerta pela eliciação do medo.

3.1 ANTROPOLOGIA DO TERROR

Em um cenário macrocósmico, a exemplo do que nos mostra Morin (2005) em sua Teoria da Complexidade, a violência, enquanto método ou ato de rompimento de estruturas ordenadas, integra a história natural do universo. É da destruição provocada pelo Big Bang na origem do cosmos que surgiram as galáxias e os planetas. Na natureza terráquea não é diferente. Ciclos violentos de destruição como vulcões, terremotos e maremotos fazem sucumbir o velho para gerar e fazer florescer o novo.

Mas o sentido que emerge da palavra violência nesta pesquisa está mais vinculado ao comportamento humano, um ato ou efeito de provocar rupturas, avarias ou intimidação. Uma violência que pode ser física, moral ou psíquica, desencadeada pela imposição de um indivíduo sobre outro, seja pelo uso da força ou da persuasão. A palavra deriva do latim "*violentia*", que significa "veemência, impetuosidade". Mas na sua origem está relacionada com o termo "violação" (*violare*).

Edgar Morin (2005) detecta a violência como fruto da *hubris* inerente ao complexo humano, é tudo aquilo que passa da medida, um descomedimento de ações e acontecimentos que ignora as vontades do outro e torna-se, assim, uma ameaça

física ou psíquica. O medo então manifesta-se como principal mecanismo de alerta do organismo ante o perigo eminente da violência.

Em uma analogia entre o microcosmos dos indivíduos e o macrocosmos do corpo social, sob o prisma do organismo sociológico, a função de alerta que o medo exerce no corpo físico é desempenhada pelo jornalismo no corpo social. Uma das teorias de comunicação é conhecida como Teoria Funcionalista justamente por, entre outras funções, atribuir ao jornalismo e aos *mass media* o papel de alertar sobre as ameaças de violência que pairam no sistema social (Wolf, 2005).

O fascínio sensacionalista do jornalismo por eventos de natureza violenta ainda é um dos objetos de pesquisa mais explorados pelos investigadores das áreas sociais. Na França, teóricos de diferentes linhas culturológicas como Guy Debord (2003) e Jean Baudrillard (1997) convergem no entendimento de que a espetacularização dos fatos cotidianos e da violência tem um claro objetivo de gerar comoção. Um estado de alerta que requer solução rápida e imediata, um prato cheio, segundo estes teóricos, para inserir hábitos de consumo no cotidiano das pessoas.

Alguns teóricos mais positivistas defendem que trazer a violência à tona pode levar a população a uma catarse que se transmute em transformação social. Já os negativistas destacam a banalização da violência meramente como um atrativo de entretenimento que distrai e idiotiza os indivíduos para que se amedrontem e encontrem no consumo alívio imediato, mantendo, assim, a máquina do sistema capitalista ativa e em movimento (BAUDRILLARD, 2003).

No Brasil, o estudo do medo e suas reverberações midiáticas atestam como esta emoção específica ajudou na construção do imaginário coletivo brasileiro. Claudio Bertolli Filho (2012) faz um resgate sobre o comportamento da mídia no início do século XX, com a chegada da gripe espanhola em 1918. O clima emocional de histeria coletiva proporcionado pelos construtos simbólicos da época resultou, segundo o autor, em verdadeiras histórias de horror entre a comunidade paulistana, fazendo da mídia uma geradora e fixadora de um senso comum hostil e perigoso para as gerações futuras. Segundo o autor,

Neste processo, cientistas e comunicadores, mediante o uso de estratégias discursivas diferentes, mas mesmo assim convergentes, afloram como coautores de um enredo que, ao alimentar os medos coletivos, permitem a constituição do que pode ser denominado “antropologia do terror” (BERTOLLI FILHO, 2012, p.20).

Alimentada pela mídia em seu papel de gerar e fixar um “conhecimento comum”, a antropologia do terror referida por Bartolli Filho (2012) aderiu ao crençário coletivo brasileiro, sendo repassada através de gerações como tradição da cultura nacional.

Como tradição cultivada, a percepção de um futuro catastrófico busca argumentos comprobatórios na história e na ciência contemporânea para realizar-se enquanto um discurso afinado com a pós-modernidade e, portanto, convincente. Assim, o tradicional e o moderno são conjugados na arquitetura imaginária do futuro que, em data incerta, poderá levar a humanidade a deixar de existir (BERTOLLI FILHO, 2012, p.34).

A renovação de velhos mitos carece da história para se atualizar. A ameaça da gripe espanhola foi sucedida pela ameaça da sífilis, da AIDS, da dengue, da gripe suína, da gripe aviária, e mais recentemente, do Zika Vírus. Nesse processo, o futuro apocalíptico deixa de ser um argumento religioso para reverberar no mundo científico e desaguar no grande público sob a chancela dos meios de comunicação, incutindo uma ameaça constante e estabelecendo o império do medo no imaginário coletivo.

Jacques Wainberg atribui a esta predileção pelo terror uma origem quase instintiva e vocacional da mídia. Seria uma maneira de chacoalhar o espírito humano frente a uma apatia social perante a enxurrada de informação disponível nos meios. O autor aponta que

O jornalismo faz o que faz porque, afirma sua autoestima, vigia o ambiente em nome do público. Alerta as pessoas sobre o que os ameaça, mas passa despercebido. Aos olhos da mente, para esse tipo de demanda por sobrevivência, a guerra é mais palatável que a paz. O mal, ao bem. O bandido, ao mocinho. Nesses casos, circunstanciais de perigo iminente, a informação acaba sendo desejada porque seu efeito terapêutico é diminuir a incerteza. Por isso mesmo, nos dias de crise, os jornais esgotam suas tiragens, e os olhos não desgrudam da televisão (WAINBERG, 2010, p.139-140).

A constante eliciação do medo trouxe consequências na vida globalizada e hipermediatizada. Mostrou-se uma porta de entrada para ideologias e utopias que anseiam solucionar as desgraças do cotidiano, ao mesmo tempo em que deu receptividade ao terrorismo e outros extremismos que assombram o mundo. As cargas ideológicas mais extremistas encontraram vazão às suas mensagens na antropologia do terror, e cresceram como movimentos distópicos em escala global por conhecerem o afã midiático pela violência (WAINBERG, 2015a).

Podemos usar como exemplo a consequência dos atentados de 11 de setembro na aprovação das políticas bélicas do governo de George W. Bush. O uso do

medo sob o argumento de defender a liberdade da América validou a invasão do Afeganistão e do Iraque sob o pretexto de agir antes de ser atacado. O alvo seriam os inimigos iminentes que, supostamente, patrocinavam o terrorismo e desenvolviam armas químicas para atentar contra o modo de vida dos americanos.

Bush argumentou que a defesa da liberdade se fazia necessária pelo ataque antes do ataque, política bélica que ganhou apoio de mais de 86% da população americana³⁸ logo após seu anúncio.

Em seu primeiro discurso após os atentados, o ex-presidente norte-americano disse que “a liberdade e o medo estavam em guerra”, e que “nossa nação (os EUA) vai eliminar a sombria ameaça de violência que pende sobre nosso povo e nosso futuro. Atrairamos o mundo a apoiar nossa causa por meio de nossa coragem. Não esmoreceremos, não hesitaremos e não fracassaremos”³⁹. Percebe-se a tentativa de atribuir um novo significado à palavra “coragem”, neste caso uma virtude atribuída aos países que apoiassem a política de ataque. Uma busca de legitimação a uma ideologia belicosa, de ataque, pela eliciação do medo. Uma resposta ao estímulo emocional gerado pelos atentados ao WTC, que sacramentou a violência como um resultado direto do terror, e o terror como resultado direto da violência.

A ancoragem do medo nos discursos de Bush implica em uma mistura de palavras e orações de diferentes significados em um mesmo campo semântico. Em seus discursos para a mídia, Bush foi incansável ao associar as orações “iniciativas bélicas” com “medidas preventivas”, “coragem” e “liberdade”. Ao mesmo tempo, colocou palavras como “terrorismo”, “medo”, “eixo do mal” e “inimigo da América” em campos semânticos compartilhados com “Saddam Hussein” e “Iraque”.

Se o medo é um dispositivo de alerta que obrigatoriamente implica em padrões de comportamento reativos e inconscientes, que nos condiciona a um estado de reação física e psíquica dentro de um leque limitado de possibilidades, podemos dizer que o medo é a porta de entrada para a ausência de fé da parte inconsciente da mente em relação às nossas capacidades conscientes de tomar decisões. Representa uma ausência de fé do indivíduo em si mesmo. Por não acreditar em boas decisões do consciente para preservar a vida física e psíquica, o inconsciente entra imediatamente em ação e propõe as quatro reações básicas de paralisia, fuga, agressão e apatia a

³⁸ Segundo notícia publicada pela Folha de São Paulo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u29060.shtml>>. Acesso em 14/09/2001 e em 25/08/2014

³⁹ Discurso de Bush na íntegra disponível em <<http://migre.me/uxivi>>. Acesso em 25/08/2014

qual Damásio (2000) se refere. Se tal premissa for verdadeira, podemos concluir que uma pessoa sem fé em si mesma é prisioneira do medo e da limitação comportamental imposta pelas reações instintivas a que ele recorre.

Se é possível afirmar que a mídia é capaz de inculcar medo nas pessoas através de conteúdos violentos, também é possível afirmar que nem todo conteúdo violento surte tal efeito. Muitas vezes a violência desperta raiva, tristeza, e até alegria, dependendo de quem for o alvo do ato violento. A reação vai variar em parte devido à carga cognitiva subjetiva do sujeito receptor, em parte pela forma como o construto simbólico é concebido pelos emissores.

Na parte que compete à cognição já vimos como metaprogramas inatos podem entrar em simbiose com o empírico do sujeito para gerar reações específicas, seja obedecendo enredos arquetípicos ou recorrendo aos preconceitos estereotipados construídos a partir das omissões, generalizações e distorções inerentes ao pensamento humano.

Logo, nos falta averiguar a forma como os construtos simbólicos são produzidos. Analisar a construção do contexto para gerar efeitos emocionais torna-se então um dos objetos centrais para entender como a forma das expressões determinam os conteúdos que vão gerar significados, o que veremos no capítulo a seguir.

4 LINGUAGEM, RETÓRICA E EMOÇÕES

Lev Semenovich Vygotsky (1999) dedicou seus anos mais produtivos às áreas da psicologia evolutiva, educação e psicopatologia. Em 1924, em Moscou, já estudava os efeitos da linguagem na formação das estruturas profundas da psique humana. Apesar de identificar origens diferentes entre pensamento e linguagem, Vygotsky acreditava que aos dois anos de idade as trajetórias dos dois processos se encontram para atuar diretamente na formação de conceitos sobre o mundo.

Assim como no reino animal, para o ser humano pensamento e linguagem têm origens diferentes. Inicialmente o pensamento não é verbal e a linguagem não é intelectual. Suas trajetórias de desenvolvimento, entretanto, não são paralelas - elas cruzam-se. Em dado momento, a cerca de dois anos de idade, as curvas de desenvolvimento do pensamento e da linguagem, até então separadas, encontram-se para, a partir daí, dar início a uma nova forma de comportamento. É a partir deste ponto que o pensamento começa a se tornar verbal e a linguagem racional. Inicialmente a criança aparenta usar linguagem apenas para interação superficial em seu convívio, mas, a partir de certo ponto, esta linguagem penetra no subconsciente para se constituir na estrutura do pensamento da criança (Vygotsky, 1999, p.03).

Para a neurociência, o pensamento é fruto do complexo sensação-emoção-razão, e a transposição deste complexo para a linguagem passa pelo que Aristóteles (2013) chamou de retórica. Falar em retórica significa versar sobre “efeitos de persuasão”. Para os neurocientistas, a retórica é a propriedade linguística que cria as condições de emocionalidade para a interpretação do discurso. É ela que cria o contexto e dá o clima para a interpretação dos atos de fala. Costa (2007) infere que qualquer enunciado implica em um contexto inserido em uma sentença. E se há contexto, por mais sutil que se represente, há emoção. Contexto, portanto, é aquilo que interfere sobre a forma para impactar no conteúdo.

Como a Retórica mais típica é aquela em que se identifica o processo de convencimento de B, indivíduo ou audiência, pela força de expressão de A, indivíduo, por exemplo, o diálogo seria, também aqui, o padrão de estudos retóricos. A formulação argumentativa poderia, então, ser assim sistematizada: dada uma perspectiva de Pragmática como teoria do significado dependente de contexto, como teoria do enunciado, onde, a partir do dito mais propriedades contextuais, são derivadas inferências, se a Retórica é a disciplina que investiga um de tais contextos, aquele que examina o impacto da forma do dito sobre o conteúdo, então ela é justamente uma subteoria da Pragmática. E, se o entendimento de uma porção discursiva, como um diálogo, por exemplo, depende dos efeitos retóricos cujas inferências caracterizam o significado

complexo, então a Retórica é a subparte que examina tal complexidade (COSTA, 2007, p.11).

A esta complexidade que constitui os significados, Costa (2007) recorre ao conceito aristotélico de uma estrutura tripartite entre *Logos*, *Ethos* e *Pathos*, sendo *Logos* a proposição base; *Ethos* as intenções do falante que identificam seu caráter; e *Pathos* o contexto emocional, favorável à persuasão. A retórica, assim, representa o *script* emocional disparado pelas várias formas do dito e do inferido em um diálogo que transpassa esta estrutura. É essencial para a formação do mapa cognitivo e das crenças que determinam, de maneira subjetiva, o certo e o errado, o bom e o mal, o feio e o bonito, o que é seguro e o que é temível, entre tantas outras dualidades que polarizam comportamentos e regram o senso comum.

Podemos intuir, portanto, que o estudo das emoções na comunicação implica também em um estudo de retórica. Isto nos permite compreender o que é dito somado ao que está implícito nos atos de fala, pois é a retórica que provoca o clima para a significação, enquanto as emoções suprem possíveis faltas de argumentos da razão. Ou seja, o dito é apenas a ponta do iceberg das inferências possíveis diante dos atos de fala (COSTA, 2007).

Esta constatação expõe o óbvio de que a potencialidade retórica está ligada às emoções tanto de quem se comunica quanto de quem recebe a comunicação. Os interlocutores precisam compartilhar não apenas os códigos escritos e formais da linguagem, mas também o *ethos* que compõe o contexto da comunicação.

Lúcia Santaella (2005) subdivide a linguagem em três matrizes que a constituem. A matriz verbal, que abrangeria as palavras que escolhemos; a matriz sonora, onde aplicamos tom de voz, volume, sotaque e outras oscilações sonoras; e a matriz corporal, que são os movimentos corporais e expressões faciais. A completude destas três matrizes e suas possíveis combinações resulta em operadores retóricos que ajudam o indivíduo a transmitir seus pensamentos, emoções e sentimentos em processos comunicativos complexos.

Portanto, para efeitos de análise desta pesquisa, assumiremos que a retórica é o princípio mais forte do processo comunicativo, uma vez que pretende conectar o ambiente emocional entre emissores, receptores e/ou interlocutores, que pode persuadir ao colocar os indivíduos em determinado estado emocional de forma a acionar ou, em muitos casos, reprimir estados empáticos.

A retórica da qual tratamos é universal. Pode ser compreendida pelos animais. Quando um humano esbraveja com um cão ele entende a emocionalidade reprovativa, apesar do conteúdo da fala na maior parte das vezes ser incompreensível aos ouvidos caninos.

Já a retórica enquanto subárea da pragmática, que estuda os significados a partir do contexto, apresenta mais de 300 operadores retóricos, figuras de linguagem que desempenham o papel de atribuir emoção ao discurso. “Se o argumento é o prego, a figura de linguagem é o modo de pregá-lo” (REBOUL, 2004, p.113), ou seja, são as figuras que vão dar forma à transmissão do conteúdo.

Reboul classifica as figuras conforme suas relações com o discurso em que se encaixam, sendo elas as figuras de palavras, como o trocadilho, a rima, que dizem respeito à matéria sonora do discurso; as figuras de sentido, como a metáfora, que dizem respeito à significação das palavras; as figuras de construção, como a elipse ou a antítese, que dizem respeito à estrutura da frase; e as figuras de pensamento, como a alegoria, a ironia, que dizem respeito à relação do discurso com seu sujeito (o orador) ou com seu objeto (REBOUL, 2004, p.114-115).

Estes operadores retóricos sugerem que inferências devem ser feitas sobre o conteúdo, de forma a convencer ou persuadir pela emocionalidade. Se considerarmos que a razão opera mais na parte consciente da mente, e as emoções operam soberanas na parte inconsciente, podemos dizer que a retórica é a parte da mensagem que mais fala ao inconsciente.

Conforme afirma Aristóteles (2011), a retórica da persuasão coloca o indivíduo em um determinado estado emocional de forma a induzi-lo a tomar decisões e formular pensamentos a partir do *ethos* e *pathos* estabelecidos, e não apenas pelo significado semântico do que é dito. É possível enunciar uma única palavra com diferentes cargas emotivas, e são estas cargas emotivas que vão determinar sua significação. A validação de um argumento, portanto, não se dá apenas no conteúdo em si, pois a compreensão da mensagem se completa na emoção.

O sensacionalismo jornalístico, portanto, está carregado de retórica. Bem como o drama das telenovelas, a conversa sobre o clima com o vizinho e até mesmo os textos científicos. Para Pinker (2013), a retórica e seus operadores são tão intrínsecos à linguagem que não existe uma “não retórica”. A retórica zero já é uma ação sobre a forma. Não há neutralidade, pois a não resposta e o próprio silêncio já possuem um

valor retórico. Ou seja, não existe uma não-retórica, mas sim níveis de retórica, assim como não existe ausência de emoções, mas sim níveis de emoções.

O funcionamento específico das mentes consciente e inconsciente trazem muitas explicações que evidenciam a eficiência da retórica na indução de emoções e na aceitação de falácias como argumentos válidos. A neurociência já descobriu que o cerebelo, a parte frontal do cérebro, é dividida em dois hemisférios, por onde a informação circula através do tecido de ligação, o corpo caloso.

Experiências que mediram a atividade de ambos os hemisférios em diferentes tarefas demonstraram que eles têm funções diferentes, porém complementares. O hemisfério esquerdo, geralmente considerado o lado dominante, cuida da linguagem. Ele processa a informação de maneira analítica e racional. O lado direito, conhecido como o hemisfério não dominante, trata a informação de maneira mais holística e intuitiva. Parece também estar mais envolvido na música, na visualização e em tarefas que incluam comparação e mudança gradativa (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.132).

Em cerca de 10% da população (em geral as pessoas canhotas), esta especialização hemisférica é trocada, sendo o hemisfério direito que lida com a linguagem. Há ainda casos de pessoas que têm as funções intuitivas e racionais espalhadas pelos dois hemisférios.

Há indícios de que o lado não dominante também tem capacidades de linguagem, na sua maioria significados simples e gramática elementar. O hemisfério dominante tem sido identificado com a mente consciente, mas trata-se de uma separação simplista. De uma maneira geral, o lado esquerdo do cérebro lida com a compreensão consciente da linguagem, enquanto o lado direito lida com significados simples, de uma maneira inócua, abaixo do nível de consciência (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.132).

O hemisfério direito é sensível ao tom de voz, ao volume e à direção do som: aspectos que podem variar gradativamente (matriz sonora), ao contrário das palavras, que não mudam (matriz verbal). Portanto, ao hemisfério direito cabe sentir o contexto da mensagem, ou seja, a forma, e não o conteúdo verbal. Por ser capaz de assimilar formas simples de linguagem, esta parte do cérebro capta diretamente estas mensagens às quais se dê uma ênfase sonora especial, que driblam o hemisfério esquerdo e raramente são percebidas em nível consciente.

Muitos estudos do fenômeno midiático atribuem à forma de construção das mensagens a responsabilidade pelo grau emotivo que provoca nos receptores e seus efeitos variados. Esta constatação alinha-se ao que Marshall McLuhan (2007) preconizou ainda nos anos 60, quando afirmou categoricamente que “o meio é a

mensagem”. A afirmação atribui ao poder retórico dos meios emissores grande responsabilidade pelos efeitos emocionais e comportamentais desencadeados na grande massa. E é sob este prisma que assumiremos nesta pesquisa que é a retórica da mensagem midiática que dimensiona os fatos. Ou seja, ela não cria os fatos, “mas cria um clima para a interpretação dos fatos”⁴⁰.

Como, nesta pesquisa, o ponto de partida é o pressuposto de que o medo é uma emoção constantemente eliciada pela retórica midiática e que esta predileção tem efeitos na significação e construção das crenças sobre o mundo, cabe avaliarmos que estratégias retóricas são utilizadas para ativar este campo emocional. Para isto, precisamos entender outros mecanismos inatos relacionados às emoções que fazem uso de nossa capacidade imagética para determinar nossos atos de fala e nossas ações sobre o mundo.

Se levarmos em consideração que a comunicação e a linguagem são sistemas, devemos considerar também que são estruturas baseadas em regras. Regras que identificam que sequência de palavras fará sentido para representar um modelo da experiência narrada.

Para Bandler e Grinder (2012), quando um comportamento está criando uma representação, ou quando está comunicando, ele está agindo sob o domínio destas regras. Compreender esta noção é a chave para um entendimento maior do modo pelo qual nós, humanos, usamos a linguagem e nos comunicamos. Para isto, recorreremos aos estudos sobre como o cérebro capta as diferentes formas de linguagem a partir daquilo que Bandler e Grinder denominaram como Metamodelos de Linguagem.

4.1 METAMODELOS

Em suas concepções acerca dos processos comunicativos, Bateson (1987) reconhece que toda comunicação necessita de um contexto, que sem contexto não há significado. No entanto, lembra de que o contexto só confere o significado porque também existe uma classificação de contextos na mente do comunicador.

Aqui é possível estabelecer uma interface entre o pensamento de Bateson e o conceito de semântica de Chomsky (2007), para quem a semântica é uma subteoria

⁴⁰ Anotações do autor nas aulas de Pragmática e Retórica, do Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, ministradas pelo Professor Jorge Campos da Costa entre março e julho de 2013.

linguística que modela descrições e explicações sobre o significado na linguagem humana. Chomsky nos leva a crer que o significado é uma propriedade cognitiva, conceitual, representada por uma expressão referencial completa ou parcial.

O jornalismo, enquanto linguagem com regras específicas, é apenas mais um tipo de mapa ou modelo do mundo entre tantos outros existentes, que propõe resumir ou generalizar experiências de determinados indivíduos, mas ainda baseado num conjunto de significados compartilhados por grupos e classes, porém nunca definitivos ou determinantes.

O Metamodelo é o resultado do trabalho de diversos gramáticos transformacionais como Chomsky, que desenvolveu um modelo lógico/formal para descrever padrões regulares no modo pelo qual comunicamos os modelos linguísticos de nossas experiências sensoriais/cognitivas. O que estes gramáticos fizeram, em verdade, foi criar um modelo formal de nossa linguagem, um modelo de nosso modelo de mundo, ou seja, um metamodelo (BANDLER; GRINDER, 2012).

A semântica geral nos mostra que o código da linguagem utiliza três processos básicos para resumir, explicar e criar conceitos sobre o mundo: generalização, eliminação (ou omissão) e distorção. Já vimos que estas estratégias de estruturação da linguagem nos permitem poupar tempo na hora de transmitir experiências e vivências uns aos outros, preservando-nos de detalhes pouco importantes para as intenções do que se quer contar de fato, e que resultam no surgimento de estereótipos.

Se descrevermos uma sala de aula com 30 lugares, 28 alunos, cinco janelas, seis lâmpadas fosforescentes, um quadro branco, uma mesa para professor, duas paredes cinza, duas brancas com listras beges, 10 tomadas de 110 volts e 3 tomadas de 220 volts, podemos nos considerar ricos em detalhes nesta descrição. E ainda assim, corremos o risco de sermos generalistas demais para um sociólogo – que pode nos acusar de generalizar as pessoas da sala meramente como alunos –, omissos demais para um pedagogo – que pode ainda questionar as subjetividades do professor e dos alunos desta sala –, e distorcidos demais para um engenheiro – que pode cobrar maior precisão na localização de cada objeto citado.

As capacidades de generalizar, distorcer e omitir vão gerar relações semânticas lógicas que Bandler e Grinder vão categorizar em seu livro *A Estrutura da Magia* (2002). Eles lembram que as nossas expressões possuem uma estruturação lógica que independe de significados em sua formação, mas que por outro lado pode impactar na

significação daquilo que queremos dizer por obedecer estas três regras intuitivas de fala, que podem ser estudadas de forma independente do conteúdo.

A linguagem serve como um sistema representativo para nossas experiências. Nossas experiências possíveis, enquanto humanos, são tremendamente ricas e complexas. Se a linguagem é adequada a preencher sua função como um sistema representativo, ela própria precisa fornecer um conjunto rico e complexo de expressões para representar nossas experiências possíveis. Os gramáticos transformacionais reconheceram que abordar o estudo dos sistemas das línguas naturais por meio do estudo direto deste conjunto rico e complexo de expressões tornaria sua tarefa homérica, escolheram estudar não as expressões em si, mas as regras para a formação dessas expressões (sintaxe). Os gramáticos transformacionais fazem a suposição simplificada de que as regras para a formação desse conjunto rico de expressões podem ser estudadas independentemente do conteúdo (BANDLER; GRINDER, 2012, p.46).

Para isto, Bandler e Grinder resgatam conceitos de relações semânticas lógicas, julgamentos coerentes que falantes nativos fazem a respeito das relações lógicas refletidas nas frases de sua língua, ou seja, inferências não sobre o conteúdo, mas sobre a forma na qual o conteúdo é transmitido. Para isto, identificam como ocorre a significação de processos cognitivos na mente humana.

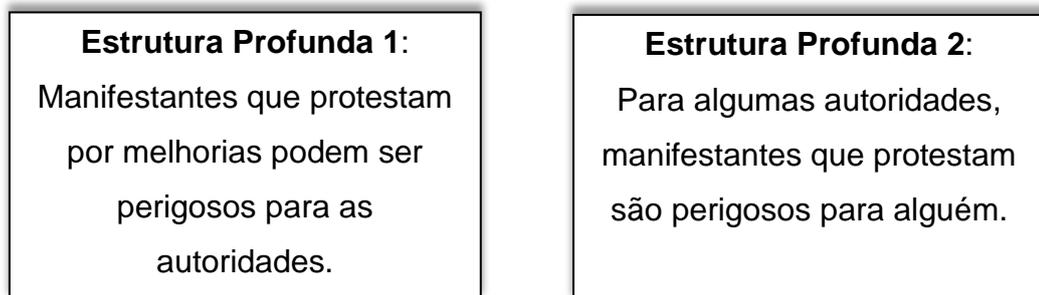
Quando os humanos desejam comunicar sua representação, sua experiência do mundo, formam uma representação linguística completa de sua experiência; isso se chama Estrutura Profunda. Assim que começam a falar, fazem uma série de escolhas (transformações) a respeito da forma pela qual comunicarão sua experiência. Essas escolhas, geralmente, não são conscientes. [...] Nosso comportamento, ao fazer estas escolhas é, entretanto, regular e determinado por regras. O processo de fazer essa série de escolhas (uma derivação) resulta de uma estrutura Superficial – uma frase ou sequência de palavras que reconhecemos como um grupo bem-estruturado de palavras de nosso idioma. Essa Estrutura Superficial em si pode ser vista como uma representação da representação linguística completa – a Estrutura Profunda. As transformações modificam a estrutura da Estrutura Profunda – seja eliminando ou modificando a ordem das palavras – mas, não modificam o significado semântico (BANDLER; GRINDER, 2012, p.60).

Ou seja, Bandler e Grinder entendem que a primeira significação de uma experiência e a constituição linguística da Estrutura Profunda que a representa pode sofrer alterações pelas escolhas inconscientes de generalização, omissão e distorção que o ser humano faz para relatar a experiência através de uma Estrutura Superficial. Graficamente, o processo pode ser visto no esquema da Figura 28.

FIGURA 28 - Estrutura Profunda e Estrutura Superficial

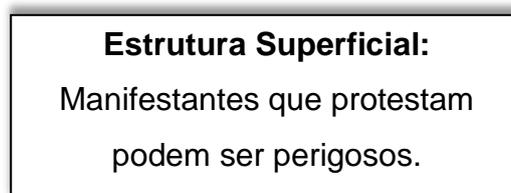
FONTE: BANDLER; GRINDER, 2012, p. 60.

A ideia central desta conceituação é de que as regras inconscientes que regem as escolhas das palavras que usamos para representar nossas experiências com o mundo geram distorções, generalizações e omissões de acordo com o mapa cognitivo dos indivíduos, promovendo uma confusão nos processos comunicativos interpessoais. Por exemplo, vamos imaginar duas Estruturas Profundas parecidas, porém diferentes em seu real significado, como mostra o esquema da figura 29.

FIGURA 29 – Estruturas profundas

FONTE: Elaborado pelo autor.

As duas frases poderiam ser representadas pela Estrutura Superficial do quadrante abaixo (Figura 30), apesar de terem significados diferentes.

FIGURA 30 – Estrutura superficial

FONTE: Elaborado pelo autor.

Agora suponha que a Estrutura Superficial em questão seja uma mensagem de A para B, sendo que A possui em seu mapa cognitivo a Estrutura Profunda 1, enquanto B tem como verdade a Estrutura Profunda 2. A intenção de A é informar sua estrutura profunda, mas ao se utilizar de uma regra inconsciente de síntese para passar sua mensagem, faz com que B entenda a mensagem conforme a Estrutura Profunda 2.

Esse metamodelo seria então uma representação de nossas intuições a respeito de nossas experiências, uma representação explícita de nosso inconsciente governado por regras, dentre as quais a significação por vivências emocionais.

O sistema nervoso que é responsável pela produção do sistema representativo da linguagem é o mesmo sistema nervoso pelo qual os humanos produzem todos os outros modelos do mundo – do pensamento, visual, cinético etc. Os mesmos princípios de estrutura são operantes em cada um desses sistemas. Assim, os princípios formais que os linguistas identificaram como parte do sistema representativo, chamado linguagem, fornece uma abordagem explícita para a compreensão de qualquer sistema humano de modelagem (BANDLER; GRINDER, 2012, p.63)

Para desfazer as confusões de significados e os consequentes desentendimentos provocados pelas estruturas superficiais compartilhadas por mapas cognitivos distintos, Bandler e Grinder atribuíram um desafio a cada um dos doze metamodelos que identificaram. São perguntas específicas que buscam reverter e desmontar as omissões, distorções e generalizações inerentes à linguagem, evitando assim as possíveis construções falaciosas que podem se originar no inconsciente. “Essas perguntas têm como objetivo preencher as lacunas de informação, reformular a estrutura e propiciar informações específicas para tornar a comunicação compreensível” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 107).

Antes de estudarmos cada um dos doze metamodelos, vale lembrar que tanto a conceituação original quanto a aplicação do metamodelo foi idealizada por Bandler e Grinder para fins terapêuticos. O método, inclusive, nasceu da observação que fizeram na forma de trabalhar de dois terapeutas que julgavam excelentes no desenvolvimento de suas atividades: Fritz Pearls e Virgínia Satir, que usavam determinadas perguntas para abordar pacientes, quando estavam colhendo informações, conforme já citado anteriormente.

Porém, O’Connor e Seymour (1990) ressaltam as aplicabilidades diversas dos metamodelos como um método eficaz para desmistificar as qualidades, as deficiências

e as falácias de qualquer comunicação linguística ao lembrar que a linguagem não consegue acompanhar a velocidade, a variedade e a sensibilidade do pensamento.

O povo hanuoo, da Nova Guiné, têm um nome para cada uma das noventa e duas variedades de arroz que possuem. Trata-se de uma questão extremamente importante para a economia do país. Duvido, entretanto, que eles tenham uma palavra sequer para designar hambúrguer, enquanto que em inglês existe pelo menos uma dezena delas. Também temos mais de cinquenta modelos de carros devidamente designados. A linguagem faz distinções sutis em algumas áreas e não em outras, dependendo do que é importante naquela cultura. O mundo é tão rico e variado quanto desejarmos que ele seja, e a linguagem que herdamos desempenha um papel fundamental para direcionar nossa atenção para algumas partes dele, e não para outras (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 104).

Como já visto na conceituação do pensamento sistêmico, as mesmas palavras podem ser âncoras para experiências sensoriais distintas. Da mesma forma, palavras iguais podem eliciar estados empáticos, arquetípicos e estereotipados diferentes. Por isto, o metamodelo apresenta-se como um método potencialmente eficaz para avaliar as estruturas profundas por trás das construções sintáticas e superficiais que os produtores de construtos simbólicos mediados elegem para representar suas intenções. Vejamos a seguir as especificações de cada metamodelo.

4.1.1 Sujeitos Não Especificados

Do ponto de vista gramatical, uma frase bem elaborada não é garantia de clareza. Ocultar o sujeito da frase, por exemplo, é um recurso comum de omissão empregado de forma inconsciente. Dizemos por exemplo que “O carro foi lavado”, em vez de dizer “Fulano lavou o carro”. O fato de termos deixado de fora o nome da pessoa que lavou o carro não significa que ele se lavou sozinho. O lavador continua existindo. Segundo O'Connor, “este tipo de omissão pode pressupor uma visão de mundo no qual a pessoa é um espectador e os fatos simplesmente acontecem, sem que ninguém seja responsável por eles” (O'CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.108).

Portanto, o desafio deste metamodelo é descobrir quem é o sujeito não especificado, o que pode ser esclarecido com a pergunta: **“Quem ou o que exatamente...?”**

As construções frasais abaixo, onde o sujeito está oculto, exemplificam o desafio proposto:

“Eles estão me perseguindo” – *Quem exatamente está te perseguindo?*

“É uma questão de opinião” – *O que é uma questão de opinião?*

“Animais domésticos são uma chateação” – *Que animais domésticos?*

4.1.2 Verbos Não Especificados

Assim como a regra da omissão inconsciente pode ocultar o sujeito, também pode implicar em uma não especificação da ação por trás de um verbo. Vamos observar as seguintes frases:

“Ele me irritou”.

“Ele foi capturado”.

“Estou tentando me conformar”.

“Corrija isto para a próxima semana”.

O metamodelo de verbos não especificados serve para descobrir como exatamente as coisas foram ou serão feitas, exigindo um advérbio que especifique o verbo, o que pode ser alcançado pelo seguinte desafio: **“De que maneira (Como) exatamente...?”**.

Com isto, as frases anteriormente exemplificadas enfrentariam os seguintes questionamentos: “Como especificamente ele te irritou?”, “De que maneira exatamente ele foi capturado?”, “Como especificamente você está tentando se conformar?”, “De que maneira devo corrigir isto para a próxima semana?”.

4.1.3 Comparações

Comparações sem referências também são formas de omissão inconsciente. O’Connor (1990) destaca que a publicidade, inclusive, faz muito uso desta regra, conforme o exemplo abaixo:

“O novo Omo é o melhor sabão para lavar roupas”.

Há uma comparação oculta no exemplo, pois algo não pode ser melhor isoladamente, sem um referencial de comparação. Qualquer construção frasal que use palavras como “melhor” ou “pior” pretende fazer uma comparação. Se o elemento a ser comparado estiver ausente, o metamodelo de comparação pretende esclarecer o que é. O desafio deste metamodelo, portanto, é esclarecer o ponto de comparação com a pergunta: **“Comparado com o quê...?”**.

Em desafio ao exemplo do sabão Omo, poderíamos fazer os seguintes questionamentos: “Melhor sabão em relação a quais outros?”, “Melhor em relação ao tipo de sabão?”, “Melhor do que os concorrentes Ypê e Ariel?”, “Melhor do que sabão em pedra?”.

4.1.4 Julgamentos

Se as comparações são omissões e generalizações que a publicidade intuitivamente utiliza em suas construções textuais, os julgamentos são tipos de omissões e generalizações frequentes no jornalismo. O exemplo da frase a seguir ilustra o metamodelo em questão:

“Segundo especialistas, um ser humano só é capaz de sobreviver quatro dias sem água ou alimentos”.

Os julgamentos são esclarecidos com a pergunta: **“Quem está emitindo esse julgamento e em que base esse julgamento está sendo feito?”**

Ou seja, é útil saber quem está fazendo o julgamento e em que base específica de conhecimento ele se apoia. Diante de tal desafio, a ilusão de que “todos os especialistas” têm a mesma opinião se desfaz para especificar quem exatamente corrobora o julgamento proposto.

4.1.5 Substantivações

Quando um verbo que descreve um processo contínuo é transformado em substantivo, os linguistas chamam este processo de substantivação. Se um substantivo não pode ser visto, ouvido, tocado, cheirado ou provado, em resumo, se não puder ser colocado em um carrinho de supermercado, então é uma substantivação.

Um verbo envolve uma ação e um processo contínuo. Mas isso se perde se ele for substantivado e transformado num substantivo estático. Alguém que acha que tem uma memória ruim está em maus lençóis se pensar nessa questão da mesma maneira que pensa em uma dor nas costas. [...] As palavras podem ser combinadas e manipuladas de uma forma que nada tenha a ver com a experiência sensorial. Posso dizer que porcos podem voar, mas isto não significa que seja verdade. Pensar assim é o mesmo que acreditar em magia (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 111).

Por transformar processos em coisas, a substantivação é um padrão de linguagem extremamente enganador. Portanto, pode ser esclarecida se a

transformarmos em verbo e buscarmos a informação que foi omitida perante o seguinte desafio: **“Quem está substantivando o quê? E como esta pessoa está fazendo isso?”**

Observe no exemplo abaixo os substantivos marcados em itálico:

“O *ensino* e a *disciplina* são indispensáveis na educação”.

O desafio do metamodelo de substantivação questionaria: Quem está ensinando quem? Qual o conhecimento a ser ensinado? Quem está disciplinando quem? Como é disciplinar para esta pessoa? A quem estes processos são indispensáveis?

4.1.6 Operadores Modais de Possibilidade

Existem leis da natureza, como a da gravidade, da inabilidade dos cães para voar ou da importância do oxigênio para nossa sobrevivência. Mas existem leis, limites que são estabelecidos pelas crenças das pessoas. Seguir regras de conduta não explícitas é uma forte evidência de que o indivíduo que a segue o faz por uma crença limitante. Os operadores modais de possibilidade definem no mapa do indivíduo o que é e o que não é possível fazer. As frases abaixo exemplificam este metamodelo:

“Simplesmente não pude recusar o bolo de chocolate”.

“Eu sou assim e não posso mudar”.

“É impossível contar a verdade a eles”.

O desafio deste metamodelo é estabelecido pelas seguintes perguntas: **“O que aconteceria se você...?”** ou **“O que o impede de...?”**

Quando alguém diz que não pode fazer algo, estabeleceu um objetivo e o colocou fora de seu alcance por seguir uma lei de maneira inconsciente. A pergunta “o que o impede?” enfatiza o resultado final e o obriga a identificar as barreiras, o que seria uma primeira etapa para ultrapassá-las. Nos exemplos acima, poderia se questionar: “O que aconteceria se você recusasse o bolo?”, “O que o impede de mudar?” e “O que o impede de contar a verdade a eles e o que aconteceria se a contasse?”.

4.1.7 Operadores Modais de Necessidade

Tal qual os operadores modais de possibilidade, os operadores modais de necessidade indicam limitações pelo uso de expressões como “deveria” e “não deveria”, “tenho que” e “não tenho que”, “sou obrigado a” e “não sou obrigado a”. Aqui

também há uma regra de conduta não explícita. O desafio é investigar quais as consequências, reais ou imaginárias, de se quebrar esta regra. Elas vem à tona com a pergunta: **“O que aconteceria se você fizesse, ou não fizesse, isso?”**

Nos exemplos abaixo é possível ver a aplicabilidade do metamodelo:

“Devo sempre colocar os outros em primeiro lugar”. – *O que aconteceria se não colocasse?*

“Não devo falar com os homens”. – *O que aconteceria se você falasse?*

No momento em que são explicitadas, estas regras de conduta saem do campo da inconsciência e podem ser avaliadas e examinadas pela parte consciente da mente.

O'Connor lembra que a simples pergunta “O que aconteceria se...?” é a base de qualquer método científico. Ao mesmo tempo, alerta sobre as consequências de não fazê-la diante de uma regra limitante de conduta.

“O uso do ‘deveria’ aplicado às capacidades é geralmente considerado uma repressão, uma censura. Como a pessoa deveria ser capaz de fazer algo, mas não pode, cria-se um sentimento de fracasso desnecessário. Usar a palavra ‘deveria’ dessa maneira, seja para si mesmo ou para os outros, é uma excelente maneira de criar culpa instantaneamente (já que uma regra foi quebrada), abrindo uma brecha artificial entre a expectativa e a realidade. Seria esta expectativa realista? Esta regra é útil ou apropriada? ‘Deveria’ é geralmente uma reação de censura e raiva de alguém que não admite sua raiva nem suas expectativas, e tampouco assume a responsabilidade por elas” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.114).

4.1.8 Quantificadores Universais

A generalização é uma regra inconsciente que nos permite sintetizar situações para poupar-nos de repetir as coisas indefinidamente, bem como pensar em todas as exceções e qualificações, o que levaria muito tempo. Esta qualidade intuitiva toma um exemplo como sendo representativo de um grande número de possibilidades. No entanto, há momentos em que precisamos ser específicos, portanto, não convém generalizar.

“A capacidade de admitir exceções nos torna mais realistas. As decisões não devem ser tomadas a partir de ‘tudo ou nada’. A pessoa que pensa que está sempre certa é uma ameaça maior do que aquela que pensa que está sempre errada. Em casos extremos, isso pode significar preconceito, discriminação e estreiteza de espírito. As generalizações são o enchimento linguístico que impede a boa comunicação” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.114).

Geralmente expressas por palavras conhecidas como quantificadores universais como “todo”, “cada um”, “sempre”, “nunca” e “nenhum”, as generalizações não admitem exceções, e podem também aparecer de forma implícita em algumas frases, como por exemplo: “Acho que jornalistas são mentirosos” ou “Jornal impresso é uma droga”.

Quando associados a regras e leis naturais, alguns quantificadores universais nem sempre representam um equívoco. O problema é quando, novamente, estão ancorados em crenças limitadoras do mapa cognitivo do indivíduo. Na frase “Nunca faço nada certo” o autor só é capaz de observar as ocasiões em que erra e esquece ou despreza os próprios acertos, limitando sua percepção do mundo pela maneira como se expressa verbalmente.

Os quantificadores universais são questionados através do pedido de um contraexemplo: **“Já houve um momento em sua vida em que...?”**

No exemplo, o desafio diante da afirmação “Eu nunca faço nada certo” seria: *Já houve algum momento em sua vida em que você fez alguma coisa de maneira certa?*

Outra forma de questionar uma generalização deste tipo é exagerá-la até o absurdo, como no exemplo: “Nunca vou entender matemática” – *É verdade! É mesmo muito difícil para você entender. Nem em mil anos conseguiria isto!* A tendência é que, ao trazer a generalização à racionalização, a pessoa perceba as exceções.

4.1.9 Equivalência Complexa

Duas afirmações de diferentes campos semânticos interligadas por um mesmo significado formam o que Bandler e Grinder nomearam de equivalência complexa. Veja as frases abaixo que exemplificam este metamodelo:

“Você não me liga todos os dias. Não me ama o suficiente”.

“Se você não olha para mim quando falo com você, então não está prestando atenção”.

A equivalência complexa geralmente ocorre pela imposição do próprio mapa ao outro, quando há uma generalização da própria experiência para explicar a experiência do outro. A equivalência complexa pode ser desafiada pelo questionamento: **“De que maneira (como) isto significa aquilo?”**.

Nos exemplos utilizados poderiam ser usadas as perguntas:

Como que eu não te ligo todos os dias significa que eu não te amo?

De que maneira o fato de eu não olhar para você significa que eu não estou prestando atenção?

4.1.10 Pressuposições

Todos os indivíduos possuem crenças e expectativas construídas a partir de suas experiências pessoais, formando pressuposições inferenciais. Pressuposições limitadoras sempre trazem a tona perguntas que começam com “Por que...?” A frase “Por que você não cuida de mim?” pressupõe que você não está cuidando de alguém adequadamente.

Frases que contêm expressões ‘desde que’, ‘quando’, e ‘se’ geralmente englobam uma pressuposição. O mesmo acontece com o complemento que vem após os verbos ‘perceber’, ‘dar-se conta’, ‘estar consciente’ ou ‘ignorar’ [...] (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.117).

As pressuposições permitem inferências, como demonstram os exemplos abaixo:

“Quando você ficar mais esperto vai entender isto” (você não é esperto).

“Você vai me enrolar de novo?” (você já me enrolou outras vezes).

“Você é tão ignorante quanto sua mãe” (sua mãe é ignorante).

“Por que você não sorri mais?” (você não sorri o suficiente).

As pressuposições podem ser trazidas à luz do consciente pela pergunta: **“O que o leva a acreditar que...?”**.

“Uma pressuposição pode ainda conter outros padrões de metamodelo que precisam ser classificados ou esclarecidos. (Então você acha que não sorriu o suficiente? Quanto seria suficiente? Em que circunstâncias você espera que eu sorria?)” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.117).

4.1.11 Relação de Causa e Efeito

A lei de causa e efeito também se faz presente nas generalizações e distorções inconscientes da linguagem ao transferir esta relação para as construções frasais.

Muitas línguas incentivam o pensamento em termos de causa e efeito. O sujeito ativo faz alguma coisa ao objeto passivo, o que é uma simplificação grosseira. Há o perigo de pensar nas pessoas como bolas de bilhar que seguem as leis de causa e efeito (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.117).

Dizer que “A luz do sol faz as flores crescerem” é uma maneira simplificada de expressar uma relação bem mais complexa. Pensar somente nas causas não explica nada, apenas abre caminho para a pergunta seguinte: **Como?**

Mesmo assim, há uma imensa diferença entre dizer ‘O vento fez com que a árvore se curvasse’ e ‘Você fez com que eu me sentisse zangado’. Acreditar que alguém é responsável pelo seu estado emocional é lhe dar um poder psíquico sobre você que ele na verdade não tem (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.117).

Exemplos deste tipo de distorção seriam:

“Ele me irrita”.

“Fiquei contente porque ela não veio”.

A conjunção “mas” muitas vezes pressupõe a relação de causa e efeito, pois introduz uma razão para limitar uma ação:

“Eu até estudaria com você, mas estou muito cansado”.

“Eu tiraria uma folga, mas os negócios ficariam prejudicados sem mim”.

O’Connor (1990) explica que existem dois níveis de questionamento da relação de causa e efeito. A reação mais simples seria perguntar como exatamente uma coisa causa outra, o que levaria ao detalhamento da resposta. Entretanto, isto ainda manteria a crença por trás da relação de causa e efeito no campo da inconsciência.

Trata-se de uma crença que está muito enraizada na nossa cultura, isto é, de que os outros têm poder ou são responsáveis por nossos estados emocionais. Entretanto, a verdade é que criamos nossos próprios sentimentos. Ninguém pode fazer isto por nós. Pensar que outras pessoas são responsáveis por nossos sentimentos é fazer parte de um universo inanimado, como uma bola de bilhar. Os sentimentos que criamos em reação à ação de outra pessoa geralmente resultam de uma cinestesia. Ouvimos ou vemos algo e reagimos com um sentimento. Assim, parece que a ligação entre ambos é automática (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.118).

Para trazer esta relação de causa e efeito à luz da consciência, o desafio pode ser feito das seguintes maneiras: **“Como exatamente isto causa aquilo?”** ou **“O que precisaria ter acontecido para que isso não tivesse causado aquilo?”**.

Para questionar a crença por trás da relação de causa e efeito, o desafio seria: **“Como exatamente você se deixa sentir ou reagir dessa maneira ao que viu ou ouviu?”**

Diante do exemplo “Ele me irrita”, a pergunta ficaria: “Como exatamente você se deixa irritar por ele?”. Isto devolve a ideia de que a pessoa tem alguma escolha quanto à sua reação emocional.

4.1.12 Leitura da Mente

Pressupor saber o que o outro está pensando é uma distorção inconsciente, uma resposta intuitiva a alguma pista não verbal que é observada no nível inconsciente.

Às vezes, é alucinação pura, ou aquilo que nós mesmos pensaríamos ou sentiríamos naquela situação. Projetamos nossos próprios pensamentos e sentimentos inconscientes, vivenciando-os como se eles tivessem partido da outra pessoa. É sempre o avarento que acha que os outros não são generosos. As pessoas que leem a mente geralmente acham que estão certas, mas isso nem sempre é verdade. Por que tentar adivinhar se podemos perguntar? (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.119).

Existem dois tipos de leitura da mente. No primeiro a pessoa presume saber o que a outra pensa, conforme os exemplos a seguir:

“Jorge está infeliz”.

“Posso apostar que ela não gostou do presente que lhe dei”.

“Sei o que o faz ficar zangado”.

Baseado na teoria do metamodelo de Bandler e Grinder, O’Connor e Seymour (1990) partem do pressuposto de que é preciso ter bons indícios sensoriais para atribuir pensamentos, sentimentos e opiniões a outras pessoas. Ao invés de dizer “Cláudia está deprimida”, seria mais apropriado dizer “Cláudia está olhando para baixo e à direita, seus músculos faciais estão soltos e sua respiração está acelerada. Os cantos de sua boca estão virados para baixo e seus ombros estão caídos”.

O segundo tipo de leitura da mente é como um espelho do primeiro, pois dá aos outros o poder de ler a nossa mente com o intuito de culpa-las por não compreenderem o que pensamos ou sentimos. Por exemplo:

“Se você me amasse saberia que eu não gosto de ficar sozinho”.

“Você nem repara como estou me sentindo”.

“Você deveria saber que gosto disso”.

A maneira de questionar a leitura da mente é: **“De que maneira exatamente você sabe como a outra pessoa está se sentindo?”** ou, no caso da leitura da mente

espelhada, **“De que maneira exatamente eu (ou tal pessoa) deveria saber o que você está pensando?”**.

Quando trazida à luz da consciência pelo desafio do metamodelo, a leitura da mente geralmente revela alguma crença ou generalização, como no exemplo a seguir:

“Mateus não gosta de Laura”.

Como exatamente você sabe que Mateus não gosta de Laura?

“Porque ele nunca olha para ela quando conversam”.

Assim, no mapa ou modelo de mundo desta pessoa, “não olhar nos olhos” é igual a “não gostar”. É uma leitura de mente que revela uma equivalência complexa e convida às seguintes perguntas: “Como exatamente não olhar nos olhos de uma pessoa significa que não gosta dela?” ou “Você sempre olha nos olhos de todas as pessoas de quem gosta?”

4.2 OS MODELOS DE INDUÇÃO DE MILTON ERICKSON

O’Connor e Seymour (1990) relatam que Gregory Bateson ficou muito empolgado quando viu o resultado dos estudos de Bandler e Grinder que originaram os metamodelos de linguagem. Diante do potencial de aplicabilidade tanto para fins terapêuticos quanto para os estudos que desenvolvia em comunicação, Bateson teria sugerido que os discípulos fossem até Phoenix, no Arizona, entrevistar um terapeuta descrito por ele como “brilhante” e ao mesmo tempo “um senhor estranho”, o qual poderia agregar novos horizontes às pesquisas dos pupilos.

O “estranho” em questão era Milton Haley Erickson, amigo próximo de Gregory Bateson durante mais de 15 anos e considerado por Zeig como o “maior comunicador do mundo” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.127). Sem hesitar, Bandler e Grinder foram modelar o trabalho de Erickson em 1974, quando este já estava consagrado como o maior hipnoterapeuta de todos os tempos.

John Grinder disse que Erickson foi seu modelo mais importante, por ter aberto a porta não só para uma realidade diferente, mas para toda uma classe diferente de realidades. Seu trabalho com o transe e com os estados alterados de consciência era surpreendente, causando uma profunda reformulação no pensamento de John (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.127)

O conhecimento sobre “estados alterados de consciência” adquirido por Bandler e Grinder fez com que reformulassem as bases da PNL, pois perceberam que

enquanto o metamodelo referia-se a significados específicos, a metodologia de Erickson usava uma linguagem propositalmente vaga, para que seus clientes pudessem atribuir o significado mais apropriado para eles ao que era dito. “Essa maneira de utilizar a linguagem ficou conhecida como Modelo Milton, um modelo que se opõe e ao mesmo tempo complementa a exatidão do metamodelo” (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p. 128).

Famoso por revolucionar processos de hipnose para a terapia, Erickson conseguiu desenvolver suas teorias pela observação dos comportamentos humanos. As formas como os indivíduos se comunicavam uns com os outros, com padrões de linguagens verbais, sonoras e corporais, desde cedo eram captados pelo olhar atento de Erickson. Muito rapidamente, Erickson percebeu que um clima emocional compartilhado gerava empatia entre ele e seus pacientes, o que os deixavam suscetíveis a sugestões.

Jay Haley, discípulo de Erickson que compilou suas ideias no livro *Terapia não-convencional* (1991), afirma que, diferente de muitos terapeutas da época, que entendiam o processo hipnótico como algo fora da vida cotidiana, Milton Erickson percebia que a hipnose é um tipo de comunicação comum entre pessoas, a ponto de não saber afirmar com precisão que tipo de comunicação é hipnótica e qual não é.

O modelo Milton utiliza a linguagem para induzir e manter estados de transe, permitindo que a pessoa entre em contato com os recursos ocultos de sua personalidade. Ele acompanha o funcionamento natural da mente. O transe é um estado em que a pessoa se sente profundamente motivada a captar diretamente as mensagens do inconsciente (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990, p.128).

Bandler e Grinder perceberam que Erickson usava as regras inconscientes de generalização, omissão e distorção para fazer justamente o oposto do que faz o metamodelo, sugestionando o surgimento de pressuposições, julgamentos e equivalências complexas que favorecessem os processos terapêuticos de seus pacientes, de forma que pudesse induzi-los a uma ressignificação de crenças.

Como esta pesquisa parte do pressuposto de que a comunicação midiática tem o poder de formar e ressignificar crenças por meio da eliciação de emoções, o modelo Milton apresenta-se como uma boa teorização sobre como este processo pode ocorrer pela linguagem.

Jean Larède (1985) procurou estudar como os meios de comunicação de massa utilizavam as emoções para suggestionar a sociedade. Mas suas publicações pouco contribuíram para esclarecer de que forma precisamente isto ocorria. O modelo Milton, por sua vez, oferece pistas relevantes que poderiam esclarecer o que Larède queria mostrar em seus estudos.

Basicamente, o fenômeno da sugestão do Modelo Milton se dá pela distração da parte consciente enquanto joga-se uma informação direto ao inconsciente, de forma que as propriedades de funcionamento inconscientes atuem para construir o mapa de crenças do indivíduo através das estratégias de generalização, omissão e distorção já estudadas nos metamodelos (HALEY, 1991).

Fazendo o caminho inverso à desconstrução proporcionada pelos desafios propostos por Bandler e Grinder, Milton Erickson colocava seus pacientes em estados alterados de consciência utilizando um padrão de linguagem que evocava as regras de construção linguística do inconsciente. Seu objetivo, no entanto, era usar todo o potencial desta parte da mente a favor dos clientes.

Abaixo está exposta uma sequência de linguagem indutiva para um relaxamento que segue o modelo Milton, e que claramente percorre o caminho inverso ao dos metamodelos:

Respire fundo. (Sujeito Não Especificado)

Relaxe. (Verbo Não Especificado)

Perceba como tudo fica mais fácil neste estado. (Comparações e Julgamentos)

Você talvez se pergunte como é ficar relaxado. (Leitura da Mente)

Aos poucos, o relaxamento toma conta de você. (Substantivação)

E me pergunto como você se sentiria se pudesse relaxar ainda mais (Operadores Modais de Possibilidade e Necessidade)

E então sente cada músculo e cada célula do seu corpo relaxarem. (Quantificadores Universais)

A medida que se sente mais relaxado, mais profunda fica sua respiração. E quanto mais profunda sua respiração, mais relaxado você fica. (Equivalência Complexa)

E agora neste estado de relaxamento profundo, talvez já consiga entender porque certas coisas estão acontecendo com você. (Pressuposições)

E este entendimento trará tranquilidade a você. (Relação de Causa e Efeito)

As palavras de transição “e”, “enquanto”, “a medida que”, “durante” e “quando” servem para ligar as várias afirmações e por isto se classificam como uma forma leve de indução por relação de causa e efeito.

Além dos recursos de linguagem que se opõem diretamente aos doze metamodelos, Erickson ainda tinha outras estratégias de fala que utilizavam as mesmas regras inconscientes de omissão, generalização e distorção para provocar estados de transe (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990). Muitos destas estratégias são facilmente percebidos na construção de discursos midiáticos, principalmente em discursos publicitários e jornalísticos.

O primeiro deles é a Marcação Analógica, construção frasal que dá ênfase a algumas palavras, seja em um discurso falado ou escrito, para construir uma mensagem que vá direto ao inconsciente. Como no exemplo: “**Abra a felicidade. Beba uma Coca-Cola!**” As palavras destacadas em negrito, segundo os modelos de indução, jogam um comando direto ao inconsciente.

Outra forma bastante usada na mídia é o que Erickson chama de Comandos Embutidos, que é colocar um comando ao inconsciente embutido em uma construção frasal mais complexa. Enquanto a totalidade da frase ocupa o processamento consciente, o comando embutido cai direto no inconsciente, como no exemplo que segue: “É importante que você **se sinta confortável** à medida que relaxa”. As palavras em negrito são um comando direto simples a ser captado pela parte inconsciente da mente.

Atribuir Citações a outras fontes para despersonalizar um conceito ou regra com fins de dar credibilidade a certas crenças também era um recurso utilizado por Erickson e que hoje é bastante utilizado nos meios de comunicação de massa, principalmente no jornalismo. A frase “Especialistas dizem que a PNL está criando relacionamentos mais vivos” poderia ser a manchete de uma revista, por exemplo. A parte consciente cria menos resistência quando a ideia vem de uma fonte indireta, e o inconsciente acaba comprando a ideia de forma mais rápida (HALEY, 1991).

Quando queria saber algo de forma mais indireta sem perder a empatia de seus clientes, Erickson, tal qual o fazem hoje alguns apresentadores de TV, colocava Perguntas Embutidas em afirmações, pois sabia que, de uma maneira geral, as

peças tendem a responder. Como no exemplo: “Estou curioso para saber o que você veio fazer aqui hoje!”.

Conhecedor da inabilidade do inconsciente para compreender a palavra “não”, Erickson muitas vezes recorria a um Comando Negativo para induzir seus clientes a uma resposta afirmativa. Como na frase a seguir: “Não é necessário resolver esta angústia agora”, ou, no caso de um discurso midiático, “O consumidor não precisa se preocupar com o aumento da gasolina”.

A Utilização e Incorporação de eventos do meio ambiente também é uma estratégia de indução a estados alterados de consciência frequente no Modelo Milton e também nos construtos simbólicos da mídia. Milton Erickson usava este recurso em frases como “E mesmo o bater da porta pode fazer você relaxar ainda mais...”. Na mídia, uma reportagem sobre o verão pode construir uma frase da seguinte forma: “O calor do verão é ideal para relaxar e beber uma caipirinha bem gelada na beira da praia”.

O que Bandler e Grinder batizaram de Postulados de Conversação no Modelo Milton trata-se de perguntas que literalmente exigem apenas um sim ou não como resposta e, no entanto, provocam uma reação. A pergunta “Você consegue levar o lixo para fora?”, por exemplo, não é uma pergunta literal sobre sua capacidade física de executar a tarefa, mas sim um pedido para que você a execute (O’CONNOR; SEYMOUR, 1990). No discurso publicitário encontramos este mesmo recurso em frases como “E você? Já pediu seu BigMac hoje?”

Por fim, a Interrupção de um Padrão Comportamental também permite um paralelo interessante entre as técnicas de Milton Erickson e o discurso midiático. Consiste em interromper um padrão comportamental abruptamente e dar um comando. Numa situação em que o paciente começa a chorar em um estado de transe, dar um comando do tipo “agora se acalme e relaxe” tende a fazer o inconsciente desligar os dispositivos emotivos que estão provocando aquela reação (HALEY, 1990). No jornalismo televisivo, este padrão é frequentemente utilizado pelos apresentadores quando querem mudar o estado emotivo do espectador, principalmente em transições de uma pauta para outra, como no recorte a seguir: “...o carro vinha em alta velocidade quando capotou na BR 116 e cinco pessoas morreram. E agora vamos aos esportes! O atacante Neymar brilhou mais uma vez na vitória do Brasil contra os Estados Unidos”.

Diante dos exemplos expostos, podemos concluir que os Modelos Milton permitem duas inferências fundamentais para este trabalho. A primeira é a de que é

possível colocar pessoas em estados alterados de consciência, mais suscetíveis a sugestões externas, de forma articulada e estruturada pelo uso da linguagem. A segunda é que o fascínio e aceitação das massas pelo discurso midiático propagado nos diversos meios de comunicação social podem ser como o são, ao menos em parte, por causa de padrões de linguagem indutivos como os apresentados pelo Modelo Milton.

Com isto, os modelos Milton mostram-se como um bom referencial de avaliação da retórica midiática, assim como os metamodelos, que ainda apresentam os desafios e questionamentos para uma desconstrução de possíveis falácias que possam surgir de um discurso que encanta o inconsciente ao mesmo tempo em que atropela a lógica e a razão.

O'Connor e Seymor (1990) acrescentam ainda uma estratégia de fundo amplamente utilizada por Erickson enquanto induzia seus pacientes, que era o uso de Metáforas. Segundo eles, o hipnólogo sabia que a mente inconsciente gosta das relações análogas e comparativas estabelecidas pela metáfora, cujo primeiro nível, mais literário, distrai a parte consciente, enquanto outros subníveis, carregados de comandos e mensagens, ativam a procura do inconsciente por significados.

O recurso das metáforas, tal qual os modelos de indução de Milton Erickson, são amplamente utilizados pelos meios de comunicação ao estabelecer relações entre vivências arquetípicas e personagens estereotipados para induzir emoções e significações complexas que resultarão em adesões ideológicas do crençário coletivo.

4.3 CATEGORIAS DE ESTRATÉGIAS RETÓRICAS

Ferrés observou que a eficácia socializadora da informação televisiva reside no fato de que ela funciona principalmente no campo emocional (FERRÉS, 1998, p. 159). Considerando que compete à retórica falar às emoções, chegamos à inferência aristotélica de que é a retórica e sua gama de operadores que vão determinar o quanto uma mensagem é sedutora e persuasiva.

Já vimos até aqui situações inatas e condicionadas às quais nosso inconsciente sucumbe em respostas emocionais, interferindo na construção dos pensamentos e na interpretação do mundo. Ferrés (1998) nos indica cinco estratagemas que seguem

mecanismos de sedução e que, estabelecidas as interfaces, correspondem às maneiras de eliciação emocional abordadas até aqui.

Na hegemonia emotiva, Ferrés acusa uma potencialização de valores emotivos, com os quais podemos fazer uma correlação direta às necessidades de vivências arquetípicas. Sempre que se recorre a um enredo arquetípico, há um monopólio de atenções para as vivências que tal enredo exige.

Já o conforto interpretativo trata de um reducionismo que ajuda o receptor a interpretar a realidade de maneira fácil, porém rasa, ao qual correlacionamos o conceito já trabalhado de estereótipos.

A fragmentação seletiva diz respeito ao foco em dimensões isoladas da realidade, que visam destacar a ideologia dominante, por onde enreda-se a predileção dos meios de comunicação por construtos simbólicos violentos. Uso de palavras como “terror”, “atentado”, “morte”, “assalto”, e outras tantas infinitudes lexicais que caracterizem uma ruptura de forma descontextualizante é uma fragmentação seletiva.

O adormecimento da racionalidade se deve às dinâmicas ora de hipertrofia e ora de explosão da emocionalidade, que prioriza a troca emotiva em detrimento da troca racional, estratagema com o qual associamos os circuitos empáticos de associação e dissociação.

Por último, a transferência globalizadora do todo para as partes e das partes para o todo geram falácias que escondem outras dimensões de realidade, com as quais relacionamos os metamodelos de Bandler e Grinder e os modelos indutivos de Erickson.

Diante de tais interfaces, estabeleceu-se cinco categorias estratégicas de eliciação de emoções por uso de operadores retóricos a partir dos estratagemas de Ferrés, cujos conceitos correlatos a partir das conceituações até aqui abordadas identificamos no quadro 3 a seguir.

QUADRO 3 - Estratégias de sedução de Ferrés e seus correlatos

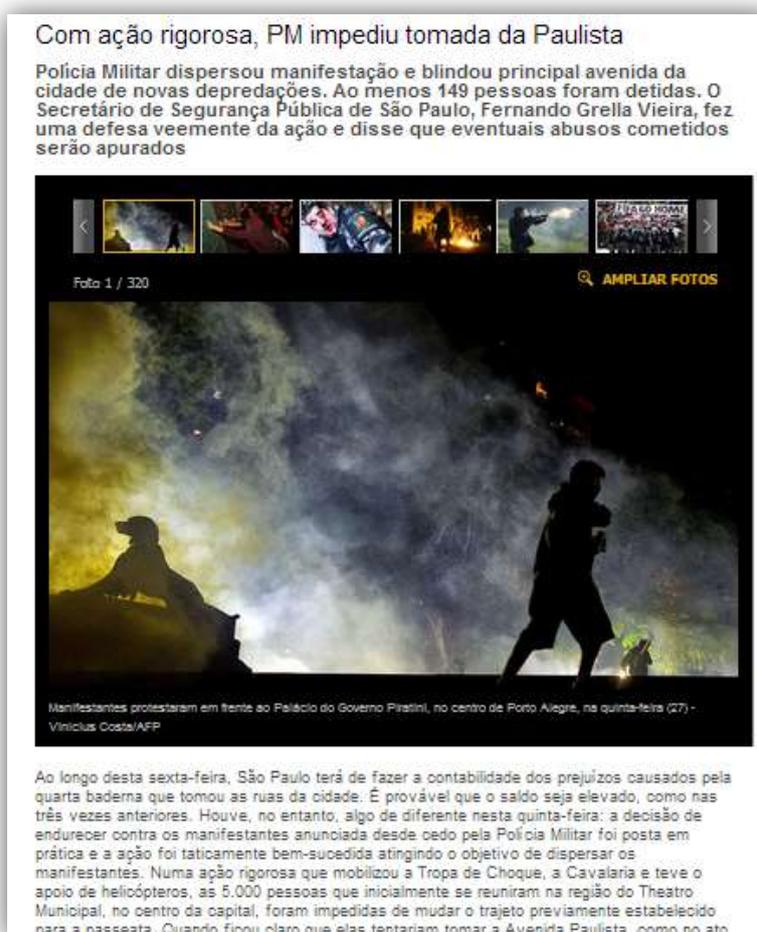
Mecanismos de sedução de Ferrés	Estratagemas retóricos psico-neuro-linguísticos
1) Hegemonia emotiva	Necessidade de vivências arquetípicas
2) Conforto Interpretativo	Estereótipos
3) Fragmentação seletiva	Predileção à violência
4) Adormecimento da racionalidade	Circuitos Empáticos
5) Transferência globalizadora	Metamodelos e modelos de indução

FONTE: Elaborado pelo autor a partir de Ferrés, 1998, p. 139.

Para averiguar a presença de tais estratégias retóricas, utilizei duas reportagens feitas pela revista *Veja* sobre as manifestações lideradas pelo Movimento Passe Livre, ocorridas no dia 13 de junho de 2013, que levou mais de 10 mil pessoas às ruas para protestar contra o aumento das passagens de ônibus em São Paulo.

A primeira delas foi publicada no mesmo dia da manifestação, conforme imagem da figura 31.

FIGURA 31 - Screenshot *Veja* na cobertura das manifestações de 2013



FONTE: Site da Revista *Veja*⁴¹

No título “**Com ação rigorosa, PM impediu tomada da Paulista**”, a seleção lexical utilizada pela revista permite inferir, em um primeiro momento, que alguém ou algum grupo tinha a intenção de “tomar de assalto” a Avenida Paulista, e que tal

⁴¹ Disponível em <<http://veja.abril.com.br/brasil/com-acao-rigorosa-pm-impediu-tomada-da-paulista>>. Acesso em 01/07/2013.

intenção foi impedida por ação rigorosa da Polícia Militar. Aqui o campo semântico construído revela um contexto que pode ser interpretado como perigoso para a sociedade paulistana, onde uma ameaça não identificada demonstra intenções de tomar um bem público. O enredo arquetípico deixa explícito o papel do herói, mas deixa a nêmesis oculta. O uso da palavra “rigorosa” não descreve a ação que impediu a tomada da Avenida Paulista (verbo não especificado), permitindo inferências múltiplas de que a PM pode ter sido dura, resiliente, disciplinada, e não apenas violenta.

Logo na sequência, no deparamos com a seguinte linha de apoio:

Polícia Militar dispersou manifestação e blindou principal avenida da cidade de novas depredações. Ao menos 149 pessoas foram detidas. O Secretário de Segurança Pública de São Paulo, Fernando Grella Vieira, fez uma defesa veemente da ação e disse que eventuais abusos cometidos serão apurados.

O uso das palavras “dispersou” e “blindou” dão a ilusão de que uma ação foi descrita, quando na verdade não o foi. O detalhamento da ação policial segue oculto (verbo não especificado), induzindo a um contexto emocional de rigor e resistência para dispersar a manifestação que tentou “tomar” a Paulista. O verbo “blindar” denota proteção em relação a “novas depredações” decorrentes da manifestação, o que foi “veementemente” defendido pelo representante do poder político de São Paulo. Já os abusos cometidos por agentes da PM na manifestação são abrandados pelo termo “eventuais”, que implica em uma conotação de que “se os abusos ocorreram, foram eventuais ou isolados” (metamodelo de julgamento).

A construção semântica resultante desta seleção lexical infere que algo precisa de nossa atenção, que algo representa perigo, e que este algo é a depredação do patrimônio público, e não os “eventuais” abusos da PM.

Já no primeiro parágrafo, o *lead* jornalístico é construído para reforçar estes operadores retóricos:

Ao longo desta sexta-feira, São Paulo terá de fazer a contabilidade dos prejuízos causados pela quarta baderna que tomou as ruas da cidade. É provável que o saldo seja elevado, como nas três vezes anteriores. Houve, no entanto, algo de diferente nesta quinta-feira: a decisão de endurecer contra os manifestantes anunciada desde cedo pela Polícia Militar foi posta em prática e a ação foi taticamente bem-sucedida atingindo o objetivo de dispersar os manifestantes. Numa ação rigorosa que mobilizou a Tropa de Choque, a Cavalaria e teve o apoio de helicópteros, as 5.000 pessoas que inicialmente se reuniram na região do Theatro Municipal, no centro da capital, foram impedidas de mudar o trajeto previamente estabelecido para a passeata. Quando ficou

claro que elas tentariam tomar a Avenida Paulista, como no ato da semana passada, os contingentes da PM foram acionados e repeliram seu avanço. **Blindaram os acessos à avenida**, palco anterior de depredações e vandalismo, fazendo uma varredura para garantir que grupos não furariam o bloqueio e causaram a dispersão da turba. Às 21h30, a situação na região foi normalizada com a liberação do trânsito.

Ao colocar “manifestação” no mesmo campo semântico de “baderna” (metamodelo de equivalência complexa), o texto sacramenta a intenção de alertar para os perigos da manifestação como um ato desordeiro, sem propósito que não seja a bagunça e a depredação. Eis que o vilão do enredo, a manifestação, é identificado pelo discurso. Ao mesmo tempo, enfatiza a ação policial “bem-sucedida” com a “dispersão da turba” e a “liberação do trânsito”.

Em síntese, há enunciados pragmáticos que estabelecem um princípio dialógico, que veiculam proposições, que podem ser aceitas como verdadeiras, que são ditas numa forma de seleção lexical, com ênfases próprias para criarem o ambiente emocional adequado ao contexto de alertar a população sobre o perigo eminente de baderneiros com o intuito de vandalizar e depredar a cidade.

Ao mesmo tempo, é possível desafiar algumas estruturas utilizadas na construção do discurso do *lead* com metamodelos de linguagem: Como especificamente se manifestar significa fazer baderna? (equivalência complexa). A baderna causou prejuízo para quem de São Paulo especificamente? (sujeitos não especificados). A ação de endurecer com os manifestantes foi “bem sucedida” para quem especificamente? (sujeitos não especificados). O que aconteceria se polícia permitisse que os manifestantes seguissem pela avenida paulista? (operadores modais).

Na desconstrução do discurso de *Veja*, portanto, ficam perceptíveis alguns dos estratagemas estudados que creio serem utilizados para eliciar o medo do leitor a respeito de um vilão sem rosto, representado pelos adjetivos “baderneiros” e “turba”, entre outros.

Historicamente, a revista *Veja* tem sido enquadrada por opositores à sua linha editorial como um veículo tendencioso, reacionário e elitista, cujo *ethos* estaria comprometido com os interesses econômicos e, ao mesmo tempo, alheio aos interesses dos movimentos sociais. Em sua cobertura sobre a manifestação do Movimento Passe Livre, construiu um discurso que reforça esta imagem, usando uma

retórica indutiva ao medo para identificar as ameaças à ordem social e, assim, justificar seu posicionamento.

As motivações das manifestações, bem como de seus manifestantes, ficaram ocultas no discurso, o que impediria a ativação do circuito empático do leitor em relação aos manifestantes. Coube a internautas, via redes sociais, publicarem vídeos que mostravam um comportamento abusivo da PM paulista contra uma manifestação, a priori, pacífica e ordenada, para que ocorressem contrapontos na referida cobertura.

Sete dias após a publicação do primeiro texto sobre os movimentos de junho, a revista *Veja*, surpreendentemente, mudou as diretrizes que até então ordenavam a construção de seu discurso. Na sua capa do dia 20 de junho, esta mudança retórica ficou evidente na imagem de uma manifestante enrolada na bandeira do Brasil com a manchete “**Os sete dias que mudaram o Brasil**”, como mostra a imagem à esquerda na composição da Figura 32.

FIGURA 32 - Capa e lead da *Veja* impressa sete dias depois



FONTE: Edição de *Veja* em 20 de junho de 2013

O uso das palavras “edição histórica” no cabeçalho da capa da revista denota um entendimento de que as manifestações, afinal, tinham um propósito: mudar o Brasil. Na linha de apoio da matéria interna da revista, na imagem à direita da figura 32, a mudança de discurso fica evidente na resignificação do campo semântico em que a

manifestação é realocada pela retórica proposta, como mostra o texto transcrito a seguir:

Quando se espalhou por São Paulo um protesto contra o aumento de 20 centavos na passagem de ônibus, todo mundo sentiu que a coisa era bem maior. Tão maior, mais inebriante, mais mobilizadora, mais assustadora e mais apaixonante que, em uma semana, multidões bem acima de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora na histórica noite de quinta-feira. Todos os parâmetros comparativos anteriores, como Diretas Já e Fora Collor, empalideceram diante do abismo aberto entre os representantes dos poderes, de um lado, e o poder dos que se sentem muito mal representados, de outro. A presidente acuada, as instituições em estado de estupor, os políticos desaparecidos e a turbamulta subindo a frágil passarela do Palácio Itamaraty criaram outro sentimento estarrecedor: é muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos.

A reescrita do *lead* atribui uma consciência de “todo mundo” sobre a importância dos protestos, que agora a revista qualifica como “inebriante”, mais “mobilizador”, “assustador” e “apaixonante”, um retrato bem distante dos adjetivos “baderneiro” e “vândalo” que caracterizou o discurso da revista em seu site sete dias antes.

A mudança de discurso, no entanto, não abandona a estrutura de evocar um enredo arquetípico para mobilizar os sentidos do leitor. A estratégia retórica da revista segue a mesma lógica de identificar uma ameaça em favor do medo. Agora não mais como baderneiros, mas como representantes da mudança que o Brasil precisa, os manifestantes foram de vilões a heróis ao “acuar” a presidente de esquerda Dilma Rousseff, dispostos a mudar o país, “cuja fronteira entre a ordem e o caos” está por um fio, ou “por um vidro”.

Quando a revista afirma em seu discurso que “todo mundo sentiu que a coisa era bem maior”, o desafio dos metamodelos nos leva a questionar a hipérbole “todo mundo quem?”, sendo que a própria revista evidenciou não sentir isto em sua primeira cobertura, não deixando de constituir, com isto, um outro operador retórico: o paradoxo.

A metáfora, enquanto operador retórico “de fundo” nos modelos de indução de Milton Erickson, se faz presente em diversas passagens, o que caracteriza, segundo O’Connor e Seymour (1990), distrair a parte consciente para jogar outra mensagem ao inconsciente. “*Blindaram os acessos à avenida, palco anterior de depredações e vandalismo*”, “*(...) mais de 1 milhão de pessoas jorraram Brasil afora (...)*”, “*É muito fácil quebrar o vidro que separa a ordem do caos*”, são exemplos metafóricos do discurso

empregado, cuja mensagem de fundo é de que há uma guerra sendo travada no Brasil e há um lado que deve ser escolhido.

A contradição pela mudança de posicionamento de *Veja*, no entanto, pode passar despercebida ante a retórica que, poderosa, se constitui em um elemento determinante nos atos de fala pelo pareamento de emoções que pode provocar no receptor. “De fato, a emoção humana, em seu refinamento, é desencadeada até mesmo por uma música e por filmes baratos, cujo poder nunca devemos subestimar” (DAMÁSIO, 2000, p.56).

Podemos inferir, diante deste teste de análise, que a retórica empregada pela revista *Veja* pretende formar determinadas visões dos fatos a partir de um embasamento emocional/afetivo do conteúdo. A mensagem ali proposta se completa nas emoções eliciadas pelo discurso, principalmente a emoção do medo.

5 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Partindo de uma premissa construtivista, que se caracteriza por uma epistemologia subjetivista e uma ontologia relativista, onde não é possível determinar uma única perspectiva verdadeira acerca dos fenômenos observados (APPOLINÁRIO, 2006, p.41), a metodologia proposta nesta pesquisa pretende observar, de maneira exploratória, e não comprobatória, se existem indícios de indução de emoções nos indivíduos a partir de construtos simbólicos midiáticos e se estas induções emocionais interferem no grau de verdade de crenças e/ou estruturas profundas do sujeito.

Conforme Bateson (1987, p.31), a ciência, tal como a arte, a religião, o comércio, a guerra e até o sono, baseia-se em pressupostos. Difere-se, no entanto, em promover a confluência entre as crenças dos cientistas e a experimentação e revisão de velhos pressupostos, bem como a criação de novos. Embasando a complexidade do Pensamento Sistêmico, Bateson é categórico ao afirmar que a ciência investiga, mas não prova nada.

O conhecimento, em qualquer momento dado, será uma função dos limites aos meios de percepção que temos à nossa disposição. A invenção do microscópio, do telescópio, duma forma de medir o tempo, até ao nanosegundo ou pesar quantidades de matéria até a milionésima parte da grama – todos estes aperfeiçoados instrumentos de percepção revelam o que era completamente imprevisível pelos níveis de percepção que atingíamos antes desta descoberta (BATESON, 1982, p.35)

Este trabalho, portanto, sem pretensões de qualquer comprovação categórica, tem cinco objetivos bem específicos já tratados na introdução: a) Perceber indícios da existência de um fenômeno de indução de emoções como efeito em receptores ao consumirem construtos simbólicos midiáticos; b) identificar possíveis padrões na ocorrência de tais fenômenos; c) perceber se estes fenômenos incorrem em alterações no grau de verdade de crenças de senso comum; d) identificar estratégias retóricas dos meios que poderiam promover tais induções; e e) saber até que ponto o uso de tais estratégias é consciente ou inconsciente por parte dos emissores.

Para alcançar estes cinco objetivos, percebeu-se a necessidade de análises nas esferas de emissão, codificação e recepção dentro do processo comunicativo, as quais exigem diferentes estratégias metodológicas para coleta de dados.

Para se alcançar os objetivos a), b) e c), observou-se a necessidade de realizar mapeamentos de estados de emoção anteriores e posteriores a um determinado consumo de construtos simbólicos em voluntários participantes, o que foi feito em três grupos distintos, os quais serão especificados posteriormente. O objetivo d) foi alcançado através da análise de discurso de alguns dos construtos consumidos, a fim de identificar se as estratégias retóricas levantadas por hipótese como gatilhos eliciadores de emoções estão presentes. Por fim, para alcançar o objetivo e), foi preciso descobrir como pensam os emissores quando produzem tais construtos.

A premissa de que toda experiência é subjetiva e influenciada por processos conscientes e inconscientes nos exige um campo de pesquisa que disponha de um número significativo de sujeitos a serem investigados. No entanto, o pensamento sistêmico defendido por Bateson (1987, p.54), e no qual embasamos todo este trabalho, preconiza que a quantidade não determina o padrão, ou seja, nenhum número de forma alguma pretende ser comprobatório, mas sim demonstrativo dentro das hipóteses levantadas. Dentro desta perspectiva, e com disposição em coletar tanto dados quantitativos quanto qualitativos que pudessem evidenciar ou sugerir a ocorrência dos fenômenos investigados, detalhamos a seguir as metodologias utilizadas neste trabalho.

5.1 ESTUDO DE RECEPÇÃO

Perceber se construtos simbólicos realmente eliciam emoções é uma resposta há muito tempo respondida. Estudos de persuasão e retórica já comprovaram os efeitos do discurso do falante sobre o ouvinte, de forma que esta pesquisa só se tornaria interessante se fosse possível identificar padrões nas oscilações emocionais provocadas pelo discurso midiático. Dentro desta perspectiva, entendi que os estudos de recepção para medir emoções, ao menos no caso desta pesquisa, deveriam gerar números que possibilitassem não só constatar a ocorrência do fenômeno, mas que permitissem estabelecer métricas de oscilação e dimensionamento da ocorrência ao longo de um determinado período, caracterizando o que Appolinário (2006, p.66-67) denomina de pesquisa longitudinal.

Qualquer pesquisador da área da saúde que necessite testar um novo tratamento ou medicamento precisa fazer um check-up inicial nos voluntários que vão

participar do experimento. Estas medições servirão como objeto de comparação às coletas pós-experimento. É desta comparação entre o estado inicial e o estado final que é possível identificar os efeitos e eficácias do tratamento ou medicamento testado.

Esta lógica pareceu fazer sentido frente aos objetivos de detectar a existência de um fenômeno de alteração emocional por influência de um produto midiático, bem como a existência de padrões na existência do fenômeno. Justamente por serem as emoções estados de ação que conectam mente, corpo e linguagem.

Ao invés de um medicamento ou tratamento, “injetou-se”, por um período de quatorze dias, construtos simbólicos midiáticos na rotina de participantes voluntários, de forma que dados sobre estados emocionais anteriores e posteriores ao experimento fossem coletados para proporcionar elementos comparativos entre o antes e o depois.

Por óbvio que qualquer sujeito está à mercê de oscilações emocionais em sua rotina de vida, e estas medições estariam sujeitas a inúmeros “contaminantes”, como os contextos social, econômico e afetivo dos indivíduos. No entanto, partiu-se da premissa de que, se diferentes sujeitos com diferentes rotinas apresentassem padrões similares de oscilação emocional, em diferentes grupos e, portanto, em diferentes frames temporais, estes dados, caso existentes, ganhariam força enquanto indícios de existência do fenômeno na população pesquisada.

Como o experimento consistia em inserir nos hábitos de pessoas aleatórias o consumo de construtos simbólicos midiáticos que exigiriam posterior análise de discurso e também estudo de intencionalidades junto a seus produtores, optou-se por fazer a pesquisa utilizando sites jornalísticos da internet cujas redações fossem localizadas em Porto Alegre, mesmo local do experimento. Assim, optou-se pelos portais de notícias dos dois principais jornais do Rio Grande do Sul, Zero Hora e Correio do Povo.

A ideia inicial era aplicar o experimento em um grupo piloto constituído por cinco sujeitos convidados de forma aleatória via Facebook para testar possíveis ferramentas de medição. Depois, o experimento seria realizado em mais dois grupos e em dois diferentes momentos, cada um deles constituído por 30 pessoas, todas convidadas de maneira aleatória dentro de uma instituição de ensino superior (IES).

Depois de algumas tratativas, recebeu-se o aval da Faculdade São Francisco de Assis, de Porto Alegre, para que fosse dada sequência na pesquisa de recepção junto aos estudantes da instituição. Convites em sala de aula foram feitos a alunos de

diferentes cursos, o que resultou na constituição de dois grupos de 30 alunos cada: um com aplicação realizada em março e outro em junho de 2016.

Aos voluntários, foram realizadas entrevistas prévias e dadas instruções sobre como deveriam consumir as notícias dos dois portais. Deveriam então, durante 14 dias, consumir no mínimo duas notícias de cada portal que eles considerassem as mais significativas, e deveriam anotar em um relatório as emoções que sentiam diante de tais materiais. Dos 30 participantes do primeiro grupo, 15 não conseguiram manter a rotina de consumo de notícias proposto pelo experimento e foram desqualificados. O índice de desistência também se reproduziu no grupo de junho de 2016, no qual ocorreram 14 desclassificações das 30 medições realizadas.

Antes de elaborar as ferramentas específicas de coleta de dados utilizadas nesta pesquisa, alguns métodos de diferentes áreas do conhecimento para medir emoções e suas ocorrências foram pesquisados. A maioria empregada para fins de detecção de ocorrências psicopatológicas ou doenças do cérebro. O Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp (LIPP, 2000), por exemplo, tem a finalidade de detectar ocorrências de depressão, ansiedade e stress, patologias que envolvem condições de vivência extrema de determinadas emoções. Existem também métodos de medição das emoções para análises psicométricas, que servem para inventários de competências emocionais cujo objetivo é detectar habilidades relacionadas à percepção de emoções, uso da emoção para facilitação do pensamento, compreensão e regulação de emoções (BUENO et al, 2015).

Uma consulta à Professora Doutora Mirna Wetters Portuguez, Pesquisadora de Neuropsicologia da Memória do Instituto do Cérebro da PUCRS, trouxe à luz outras possibilidades, como medições por neuroimagens obtidas via Ressonância Magnética, Tomografia Computadorizada ou Tomografia por Emissão de Positrões (PET Scan). No entanto, tais métodos exigiriam estrutura e recursos não disponíveis para esta pesquisa. Sendo assim, optou-se pela elaboração de ferramentas mais simples, que possibilitassem a medição da existência do fenômeno de alteração emocional a partir de uma autopercepção dos voluntários. Para verificar possíveis alterações na vivência emocional e a consequente reestruturação de crenças deste processo, foram elaboradas cinco ferramentas para coleta de dados. São elas a Roda das Emoções, o Crençário, o Registro Emocional por Construto Simbólico, o Rastreamento Socioeconômico, e o Rastreamento de Comportamento Midiático. As duas primeiras são consideradas “variáveis-resposta”, ou seja, são variáveis que respondem às

hipóteses centrais desta tese. A terceira é uma “medida-assessório” para auxiliar na constituição do *corpus* de pesquisa da análise de discurso. As duas últimas são “medidas-assessório” para coleta de dados secundários servindo para delimitação do perfil do público pesquisado. A seguir é realizado um detalhamento de cada ferramenta usada.

5.1.1 Roda das emoções (RE)

A Roda das emoções consiste em uma adaptação da ferramenta conhecida como Roda da Vida, bastante usada em processos de *coaching*⁴², avaliações psicológicas e seleções de Recursos Humanos. Originalmente a ferramenta funciona como um gráfico em pizza, que serve para medir o grau de satisfação de uma pessoa com cada área da vida.

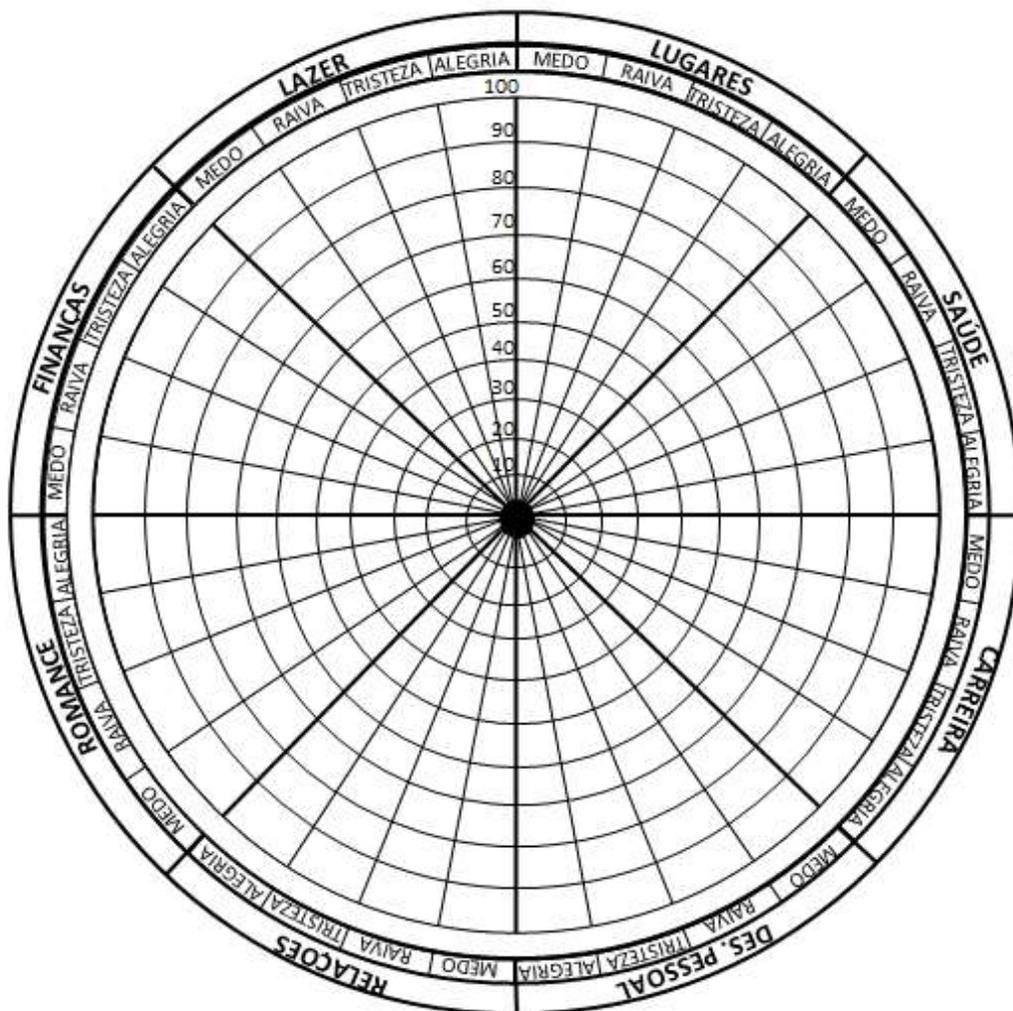
O número de áreas pode variar conforme o modelo utilizado. O modelo mais simples deste gráfico se divide em oito partes, que são: (1) **Lugares**, que corresponde a todos os ambientes frequentados pelo sujeito; (2) **Saúde**, que corresponde às condições físicas e mentais experimentadas; (3) **Carreira**, que abarca a vida profissional do sujeito; (4) **Desenvolvimento Pessoal**, que engloba toda e qualquer iniciativa e/ou atividade que visa ao aperfeiçoamento do indivíduo; (5) **Relações**, relativa aos relacionamentos com amigos, familiares e colegas de trabalho; (6) **Romance**, relativa à vida amorosa do sujeito; (7) **Finanças**, que mede a satisfação financeira; e (8) **Lazer**, relacionada aos momentos de diversão do indivíduo. O objetivo é propiciar uma análise autoconsciente da própria vida e em partes, para que, ao final do processo, o participante consiga identificar o grau de satisfação com a própria vida (O’CONNOR; LAGES, 2014).

Com esta exploração objetiva-se detectar graus de vivência das emoções tanto no momento anterior quanto posterior ao experimento proposto. Para isso, partiu-se do pressuposto de que, se o sujeito é capaz de medir o próprio grau de satisfação com cada área de sua vida, é também capaz de identificar o grau de vivência de determinadas emoções nestas mesmas áreas.

⁴² Processo de consultoria que utiliza fundamentos de PNL para ajudar clientes a saírem de um “Estado Atual” para chegar a um “Estado Desejado” por meio de planejamento e ressignificação de crenças (O’CONNOR; LAGES, 2004).

Assim, adaptou-se a Roda da Vida do *coaching* para a elaboração da Roda das Emoções (Figura 33). Em cada uma das áreas originais da vida, foram inseridos medidores de vivência de quatro das seis emoções universais apontadas por Ekman (2011): medo, raiva, tristeza e alegria. Optou-se por deixar de fora as emoções de surpresa e de aversão/nojo por existirem divergências no entendimento destas como sendo primárias ou secundárias entre os autores das abordagens apontadas aqui⁴³.

FIGURA 33 - Roda Das Emoções (RE)

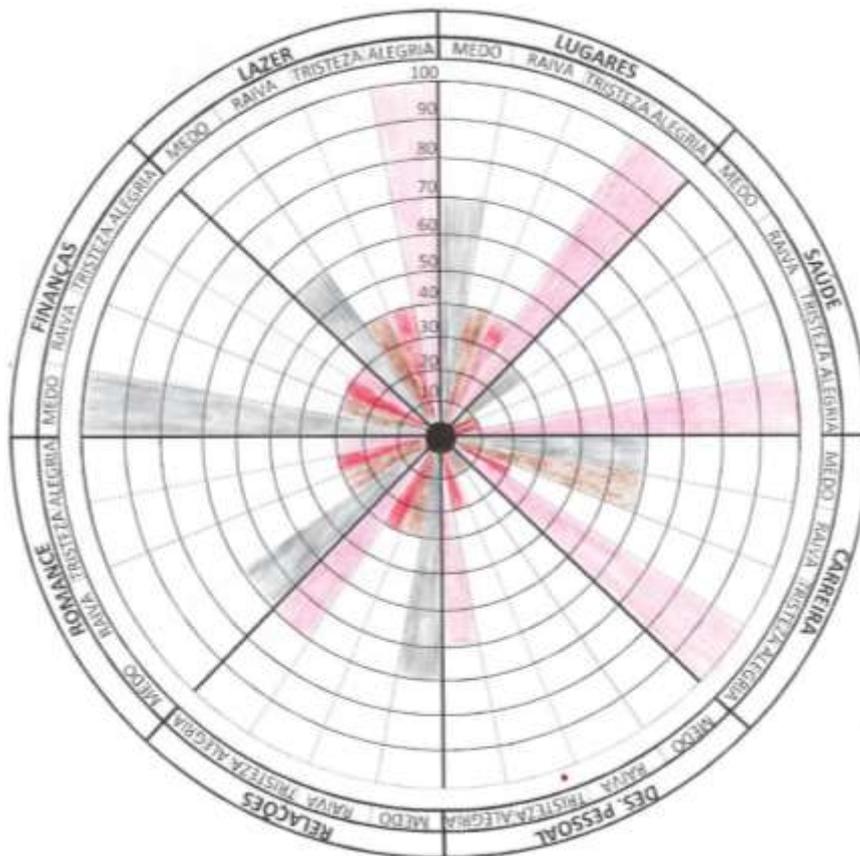


FONTE: elaborado pelo ator a partir da Roda da Vida de O'CONNOR e LAGES (2004).

⁴³ Uma pesquisa recente feita pelo Instituto de Neurociência e Psicologia da Universidade de Glasgow, na Escócia, publicado no *Current Biology* em 2014 sugere que medo e surpresa e raiva e nojo são sentimentos tão parecidos que podem ser interpretados como um só.

Aos indivíduos pesquisados foi orientado que pintassem a escala presente nas fatias de cada emoção de acordo com a intensidade com que eles as vivem nas áreas da vida especificadas. Na escala foram usados valores, sendo 0 (zero) igual a nenhuma intensidade e 100 (cem) igual a intensidade total. Por exemplo, se o indivíduo sente o que julga ser medo em alguns lugares que frequenta, e atribui a esta emoção uma intensidade 40 numa escala de 0 a 100, ele deve preencher a fatia da emoção MEDO, no quadrante LUGARES, do centro do círculo até a linha que marca o número 40. A mesma lógica de preenchimento se aplica a todas as outras áreas da vida, conforme a figura 34, retirada de pesquisa piloto realizada em outubro de 2015. Na figura, o voluntário optou por marcar a emoção do medo em cor acinzentada, a raiva em vermelho escuro, tristeza em vermelho e alegria em vermelho bordô.

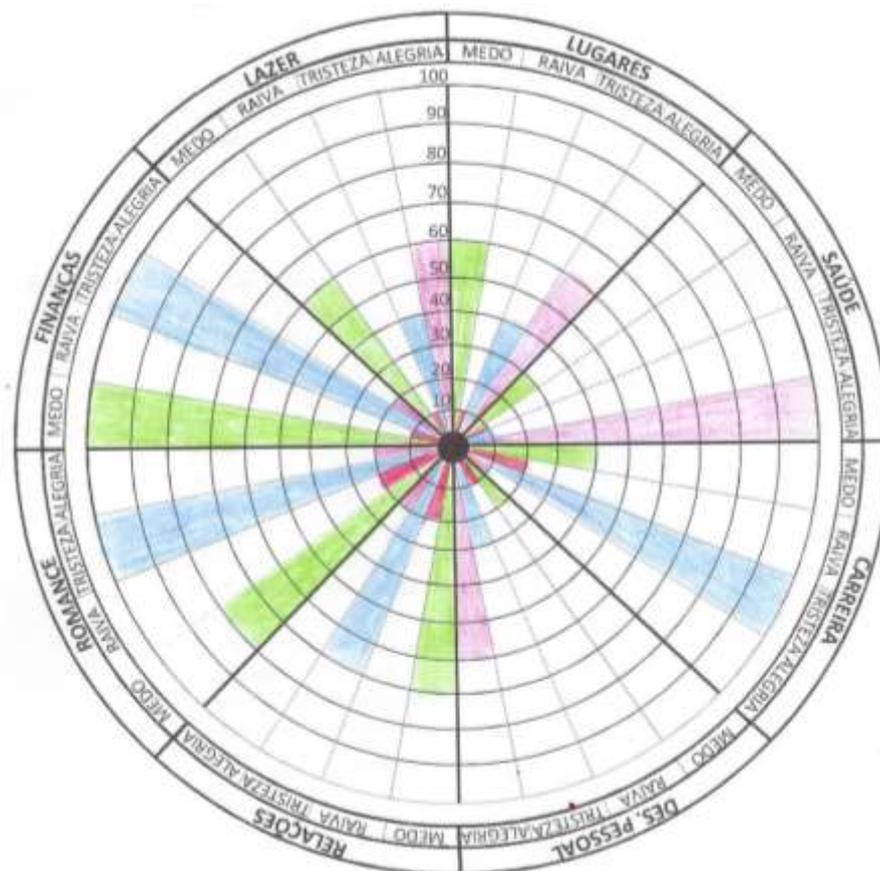
FIGURA 34 - RE preenchida por voluntário no grupo piloto



FONTE: Elaborado pelo autor.

O mapeamento emocional através da Roda das Emoções foi realizado antes do período de 14 dias de consumo de notícias e também ao término, de forma que o antes e o depois ficassem em evidência e pudessem ser colocados em relação mensurável. A seguir, o segundo preenchimento feito pelo mesmo indivíduo da pesquisa piloto (Figura 35).

FIGURA 35 - RE preenchida por voluntário no grupo piloto



FONTE: Elaborado pelo autor.

Vale ressaltar que a Roda das Emoções é uma ferramenta de medição autoperceptiva, sujeita a todos os contaminantes inerentes às ferramentas do gênero. Sua aplicação, apesar de apresentar índices numéricos específicos, tinha como único objetivo constatar a presença de variação emocional.

Entendeu-se que, a partir de sua aplicação em diferentes grupos e contextos, antes e após a inserção do hábito de consumo de notícias na rotina dos participantes, poder-se-ia perceber se ocorreram oscilações nas emoções pesquisadas e se existia

um padrão nestas oscilações quando comparadas às médias dos diferentes grupos, o que se confirmou, como veremos no capítulo dos resultados.

5.1.2 Crençário

Tal qual a Roda das Emoções, apresentamos aos voluntários outro modelo de medição que pretendia observar oscilações no grau de veracidade que atribuíam a determinadas sentenças retiradas do senso comum, cujo conjunto denominou-se Crençário.

Escolheu-se inicialmente 37 sentenças afirmativas que poderiam representar estruturas profundas que constituem a rede de crenças dos indivíduos. Posteriormente, após aplicação no grupo piloto, outras três afirmações foram inseridas, totalizando 40 crenças que poderiam apresentar algum grau de representatividade de estruturas profundas enraizadas no inconsciente dos participantes.

Algumas das sentenças utilizadas foram classificadas com base no senso comum como sendo otimistas (O), outras como pessimistas (P), outras como meramente comportamentais (C) – por indicarem pré-disposição a determinados comportamentos –, e outras como referenciais (R) – por estabelecerem apenas pontos de referência para tomada de ações e decisões.

Como as análises, por grupo, da Roda das Emoções apresentou padrões muito semelhantes entre elas, independente da época em que o experimento foi aplicado, assumiu-se que o crençário seguiria na mesma perspectiva. Dessa forma, optou-se por uma análise geral, que considerasse os participantes tanto do Grupo 2 quanto do Grupo 3⁴⁴, de forma a aumentar a relevância estatística das possíveis variações nos sentimentos de verdade de acordo com cada crença.

Algumas das frases que compõem o crençário foram retiradas de ditos populares, outras foram elaboradas a partir da lógica de que as emoções interferem diretamente em comportamentos, e outras ainda foram inseridas apenas para evidenciar possíveis contradições nas respostas, o que não se constatou de um modo geral. As três questões inseridas após o teste de aplicação do crençário no grupo piloto foram retiradas do contexto político nacional, pois entendeu-se que muito do “calor emocional midiático” em que os grupos foram submetidos ao experimento estava

⁴⁴ Como Grupo 1 tem-se a amostragem da pesquisa piloto, que foi usada para análise e atualização dos métodos exploratórios a serem empregados, bem como exemplificação ao longo da tese.

diretamente ligado ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. O quadro 4, portanto, pretende estabelecer um índice referencial do crençário para posteriores análises frente aos resultados obtidos nas oscilações do grau de verdade coletadas.

QUADRO 4 - Crençário

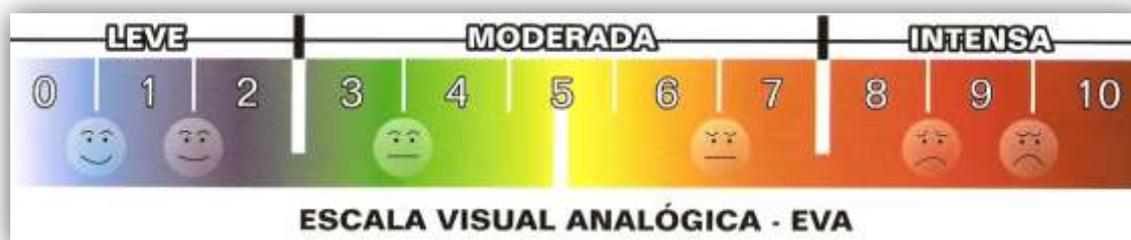
Q1 - O mundo é um lugar perigoso para viver. (P)
Q2 - Desconfio de quem eu não conheço. (P)
Q3 - Tenho esperança no ser humano. (O)
Q4 - Tenho medo de estranhos. (P)
Q5 - Produtos jornalísticos, sejam eles impressos, radiofônicos, televisivos ou da internet, retratam a realidade em que vivo. (R)
Q6 - Decido tomar minhas ações a partir das informações que recebo dos meios de comunicação. (R)
Q7 - O mundo é um lugar seguro. (O)
Q8 - Acredito que os meios de comunicação provocam emoções nas pessoas (R)
Q9 - Sinto felicidade quando tenho acesso a conteúdo violento. (C)
Q10 - Os meios de comunicação ajudam no combate à violência. (R)
Q11 - Sinto tristeza quando tenho acesso a conteúdo violento. (C)
Q12 - A violência é consequência da falta de educação. (R)
Q13 - Os meios de comunicação ajudam a propagar a violência. (R)
Q14 - Sinto raiva quando tenho acesso a conteúdo violento. (C)
Q15 - É perigoso andar pelas ruas durante a noite. (P)
Q16 - Punir criminosos é mais importante que educar. (R)
Q17 - Sinto medo quando tenho acesso a conteúdo violento. (C)
Q18 - Quando estou feliz, gosto de comprar coisas. (C)
Q19 - Quando estou triste, procuro me distrair fazendo compras. (C)
Q20 - Quando sinto medo, busco aliviar o sentimento indo a locais seguros como shopping centers. (C)
Q21 - Quando fico com raiva, procuro espalhar fazendo compras. (C)
Q22 - Quando estou feliz, gosto de encontrar amigos e visitar lugares bonitos. (C)
Q23 - Quando estou triste, procuro encontrar amigos e visitar lugares bonitos. (C)
Q24 - Quando estou com raiva, procuro encontrar amigos e visitar lugares bonitos. (C)
Q25 - Quando estou com medo, procuro encontrar amigos e visitar lugares bonitos. (C)
Q26 - Quando estou feliz, prefiro ficar isolado das pessoas. (C)
Q27 - Quando estou triste, prefiro ficar isolado das pessoas. (C)
Q28 - Quando estou com raiva, prefiro ficar isolado das pessoas. (C)
Q29 - Quando estou com medo, prefiro ficar isolado das pessoas. (C)
Q30 - Adoro filmes de terror e suspense. (R)
Q31 - Odeio filmes com assassinatos e mortes. (R)
Q32 - Quando vejo notícias sobre violência fico feliz. (C)
Q33 - Quando vejo notícias sobre violência fico com raiva. (C)
Q34 - Quando vejo notícias sobre violência fico com medo. (C)
Q35 - Quando vejo notícias sobre violência fico triste. (C)
Q36 - Acredito que os meios de comunicação de massa têm o poder de manipular pessoas. (R)
Q37 - Acredito que os meios de comunicação de massa não têm qualquer influência sobre a tomada de decisão das pessoas. (R)
Q38 - A política em meu país me deixa feliz. (O)
Q39 - A política em meu país me deixa triste. (P)
Q40 - Sinto raiva dos políticos de meu país. (C)

FONTE: Elaborado pelo autor.

Para a medição no grupo piloto, utilizou-se inicialmente a Escala de Likert, um tipo de escala de resposta psicométrica usada habitualmente em questionários, que é a escala mais usual em pesquisas de opinião. Nela o sujeito pode escolher entre cinco opções de resposta: “concordo plenamente”, “concordo parcialmente”, “não concordo nem discordo”, “discordo parcialmente” e “discordo totalmente”. Posterior ao grupo piloto, em orientação com profissional estatístico, observou-se que esta escala era inadequada, visto que apresentava pouca precisão nas possíveis oscilações de grau de verdade apresentado pelos participantes.

Como as emoções são propriedade da mente que se manifesta no corpo com diferentes graus de intensidade e, por serem as emoções determinantes na significação de crenças, optou-se por um modelo de medição amplamente usado na área da saúde para aferições de intensidade de dor em pacientes sob determinados tratamentos, chamado de Escala Analógica Visual (EVA), representada na Figura 36.

FIGURA 36 - Escala Visual Analógica (EVA) Original



FONTE: MARTINEZ, GRASSI e MARQUES, 2011⁴⁵.

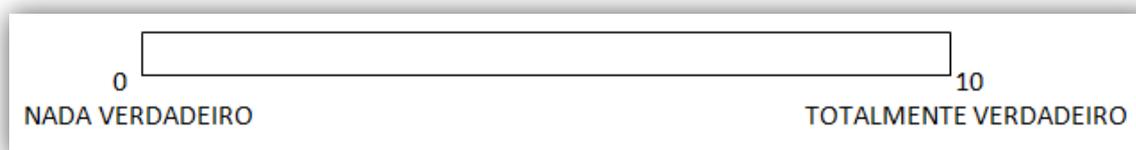
A EVA é usada, originalmente, para auxiliar na aferição da intensidade da dor para a verificação da evolução de pacientes de maneira mais explícita, justamente por ser aplicada antes e depois do tratamento. Se mostra útil justamente por demonstrar pequenas variações que outros métodos de medição seriam incapazes de evidenciar, possibilitando, dessa forma, verificar se os tratamentos aferidos estão sendo efetivos, quais procedimentos têm surtido melhores resultados, assim como se há alguma deficiência, de acordo com o grau de melhora ou piora da dor (MARTINEZ; GRASSI; MARQUES, 2011).

Tal qual a dor, a emoção incorre em manifestações físicas, sensações específicas que podem ser sentidas em diferentes graus de intensidade. Por isto, este

⁴⁵ Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbr/v51n4/v51n4a02>>. Acesso em março de 2015.

modelo supre, em nosso entendimento, possíveis deficiências que modelos com respostas prontas apresentariam, já que uma emoção pode ser muito ou pouco sentida de acordo com as subjetividades de cada indivíduo. Por esta constatação, nas pesquisas subsequentes a Escala de Likert foi substituída, atualizando o material para o uso da Escala Visual Analógica adaptada. Assim, ao participante era apresentada uma barra de 10 centímetros na posição horizontal, na qual na extremidade esquerda constava o número zero (0) junto da afirmação “nada verdadeiro”, e na extremidade direita constava o número 10 e a afirmação “totalmente verdadeiro”, conforme figura 37.

FIGURA 37 - EVA adaptada para o crençário



FONTE: Elaborado pelo autor.

O voluntário, então, deveria marcar com um traço vertical dentro da barra, de maneira intuitiva, a intensidade de verdade que ele atribuía à afirmação apresentada. Posteriormente, as marcações realizadas pelos sujeitos foram medidas com uma régua de 10 cm, possibilitando detectar oscilações menores nas pesquisas do antes e depois do experimento.

As oscilações no crençário a partir das medições anteriores e posteriores ao período de 14 dias de consumo de notícias permitiu identificar significativas alterações no grau de verdade dos voluntários, cujos resultados abordaremos mais adiante.

Vale esclarecer que, apesar de os resultados do Grupo Piloto mostrarem uma variação que corrobora a tese de que a sensação de verdade aumentou em relação às crenças mais pessimistas e diminuiu em relação às crenças mais otimistas, optou-se por deixar os dados deste grupo fora dos resultados, visto que a ferramenta de medição usada na coleta, a escala Likert, foi substituída, conforme já explicado.

De antemão, a ferramenta permitiu identificar que, tal qual oscilações apresentadas pela Roda das Emoções, ocorreram oscilações no grau de verdade em relação a determinadas crenças de maneira bastante significativa em alguns casos, como veremos adiante.

5.1.3 Registro Emocional por construto simbólico

Para auxiliar os voluntários e coletar informações específicas sobre os conteúdos consumidos ao longo de 14 dias, cada participante recebeu um relatório ao qual denominou-se Registro Emocional por Construto Simbólico. A ferramenta consiste em apresentar orientações sobre a maneira de consumir as notícias e quais elementos deveriam ser anotados pelo participante.

As Orientações foram passadas aos participantes de forma oral e escrita, onde receberam as seguintes instruções: 1) o participante deve escolher duas notícias por dia que, a seu critério, sejam as mais significativas, durante 14 dias consecutivos; 2) o voluntário deve ler os textos escolhidos por completo, bem como assistir vídeos e ouvir áudios disponíveis, se existirem; 3) perceber e anotar, a partir da auto-observação, se alguma emoção é predominante ao término do consumo. O voluntário deveria, então, preencher o relatório com a manchete da notícia consumida e a emoção sentida.

Esta ferramenta permitiu selecionar o *corpus* para a análise discursiva a partir dos construtos mais consumidos pelos voluntários, bem como perceber as principais emoções sentidas durante o processo. No entanto, dos grupos que participaram, poucos indivíduos conseguiram fazer as anotações e/ou entregar o relatório, o que dificultou observar padrões a partir da auto-observação dos participantes.

Mesmo assim, os resultados apresentados por esta ferramenta nos permitiram identificar quais produtos midiáticos foram mais indutivos à emoção do medo nos participantes, permitindo estabelecer um “medômetro” o qual serviu de base para identificar características comuns entre os construtos simbólicos consumidos.

Diante das cinco matérias e reportagens mais citadas pelos participantes como indutoras da emoção do medo, constituímos um *corpus* de construtos simbólicos para análise de discurso, de forma a identificar quais estratégias retóricas foram usadas para que a emoção do medo fosse disparada.

5.1.4 Rastreamento Socioeconômico

O rastreamento socioeconômico consiste em um breve questionário de perguntas e respostas para identificar nível de escolaridade, classe econômica da família do sujeito pesquisado e hábitos de consumo midiático. Aos voluntários foi dada

a orientação para que marcassem apenas uma resposta em cada uma das questões especificadas a seguir:

1) Escolaridade:

- Não Alfabetizado
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Médio Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Superior Incompleto
- Ensino Superior Completo
- Mestrado
- Doutorado

2) Renda:

- renda familiar maior que R\$13.000,00
- renda familiar entre R\$8.000,00 e R\$13.000,00
- renda familiar entre R\$4.000,00 e R\$8.000,00
- renda familiar entre R\$2.500,00 e R\$4.000,00
- renda familiar entre R\$1.500,00 e R\$2.500,00
- renda familiar entre R\$1.000,00 e R\$1.500,00
- renda familiar entre R\$700,00 e R\$1.000,00
- renda familiar inferior a R\$700,00

3) Principal meio pelo qual busca informação sobre os acontecimentos e a sociedade:

- rádio
- jornal impresso
- revistas semanais
- televisão
- sites de notícias
- blogs
- redes sociais
- livro
- outro

4) Principal meio pelo qual busca entretenimento e diversão:

- rádio
- jornal
- televisão
- internet
- livro
- cinema
- teatro
- outro

5) A qual fonte de informação atribui maior credibilidade

- redes sociais (facebook/twitter)
- blogs

- jornalismo televisivo
- jornalismo impresso
- jornalismo radiofônico
- jornalismo de internet
- outro (qual?: _____)

Este rastreamento possibilitou identificar o perfil do público participante. Do total das 60 pessoas que participaram da pesquisa, sendo 30 no grupo 2, em março de 2016, e 30 no grupo 3, em junho de 2016, apenas 31 voluntários realizaram o experimento até o fim, sendo 16 da turma de março e 15 da turma de junho, confirmando uma média de desistência de quase 50%.

O público que se voluntariou majoritariamente era constituído por alunos de classe B1 (25,80%), B2 (32,25%) e C1 (25,80%). O restante se dividiu entre as classes A2 (9,67%) e C2 (6,45%), não havendo participação de voluntários pertencentes às classes A1, D e E. A amostragem, quando separada por classes, portanto, mostra relevância estatística apenas nos grupos maiores, por isto optou-se por descartar resultados baseados na distinção de classes socioeconômicas para esta análise.

Como a pesquisa foi realizada em uma Instituição de Ensino Superior, todos os voluntários classificados para a amostragem final apontaram ter nível superior incompleto. As informações sobre preferências midiáticas acabaram por não mostrar relevância para os fins desta pesquisa, por isto foram descartadas.

5.1.5 Rastreamento de Comportamento Midiático

No início na pesquisa sentiu-se a necessidade de identificar padrões de comportamento em relação aos hábitos de consumo de notícias dos indivíduos pesquisados. Para isto, outro questionário com perguntas e opções específicas de resposta foi aplicado ao término do período de 14 dias de consumo de notícias para saber como a experiência poderia ter alterado os hábitos dos voluntários. Tal qual o rastreamento socioeconômico, aos voluntários foi dada a orientação para que marcassem apenas uma resposta em cada uma das seguintes questões:

- 1) Independente desta pesquisa, com qual periodicidade você costuma consumir produtos jornalísticos?
 - Menos de uma vez por semana
 - De 1 a 2 vezes por semana
 - De 2 a 3 vezes por semana

- De 3 a 4 vezes por semana
 - De 4 a 6 vezes por semana
 - Todos os dias
- 2) Durante a realização desta pesquisa você pode dizer que:
- consumiu mais notícias que o habitual
 - consumiu menos notícias que o habitual
 - manteve o mesmo nível de consumo de notícias
- 3) Independente desta pesquisa, em relação ao veículo Zero Hora você tem por hábito ler:
- Menos de uma vez por semana
 - De 1 a 2 vezes por semana
 - De 2 a 3 vezes por semana
 - De 3 a 4 vezes por semana
 - De 4 a 6 vezes por semana
 - Todos os dias
- 4) Independente desta pesquisa, em relação ao veículo Correio do Povo você tem por hábito ler:
- Menos de uma vez por semana
 - De 1 a 2 vezes por semana
 - De 3 a 4 vezes por semana
 - De 5 a 6 vezes por semana
 - Todos os dias
- 5) Após o término desta pesquisa você acha que vai:
- aumentar o consumo de notícias de Zero Hora e/ou Correio do Povo
 - manter o consumo de notícias de Zero Hora e/ou Correio do Povo
 - diminuir o consumo de notícias de Zero Hora e/ou Correio do Povo

Este questionário, no entanto, não permitiu identificar oscilação de padrões de emocionalidade entre aqueles que tinham aumentado seus hábitos de consumo de notícias em relação àqueles que foram pouco ou nada impactados pela inserção do hábito de leitura proposto nos 14 dias de pesquisa. Enquanto medida-acessório, seus resultados pouco acrescentavam aos objetivos desta pesquisa, motivo pelo qual também foi excluído da análise dos resultados.

5.2 ANÁLISE DE DISCURSO

Para entender como os meios de comunicação de massa operam para eliciar emoções e impactar na formação de crenças e do mapa cognitivo do sujeito, tendo em vista as interfaces até aqui estabelecidas que sugerem a existência de uma “retórica do

medo”, identificar no discurso midiático operadores retóricos que possam eliciar tal emoção, bem como as categorias em que ela ocorre, nos leva inevitavelmente a optar pela metodologia de análise de discurso para tal fim (ORLANDI, 1990).

Segundo Manhães (2012), tal metodologia permite a desconstrução de um texto em discursos, de forma a desmontar para perceber como foi montado.

A desconstrução leva-nos, assim, a identificar a pessoa que ocupa a posição de sujeito da ação. Quem fala? Que posição ocupa diante do interlocutor? Pragmaticamente, o que objetiva? Está pedindo ou está ordenando? O que ele está fazendo com as palavras? (MANHÃES, 2012, p.312).

Como estamos em busca de indícios que evidenciem uma “retórica do medo”, cujas categorias estabelecemos numa interface entre os conceitos estudados e os estratégias de sedução de Ferrés (1998), por óbvio estamos em busca dos atos de fala locutórios, que são as estruturas lógicas carregadas das intenções do autor, ilocutórios, que se relacionam ao contexto, e dos perlocutórios, relacionado à *performance*, como explica Manhães.

Se os atos locutórios acontecem sempre em situações sociais concretas e a interação do locutor/receptor é uma ação simbólica e social, a emissão de uma proposição linguística tem o sentido semântico interfaciado por intenções políticas, ideológicas, religiosas e pessoais. Porque se comunica, o sujeito, concomitantemente, realiza uma *performance*, representa papéis sociais, realiza atos perlocutórios (MANHÃES, 2012, p. 313).

Convergindo a uma das hipóteses desta pesquisa, de que existe um fundo ideológico por trás da predileção midiática pela violência e pela conseqüente eliciação do medo, em especial nos construtos simbólicos do jornalismo, Benetti (2016) lembra salutarmente que toda discursividade ocorre da interação entre sujeitos, e que, portanto, é carregada de sentidos compartilhados. Para a autora,

Não existe um sentido literal residindo no texto. Existe uma materialidade textual que carrega sentidos potenciais, e os sentidos são produzidos na relação intersubjetiva. Há tantas possibilidades de leituras de um texto porque este é sempre feito de “falhas” e “equivocos”. A linguagem não é transparente, e sim opaca, pois seu funcionamento não é evidente para os sujeitos que a utilizam. Ao contrário, seu funcionamento é profundamente complexo, ideológico e enraizado na história – uma história que é de conflito, luta, divergência e dominação, e tudo isso constrói a linguagem e as significações (BENETTI, 2016, p. 239).

O Registro Emocional por Construto Simbólico utilizado nos experimentos de campo da pesquisa de recepção possibilitou que se estabelecesse um *corpus* de análise dentro destes critérios. Foram fornecidas nos relatórios anotações indicando matérias e reportagens consumidas pelo período de 14 dias, em dois momentos distintos. Os voluntários também forneceram registros de auto-observação sobre emoções predominantes atribuídas aos construtos simbólicos considerados mais significativos por eles. Estes registros foram transpostos para uma tabela única anexada a esta pesquisa no Apêndice E.

Dos 609 registros fornecidos pelos voluntários participantes, 228 relacionaram as notícias consumidas a uma experiência emocional positiva, representada pela alegria. Os outros 381 registros atribuíram as notícias consumidas a vivências emocionais consideradas mais negativas, como o medo (150), a raiva (122) e a tristeza (114). Outros seis construtos simbólicos foram classificados como significativos pelos participantes, mas aos quais não foi atribuída qualquer emoção, sendo classificados por eles como “indiferentes” (Apêndice E).

A constituição do *corpus* da pesquisa, ou seja, a definição do conjunto de produtos midiáticos a serem analisados, foi realizada de maneira a obedecer às regras da *exaustividade* – que exige a consideração, nos períodos escolhidos, de todos os construtos relativos ao assunto pesquisado –; e de *pertinência*, que exige adequação dos documentos aos objetivos da pesquisa (MANHÃES, 2012). Também se observou critérios de *sincronicidade* e *homogeneidade*, conforme especifica Benetti:

Por sincronicidade, entende-se que os materiais devem ser coletados dentro de um ciclo de tempo determinado. [...] Por homogeneidade, entende-se que os materiais devem pertencer preferencialmente a um mesmo meio ou suporte e que não se devem misturar textos individuais e coletivos (BENETTI, 2016, p. 246).

Como a intenção é entender os construtos simbólicos que eliciam prioritariamente o medo, foram selecionadas as cinco notícias entre as mais citadas pelos participantes da pesquisa como ativadoras do medo. Este recorte evidenciou três notícias de Zero Hora e duas notícias do Correio do Povo, conforme Quadro 5.

QUADRO 5 - Notícias que mais eliciaram medo em receptores

Grupo	Fichas	Data	Manchete / assunto	Emoção eliciada	Veículo
G2	27, 32, 36	22/03/2016	Explosões em aeroporto e metrô de Bruxelas matam 26 e ferem dezenas	Medo	ZH
G2	27, 31, 36	23/03/2016	Desemprego volta a subir e atinge 8,2%, indica IBGE	Preocupação/Medo	CP
G2	14, 23, 27	29/03/2016	Homem é executado no hospital Cristo Redentor	Preocupação/Medo	ZH
G2	23, 27, 32	01/04/2016	Porto Alegre e Viamão tem primeiros casos de gripe A	Preocupação/Medo	ZH
G3	51, 53	12/06/2016	Massacre em Orlando coloca terror e controle de armas na agenda das eleições	Medo	CP

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos registros do Apêndice G.

O tamanho do *corpus* foi suficiente para identificar que elementos específicos dos construtos simbólicos serviram como gatilhos indutores do medo. Também permitiu uma análise de sentidos, que busca enxergar a existência de duas camadas, uma discursiva e outra ideológica no discurso; bem como uma análise de estruturação, onde foi possível avaliar como as estratégias retóricas foram organizadas (BENETTI, 2016).

Por fim, ao propormos uma análise da retórica do medo no discurso midiático à luz do Pensamento Sistêmico e dos outros pressupostos teóricos explorados, encontramos respaldo na análise de discurso para entender as intenções dos emissores, bem como suas diretrizes ideológicas que resultaram em efeitos emocionais específicos.

5.3 ENTREVISTAS EM PROFUNDIDADE COM EMISSORES

Como esta pesquisa possui caráter exploratório no que se refere a detectar consciência e inconsciência por parte dos produtores da notícia sobre os efeitos emocionais dos construtos simbólicos que produzem no receptor, optou-se por coletar dados junto aos emissores pelo método de entrevista em profundidade. Como explica Duarte (2012), este método é útil para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado.

O modelo da entrevista segue uma tipologia semiaberta, que parte de um roteiro-base, mas que está sujeita a variações de acordo com os direcionamentos da conversa. Também obedece a critérios atribuídos ao que alguns pesquisadores

chamam de entrevista “clínica”, relacionada a motivações, atitudes, crenças específicas do respondente com base em sua experiência de vida (DUARTE, 2012, p.65).

Para promover um tensionamento entre os resultados das pesquisas de campo e da análise discursiva dos construtos simbólicos, foram realizadas entrevistas em profundidade com três editores de conteúdo online do jornal Zero Hora e três editores de conteúdo online do jornal Correio do Povo. As transcrições completas das entrevistas estão anexadas nos Apêndices H, I, J, K, L e M.

As transcrições foram feitas de forma a manter o máximo de fidelidade ao que consta nas gravações, incluindo erros de fala, indicações de demora em responder (com o uso de reticências) e de momentos em que as respostas foram acompanhadas de risadas (com o uso da expressão “risos” entre parênteses).

Os entrevistados dos apêndices F e K são considerados informantes-chave, por assumirem o papel de coordenação na hierarquia das redações, o que lhes confere função decisiva na construção e edição das notícias divulgadas (DUARTE, 2012).

Como o objetivo é detectar a consciência ou inconsciência destes editores acerca dos efeitos de seus produtos nos receptores, foi necessário realizar uma conversa que pudesse fazer emergir diretrizes do crençário dos entrevistados, possibilitando a percepção de aproximações e distorções entre a forma de pensar dos emissores com os conteúdos que produziram.

As entrevistas, portanto, partiram de um questionário-base composto por 15 perguntas, conforme o roteiro do quadro 6. Depois seguiram o roteiro de desafios propostos pelos metamodelos de linguagem de Bandler e Grinder (2012), conforme especificado no Capítulo 4, o que fez com que cada uma das seis entrevistas seguisse por diferentes caminhos.

Esta lista de questionamentos teve origem nos problemas e hipóteses que nortearam a pesquisa, mas de forma alguma objetivavam buscar respostas que, sozinhas, respondessem às questões base da pesquisa. Os resultados serviram para que ocorressem triangulações e tensionamentos com outros dados coletados na pesquisa de emissão e na análise de discurso. Estes cruzamentos possibilitaram observar indícios sobre as subjetividades que compõem os chamados critérios de valor-notícia do imaginário jornalístico (TRAQUINA, 2005). Constatar certo grau de inconsciência dos *gatekeepers* sobre os próprios critérios que utilizam, bem como sobre os efeitos emocionais dos construtos simbólicos que produzem nos receptores,

foi um dado preponderante fornecido por esta etapa da pesquisa, conforme veremos na discussão dos resultados.

QUADRO 6 - Questionário-base para os emissores

Perguntas Iniciais Para Aplicação de Metamodelos	
1)	Por que se tornou comunicador?
2)	O que lhe motiva em seu trabalho?
3)	Que importância você atribui ao seu trabalho para a sociedade?
4)	Você comunica fatos ou uma interpretação dos fatos?
5)	Que emoção lhe vem à tona ao ler seu próprio conteúdo?
6)	Qual o seu objetivo em comunicar o que comunica?
7)	Que emoções você acredita provocar em seu público?
8)	Que consequências você espera do público ao expor seus conteúdos?
9)	Você é influenciável?
10)	Você tem liberdade para expor suas opiniões em seu local de trabalho?
11)	Você já fez algo contra sua vontade em seu trabalho como comunicador?
12)	O que é a felicidade para você?
13)	Em que momentos você sente raiva?
14)	O que lhe deixa triste?
15)	O que lhe provoca medo e o que ele significa para você?

FONTE: Elaborado pelo autor.

6. RESULTADOS

6.1 DADOS QUANTITATIVOS DA PESQUISA DE RECEPÇÃO

A coleta para esta pesquisa foi abundante em termos de dados. Percebeu-se, ao longo do processo de compilação, que seria demasiado extensivo avaliar com profundidade todos os dados coletados junto aos grupos participantes. Os resultados completos dos Grupos 2 e 3 estão nas tabelas dos Apêndices C, D, E, F, G e H para que possam estar disponíveis a futuras análises a partir dos dados coletados. Também foram adicionados os dados da Roda das Emoções registrados nos testes de ferramentas do Grupo Piloto (Apêndices A e B), para que seja possível uma visualização do padrão oscilatório que se repetiu em relação a esta ferramenta.

Para os objetivos deste trabalho, nos detivemos nas informações mais explícitas, que evidenciaram a possível existência de um fenômeno de indução emocional, a existência de um padrão neste fenômeno e os efeitos que as oscilações emocionais resultantes do experimento provocaram no grau de veracidade das sentenças componentes do crençário.

6.1.1 Oscilações na Roda das Emoções

As tabelas e gráficos a seguir são o resultado do cruzamento dos dados entre as tabelas dos apêndices A e B (Grupo Piloto), e das tabelas dos Apêndices C e D (Grupos 2 e 3). Cada um dos participantes recebeu um número de ficha exclusivo, onde as fichas de número 1P a 6P correspondem ao Grupo Piloto (pesquisado em novembro de 2015), as de 1 a 30 correspondem ao Grupo 2 (pesquisado em março de 2016) e as fichas de 31 a 60 correspondem ao Grupo 3 (pesquisado em junho de 2016).

As siglas para representar cada área da vida e cada emoção foram compostas por abreviações. RE diz respeito à ferramenta de medição Roda das Emoções (RE). Já as abreviações LUG (Lugares), SAU (Saúde), CAR (Carreira), DESP (Desenvolvimento Pessoal), REL (Relacionamentos), ROM (Romance), FIN (Finanças) e LAZ (Lazer) se referem às oito áreas da vida nas quais se divide a ferramenta proposta. Por fim, as iniciais M (Medo), R (Raiva), T (Tristeza) e A (Alegria) referem-se às emoções

vivenciadas. Assim, como exemplo, no campo RELUGM temos as médias do grau de intensidade de vivência da emoção “medo”, na área da vida “lugar”, apontada no preenchimento da Roda das Emoções.

A coluna “Antes” refere-se às médias obtidas no momento anterior ao período de 14 dias de consumo de notícias ao qual os participantes foram submetidos. A coluna “Depois” traz as médias apontadas pelos grupos após o período de consumo de notícias. Por fim, a coluna “Dif” aponta as diferenças entre o antes e o depois, indicando se o grau de vivência da emoção por área aumentou ou diminuiu após o experimento. A Tabela 1 reflete as médias obtidas junto ao Grupo Piloto.

TABELA 1 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida - G PILOTO

Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif	Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif
RELUGM	56	58	2,00	RERELM	40	36	-4
RELUGR	34	18	-16	RERELR	16	24	8
RELUGT	36	50	14	RERELT	28	38	10
RELUGA	78	64	-14	RERELA	74	62	-12
RESAUM	28	34	6	REROMM	64	62	-2
RESAUR	8	10	2	REROMR	30	32	2
RESAUT	14	22	8	REROMT	44	58	14
RESAUA	90	80	-10	REROMA	32	46	14
RECARM	48	58	10	REFINM	64	56	-8
RECARR	34	44	10	REFINR	24	28	4
RECART	36	80	44	REFINT	28	50	22
RECARA	72	18	-54	REFINA	48	40	-8
REDESPM	30	30	-	RELAZM	24	34	10
REDESPR	14	18	4	RELAZR	16	20	4
REDESPT	20	28	8	RELAZT	26	28	2
REDESPA	72	58	-14	RELAZA	88	72	-16

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices A e B

A partir do cruzamento destes dados, elaborou-se a Tabela 2, com as médias gerais da vivência das quatro emoções pela soma das áreas da vida presentes na RE.

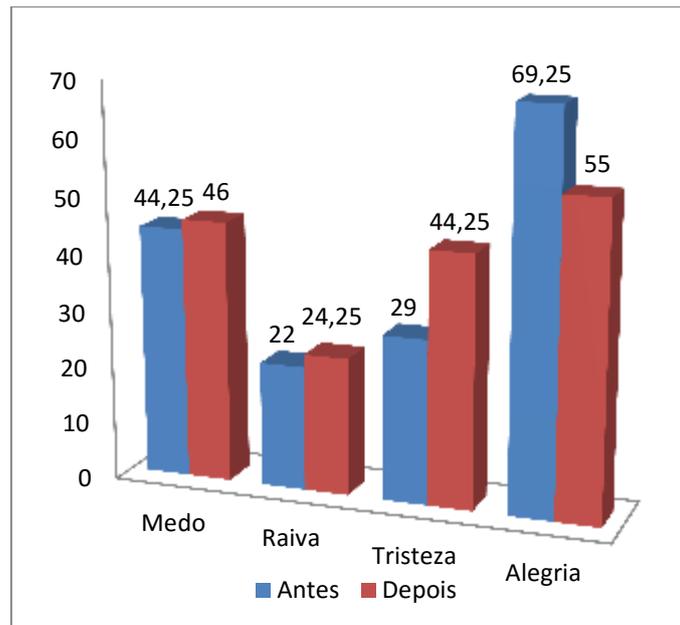
TABELA 2 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G PILOTO

EMOÇÃO	Média Geral Antes	Média Geral Depois	Diferença
MEDO	44,25	46	1,75
RAIVA	22	24,25	2,25
TRISTEZA	29	44,25	15,25
ALEGRIA	69,25	55	-14,25

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices A e B

Ilustradas em forma de gráfico, estas médias evidenciam um padrão oscilatório entre as vivências iniciais e as vivências finais de acordo com cada emoção. As emoções do medo, da raiva e da tristeza mostraram índices mais elevados ao final do experimento, enquanto a emoção da alegria mostrou uma considerável baixa no índice, conforme representado no Gráfico 1.

GRÁFICO 1 - Vivência das emoções básicas Grupo Piloto



FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos dados da Tabela 2.

As colunas azuis mostram a média de intensidade da vivência das emoções no momento anterior ao início do experimento, ou seja, antes do período de 14 dias de consumo de notícias a que os participantes se voluntariaram a consumir. As colunas vermelhas mostram medições dos mesmos índices após o período de consumo de notícias. Apesar da irrelevância estatística, acrescentou-se este gráfico aos resultados porque, como explicado anteriormente, o mesmo apresenta um padrão oscilatório que se repetiu nos grupos maiores.

Na Tabela 3, temos as médias das vivências emocionais por área da vida, referente ao Grupo 2.

TABELA 3 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida G2

Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif	Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif
RELUGM	56,25	61,88	5,63	RERELM	43,13	38,13	-5,00
RELUGR	38,13	38,13	-	RERELR	33,13	38,13	5,00
RELUGT	42,50	43,13	0,63	RERELT	37,50	38,75	1,25
RELUGA	79,38	74,38	-5,00	RERELA	83,13	75,00	-8,13
RESAUM	45,63	48,13	2,50	REROMM	40,00	41,25	1,25
RESAUR	29,38	35,63	6,25	REROMR	31,88	34,38	2,50
RESAUT	33,13	35,63	2,50	REROMT	33,13	40,63	7,50
RESAUA	80,00	77,50	-2,50	REROMA	76,88	77,50	0,63
RECARM	57,50	51,25	-6,25	REFINM	72,50	70,63	-1,88
RECARR	42,50	35,00	-7,50	REFINR	46,88	43,75	-3,13
RECART	45,63	38,75	-6,88	REFINT	56,25	58,75	2,50
RECARA	68,13	70,00	1,88	REFINA	58,13	51,25	-6,88
REDESPM	36,88	46,88	10,00	RELAZM	37,50	40,63	3,13
REDESPR*	29,38	38,13	8,75	RELAZR	34,38	33,13	-1,25
REDESPT*	36,88	42,50	5,63	RELAZT	35,00	38,75	3,75
REDESPA	81,25	71,88	-9,38	RELAZA	81,88	75,00	-6,88

FONTE: Elaborado pelo autor a partir das fichas válidas entre 1 e 30 dos Apêndices C e D

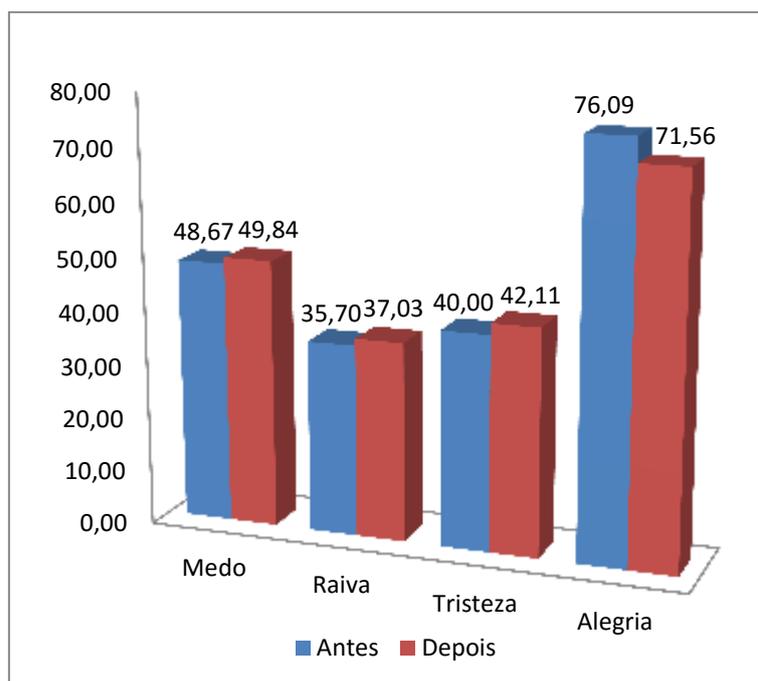
A partir do cruzamento destes dados, revelou-se as médias gerais da vivência das quatro emoções entre os participantes do Grupo 2, conforme Tabela 4.

TABELA 4 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G2

EMOÇÃO	Média Geral Antes	Média Geral Depois	Diferença
MEDO	48,67	49,84	1,17
RAIVA	35,70	37,03	1,33
TRISTEZA	40,00	42,11	2,11
ALEGRIA	76,09	71,56	-4,53

FONTE: Elaborado pelo autor a partir das fichas válidas entre 1 e 30 dos Apêndices C e D

Apesar de oscilações menos discrepantes, as médias de intensidade da vivência das emoções do Grupo 2 repetiram o padrão constatado no Grupo Piloto. Após o consumo de notícias em um período de 14 dias, houve uma elevação nos índices referentes à vivência das emoções do medo, da raiva e da tristeza, frente a uma queda no índice indicativo da vivência da alegria, como mostra o Gráfico 2.

GRÁFICO 2 - Vivência das emoções básicas G2 - março de 2016

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos dados da Tabela 4.

Já as médias das vivências emocionais por área da vida do Grupo 3 estão apresentadas na Tabela 5.

TABELA 5 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida G3

Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif	Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif
RELUGM	64,67	66,00	1,33	RERELM	51,33	61,33	10,00
RELUGR	46,67	41,33	-5,33	RERELR	46,00	53,33	7,33
RELUGT	47,33	46,67	-0,67	RERELT	54,00	66,00	12,00
RELUGA	74,67	74,67	-	RERELA	84,00	78,67	-5,33
RESAUM	56,67	59,33	2,67	REROMM	62,00	56,00	-6,00
RESAUR	46,67	37,33	-9,33	REROMR	47,33	52,67	5,33
RESAUT	46,67	42,67	-4,00	REROMT	59,33	60,67	1,33
RESAUA	72,67	72,00	-0,67	REROMA	79,33	66,67	-12,67
RECARM	73,33	63,33	-10,00	REFINM	72,67	75,33	2,67
RECARR	49,33	56,67	7,33	REFINR	64,00	69,33	5,33
RECART	48,00	58,00	10,00	REFINT	65,33	70,00	4,67
RECARA	75,33	64,67	-10,67	REFINA	58,00	58,00	-
REDESPM	54,00	58,67	4,67	RELAZM	47,33	53,33	6,00
REDESPR	40,00	52,67	12,67	RELAZR	32,00	38,00	6,00
REDESPT	42,00	58,00	16,00	RELAZT	40,00	51,33	11,33
REDESPA	78,00	74,67	-3,33	RELAZA	85,33	81,33	-4,00

FONTE: Elaborado pelo autor a partir das fichas válidas entre 31 a 60 dos Apêndices C e D

A partir do cruzamento destes dados, revelou-se as médias gerais da vivência das quatro emoções entre os participantes do Grupo 3, como mostra a Tabela 6.

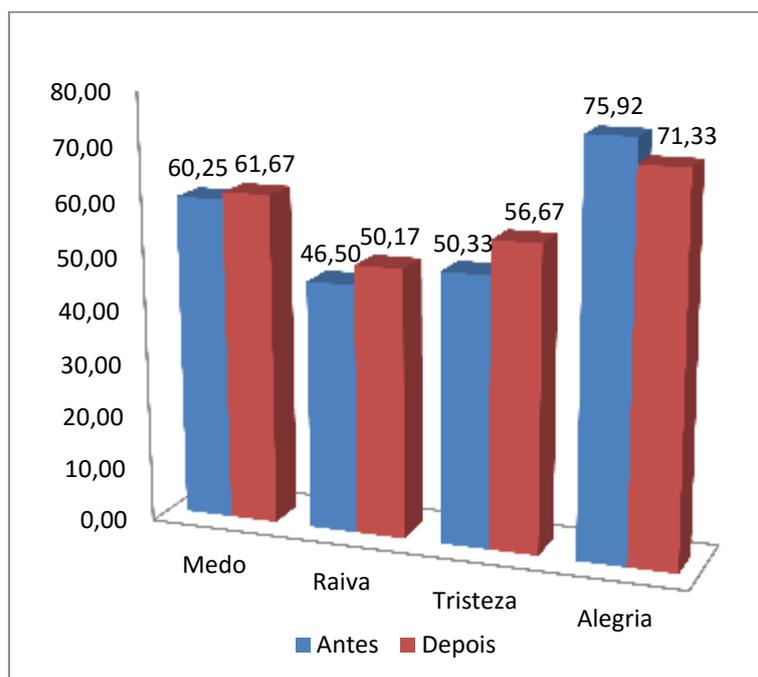
TABELA 6 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G3

EMOÇÃO	Média Geral Antes	Média Geral Depois	Diferença
MEDO	60,25	61,67	1,42
RAIVA	46,50	50,17	3,67
TRISTEZA	50,33	56,67	6,33
ALEGRIA	75,92	71,33	-4,58

FONTE: Elaborado pelo autor a partir das fichas válidas entre 31 a 60 dos Apêndices C e D

Os índices relacionados à vivência das emoções de medo, raiva e tristeza no Grupo 3 também apresentam elevação após o experimento, bem como há queda no índice relativo à vivência da alegria, seguindo o padrão oscilatório apresentado pelos demais dados apresentados, conforme mostra o Gráfico 3.

GRÁFICO 3 - Vivência das emoções básicas G3 - junho de 2016



FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos dados da Tabela 6.

Quando somados os resultados dos Grupos 2 e 3, já é possível identificar algumas médias de maior relevância estatística, conforme Tabela 7.

TABELA 7 - Resultados antes e depois RE por Área da Vida G2 + G3

Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif	Área da Vida/Emoção	Antes	Depois	Dif
RELUGM	60,32	63,87	3,55	RERELM	47,10	49,35	2,26
RELUGR	42,26	39,68	2,58	RERELR*	39,35	45,48	6,13
RELUGT	44,84	44,84	-	RERELT	45,48	51,94	6,45
RELUGA	77,10	74,52	- 2,58	RERELA	83,55	76,77	-6,77
RESAUM	50,97	53,55	2,58	REROMM	50,65	48,39	-2,26
RESAUR	37,74	36,45	-1,29	REROMR	39,35	43,23	3,87
RESAUT	39,68	39,03	-0,65	REROMT	45,81	50,32	4,52
RESAUA	76,45	74,84	-1,61	REROMA	78,06	72,26	-5,81
RECARM*	65,16	57,10	-8,06	REFINM	72,58	72,90	0,32
RECARR	45,81	45,48	-0,32	REFINR	55,16	56,13	0,97
RECART	46,77	48,06	1,29	REFINT	60,65	64,19	3,55
RECARA	71,61	67,42	-4,19	REFINA	58,06	54,52	-3,55
REDESPM	45,16	52,58	7,42	RELAZM	42,26	46,77	4,52
REDESPR*	34,52	45,16	10,65	RELAZR	33,23	35,48	2,26
REDESPT*	39,35	50,00	10,65	RELAZT	37,42	44,84	7,42
REDESPA	79,68	73,23	-6,45	RELAZA	83,55	78,06	-5,48

* Diferenças estatisticamente significativas

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices C e D

As diferenças mais significativas, marcadas em asterisco na Tabela 7, apresentaram maior expressividade estatística, ou seja, a variabilidade dos valores entre os participantes foi menor em relação à média, aumentando sua relevância pela lógica do desvio padrão e de chances de representação para mais de 95% da população pesquisada. Da mesma forma, na soma das médias por emoção que deram origem à Tabela 8, tal grau de confiabilidade estatística foi alcançado em relação às emoções da raiva, da tristeza e da alegria.

TABELA 8 - Resultados antes e depois RE Soma das áreas G2 + G3

EMOÇÃO	Média Geral Antes	Média Geral Depois	Diferença
MEDO	54,27	55,56	1,29
RAIVA*	40,93	43,39	2,46
TRISTEZA*	45,00	49,15	4,15
ALEGRIA*	76,01	71,45	- 4,56

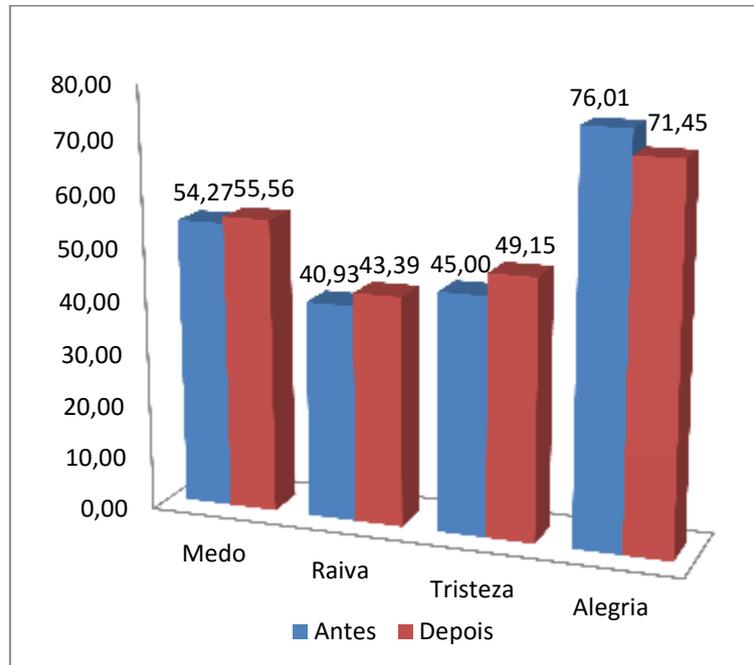
* Diferenças estatisticamente significativas

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices C e D

Na soma das médias dos Grupos 2 e 3, percebe-se que o medo foi a emoção que apresentou menos oscilação entre o antes e o depois. Já as diferenças

apresentadas na vivência da raiva, da tristeza e da alegria evidenciaram oscilações maiores como evidencia o Gráfico 4.

GRÁFICO 4 - Vivência das emoções básicas média G2 + G3



FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos dados da Tabela 8.

Em todos os grupos percebeu-se um aumento da vivência das emoções do medo, da raiva e da tristeza, e igualmente percebeu-se uma queda mais acentuada da vivência da alegria.

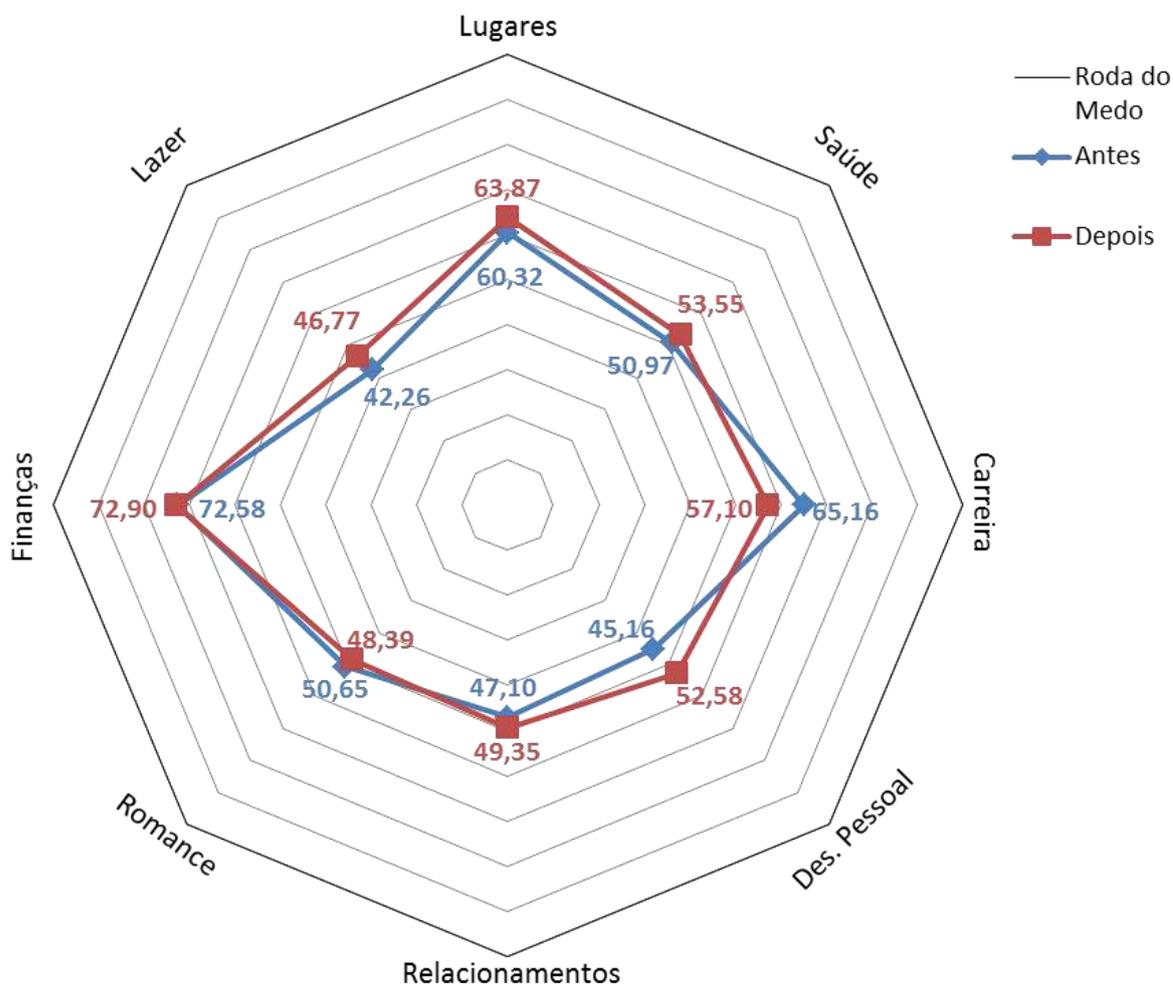
Ao analisarmos a intensidade das emoções de acordo com cada uma das oito áreas da vida, percebemos que também existe um padrão de variação, onde o espectro de intensidade da vivência das emoções do medo, da raiva e da tristeza aumentam, enquanto que o espectro de intensidade da alegria diminui.

O espectro formado pela borda azul constitui a intensidade de vivência da emoção antes do período de consumo de notícias. O espectro formado pela borda vermelha constitui a intensidade de vivência da emoção declarada pelo participante após o período de 14 dias. As numerações constantes nos gráficos correspondem às médias numéricas das marcações feitas em cada área da Roda das Emoções.

Numa análise única dos Grupos 2 e 3 para identificar oscilação no espectro do medo, as médias de intensidade de vivência desta emoção se mostraram maiores em seis das oito áreas da Roda das Emoções, sendo as de maior oscilação as médias das áreas Lugares, Saúde, Desenvolvimento Pessoal e Lazer, Relacionamento e Finanças,

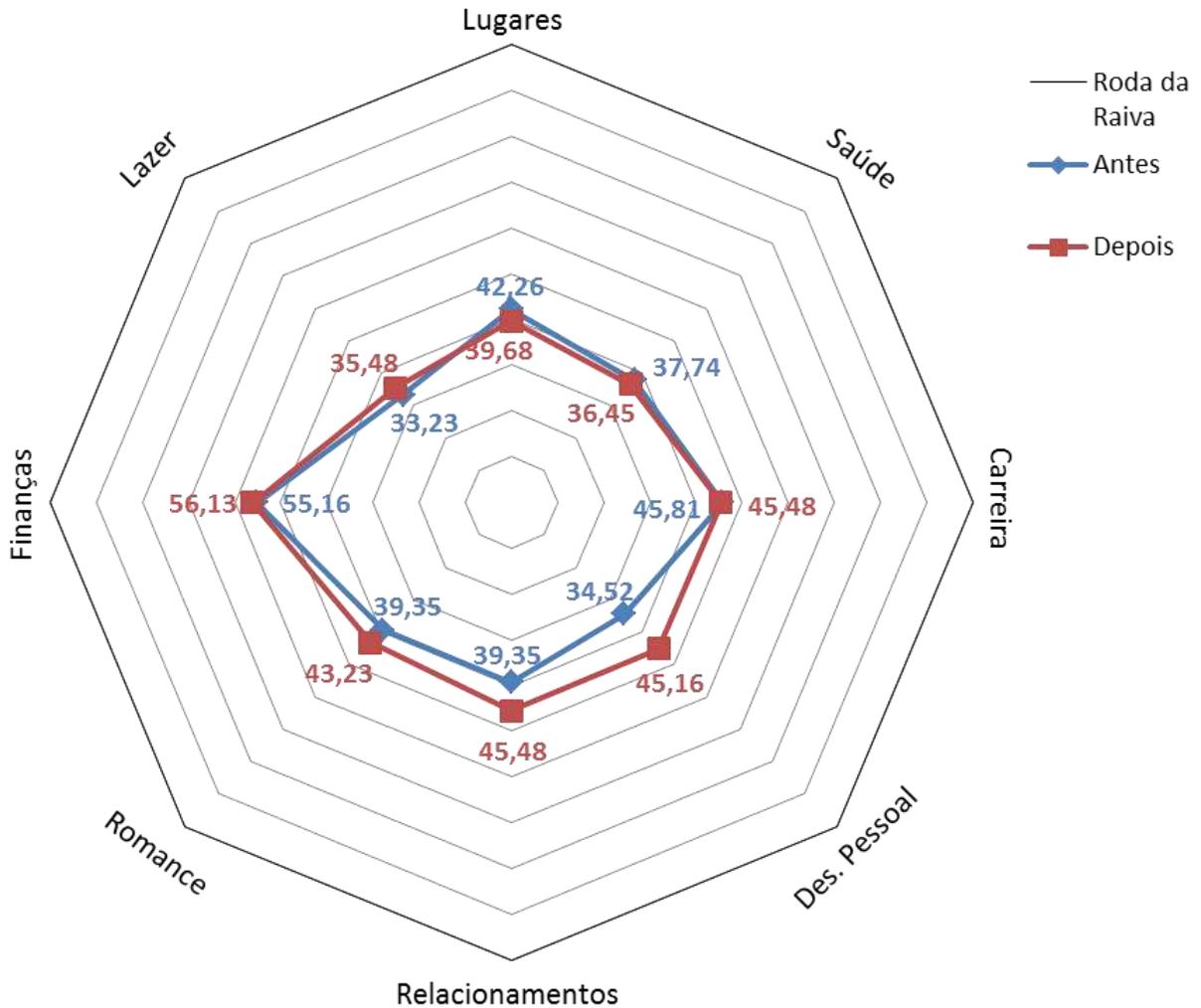
apesar de apresentarem aumento, mostram pouca oscilação. Já a área Carreira apresentou queda, como mostra o diagrama do Gráfico 5.

GRÁFICO 5 - Espectro do medo G2+G3



FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices C e D.

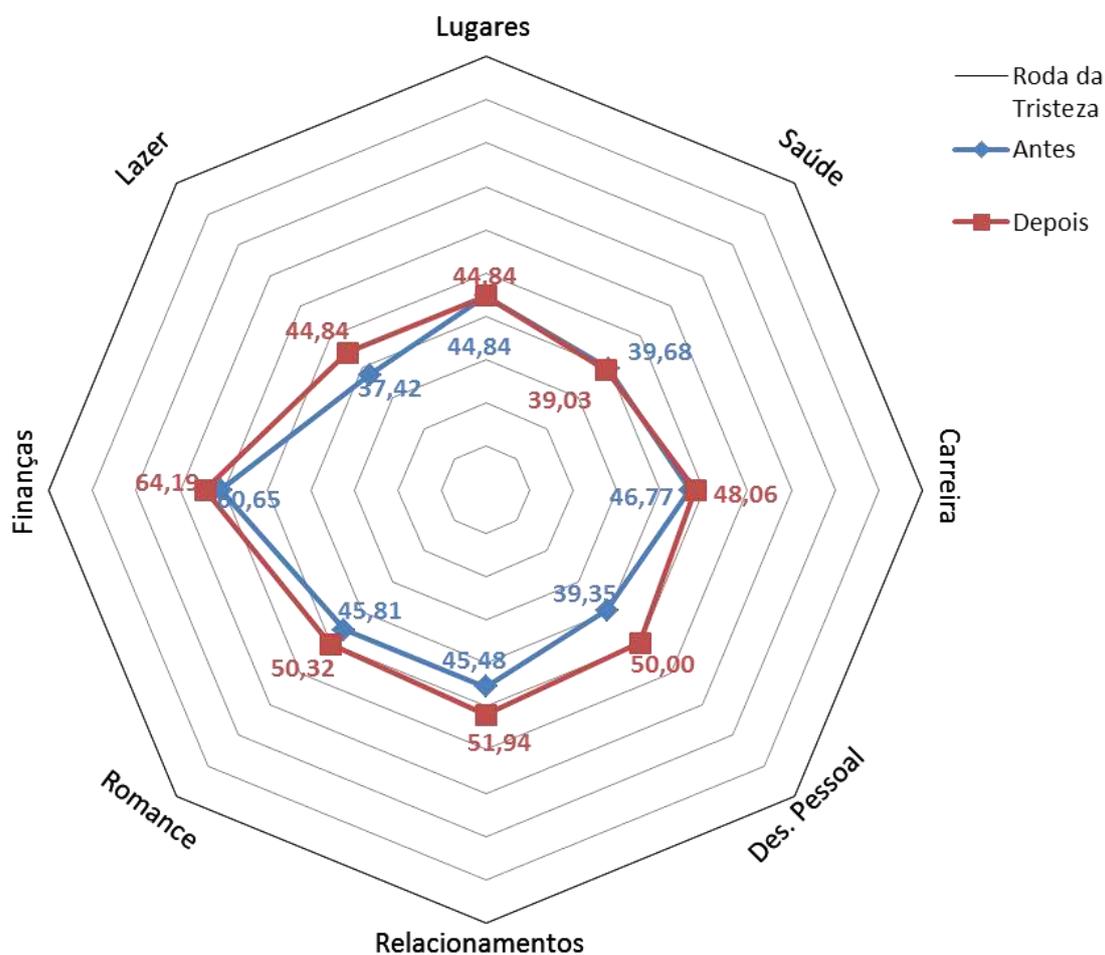
Já a emoção da raiva apontou um aumento de seu espectro em seis das oito áreas da Roda das Emoções quando somados os resultados dos Grupos 2 e 3: Carreira, Desenvolvimento Pessoal, Relacionamentos, Romance, Finanças e Lazer. As áreas Lugares e Saúde apresentam leve queda na vivência desta emoção, como mostra o Gráfico 6.

GRÁFICO 6 - Espectro da Raiva G2+G3

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices C e D.

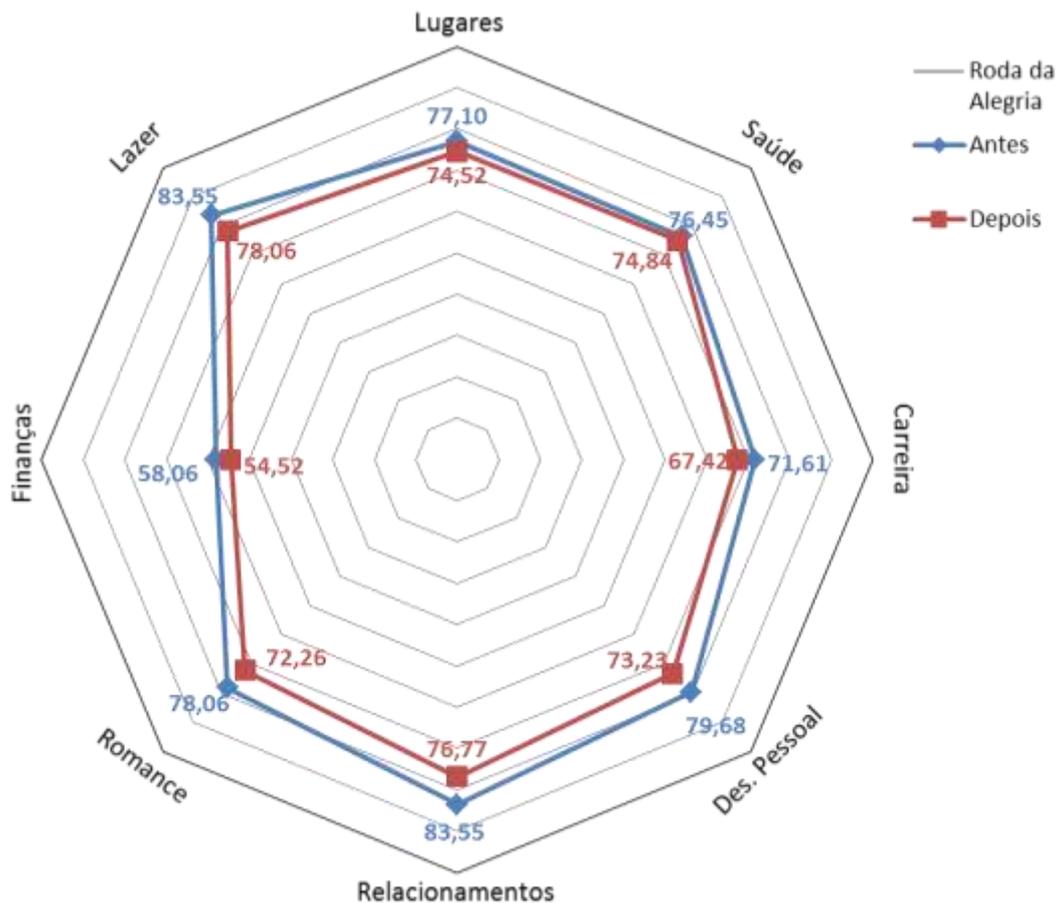
As medições de intensidade da tristeza por área da vida foram as mais significativas entre as emoções consideradas “negativas”. As alterações de intensidade de vivência apresentaram oscilações mais destacáveis entre os espectros do “antes” e do “depois” do consumo de notícias. A partir das médias dos resultados dos Grupos 2 e 3, percebe-se que a intensidade de vivência da tristeza subiu em sete das oito áreas da Roda das Emoções, sendo apenas Saúde a área que apresentou queda, como mostra o Gráfico 7.

GRÁFICO 7 - Espectro da Tristeza G2+G3



FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices C e D.

Dentre todas as medições realizadas em relação à vivência das quatro emoções básicas junto aos grupos pesquisados, a queda de intensidade da alegria foi a mais evidente. Quando considerados os dados dos grupos 2 e 3, a diminuição do espectro da alegria fica consolidada em todas as oito áreas da Roda das Emoções, como mostra o Gráfico 8 a seguir.

GRÁFICO 8 - Espectro da Alegria G2+G3

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices C e D.

6.1.1.1 Breve discussão acerca da RE

Se assumirmos que a variação de humor está diretamente ligada à variação do grau de intensidade de vivência das emoções, os dados coletados pela Roda das Emoções para esta pesquisa permitem inferir que o consumo contínuo de notícias tem efeitos emocionais estatisticamente significativos.

Apesar de não ser possível afirmar em que grau estas alterações se devem ao consumo de construtos simbólicos midiáticos, a existência de um padrão de oscilação tanto no Grupo Piloto como nos Grupos 2 e 3 evidencia que a inserção deste hábito na rotina dos voluntários participantes da pesquisa tem grandes chances de ter causado tal efeito em algum nível.

O tamanho da amostragem não permite expandir esta suspeita para níveis populacionais. Mas é suficiente para demonstrar que existe um efeito de alteração emocional e que este efeito pode ter sido provocado pelo consumo de notícias por exibir um padrão de oscilação.

Tal padrão se repetiu com variações de maior ou menor intensidade, independente do período em que os grupos foram submetidos ao experimento, o que reforça a hipótese de que os meios de comunicação de massa, através de seus construtos simbólicos, não são apenas capazes de alterar a vivência emocional dos indivíduos, mas fazem isto seguindo, de forma consciente ou não, uma diretriz que prioriza a eliciação de emoções tidas como negativas em detrimento das emoções mais positivas, corroborando a máxima de que, em se tratando de jornalismo, “a boa notícia é a má notícia” (WAINBERG, 2015a).

Apesar de o medo apresentar oscilação menor na média geral e, conseqüentemente, sua variação ser menos relevante estatisticamente, esta emoção tem a maior intensidade de vivência entre as emoções tidas como “negativas” em todos os grupos pesquisados. Evidencia que o medo impera sobre a raiva e a tristeza. Ao mesmo tempo em que o aumento destas emoções coincide com uma queda abrupta da vivência da alegria.

6.1.2 Oscilações no Crençário

Como explicado anteriormente, o Crençário sofreu alterações em seu modelo de métrica após a realização do experimento com o Grupo Piloto. Percebeu-se que a Escala de Likert, utilizada inicialmente na medição, não proporcionaria dados estatísticos relevantes por ser ineficaz na detecção de variações sutis no sentimento de verdade dos participantes em relação às crenças apresentadas.

Levado isto em conta, foi produzida uma tabela única (Tabela 9) com a soma dos resultados dos grupos 2 e 3 (Apêndices E e F). Nesta mesma tabela, inserimos a alteração na média da sensação de verdade de cada uma delas, sendo que as médias positivas indicam um aumento da sensação de verdade, e as médias negativas representam uma diminuição da sensação de verdade. Grande parte dos resultados do crençário, apesar de corroborarem muitas das hipóteses levantadas nesta pesquisa, não mostraram um desvio padrão expressivo para que ganhassem uma relevância estatística. No entanto, algumas crenças tidas como “determinantes” apresentaram

índices mais representativos, aumentando a probabilidade de que os resultados mostrados nestas medições específicas tenham grande chance de representar a realidade.

TABELA 9 - Resultados antes e depois da EVA para questões do Crençário

Crença	Antes	Depois	Dif	Crença	Antes	Depois	Dif
Q1(P)*	6,35	7,34	0,99	Q21(C)	2,53	1,92	-0,61
Q2(P)	6,25	7,04	0,79	Q22(C)	8,49	8,05	-0,44
Q3(O)	6,10	6,60	0,50	Q23(C)	5,28	5,11	-0,17
Q4(P)*	5,37	6,52	1,15	Q24(C)	2,64	2,50	-0,14
Q5(R)	5,22	5,18	-0,04	Q25(C)	2,89	3,27	0,37
Q6(R)	3,72	3,68	-0,03	Q26(C)	1,15	1,98	0,83
Q7(O)*	3,08	2,47	-0,61	Q27(C)*	6,76	5,35	-1,41
Q8(R)	8,35	8,24	-0,10	Q28(C)*	7,27	5,83	-1,44
Q9(C)	0,61	0,85	0,25	Q29(C)	4,33	4,88	0,55
Q10(R)	3,17	3,80	0,62	Q30(R)	6,16	6,25	0,09
Q11(C)	7,33	7,90	0,57	Q31(R)	3,80	3,35	-0,46
Q12(R)	7,12	7,50	0,38	Q32(C)	0,84	0,84	0,00
Q13(R)	6,02	6,04	0,02	Q33(C)	6,40	6,85	0,45
Q14(C)	5,19	6,41	1,22	Q34(C)	6,12	6,93	0,81
Q15(P)	8,71	8,56	-0,15	Q35(C)	7,41	7,43	0,02
Q16(R)	2,94	3,35	0,41	Q36(R)	8,56	8,23	-0,33
Q17(C)	5,24	6,31	1,07	Q37(R)*	0,74	1,16	0,43
Q18(C)*	5,84	4,72	-1,13	Q38(O)	0,63	1,07	0,44
Q19(C)	2,77	2,66	-0,11	Q39(P)*	8,93	8,03	-0,90
Q20(C)	2,37	2,68	0,31	Q40(C)	7,92	7,71	-0,21

* Diferenças estatisticamente significativas

FONTE: Elaborado pelo autor a partir dos Apêndices E e F.

Aprofundando as análises ao nível das questões podemos identificar algumas diferenças que são estatisticamente significativas. As quais são apresentadas nas discussões a seguir.

6.1.2.1 Breve discussão acerca do Crençário

A questão “O mundo é lugar perigoso para viver” (Q1) apresentou um aumento médio significativo de 1 ponto. Para alguns indivíduos esse acréscimo na medida chegou a 5,10 pontos. A questão “Tenho medo de estranhos” (Q4), encerra um aumento médio significativo de 1,14 pontos na escala visual analógica (EVA). Alguns respondentes apresentam até 6,8 pontos de acréscimo. A questão “O mundo é um lugar seguro” (Q7) apresentou uma redução significativa de -0,61 ponto, tendo como

valor mais expressivo uma queda de -4,30 pontos. Também houve redução significativa na questão “Quando estou feliz, gosto de comprar coisas” (Q18) com uma variação de -1,13, chegando para um indivíduo ao extremo de -9,20. As questões “Quando estou triste, prefiro ficar isolado das pessoas” (Q27) e “Quando estou com raiva, prefiro ficar isolado das pessoas” (Q28) apresentaram variação significativamente negativa da primeira para segunda mensuração, apresentando respectivamente -1,41 e -1,44, com extremos que chegaram a -7,10 e -9,30. A crença “Acredito que os meios de comunicação de massa não têm qualquer influência sobre a tomada de decisão das pessoas” (Q37) apresentou variação positiva entre a primeira a segunda medidas, com um valor médio significativo de 0,43 ponto de aumento, com máximo de 3,00 pontos. Por fim, a sentença “A política em meu país me deixa triste” (Q39) apresentou redução significativa de -0,9, com valor mais expressivo negativo -7,00, sugerindo que as pessoas estariam menos tristes com a política na segunda avaliação, feita após o impeachment de Dilma Rousseff.

Ainda avaliando algumas questões, podemos observar que há diferenças numéricas expressivas na amostra, porém dada a elevada variação entre os respondentes, o que corresponde a um alto desvio-padrão, não se pode afirmar que possuem validade estatística para uma população maior. Não obstante, são dignas de serem apresentadas, posto que algumas mostram valor de probabilidade estatística limítrofes de significância. A questão “Desconfio de quem não conheço” (Q2) apresentou 0,79 de aumento médio de uma medida para outra, tendo respondentes que chegaram a apresentar variação de 5,90 de aumento. A questão “Os meios de comunicação ajudam no combate a violência” (Q10) também apresentou aumento de 0,57, encerrando um máximo de variação igual a 4,40. Outra variável importante é a questão “Sinto raiva quanto tenho acesso a conteúdo violento” (Q14), que aumentou 1,22 pontos, com máximo de 7,20 pontos. Entretanto a variação entre os respondentes foi de um desvio-padrão de 3,51, apresentado um ruído numérico maior que o efeito que a diferença entre as duas medidas apresenta. A crença “Sinto medo quando tenho acesso a conteúdo violento” (Q17) apresentou um aumento numericamente expressivo de 1,07 pontos, tendo como máximo 9,80, porém seu desvio-padrão foi de 3,40 pontos. A questão “Quando fico com raiva, procuro espairer fazer compras” (Q21) encerrou uma variação negativa de -0,61 pontos, com uma diferença mais expressiva de -7,90. A questão “Quanto estou feliz, prefiro ficar isolado das pessoas” (Q26) apresentou um aumento de 0,83 entre as duas medidas, mas o desvio-padrão elevado

de 2,85 não permitiu afirmar que essa diferença é estatisticamente significativa. As questões “Quando estou com medo, prefiro ficar isolado das pessoas” (Q29) e “Quando vejo notícias sobre violência fico com medo” (Q34) apresentaram aumentos de respectivamente 0,55 e 0,81 pontos, porém também com grande variação entre os respondentes.

Ainda que tenha sido possível medir a magnitude dessas variações na amostra, a intenção da mensuração em dois momentos tem como principal objetivo investigar a direção de variação, em outras palavras, apenas avaliar se houve aumento ou redução de uma determinada percepção. Esses achados, apresentados acima, permitem a dão força a uma das hipóteses levantadas no início desta pesquisa, de que as crenças são impactadas pelas oscilações emocionais *a priori* desencadeadas pelas notícias consumidas.

6.1.3 Limitações e pesquisas futuras

A dificuldade em conseguir manter o experimento durante 14 dias na totalidade dos grupos participantes foi um fator que enfraqueceu os dados estatísticos gerados pelas pesquisas de recepção. A falta de controle sobre os participantes também deixa dúvidas sobre as reais interferências do consumo de notícias sobre as oscilações emocionais apresentadas.

A existência de padrões nestas oscilações, que se mostraram independentes de contexto por se repetirem em momentos distintos e em grupos distintos, aponta para uma necessidade de que outras pesquisas sobre os impactos emocionais dos construtos simbólicos midiáticos sejam aprofundadas.

Os números aqui apresentados são pistas qualitativas que apontam para a possibilidade de existência de um fenômeno que merece investigação mais aprofundada. Outras formas de medição das emoções em construtos simbólicos midiáticos, em interface com áreas do conhecimento como a neurociência e a psicologia, sem dúvida podem desnudar aspectos que aqui ficaram apenas sugeridos, mas de forma alguma comprovados.

De qualquer forma, os dados aqui apresentados são mais um ponto de partida para que as pesquisas em comunicação direcionem esforços no entendimento das emoções e das consequências das oscilações que os meios de comunicação possam lhes impor.

6.2 DADOS QUALITATIVOS DA ANÁLISE DE DISCURSO

Diante das constatações apontadas pelos dados estatísticos da pesquisa de recepção, de que os meios de comunicação eliciam emoções por meio de construtos simbólicos, e que as oscilações emocionais provocadas influenciaram no processo de estruturação e ressignificação de crenças, cabe agora detectarmos os caminhos retóricos que podem desencadear tal fenômeno.

Como explicado na metodologia, faremos a análise de discurso dos cinco construtos simbólicos apontados como mais significativos enquanto eliciadores da emoção do medo com maior incidência entre os participantes, conforme já mostrado no Quadro 5.

O rastreamento dos discursos que compõem o *corpus* da pesquisa visa identificar as cinco estratégias retóricas verificadas em análises preliminares realizadas nos capítulos 2, 3, e 4, que são: 1) uso de enredo arquetípico (hegemonia afetiva), 2) uso de estereótipos (conforto interpretativo), 3) predileção à violência (fragmentação seletiva), 4) ativação de circuitos empáticos (adormecimento da racionalidade), e 5) modelos de indução e metamodelos (transferência globalizadora).

Para isto, os construtos analisados serão desconstruídos do início ao fim, porém com prioridade nas informações com maior apelo à sedução do interlocutor, como manchetes, linhas de apoio, imagens, parágrafos iniciais e vídeos. Esta ênfase dentro do *corpus* se justifica mediante as conclusões dos estudos realizados pelo Poynter Institute⁴⁶ (Wainberg, 2015a, p. 170), que constatou que 75% dos leitores de sites de notícias examinam apenas “superficialmente” as matérias, o que significa consumir prioritariamente as manchetes, os títulos, e as imagens.

Existe o entendimento de que um construto simbólico disseminado pela internet reverbera e se prolonga ao longo do tempo. Isto se dá por informações adicionadas posteriormente e por meio dos possíveis comentários de internautas que vão interferir, em algum grau, na carga semântica e emocional do material inicial. Caso existam conteúdos reverberativos produzidos pelos construtores do material inicial, os mesmos serão analisados por contribuírem aos propósitos desta pesquisa. Já os comentários de internautas, se existirem, não serão analisados por não fazerem parte do recorte aqui proposto.

⁴⁶ Disponível em <www.poynter.org>

6.2.1 Terror em Bruxelas

A primeira notícia a ser analisada foi veiculada no portal ZH Digital⁴⁷ no dia 22 de março de 2016. Com o título “**Atentados do Estado Islâmico deixam pelo menos 31 mortos e mais de 200 feridos em Bruxelas**”, o conteúdo hipermediático⁴⁸ foi apontado como eliciador da emoção do medo por três dos participantes do Grupo 2 (Figura 38).

FIGURA 38 - Screenshot Atentados Bélgica



FONTE: ZH digital⁴⁹

⁴⁷ Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/atentados-do-estado-islamico-deixam-pelo-menos-31-mortos-e-mais-de-200-feridos-em-bruxelas-5192668.html>>. Acessado em 30 de junho de 2016.

⁴⁸ Que é produzido para um sistema de registro e exibição de informações informatizadas por meio de computador, que permite acesso a determinados documentos (com textos, imagens estáticas ou em movimento, sons, *softwares* etc.)

⁴⁹ Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/atentados-do-estado-islamico-deixam-pelo-menos-31-mortos-e-mais-de-200-feridos-em-bruxelas-5192668.html>>. Acessado em 30 de junho de 2016.

A construção lexical do título privilegia a violência e evidencia a autoria dos atentados, o que pode eliciar o medo (estratégia de fragmentação seletiva) ao mesmo tempo em que estabelece o enredo para evocar o arquetípico do herói (estratégia de hegemonia emotiva). Os números de mortos e feridos inicialmente provocam um distanciamento em relação às vítimas, ao mesmo tempo em que evoca o arquétipo do curador, iniciando processos empáticos associativos e dissociativos em relação aos personagens até então apresentados.

A linha de apoio “**Explosões ocorreram no aeroporto internacional e em uma estação de metrô da cidade, quatro dias após a prisão de mentor de ataques em Paris**”, localizada entre o título e a primeira foto, deixa implícito que as explosões em Bruxelas podem estar relacionadas à prisão do suposto mentor dos atentados ocorridos na França, caracterizando o metamodelo de Causa e Efeito (estratégia de transferência globalizadora), onde não fica especificado “como” a primeira ação se relaciona com a segunda.

Na composição fotográfica que acompanha as frases iniciais do construto uma das vítimas “ganha rosto” ao ser colocada sobre uma maca por paramédicos, o que caracteriza a ativação de circuitos empáticos (estratégia de adormecimento da racionalidade).

O *lead* que abre o texto repete informações das chamadas iniciais e detalha as localizações das explosões, informando ainda que o Estado Islâmico reivindicou os ataques, conforme mostra o trecho a seguir, retirado de ZH Digital.

Duas explosões no aeroporto internacional de Bruxelas e uma terceira na estação de metrô Maelbeek deixaram, na manhã desta terça-feira, pelo menos 31 mortos e mais de 200 feridos. O Estado Islâmico reivindicou os ataques. Não há confirmação de brasileiros entre as vítimas fatais. No entanto, o ex-jogador de basquete belga-brasileiro Sebastien Bellin está entre os feridos do atentado no aeroporto.

A sequência do *lead* chama a atenção para a possibilidade da existência de brasileiros entre as vítimas, aumentando a associação empática entre brasileiros e belgas. Ao identificar o belga-brasileiro Sebastien Bellin, as condições discursivas para a ativação de um “rosto empático” ficam ainda mais nítidas.

Os parágrafos seguintes são organizados em tópicos, antecidos pelo subtítulo “**O que se sabe até o momento**”:

- As explosões foram por volta das 8h (4h em Brasília), e aconteceram quatro dias depois da prisão de Salah Abdeslam, peça-chave do planejamento dos atentados à casa de shows Bataclan e a outros pontos de Paris, em novembro.
- O próprio Abdeslam informou o governo de que havia um ataque em preparação na Bélgica.
- Autoridades belgas fecharam o metrô, o aeroporto e o serviço de bondes e ônibus, assim como as principais estações ferroviárias de Bruxelas. Voos para a capital belga foram desviados.

A redundância das informações é acompanhada de argumentação clichê e metafórica como “peça-chave dos atentados” (estratégia de conforto interpretativo) que reforça a caracterização do ato terrorista. Nos parágrafos subsequentes, detalhes específicos são adicionados:

- Aconteceu uma pequena explosão e depois uma mais forte na altura do check-in. Todo o edifício tremeu, havia fumaça por todos os lados e pessoas jogadas no chão do terminal. Pedacos do teto caíram – afirmou a jornalista Teresa Kùchler, do jornal sueco Svenska Dagbladet.
 - O teto caiu, havia cheiro de pólvora – contou Jean Pierre Lebeau, um francês que havia chegado de Genebra.
- Várias testemunhas afirmaram que ouviram tiros e gritos em árabe antes das explosões. Uma das detonações teria sido provocada por um homem-bomba, revelou o procurador federal da Bélgica, Frederic Van Leeuw.

Citações são consideradas modelos de indução por Milton Erickson por atribuírem percepções a terceiros e isentarem o construtor do discurso pelos recortes escolhidos. Este modelo cria a ilusão de isenção do falante (no caso, do jornalista que elaborou o texto) em relação ao que está sendo dito. O texto segue com um subtítulo que anuncia informações sobre o ocorrido no Metrô, local da terceira explosão.

NO METRÔ

Pouco depois, ocorreu pelo menos uma explosão na estação de metrô de Maelbeek, o bairro de Bruxelas onde ficam as instituições europeias. O ataque deixou "provavelmente 20 mortos e 106 feridos" no local, informou o prefeito da cidade, Yvan Mayeur, em coletiva de imprensa.

- A explosão foi muito violenta, a ponto de derrubar três muros em um estacionamento subterrâneo da estação – comentou um porta-voz dos bombeiros.

Um jornalista da AFP observou do lado de fora da estação 15 pessoas, com os rostos ensanguentados, recebendo atendimento médico. O ministro do Interior, Jan Jambon, elevou o alerta de ameaça terrorista no país ao nível máximo.

A expressão “**ocorreu pelo menos uma explosão**” no primeiro parágrafo do bloco textual acima exposto deixa implícita a mensagem de que outras explosões podem ter ocorrido no local. A intencionalidade de eliciar o medo fica perceptível frente

a outras duas citações usadas para a construção do texto. Na primeira, atribuída a “**um porta-voz dos bombeiros**”, a violência da explosão é dimensionada pelos estragos que provocou em um estacionamento. Na segunda, “**um jornalista da AFP**”, também inespecífico, detalha “**peças com os rostos ensanguentados**”, evidenciando as estratégias de “fragmentação seletiva” por predileção à violência, e também de ativação da empatia e conseqüente “adormecimento da racionalidade”.

Nos blocos textuais subsequentes, o enredo arquetípico é acionado para que os “heróis” possam reagir ao ataque e proteger os inocentes, como mostram os parágrafos a seguir.

REFORÇO NA SEGURANÇA

As autoridades belgas fecharam o metrô, o aeroporto, o serviço de bondes e ônibus, assim como as principais estações ferroviárias da capital. A Comissão Europeia pediu aos funcionários que não compareçam ao trabalho ou permaneçam nos escritórios.

O centro de crise do governo belga solicitou aos moradores de Bruxelas que fiquem em casa. Ao mesmo tempo, as autoridades de vários países europeus reforçaram a segurança em seus aeroportos e fronteiras. Grã-Bretanha, França, Alemanha, Holanda e Dinamarca anunciaram a intensificação dos controles.

Além disso, a linha Eurostar, que liga Paris e Londres com Bruxelas por trem, suspendeu as viagens à capital belga.

Ao destacar as ações para proteger os cidadãos, o discurso reforça a identidade do lado heroico do enredo, na qual agrega aliados ao reproduzir falas de autoridades políticas internacionais e locais, como mostra o último trecho da matéria.

REAÇÕES POLÍTICAS

O presidente do Conselho Europeu, Donald Tusk, condenou os "ataques terroristas" em um comunicado. "Estou consternado com as bombas desta manhã em Zaventem e no distrito europeu em Bruxelas, que custaram a vida de várias pessoas inocentes e feriram muitas mais".

– É um ataque contra a Europa democrática. Jamais aceitaremos que terroristas agridam nossas sociedades abertas – comentou o primeiro-ministro sueco, Stefan Löfven.

CANCELAMENTOS

O treino da seleção belga previsto para esta terça-feira em Bruxelas foi cancelado, anunciou a Federação Belga de Futebol (URBSFA). A equipe se prepara para um amistoso no dia 29 de março contra Portugal. A Federação não confirmou se a partida será disputada ou não.

Além disso, a competição de ciclismo clássica A, na região de Flandres, prevista para quarta-feira em Waregem, ao norte do país, também foi cancelada.

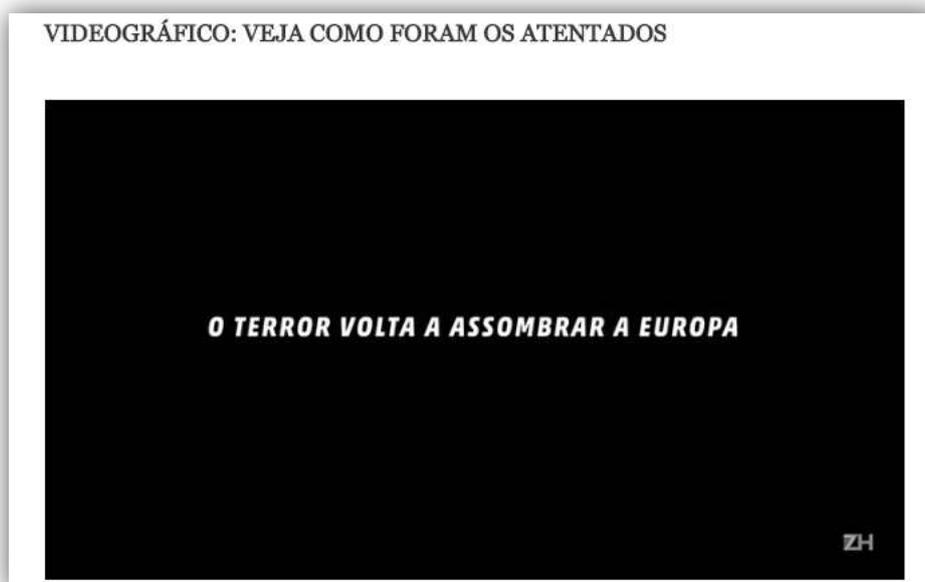
– Temíamos um atentado terrorista e aconteceu – declarou o primeiro-ministro Charles Michel em uma entrevista coletiva, na qual pediu à população "tranquilidade e solidariedade".

O texto do construto simbólico de Zero Hora é entrecortado por fotografia e videográficos, que reproduzem o discurso em outras matrizes de linguagem, também passíveis de análise.

O maior dos três videográficos disponibilizados convida o internauta a “**ver como foram os atentados**”, o que pode eliciar arquétipos e circuitos empáticos para direcionamento da atenção à violência dos fatos.

No vídeo, uma música em tom dramático ativa outros canais de percepção do receptor. A retórica do medo se intercala agora entre as matrizes sonoras, visual e verbal. A frase “**O Terror volta a assombrar a Europa**” avança em movimento de *zoom-in*⁵⁰ sobre uma tela preta (Figura 39), intensificando o clima de tensão. Na sequência, fotos de satélite da cidade também em movimentos de *zoom-in* e *zoom-out* localizam aos olhos do espectador os pontos onde as explosões ocorreram.

FIGURA 39 - Screenshot Videográfico do Terror em Bruxelas



FONTE: ZH digital⁵¹.

A narração de um locutor, ainda oculto, explica a cronologia das explosões, duas delas ocorridas em sequência dentro do aeroporto de Bruxelas, em áreas próximas ao embarque da empresa American Airlines. Imagens do aeroporto avariado se intercalam

⁵⁰ Movimento de lente de câmera que causa sensação de aproximação do objeto.

⁵¹ Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/atentados-do-estado-islamico-deixam-pelo-menos-31-mortos-e-mais-de-200-feridos-em-bruxelas-5192668.html>>. Acessado em 30 de junho de 2016.

com imagens de celular que mostram pessoas fugindo de uma área em chamas. Letreiros em caixa alta acompanham imagens de pessoas em fuga para, novamente, informar que há dezenas de mortos e centenas de feridos (Figura 40).

FIGURA 40 - Screenshot Videográfico Mortos e Feridos



FONTE: ZH digital⁵².

A narrativa então volta para imagens de satélite para identificar o local de uma terceira explosão, desta vez na estação de Metrô de Maelbeek, em área próxima de onde estão sediadas representações da União Europeia. As imagens de satélite dão lugar a registros feitos por um celular do que seria o ponto da explosão em um dos trilhos subterrâneos que passam pela estação (Figura 41).

⁵² Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/atentados-do-estado-islamico-deixam-pelo-menos-31-mortos-e-mais-de-200-feridos-em-bruxelas-5192668.html>>. Acessado em 30 de junho de 2016.

FIGURA 41 - Screenshot Videográfico escuridão no metrôFONTE: ZH digital⁵³.

As imagens do metrô são substituídas por imagens de representantes do governo belga com semblantes que podem ser interpretados como de tensão e preocupação, como mostra a Figura 42.

FIGURA 42 - Screenshot Videográfico governo belgaFONTE: ZH digital⁵⁴.

⁵³ Idem

Na sequência, imagens de trânsito e de movimentação nas ruas de Bruxelas fornecem o cenário para que o locutor dê o significado de “**alerta máximo**” ao informar que o sistema de transporte público foi completamente paralisado e aos cidadãos foi recomendado que permanecessem em casa (Figura 43).

FIGURA 43 - Screenshot Videográfico ruas de Bruxelas



FONTE: ZH digital⁵⁵.

A seguir, o locutor anuncia que, três horas depois das explosões, o grupo terrorista Estado Islâmico reivindicou a autoria dos atentados. A informação é acompanhada pela imagem do que parece ser um *screenshot*⁵⁶ de um site com escritas em árabe. A incompreensão do que está escrito torna-se uma barreira para se estabelecer qualquer identificação com os reivindicadores da autoria dos atentados (Figura 44).

⁵⁴ Idem

⁵⁵ Idem

⁵⁶ Captura da imagem da tela do computador

FIGURA 44 - Screenshot Videográfico site escrita árabe

FONTE: ZH digital⁵⁷

A imagem então é substituída por imagens de bombeiros de Bruxelas em fusão com imagens dos locais atingidos. Créditos finais atribuem a locução a “**Rodrigo Lopes**”, e o vídeo encerra.

As escolhas lexicais e a retórica do texto da narração merecem uma análise mais minuciosa. Por isto, a transcrição da locução segue abaixo na íntegra para posterior aferição.

Aeroporto Bruxelas-Zaventem, oito horas da manhã. Centenas de pessoas circulam pelo aeroporto internacional de Bruxelas. Oito horas e quinze minutos. Uma bomba explode na área de embarque próximo ao guichê da empresa American Airlines. Poucos segundos depois uma nova bomba é acionada a poucos metros dali, também dentro do terminal. Dezenas de pessoas morrem e outras centenas ficam feridas. O pânico toma conta. Em menos de dez minutos equipes de socorro chegam. O tráfego aéreo é interrompido e desviado para outras regiões. Estação de metrô Maelbeek. Nove horas da manhã. A nove quilômetros e meio de distância do aeroporto uma nova explosão ocorre. O local atingido é a estação de metrô Maelbeek, na região onde está sediada parte das representações da União Europeia. Logo após a explosão, centenas de pessoas tentam evacuar o local, e o desespero toma conta, mais uma vez. O terceiro ataque também deixa dezenas de pessoas mortas e outras centenas feridas. Alerta máximo. Nove horas e quinze minutos. Poucos minutos depois do terceiro ataque o governo belga eleva o alerta de terror para o nível máximo

⁵⁷ Disponível em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2016/03/atentados-do-estado-islamico-deixam-pelo-menos-31-mortos-e-mais-de-200-feridos-em-bruxelas-5192668.html>>. Acessado em 30 de junho de 2016.

no país. O sistema de transporte público é paralisado em Bruxelas e autoridades pedem para moradores não saírem de casa. Tropas são enviadas para reforçar a segurança na capital belga. Poucas horas depois das explosões desta terça-feira, o grupo terrorista Estado Islâmico reivindica a autoria dos atentados.

A narração utiliza metamodelos de linguagem para compor o discurso. As generalizações “**centenas**”, “**dezenas**”, “**poucos**” e “**muitos**”, bastante usuais no jornalismo, caracterizam o que Bandler e Grinder (2012) chamaram de “quantificadores universais”. As generalizações, como já apontado, possuem um duplo viés: auxiliam na argumentação explicativa ao mesmo tempo em que ocultam características únicas, facilitando a formação de estereótipos e a indução de comportamentos.

As expressões “**o pânico toma conta**” e “**o desespero toma conta**” induzem o espectador a estados emotivos específicos por serem ao mesmo tempo metamodelos de “sujeito não especificado” (o pânico toma conta de quem?), “verbo não especificado” (de que maneira especificamente o desespero toma conta?), “substantivações” (quem está se desesperando? E de que maneira especificamente está fazendo isto?) e “leitura da mente” (como especificamente o repórter sabe o que as pessoas pensam ou sentem?). Estas expressões ainda caracterizam o modelo de indução de Milton Erickson chamado de “comando embutidos” por ordenar a ativação de um estado emocional.

Outro comando embutido é percebido na expressão “**alerta máximo**” (o que deixa implícito ao telespectador o comando de “fique em alerta!”).

A não especificação de ações nas sentenças “**Uma bomba explode**”, “**centenas de pessoas tentam evacuar o local**”, “**governo belga eleva o alerta**”, “**tropas são enviadas para reforçar a segurança**” e “**grupo terrorista Estado Islâmico reivindica a autoria**” também caracterizam o metamodelo “*verbos inespecíficos*”, que possibilita o questionamento “como especificamente cada uma destas ações ocorrem?”.

O fato de estas ações não serem especificadas permitem ao espectador preencher estas informações com a imaginação, porém sob efeitos de emoções induzidas pelos comandos de sentir desespero e pânico em profunda empatia com as vítimas dos atentados. Ao mesmo tempo, o espectador é induzido a se distanciar dos autores dos atentados. O Estado Islâmico é um grupo sem rosto, sem representação e de motivações não esclarecidas na construção simbólico-narrativa do vídeo.

6.2.2 Desemprego volta a subir no Brasil

O segundo construto simbólico que constitui o *corpus* de análise é a matéria publicada no portal do Correio do Povo⁵⁸ no dia 23 de março de 2016, cujo título é “**Desemprego no Brasil volta a subir e chega a 8,2%, indica IBGE**” (Figura 45).

Historicamente o desemprego tem uma conotação de “ameaça” no imaginário coletivo brasileiro. O indicador de que tal ameaça “**subiu**” é suficiente para acionar dispositivos de alerta no receptor pela estratégia de fragmentação seletiva. A palavra desemprego é um substantivo abstrato, que não pode ser tocado, tampouco pode “subir” ou “descer”, o que caracteriza um nível metafórico na construção da frase. Ao afirmar que o desemprego “**subiu**”, o discurso não especifica em comparação ao que especificamente, caracterizando o metamodelo de “Comparações” (estratégia de transferência globalizadora).

FIGURA 45 - Screenshot desemprego aumenta



FONTE: Correio do Povo Online⁵⁹.

⁵⁸ Disponível em <<http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Economia/2016/3/582637/Desemprego-no-Brasil-volta-a-subir-e-chega-a-8,2,-indica-IBGE>>. Acessado em 29 de junho de 2016.

⁵⁹ Idem.

A linha de apoio que acompanha o título da manchete informa que “**Em fevereiro havia 2 milhões de pessoas desocupadas no País**”, o que atribui uma dimensão a ameaça do desemprego. A imagem que antecede o primeiro parágrafo da notícia mostra uma carteira de trabalho do Brasil borrada nas bordas por um efeito de desfoque, como mostra a figura 43. Podemos inferir que a carteira de trabalho é uma âncora coletiva de segurança por estar associada ao direito dos trabalhadores. Por tal significado, é passível de acionar um “rosto empático” a qualquer leitor que tenha uma carteira de trabalho semelhante e lhe atribua o mesmo valor, caracterizando a estratégia retórica de “adormecimento da racionalidade”.

Na sequência, o primeiro parágrafo apresenta dados numéricos que dimensionam a informação metafórica do título.

A taxa de desocupação para o conjunto das seis principais regiões metropolitanas do País analisadas pela Pesquisa Mensal de Emprego (PME) subiu 0,6 ponto percentual de janeiro para fevereiro, quando fechou em 8,2% da população economicamente ativa (percentual de pessoas desocupadas). Os dados da PME foram divulgados nesta quarta-feira pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e indicam que, em relação a fevereiro de 2015 (5,8%), a taxa subiu 2,4 pontos percentuais.

A quantificação do desemprego atribuída ao Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) corresponde ao modelo de indução por “citações”, caracterizando a estratégia retórica de “transferência globalizadora”. Nos parágrafos subsequentes, mais números dimensionam o “aumento da ameaça do desemprego”, ao mesmo tempo em que estabelecem relação de proximidade ao revelar onde foram feitos os levantamentos, como mostra o bloco textual a seguir.

O levantamento envolveu São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre. Segundo o IBGE, em fevereiro deste ano a população desocupada fechou em 2 milhões de pessoas, crescendo 7,2% em relação a janeiro - mais 136 mil pessoas. Em relação a fevereiro de 2015, no entanto, o crescimento do número de pessoas desempregadas chegou a 39%, o que significa que mais 565 mil pessoas ficaram sem ocupação. Já a população ocupada do país fechou fevereiro em 22,6 milhões de trabalhadores para o conjunto das seis regiões metropolitanas pesquisadas, neste caso apresentando declínio tanto na comparação mensal (-1,9%, ou menos 428 mil pessoas); quanto em relação a fevereiro de 2015 (-3,6%, ou menos 842 mil pessoas).

O “aumento da ameaça” estabelece um contexto de enredo arquetípico, onde a generalização “**milhões de pessoas**” revela a existência de “vítimas”, com as quais o leitor tende a se identificar por empatia. Ao mesmo tempo, a não especificação das

causas do fenômeno, tampouco dos seus autores, caracterizam o metamodelo de linguagem chamado de “sujeitos inespecíficos”, reforçando a estratégia retórica de “transferência globalizadora”. Instigado pelas pulsões arquetípicas, o leitor tende a fazer projeções sobre quem pode ser o herói e quem pode ser o vilão da trama, papéis que tende a preencher a partir das diretrizes que carrega em seu crençário.

6.2.3 Execução no Hospital Cristo Redentor

O terceiro objeto de análise é uma matéria compartilhada por Zero Hora, mas publicada no site do jornal popular Diário Gaúcho. A notícia, publicada em 31 de março, de 2016, traz na manchete a chamada “**Homem é executado a tiros dentro do Hospital Cristo Redentor**”, conforme mostra o *screenshot* da figura 46.

FIGURA 46 - Screenshot execução no HCP



FONTE: ZH/Diário Gaúcho⁶⁰.

⁶⁰ Disponível em < <http://diariogaucha.clicrbs.com.br/rs/dia-a-dia/noticia/2016/03/morte-no-hospital-cristo-redentor-continua-sem-respostas-5678149.html>>. Acessado em 02/07/2016.

A violência é explicitada pela sentença “executado a tiros”, que, no jargão policial, pode significar assassinato sem qualquer possibilidade de defesa, ou como no dito popular, assassinato “a sangue-frio”. A estratégia de fragmentação seletiva é então acionada enquanto estratégia retórica. Na sequência, a linha de apoio que acompanha o título explica que a “**vítima estava no setor de traumatologia do hospital da zona norte de Porto Alegre e foi identificada como Everton Cunha Gonçalves**”. A proximidade do fato com os grupos pesquisados pode ter contribuído, junto com a identificação da vítima, para os acionamentos empáticos do receptor, caracterizando a estratégia de “adormecimento da racionalidade”.

A imagem que acompanha o texto mostra um carro da polícia em frente ao Hospital, dando o clima de investigação ao cenário da ação. Nos parágrafos seguintes, outros detalhes sobre o crime aparecem no discurso, conforme mostra o bloco textual a seguir.

Um homem identificado como Everton Cunha Gonçalves, que estava no setor de traumatologia do Hospital Cristo Redentor, na Zona Norte de Porto Alegre, foi morto com dois tiros na cabeça no começo da tarde desta terça-feira.

O suspeito, de acordo com a Brigada Militar, teria conseguido fugir do local em um Bora preto, com placas de Alvorada. Buscas ainda são feitas pela região.

Informações preliminares dão conta de que Everton não tinha antecedentes criminais e que, de acordo com a assessoria de comunicação do hospital, ele recebia atendimento por uma luxação no pé. O delegado Cassiano Cabral, que investigará o caso pela 3ª DHPP, não descarta, no entanto, que a vítima tenha dado entrada no hospital usando nome falso.

O atirador teria entrado na sala já disparando sem ter confrontado com mais ninguém nas dependências do Cristo Redentor.

Ao mesmo tempo em que acionamentos empáticos ocorrem pela identificação da vítima, a predileção pela violência é intensificada pela escolha lexical “**foi morto com dois tiros na cabeça**”. A eliciação do medo se completa na informação de que “**o suspeito teria conseguido fugir do local em um Bora preto, com placas de Alvorada**”, estabelecendo o enredo arquetípico do vilão em cima do estereótipo que a palavra “suspeito” evoca, caracterizando a estratégia de provocar “conforto interpretativo” pela retórica. As projeções do leitor para preencher os papéis da narrativa arquetípica recebem filtros por meio de duas sentenças. A primeira diz que “**Informações preliminares dão conta de que Everton não tinha antecedentes criminais**”, a qual é atribuída à assessoria de comunicação do Hospital Cristo Redentor, caracterizando a estratégia retórica de transferência globalizadora por uso do modelo de indução chamado “citação”. A segunda sentença informa que “**O**

delegado [...] não descarta, no entanto, que a vítima tenha dado entrada no hospital usando nome falso". Esta última caracteriza-se por usar o metamodelo de pressuposição, que faz um julgamento de forma implícita ao direcionar a percepção do leitor para possibilidade de que a vítima talvez seja também "um vilão".

A última frase do texto permite inferir que o crime pode ter sido cometido por uma questão pessoal entre vítima e assassino, ao sentenciar que "**O atirador teria entrado na sala já disparando sem ter confrontado com mais ninguém**", o que caracteriza "interrupção comportamental", outro modelo de indução.

6.2.4 Gripe A chega a Porto Alegre

A quarta notícia a ser analisada foi publicada no site de Zero Hora em 1º de abril de 2016. Com o título "**Porto Alegre e Viamão têm os primeiros casos de gripe A do RS em 2016**", o construto de ZH evoca um *ethos* compartilhado ante a ameaça da gripe A. Na linha de apoio, a sentença "**Estado deve começar a vacinação na rede pública em 25 de abril**" estabelece um enredo que evoca tanto o arquétipo do herói quanto o do curador, papéis estes atribuídos ao "Estado", caracterizando a estratégia de "hegemonia emotiva".

O primeiro parágrafo do texto evoca a memória compartilhada ao relembrar alguns eventos passados, como mostra o bloco textual a seguir.

Em 2009, o Rio Grande do Sul foi o primeiro Estado brasileiro a registrar uma morte em decorrência da gripe A, classificada à época como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sete anos depois, a doença volta a circular pelo país em uma intensidade maior do que em 2015: já são 42 óbitos contra 30 registrados ao longo do ano passado. Os casos recentes ocorreram em São Paulo e Santa Catarina. Por aqui, dois casos de H1N1 já foram confirmados, um em Porto Alegre e outro em Viamão.

A classificação da Gripe A como "**pandemia**", atribuída à OMS, dá o tom de gravidade que a doença representa, estabelecendo um *ethos* alarmista, de ruptura, o que se sabe, pode monopolizar a atenção pelo medo (DAMÁSIO, 2000). Dessa forma caracteriza a estratégia retórica de "fragmentação seletiva".

A imagem que acompanha o texto reforça o enredo do curador ao mostrar, de forma implícita, uma pessoa sendo vacinada por alguém, onde nenhum dos personagens pode ser identificado, como mostra a Figura 47.

FIGURA 47 - Screenshot vacinação

H1N1

Porto Alegre e Viamão têm os primeiros casos de gripe A do RS em 2016

Estado deve começar a vacinação na rede pública em 25 de abril

Por: **Camila Kosachenco**
01/04/2016 - 20h04min | Atualizado em 01/04/2016 - 20h11min

Compartilhar



Foto: Jeen Pimental / Agência RBS

Em 2009, o Rio Grande do Sul foi o primeiro Estado brasileiro a registrar uma morte em decorrência da gripe A, classificada à época como uma pandemia pela Organização Mundial da Saúde (OMS). Sete anos depois, a doença volta a circular pelo país em uma intensidade maior do que em 2015: já são 42 óbitos contra 30 registradas ao longo do ano passado. Os casos recentes ocorreram em São Paulo e Santa Catarina. Por aqui, dois casos de H1N1 já foram confirmados, um em Porto Alegre e outro em Viamão.

Clinicas particulares já oferecem vacina contra a gripe
Morre paciente com gripe A em Brusque (SC)

FONTE: ZH digital⁶¹.

Na sequência, duas frases são destacadas como *hiperlinks*⁶². A primeira informa que “**Clínicas particulares já oferecem vacina contra a gripe**”, identificando outros personagens curadores. A segunda evoca mais uma vez o sentimento alarmista ao anunciar “**Morre paciente com gripe A em Brusque (SC)**”. O parágrafo subsequente

⁶¹ Disponível em < <http://zh.clicrbs.com.br/rs/porto-alegre/noticia/2016/04/porto-alegre-e-viamao-tem-os-primeiros-casos-de-gripe-a-do-rs-em-2016-5714586.html>>. Acessado em 30 de junho de 2016.

⁶² Textos de internet que acionam e/ou remetem a outros textos.

elicia acionamentos empáticos ao identificar que um dos casos de Gripe A é referente a uma criança de três anos, como mostra o bloco textual abaixo.

Na sexta-feira, o secretário estadual da Saúde, João Gabbardo, comentou a situação. Um dos pacientes é uma criança de três anos, vacinada em 2015, e internada desde o último dia 23. Conforme Gabbardo, ela se recupera bem. Outra ocorrência é de um homem de 36 anos que não foi vacinado em 2015 e está internado desde o dia 18. Como é cardiopata, seu quadro inspira mais cuidados.

De olho no que ocorre em São Paulo e em Santa Catarina, onde foram registrados respectivamente 38 e quatro óbitos em decorrência da H1N1 neste ano, os órgãos de saúde estão atentos às notificações, que já somam 152:

- Já estamos com mais atenção, como sempre fizemos, nos casos internados. Tradicionalmente, a circulação do vírus aqui começa em abril - destaca a diretora do Centro Vigilância em Saúde (CEVS), Marilina Bercini.

A estratégia retórica de “transferência globalizadora” fica caracterizada pelo uso do modelo de indução de “citações”, ao mesmo tempo em que outras soluções “curadoras” são adicionadas ao enredo arquetípico. A partir deste ponto do discurso, o clima inicial de ameaça começa a ser aparentemente desconstruído, como fica perceptível no bloco a seguir.

Embora tenha ganhado status de surto de H1N1 em São Paulo, a presidente da Sociedade Brasileira de Imunizações (SBIIm), Isabella Ballalai, reforça a ideia da prevenção como a melhor forma de barrar a circulação dos vírus:

- Há um número de casos acima da média do que se espera para março, mês em que tem pouca circulação do vírus. Por isso, reforçamos a orientação da prevenção. A gripe é sempre um problema com potencial de gravidade, embora não seja motivo para pânico.

O uso da expressão “**embora não seja motivo de pânico**”, no final do segundo parágrafo em análise, no entanto, volta a eliciar o medo pelo modelo de indução “comando negativo”, que parte do pressuposto da incompreensão do inconsciente da palavra não para jogar um comando subliminar capaz de evocar pânico. Os motivos causadores da Gripe A começam então a ser explicados no discurso, como mostram os parágrafos abaixo.

Diretamente relacionada às questões climatológicas, em especial à temperatura, a circulação dos vírus ocorre de forma cíclica e é impulsionada pela aglomeração de pessoas em ambientes fechados.

- Há estudos que mostram que fenômenos como o El Niño podem antecipar ou adiar a circulação de vírus como o Influenza - explica o professor da faculdade de Medicina da UFRGS e representante da Sociedade Brasileira de Imunização no Rio Grande do Sul, Ricardo Feijó.

Outro personagem “curador” é evocado pelo discurso para dar mais detalhes sobre o contexto de surgimento do vírus, o que contribui para novamente se desconstruir o clima emocional de ameaça. No entanto, um novo perigo é evocado pelo subtítulo “***Olho na validade das vacinas***”, o que deixa implícito que o vírus da Gripe A não é a única ameaça do enredo. Na sequência, diversas informações consideradas como de “serviço” deixam implícitos comandos para o leitor, como mostram os parágrafos a seguir.

Estava programado para sexta-feira, o começo da distribuição das vacinas contra a gripe A pelo Ministério da Saúde para os Estados. O governo estadual deve repassar as doses para os municípios que vão dar início à vacinação no próximo dia 25, antecipando em cinco dias a imunização nacional.

O público-alvo são crianças de seis meses a cinco anos, doentes crônicos, idosos com 60 anos ou mais, trabalhadores da saúde, povos indígenas, gestantes, mulheres com até 45 dias de pós-parto, presos e funcionários do sistema prisional. Ao todo, devem ser aplicadas 3.574.750 doses. Em 2015 foram 3.295.874 e houve registro de nove casos em decorrência da Influenza.

Quem não estiver dentro dos grupos deve procurar a imunização particular. Ao contrário da dose oferecida pelo governo, as clínicas privadas, em sua maioria, oferecem a versão tetravalente da vacina, que contempla duas cepas de gripe A (H1N1 e H3N2) e duas cepas da gripe B. A versão trivalente, que contempla duas cepas da gripe A e uma da B, são produzidas em menor quantidade, diz Feijó, e por isso pode haver dificuldade em encontrá-las. Quanto mais cepas foram cobertas, maior a proteção, segundo a presidente da Sociedade Riograndense de Infectologia, Lessandra Michelin.

É importante lembrar que todas as vacinas que estão sendo aplicadas pelas clínicas devem ser atualizadas e contemplar as cepas definidas em setembro passado pela OMS.

Algumas clínicas particulares já operam com número limitado de vacinas por dia em função da alta procura. Ainda assim, Gabbardo diz que é importante que as pessoas solicitem a caixa da vacina, que deve dizer que se trata da dose 2016 para o Hemisfério Sul.

Em São Paulo, a população começou a ser vacinada na rede pública com a versão do ano passado apenas como medida de combate:

- Elas foram usadas como medida de bloqueio ao surto - esclarece Lessandra. Ela reforça que mesmo estas pessoas que já receberam a dose do ano anterior precisam retornar e se imunizar com a versão atualizada da vacina.

As sentenças “**Ao todo, devem ser aplicadas 3.574.750 doses**” e “**Gabbardo diz que é importante que as pessoas solicitem a caixa da vacina**” caracterizam o modelo de indução “comando embutido”, que consiste em colocar ordens ao inconsciente embutidas em construções frasais maiores. Ao determinar o público-alvo das vacinações gratuitas, o discurso deixa implícito quem deve procurar as vacinas pagas. Esta matéria, em particular, evidencia a relação direta da retórica do medo com a lógica da sociedade capitalista, referida por alguns autores utilizados nesta pesquisa.

6.2.5 Massacre em Orlando

O quinto e último construto simbólico a ser analisado neste estudo traz novamente a temática do terrorismo. A matéria publicada no site do Correio do Povo no dia 12 de junho de 2016 traz o título "**Massacre em Orlando teria sido cometido por 'combatente do EI'**". A chamada atribui a autoria do massacre ocorrido em uma boate gay nos Estados Unidos ao grupo terrorista Estado Islâmico. A linha de apoio complementa que o "**atirador era investigado por laços com islamitas e já teria prometido sua 'lealdade' ao EI, segundo o FBI**". As sentenças de abertura da matéria são acompanhadas por uma imagem de arquivo (Figura 48) que mostra a fachada da boate "Pulse" no dia do massacre. Isto fica implícito pela faixa amarela de isolamento, desfocada, em primeiro plano na imagem.

FIGURA 48 - Screenshot massacre em Orlando



FONTE: Correio do Povo Online⁶³

⁶³ Disponível em < <http://www.correiodopovo.com.br/Noticias/Internacional/2016/6/589619/Massacre-em-Orlando-teria-sido-cometido-por-combatente-do-EI->>. Acessado em 02/07/2016.

O arquétipo do herói é novamente ativado pelo enredo (hegemonia emotiva) que estabelece as “vítimas” (frequentadores da boate) e atribui um rótulo ao “vilão”, um provável terrorista ligado ao Estado Islâmico. No parágrafo de abertura, o discurso revela quem teria estabelecido a conexão do EI com o massacre, como mostra o texto a seguir.

O massacre que deixou 50 mortos em uma boate gay em Orlando, na Flórida, foi cometido por "um combatente do EI" - anunciou neste domingo a agência Amaq, ligada ao grupo extremista Estado Islâmico. "O ataque armado contra uma boate gay na cidade de Orlando, no estado americano da Flórida, deixando mais de 100 mortos e feridos, foi executado por um combatente do Estado Islâmico", afirmou a Amaq, em um breve comunicado citando "uma fonte".

O uso do termo “**boate gay**”, ao mesmo tempo em que informa, reduz os frequentadores vítimas da boate a um estereótipo, evidenciando a estratégia de “conforto interpretativo” na retórica empregada. A atribuição de citação à agência Amaq é seguida pela informação de que ela é “**ligada ao grupo extremista Estado Islâmico**”, mas não especifica de onde esta informação partiu, tampouco especifica a forma de ligação, caracterizando os metamodelos de “sujeito não especificado” e “verbo não especificado”. No bloco textual subsequente, a notícia identifica o herói, como mostra o trecho subsequente.

De acordo com o FBI, a Polícia Federal americana, o atirador era investigado por laços com islamitas. O presidente Barack Obama condenou o "terror e ódio" do tiroteio e manifestou sua consternação com esse "assassinato brutal" e "horível massacre".

A identificação de Obama aciona processos empáticos e a marcação de suas falas caracteriza o modelo de indução por “marcação analógica”, enfatizando as palavras “**terror e ódio**”, “**assassinato brutal**” e “**horível massacre**”, redundância entre palavras pertencentes a um mesmo campo semântico que remete à violência, o que caracteriza a estratégia de “fragmentação seletiva”. Ao final do texto, o último parágrafo dá detalhes da vilania do atirador.

ASSASSINO DECLAROU LEALDADE AO EI

Citando fontes policiais, a rede NBC disse que o atirador, acusado de matar ao menos 50 pessoas na madrugada de domingo, telefonou para o 911 pouco antes do tiroteio para anunciar sua lealdade ao chefe do EI. A emissora CNN cita, porém, um funcionário americano que declara que "o FBI imediatamente acreditou que era um ataque islamita, por causa dessa chamada".

O uso do modelo de indução por “citação” (transferência globalizadora) atribui às redes NBC e CNN a informação de que o atirador teria ligado para o número de emergência 911 com o intuito de “**anunciar sua lealdade ao chefe do EI**”. A marcação por aspas atribui à CNN uma citação de que “**o FBI imediatamente acreditou que era um ataque islamita por causa dessa chamada**”. O discurso recorre ao estereótipo “ataque islamita” ao mesmo tempo em que deixa o sujeito oculto, caracterizando as estratégias retóricas de “conforto interpretativo” e “transferência globalizadora”.

6.3 TENSIONAMENTOS COM OS GATEKEEPERS

Os construtos simbólicos analisados, de um modo geral, apresentaram inúmeras estratégias de indução explicadas e categorizadas em capítulos anteriores para explicar como a retórica midiática opera para eliciar a emoção do medo. Da lista de 609 notícias registradas pelos participantes da pesquisa, 150 teriam ativado a emoção do medo. Destas, 87 foram produzidas pelo Correio do Povo Online e 63 pelo site ZH Digital (Apêndice G).

A proposta de se realizar entrevistas em profundidade era observar se existe consciência entre os construtores da notícia acerca dos efeitos emocionais que as mesmas produzem nos receptores. A análise de discurso somada aos dados quantitativos obtidos nas pesquisas de campo sugerem que uma retórica para eliciar medo está presente nas notícias de Zero Hora e Correio do Povo. Bem como aponta que tais estratégias de discurso exercem impacto no crençário do sujeito.

A hipótese que norteou as entrevistas com os construtores da notícia parte do pressuposto que o jornalista não tem plena consciência dos efeitos emocionais e de significação que seus construtos provocam no público receptor, o que, em parte, foi constatado.

Dos seis jornalistas entrevistados para esta pesquisa, dois se apresentavam na condição de editores e um de coordenador de produção de Zero Hora. Já no Correio do Povo dois se declararam editores de web e um se declarou coordenador de jornalismo online. As entrevistas completas se encontram nos Apêndices H, I, J, K, L e M, salvos em ordem cronológica de realização.

Sobre a aderência a uma possível retórica do medo, Márcio Gomes (Apêndice H), coordenador de jornalismo do site do Correio do Povo (CP) afirma que o veículo

não se pauta por notícias violentas, mas acredita existir uma predileção por parte do público consumidor, o que acaba influenciando no trabalho do jornalista. Ao mesmo tempo em que nega que esta predileção parta dos valores-notícia do site que coordena, reconhece que pode haver um nível de inconsciência neste sentido, ao que afirma: “O que eu posso te dizer é que a gente não se pauta por isso. Pelo menos não de forma consciente” (GOMES, 2016).

Márcio também diz acreditar que, em uma sociedade mais amedrontada, tem pessoas que ficam na defensiva e expressam isso de diversas formas. Ou “Se retraem e acabam se tornando pessoas mais quietas, mais facilmente manipuláveis, ou se tornam pessoas violentas, que, a partir do medo, partem para a ignorância”.

Seu colega de redação, Rodrigo Celente (Apêndice I) mostra-se mais enfático sobre o papel da mídia na ativação do medo. Diz ele

É quase um processo de retroalimentação. O jornalismo dá a violência porque as pessoas estão cada vez mais violentas. E como eu acredito que aflora a questão da raiva e da indignação, aí a partir daquilo ali se retroalimenta e vai nesse sentido. Acho que o público, o jornalismo pauta a opinião pública, mas a opinião pública também indica ao jornalismo “queremos mais isso, estamos ávidos por mais notícias de guerra, de tráfico, crianças que são assassinadas” etc. (CELENTE, 2016).

Tiago Medina (Apêndice J), editor de online também do Correio do Povo, afirma desconhecer as razões que supostamente levam o ser humano a ser atraído por construtos simbólicos violentos, mas manifesta um sentimento de “desgaste” por ter que lidar com isto no dia-a-dia.

Eu trabalhando com isso me sinto desgastado. Muitas vezes canso, saio pesado daqui, e muitas vezes eu prefiro nem ver televisão, principalmente, porque tu liga a TV e vê só tragédia. Mas incrivelmente a gente faz uma outra pauta e não dá o mesmo alcance. Eu gostaria de saber por que vocês só querem saber de violência. As pessoas querem saber, no fim, do inusitado. São mais atraídas por tragédias, por sangue, não necessariamente pra se prevenir disso, mas é mais pelo “olha o que aconteceu!” (MEDINA, 2016).

Os depoimentos de Medina e Celente soam contraditórios ao que Gomes alega direcionar enquanto valores-notícia dentro do Correio do Povo, o que corrobora a ideia de que o jornalista, muitas vezes, “funciona no automático”. Apesar de trabalhar em um veículo que prima pela objetividade enquanto conceito de “ser direto”, Gomes faz uma autocrítica às possíveis superficialidades a que estão sujeitos os jornalistas em qualquer redação.

A minha dúvida é o quanto nós educamos essas pessoas pra entenderem o mundo complexo em que elas estão inseridas. Nós eu digo o jornalismo, o sistema educacional, porque o discurso pronto, o discurso clichê, ele é muito simples, né? “Bandido bom é bandido morto”, “corrupto tem que ser preso”, isso aí é fácil, isso aí eu falo, tu fala, todo mundo fala. Mas tem toda uma coisa por trás assim. O bandido não chegou a ser bandido porque simplesmente ele nasceu mau, porque ele não é uma pessoa de bem. [...] As coisas não funcionam dessa forma. E às vezes, a maneira como as pessoas expressam, elas acham que nós vivemos em uma guerra entre “nós e eles” e quanto mais “deles” morrer, melhor, entendeu? E os “eles” sejam bandidos, seja o petralha, o coxinha, não sei quem, entendeu? (GOMES, 2016)

Márcio declara seguir uma linha editorial diferente da concorrente Zero Hora. No entanto, em termos de crenças e subjetividades, suas opiniões encontram consonância com opiniões da colega de profissão Juliana Jaeger (Apêndice M), coordenadora de produção da Zero Hora Digital, que não entende ser a violência uma temática central dentre os valores-notícia que utiliza, conforme explica a seguir.

A gente não sai correndo atrás de notícias violentas, mas acho que quando a gente se depara com uma notícia violenta a gente acaba dando uma certa valorização pra ela porque também assim, desperta uma certa curiosidade nas pessoas, né? Sei lá. Um acidente muito violento, a gente conta como foi. Às vezes a gente tem que se policiar para não ir num detalhe demasiado violento (JAEGER, 2016).

O risco de se ater a detalhes “demasiado violentos” se deve, segundo Jaeger, à predileção que percebe do receptor por construtos desta natureza. Diz ela: “em questões que a gente consegue medir, mensurar a audiência, a gente percebe que são os casos que dão mais audiência, mais acessos no digital (plataforma de ZH), por exemplo” (JAEGER, 2016). Ao que complementa:

acho que as pessoas tem curiosidade em saber como é a morte, né? Como que alguém conseguiu matar cinco pessoas dentro de uma casa, sabe? Como as pessoas estavam. Eu acho incrível como as pessoas compartilham fotos de corpos, antes por e-mail, hoje pelo whatsapp. As pessoas mandam fotos de corpos e pedaços de corpos e querem ver. Talvez seja a curiosidade em saber como é morrer, porque é a única coisa que não podemos contar, né? (JAEGER, 2016)

A coordenadora de produção de ZH acrescenta que, por não haver “verdades absolutas”, o jornalismo pode normatizar distorções justamente pela ilusão de imparcialidade, ao que acrescenta:

[...] não vou dizer que aquilo que estou falando é a verdade. Não, isso aqui é o que tá acontecendo na cabeça dessa pessoa, é o que ela diz que é verdade.

Tem talvez provas que digam que não, que são fatos né, então assim, avaliem, a gente quer construir uma notícia para que a pessoa avalie o que realmente pode ser mais próximo da verdade ou não. Acho que não existe verdade absoluta.(JAEGER, 2016)

Tal qual Márcio Gomes no Correio do Povo, a jornalista de ZH também admite não pensar muito sobre os impactos emocionais dos construtos que ajuda a produzir junto aos receptores.

A gente tem um hábito de talvez, assim, logo pensar que “ah, isso aqui nós vamos ser criticado nas redes sociais”, que é onde tem essa loucura de ódio e tãñã (SIC). “Se a gente postar essa matéria vão cair em cima da gente, vão acabar com a gente”, enfim. [...] A gente, às vezes, acaba, na empresa, olhando muito pra audiência e tal e a gente não sabe se aqueles dois milhões de pessoas estão lendo porque estão assustadas, porque gostaram, se sentiram felizes com aquilo, né, a gente não sabe. A gente acaba ficando num campo duro, de números. E se debate com essas emoções muito mais nas redes sociais, comentários e tal (JAEGER, 2016).

Juliana reconhece que a falta de atenção às emoções do receptor tem impactos sociais, como o agravamento das tensões e da intolerância, mas não sabe especificar como solucionar o problema diante dos limites que a rotina jornalística impõe. A preocupação é compartilhada por seu colega de redação, o editor Rafael Balsemão (Apêndice L), que acrescenta:

Não sei se isso sempre existiu e talvez agora fique mais evidente com as redes sociais e com a internet, mas isso me assusta um pouco. Eu acho que no Brasil, principalmente. Bate meio que um pânico, assim: “o que vai acontecer”, “onde isso vai dar”. E tem um pouco de... Morei oito anos em São Paulo, voltei ano passado pra cá. A impressão de Porto Alegre tá muito perigosa. Que eu não sentia isso em São Paulo. Um medo mesmo de sair na rua (BALSEMÃO, 2016).

O medo de Balsemão talvez se explique na tensão emocional que outro editor de Zero Hora, Marcelo Miranda Becker (Apêndice K), diz povoar o imaginário coletivo a partir das “bolhas sociais”⁶⁴ alimentadas pela virtualização das relações via redes sociais.

Acho que ao mesmo tempo em que as redes sociais potencializaram, todo mundo que tem Facebook, que tem página no Twitter se sente na necessidade de emitir uma opinião sobre tudo e todos. Ao mesmo tempo em que isso

⁶⁴ Em referência à teoria dos filtros bolhas, atribuída ao norte-americano Eli Pariser, que explica o impacto dos mecanismos de busca disponíveis nas redes sociais que filtram o conteúdo a ser disponibilizado. Para isso, estes mecanismos utilizam algoritmos que selecionam informações de acordo com o perfil do usuário, aproximando-o de conteúdos que já busca ou conhece e privando-o de conteúdos que “fogem” ao seu perfil.

teoricamente seria um estímulo à participação cidadã, à democracia de forma geral, isso também cria uma falsa ilusão de que “tu está dialogando com as pessoas”, que as pessoas na verdade vivem em uma bolha social de pessoas que compartilham dos mesmos ideais que ela. E o primeiro momento que elas são confrontadas com uma visão de mundo diferente, ocorre o conflito, ocorre a troca de ofensas, ocorre crimes, basicamente, ocorre a total falta de empatia. As pessoas não conseguem se colocar no lugar de outras pessoas que tenham a visão de mundo minimamente diferente delas (BECKER, 2016).

Em entrevista reproduzida na íntegra ao final desta pesquisa, Becker não chega a isentar o jornalismo neste processo de crescente tensão social, mas atribui maior responsabilidade às mudanças nas dinâmicas sociais provocadas pela internet.

O posicionamento, a exemplo dos outros percebidos durante as entrevistas em profundidade realizadas para esta pesquisa, aponta para a inconsciência dos produtores sobre o poder que os construtos simbólicos jornalísticos exercem na eliciação de emoções e na significação de crenças do imaginário coletivo.

7 CONCLUSÃO

Em seu *new* marxismo, John Thompson atribuiu aos meios o poder de “estabelecer, sustentar e manter relações de dominação”. A ideia de que o jornalismo opera não apenas como um meio de informação, mas também como um provocador de emoções por meio de operadores retóricos que invocam o medo, reacendem esta discussão sobre a servidão do jornalismo a uma ideologia dominante e instigam a novas buscas que desvendem seus mecanismos.

Depois de averiguar que as hipóteses levantadas no início deste trabalho encontraram respaldo nos resultados obtidos pelas pesquisas de recepção, emissão e análise de discurso, podemos inferir que os meios de comunicação de massa, por meio de seus construtos simbólicos, são capazes de induzir oscilações emocionais e, a partir disso, interferir nos processos de significação e no grau de verdade das crenças que compõem o mapa cognitivo do sujeito.

Como percebeu Bartolli Filho (2015), os construtos simbólicos criados pelo jornalismo tendem a alimentar uma “antropologia do terror”. Ao produzir conteúdos que empregam estratégias retóricas de eliciação do medo, o jornalismo alimenta um estado de tensão coletiva, onde processos naturais de empatia são substituídos por estados de alerta e de desconfiança em relação ao próximo e, em certo nível, à natureza humana, reforçando talvez aquilo que Krznaric (2015) chama de “fadiga da compaixão”.

É possível inferir também que a habilidade de induzir emoções revela um nível de poder sobre a mente (o que pensar), o corpo (como agir) e a linguagem (o que comunicar) do outro. Uma premissa que converge ao que prega os estudos sociológicos que entendem as emoções como “disposições corporais dinâmicas que especificam os domínios de ações nos quais os animais, em geral, e nós, seres humanos, em particular, operamos num instante” (MATURANA, 2006, p. 129).

Ao construir uma retórica que privilegia a violência da sociedade apoiada em factoides, estaria a mídia reforçando uma dualidade cartesiana entre o medo e o conforto? Se a resposta a esta pergunta for afirmativa, como sugerem os resultados obtidos neste estudo, logo é certo que a mídia de massa forma crenças sobre o que é certo e errado no modo de pensar e de agir, e em cima disto, estabelece normas de conduta alinhadas aos interesses dos grupos que a gerencia.

Ao invés de promover um pensamento crítico e racional, mais dissociado dos ímpetos emotivos, não estaria a mídia também cumprindo um papel funcionalista de vigilância do sistema (Wolf, 2005), construindo significações complexas que resultam em condições de verdade para assegurar relações de dominação sobre as massas?

Maturana (1998) afirma convictamente que o amor “é o fundamento do social, pois é a emoção de aceitação do outro na convivência”. Podemos assumir, então, que a violência, seja ela física, psíquica ou moral, seria uma afronta a esta condição de aceitação e, portanto, um agente motivador da atração humana por factoides midiáticos de rupturas?

Jung (1990, 2011), Damásio (2000, 2012), Ekman (2011) e outros autores cujas ideias foram aqui expostas enaltecem as propriedades inatas do complexo cérebromente para solucionar problemas. Talvez por isto que privilegiar uma retórica que estabeleça esta constante ameaça ao bem-estar social nos leve a estes estados de tensão, alerta, raiva e indignação. Estados estes que por vezes, acabam resultando em ações de animosidade e isolamento em relação àqueles para os quais fomos programados pela natureza para proteger, criando uma espiral de contradições morais e éticas sobre o que sentimos e o que queremos. Como observa Bartolli Filho (2012),

A sociedade que se torna refém do medo convive concomitantemente com múltiplas situações de tensão geradoras de um mal-estar abrangente. A partir disto, fomenta-se um clima favorável para que um determinado número de temas seja depositário privilegiado das apreensões sociais. São nessas condições que o medo impregna todos os setores da sociedade (BARTOLLI FILHO, 2012, p. 16).

Wainberg (2015a) percebeu como esta dinâmica alimentou o crescimento de grupos extremistas, que cientes da predileção midiática pela violência, cresceram e se propagaram ideologicamente pelo Mundo ao promoverem atos de terror.

A busca velada, quase subversiva, pelo pareamento de emoções a partir do medo, nos remete às manipulações inconscientes que o psicólogo Jean Larède (1984) demonstrou serem possíveis a partir da subversão de nossa capacidade inata de empatia para a sujeição do senso crítico. Abre-se assim um vasto campo a ser explorado sobre as intenções, sejam elas conscientes ou inconscientes, dos agentes dos meios de comunicação sobre os construtos simbólicos que nos remetem às reações instintivas do medo.

Se considerarmos as teorias de Thompson (1995) na formação de crenças no imaginário coletivo e partirmos do pressuposto de que as formas simbólicas induzem a substituição de significados e subjetividades aprendidos ao longo da vida por subjetividades e significados compartilhados por um grupo pretensamente dominante, podemos dizer que somos induzidos e cooptados a passar por diversas “lavagens cerebrais” quando inseridos num determinado sistema social.

No entanto, se questionarmos a formação das nossas primeiras subjetividades, facilmente perceberemos que elas também são frutos de lavagens cerebrais anteriores ao nosso nascimento, adquiridas por nossos pais e por nossos primeiros formadores de crenças, como a escola, a igreja, a família e, inevitavelmente, o ambiente de trabalho. A formação de crenças é cíclica, acompanha a evolução humana e sua origem ancestral só pode ser sugerida, nunca comprovada, como mostram os estudos de Jung (1991, 2011).

Se analisarmos as teorias do *gatekeeper*, do *newsmaking* e do *agendamento* à luz das ideias de Jung, Bateson e Thompson, podemos inferir que elas mais se complementam do que se opõem. No entanto, a teoria do *gatekeeper*, que atribui o processo de produção da informação a uma série de escolhas do jornalista, resgata uma importância maior neste caso por ser a mente do jornalista a morada dos filtros, sejam eles de origem pessoal ou profissional.

Na rede de crenças do jornalista, as subjetividades cognitivas se misturam às regras profissionais, de tal forma que é provável que ele não tenha plena consciência da origem dos filtros que utiliza, como constatado em alguns depoimentos com os editores de Zero Hora e Correio do Povo.

Neles fica evidente a confusão entre os conceitos de objetividade e isenção, como se ser “objetivo” significasse estar despido de subjetividades, o que se comprovou ser uma falácia nas amplas análises de discurso realizadas neste estudo. Stuart Hall (apud TRAQUINA, 2005), derruba esta falácia ao lembrar que a objetividade é fruto não só da organização burocrática dos *media*, mas da ideologia do valor-notícia que privilegia as rupturas, o que é fora do normal, o que é negativo e os interesses das elites. A retórica do medo, assim, cria um clima específico para a significação do corpo social, ao que acrescenta Wainberg.

[...] para a imprensa, boas notícias são más notícias. O bom é o mal. E o mal que é bom acaba nutrindo as páginas e os telejornais de dor todos os dias. Tudo que abala, tudo que é controverso, polêmico e que promete embate é

acolhido com entusiasmo e alegria por tais mediadores sociais. Os efeitos cognitivo e afetivo são estupendos: rompem a sonolência, conquistam os olhos, produzem a tal almejada audiência. A atenção, em suma, é dominada (in ALMEIDA, 2010, p.142).

As manifestações dos usuários da internet muitas vezes mostram que o jornalista não está defendendo os interesses públicos, mas sim interesses privados, apoiado ora nas próprias subjetividades individuais, ora nas normas coletivas do seu ambiente de trabalho, como métricas de vendagem e audiência.

Relegados a uma profissão mal remunerada e explorada por grandes grupos de comunicação, os jornalistas do Brasil e do Mundo trabalham além dos seus limites pela crença messiânica de que seu trabalho pode fazer a diferença na vida dos “fracos e oprimidos” pelo sistema. São filhos autodeclarados do arquétipo do herói, cujo *ethos* tem sido determinante na elaboração de toda uma mitologia que encobre a atividade jornalística (TRAQUINA, 2005).

Nas redações, é comum encontrarmos jovens jornalistas determinados e impulsionados por ideais e sonhos de um mundo mais justo, trabalhando em busca de valores como igualdade e justiça, porém sob certa dose de ingenuidade, esperando reconhecimentos esporádicos pelos seus “bons serviços”, que no fim servem apenas para abastecer o ego e recarregar suas necessidades arquetípicas e instintivas de salvar o próximo.

O jornalista trabalha sobre determinados conceitos, subjetividades que elegeram como regras do que é bom e ruim, justo e injusto, certo e errado. A primeira empatia a ser eliciada, por fim, é a do jornalista. É o primeiro dos muitos filtros pelos quais o fato deve passar antes de se tornar notícia. Estes filtros, como muito bem explicado por algumas das teorias do jornalismo, podem ter origem no inconsciente do indivíduo, no contexto profissional ou no inconsciente coletivo. Seja em qual for o nível ou o filtro, qualquer visão de realidade que o jornalista proponha sempre estará baseada numa rede de crenças oriunda de experiências totalmente subjetivas.

Vale lembrar que o jornalismo, enquanto linguagem com regras específicas, é apenas mais um tipo de mapa ou modelo do mundo entre tantos outros existentes, que propõe resumir ou generalizar experiências de determinados indivíduos e passá-las aos outros. Isto corrobora Bateson quando diz que “toda experiência é subjetiva. Até mesmo as leis do universo que pensamos conhecer estão profundamente enraizadas no nosso processo de percepção individual” (1987, p.36).

Alfred Korzybsky, ainda no século 19, recomendava que retardássemos a interferência do nosso mapa, ou seja, de nossos pré-julgamentos, nos processos comunicacionais. Justamente para termos uma compreensão mais ampla da mensagem e seus significados. Para que as generalizações, distorções e omissões entre os interlocutores não interfiram na compreensão das mensagens, é preciso abstrair o mapa cognitivo do “eu” para tentar se apropriar do mapa cognitivo do “outro”, de forma a entender como é a realidade expandida além do *self* (BATESON, 1987).

O jornalismo idealizado por muitos deveria ser catártico, transformador, de forma a provocar o senso crítico necessário às melhorias das condições de vida do público ao qual se propõe a informar. Algo semelhante ao que Jung recomenda na sua psicologia do inconsciente.

As pessoas, quando educadas para enxergarem claramente o lado sombrio da sua própria natureza, aprendem ao mesmo tempo a compreender e amar seus semelhantes; pelo menos, assim se espera. Uma diminuição da hipocrisia e um aumento do autoconhecimento só podem resultar numa maior consideração para com o próximo, pois somos facilmente levados a transferir para nossos semelhantes a falta de respeito e a violência que praticamos contra nossa própria natureza (JUNG, 2011, p. 37).

Bateson (1987) acreditava que a comunicação que um dia nos possibilitou progredir, hoje nos afasta de um sentido maior da existência. Jung (2011) também fica próximo a esta ideia quando diz que o processo cultural consiste na repressão do que há de natural e belo no homem. Thompson (1995) vai mais longe e afirma categoricamente que estamos, consciente ou inconscientemente, escravizados pelas ideologias dominantes.

O sistema dos arquétipos, a dinâmica das emoções, os condicionamentos por estereótipos e todos os outros mecanismos de funcionamento do inconsciente vistos até aqui deixam explícitas as vulnerabilidades do mapa cognitivo e do crençário do sujeito, cujo único guardião é o censo crítico do consciente.

O jornalismo - tal qual a política, a igreja e outras estruturas sociais formadoras de crenças - está cheio de falácias que tentam driblar nossos processos reflexivos para acessar nossas crenças e subjetividades com o intuito de agregar conceitos, valores e dogmas.

A retórica do medo, bem como seus estratégias indutivas, está aqui exposta porque encontra amplo amparo em nossas necessidades psíquicas. Perceber que nossa psique sempre estará em busca de um inimigo a ser combatido para se

desenvolver é o primeiro passo para que deixemos de estremecer as relações humanas. Afinal, a nêmesis de qualquer arquétipo pode até encontrar projeções no mundo exterior, mas só pode ser combatida no âmago do sujeito.

Palavras, sons e imagens costurados por uma retórica que evidencia o lado mais destrutivo, violento, distorcido e reativo da sociedade acabam por gerar mais projeções preconceituosas e equivocadas, que alimentam crenças limitantes em relação ao próximo e à vida social, ao mesmo tempo em que nos cegam para a evolução interna que nossa psique anseia viver.

O medo e sua propagação midiática, portanto, pouco agrega ao desenvolvimento do sujeito e à vida social, mas é extremamente eficaz como mecanismo de controle (FOUCAULT, 1999). O excesso de violência na mídia talvez esteja estabelecendo crenças coletivas de que “interagir pode ser perigoso”, de que “não devemos confiar uns nos outros” e de que “o mundo está morrendo”.

KRZNARIC (2015) lembra que as barreiras do preconceito, da autoridade, da distância e da negação do outro são, antes de tudo, invenções da cultura, da sociedade e da política, que nos distanciam de nossa natureza empática. Para superá-las, sugere três caminhos para o que chama de “salto imaginativo da empatia”. São eles a humanização do outro, a descoberta do que compartilhamos e do que não compartilhamos com este outro, e por fim, a necessidade de “empatizar com nossos inimigos”. Caminhos estes que, senão inversos, ainda são bem distantes do que é praticado pelo jornalismo contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APPOLINÁRIO, Fabio. **Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Edipro, 1. Ed. 2011, reimp. 2013.

ALMEIDA, Maria da Graça Blaya [org.]. **A violência na sociedade contemporânea**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

AZEVEDO, Regina Maria. **O discurso terapêutico de Milton Erickson: Uma análise à luz dos padrões da Programação Neurolinguística**. São Paulo, 2012. 169p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia – Universidade de São Paulo.

_____. **Programação neurolinguística: transformação e persuasão no metamodelo**. São Paulo, 2006. 187p. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicação e Artes – Universidade de São Paulo.

BALSEMÃO, Rafael. **Rafael Balsemão: depoimento [jun. 2016]**. Entrevistador: Fernando Simões Antunes Junior. Porto Alegre: Zero Hora, 2016 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice L desta tese.

BANDLER, Richard e GRINDER, John. **A estrutura da magia**. São Paulo: Summus, 2004.

_____. **Ressignificando**. São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Sapos em príncipes. Programação neurolinguística**. São Paulo: Summus, 1982.

BARROS, Antonio Teixeira de; TARGINO, Maria das Graças. **A análise de conteúdo como método qualitativo na pesquisa em comunicação**. Brasília, 2000.

BARTOLLI FILHO, Claudio. *Novas doenças, velhos medos: a mídia e as projeções de um futuro apocalíptico*. In MONTEIRO, Yara Nogueira; CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. **As doenças e os medos sociais**. São Paulo: Editora Fap-Unifesp, 2012. p. 13-36.

BATESON, Gregory. **Natureza e espírito: uma unidade necessária**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1987.

BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de Consumo**. Porto Alegre: Sulina, 1997.

_____. **A transparência do mal. Ensaio sobre os fenômenos extremos**. Campinas, SP: Papyrus, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

_____. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BECKER, Marcelo Miranda. **Marcelo Miranda Becker: depoimento [jun. 2016]**. Entrevistador: Fernando Simões Antunes Junior. Porto Alegre: Zero Hora, 2016 (42 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice K desta tese.

BENETTI, Marcia. *A análise de discurso como método de pesquisa em comunicação*. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 235-256

BENETTI, Marcia; REGINATO, Gisele. *A adesão do leitor ao contrato de comunicação proposto pelo jornalismo: estudo da revista Veja no Facebook*. In: 11 Encontro Nacional de Pesquisadores em jornalismo, 2013, Brasília. **Anais...** São Paulo: SBPJor, 2013.

BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade. Institucionalização, Hábitos, Papéis**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese**. São Paulo: Atlas, 2013.

BUENO, José Maurício Haas; CORREIA, Fernanda Maria de Lira; ABACAR, Mussa; GOMES, Yves de Albuquerque; PEREIRA JUNIOR, Francisco Santos. Competências emocionais: estudo de validação de um instrumento de medida. **Avaliação Psicológica**, vol.14, nº1. Itatiba, abril de 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712015000100018>. Acessado em setembro de 2015.

BUSHMAN, B. J. Priming effects of media violence on the accessibility of aggressive constructs in memory. in **Personality and Social Psychology Bulletin Vol. 5**, n24, p. 537-545, 1998. Disponível em <<http://mediaviolence.org/media-video-violence-addiction-research/research-archives/bushman-b-j-1998-priming-effects-of-media-violence-on-the-accessibility-of-aggressive-constructs-in-memory-personality-and-social-psychology-bulletin-24-5-537-545/>>. Acessado em dezembro de 2014.

CAMPBELL, Joseph. **A extensão interior do espaço exterior: a metáfora como mito e religião**. Rio de Janeiro: Campus, 1991.

_____. **O herói de mil faces**. São Paulo: Pensamento, 1995.

_____. **O poder do mito**. São Paulo: Palas Athena, 1990.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e Cidadãos**. Rio de Janeiro: UFRJ, 8.ed., 2010.

_____. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009.

CANTERAS, Newton Sabino; BITTENCOURT, Jackson Cioni. *Comportamentos motivados e emoções*. In: LENT, Roberto. **Neurociência da mente e do comportamento**. São Paulo/SP: Guanabara Koogan, 2008. p. 227 a 240.

CAPOVILLA, Alessandra Gatuzo Seabra. **Desenvolvimento e Validação de Instrumentos Neuropsicológicos para avaliar Funções Executivas.** *Avaliação Psicológica*5(2), 2006, p. 239-241.

CELENTE, Rodrigo. **Rodrigo Celente: depoimento [mai. 2016].** Entrevistador: Fernando Simões Antunes Junior. Porto Alegre: Correio do Povo, 2016 (35 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice I desta tese.

CHOMSKY, Noam. **Novos horizontes no estudo da linguagem e da mente.** São Paulo: UNESP, 2005.

COLAPIETRO, Vincent M. **Peirce e a abordagem do self: uma perspectiva semiótica sobre a subjetividade humana.** São Paulo: Intermeios, 2014.

COSTA, Jorge Campos. **Filosofia da Lingüística, Filosofia da Ciência e Metateoria das Interfaces.** Porto Alegre: 2007. Disponível em <http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/filosofia_da_linguistica-filosofia_da_ciencia_e_metateoria_das_interfaces.pdf>. Acessado em junho de 2015.

_____.; FELTES, H.P.M. Filosofia da Linguística, filosofia da ciência e os pressupostos para a construção de uma Metateoria das Interfaces. IN: ARAÚJO, J.C.; BIASI-RPDRIGUES, B.; DIEB, M. **Seminários Linguísticos: discurso, análise linguística, ensino e pesquisa.** Mossoró: Edições UERN, 2010. p. 341-355.

DAMÁSIO, António. **O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DARWIN, Charles. **A expressão das emoções no homem e nos animais.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Fonte Digital, 2003. Disponível em <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/socespetaculo.pdf>>. Acesso em 02/06/2015.

DELEUZE, Gilles. **A filosofia crítica de Kant.** Lisboa: Edições 70, 1963.

_____. **Diferença e repetição.** Lisboa: Relógio D'água, 2000.

_____. **Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume.** São Paulo: Editora 34, 2012.

DILTS, Robert. **A brief history of logical levels.** NLP University: Santa Cruz/Califórnia, 2014. Disponível em <<http://www.nlpu.com/Articles/LevelsSummary.htm>>. Acessado em setembro de 2015.

_____. **A estratégia da genialidade: como utilizar a programação neurolinguística para entender a genialidade de Albert Einstein.** São Paulo: Summus, 1999.

DILTS, Robert; GRINDER, John; BANDLER, Richard; DELOZIER, Judith. **Neuro-Linguistic Programming Vol.I. The Study of the Structure of Subjective Experience**. Meta Publications, 1980.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012.

DUSSEL, Inês; CARUSO, Marcelo. Nasce a sala de aula: o papel da religião como parteira. In: **A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar**. São Paulo: Moderna, p.47-92, 2003.

EKMAN, Paul. **A linguagem das emoções**. São Paulo: Lua de Papel, 2011.

FELIPE, Sônia Teresinha. **Acertos Abolicionistas: a vez dos animais: crítica à moralidade especista**. São José, SC: Ecoânima, 2014.

FERRÉS, Joan. **Televisão subliminar: socializando através de comunicações despercebidas**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

FONTANILLE, Jacques. **Significação e visualidade: exercícios práticos**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Nietzsche, Freud e Marx**. São Paulo: Princípio, 1997.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

_____. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e Linguagem**. nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993. p. 203-223. Disponível em <http://escolanomade.org/wp-content/downloads/foucault_verdade_subjetividade.pdf>. Acessado em 03 de março de 2015.

FREIRE FILHO, João. Era uma vez o “país da alegria”: mídia, estados de ânimo e identidade nacional. **Intexto**, v. 2, p. 401-420, 2015a.

_____. João. “Mas por que, afinal, as mulheres não sorriem?": Jornalismo e as razões da (in)felicidade feminina. **Ciberlegenda** (UFF. Online), v. 2, p. 8-20, 2015b.

FREUD, Sigmund. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

_____. **O mal estar da civilização**. Versão eletrônica, 1930.

GADRET, Débora Lapa. **A emoção na reportagem de televisão: as qualidades estéticas e a organização do enquadramento**. 2016. 2 v. 189 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/143019>>. Acesso em 08 de julho de 2016.

GERBNER, George; MORGAN, Michael; SIGNORIELLI, Nancy. **Television Violence Profile No. 16: The Turning Point. From Research to Action.** The Annenberg School for Communication, University of Pennsylvania, 1994. Disponível em <http://www.infoamerica.org/documentos_pdf/gerbner01.pdf>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade.** São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **A constituição da sociedade. Consciência, self e encontros sociais.** São Paulo, Martins Fontes, 1989.

GOLDMAN, Alvin. **Simulating Minds: the philosophy, psychology, and neuroscience of mindreading.** New York: Oxford University Press, 2006.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional: a teoria revolucionária que redefine o que é ser inteligente.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

GOMES, Márcio. **Márcio Gomes: depoimento [mai. 2016].** Entrevistador: Fernando Antunes. Porto Alegre: Correio do Povo, 2016 (40 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice H desta tese.

GORTON, Kristyn. **Media Audiences: Television, Meaning and Emotion.** Edinburgh: Edinburgh University Press, 2009.

HALEY, Jay. **Terapia não-convencional: as técnicas psiquiátricas de Milton H. Erickson.** São Paulo: Summus, 1991.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

JACK, Rachel E.; GARROD, Oliver G. B.; SCHYNS, Philippe G. *Dynamic Facial Expressions of Emotion Transmit an Evolving Hierarchy of Signals over Time.* **Current Biology.** v.24, Issue 2, p. 187–192, 2014. Disponível em <[http://www.cell.com/current-biology/pdf/S0960-9822\(13\)01519-4.pdf](http://www.cell.com/current-biology/pdf/S0960-9822(13)01519-4.pdf)>. Acessado em janeiro de 2015.

JAEGER, Juliana. **Juliana Jaeger: depoimento [mai. 2016].** Entrevistador: Fernando Simões Antunes Junior. Porto Alegre: Zero Hora, 2016 (50 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice M desta tese.

JUNG, Carl Gustav. **A dinâmica do inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo.** Petrópolis, RJ: Vozes, 7ª ed, 2011.

_____. **Psicologia do Inconsciente.** Petrópolis, RJ: Vozes, 19ª ed, 2011.

_____. **Sincronicidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 20ª ed, 2014.

KEEN, Andrew. **O culto do amador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

KORZYBSKI, Alfred. **Science and Sanity: An Introduction to Non-Aristotelian Systems and General Semantics**. Hardcover, 1995.

KRZYNARIC, Roman. **O poder da empatia: a arte de se colocar no lugar do outro para transformar o mundo**; trad.: Maria Luiza X. de A. Borges. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2015.

LARÈDE, Jean. **Além da razão: o fenômeno da sugestão**. São Paulo: Ibrasa, 1984.

LeDOUX, Joseph. **O cérebro Emocional: os misteriosos alicerces da vida emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

LENT, Roberto. **Cem bilhões de neurônios**. São Paulo, SP: Ed. Atheneu, 2002.

_____. **Neurociência: da Mente e do Comportamento**. São Paulo/SP: Guanabara Koogan, 2008.

LEVINE, Linda J.; BURGESS, Stewart L.. Beyond General Arousal: Effects of Specific Emotions on Memory. **Social Cognition: Vol. 15**, No. 3, pp. 157-181, 1997. Disponível em <<http://guilfordjournals.com/doi/abs/10.1521/soco.1997.15.3.157>>. Acessado em dezembro de 2014.

LIPP, Marilda Emmanoel Novaes. **Manual do Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de lipp (ISSL)**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LITTLEJOHN, Stephen W. **Fundamentos teóricos da comunicação humana**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

MAGALHÃES, Antonio Freitas. **O Código de Ekman: O Cérebro, a Face e a Emoção**. Armadora: Leya Portugal, 2014.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MAFESOLI, Michel. **A contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Artes e Ofícios Ed., 1995.

_____. **O mistério da Conjunção. Ensaio sobre comunicação, corpo e linguagem**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MANHÃES, Eduardo. *Análise de Discurso*. In DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2012. p. 305-315.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O escavador de silêncios: formas de construir e desconstruir sentidos na comunicação: Nova teoria da Comunicação II**. São Paulo: Paulus, 2004.

MARK, Margaret; PEARSON, Carol. **O herói e o fora-da-lei: como construir marcas extraordinárias usando o poder dos arquétipos.** São Paulo: Cultrix, 2001.

MARTINEZ, José Eduardo; GRASSI, Daphine Centola; MARQUES, Laura Gasbarro. Análise da aplicabilidade de três instrumentos de avaliação de dor em distintas unidades de atendimento: ambulatório, enfermaria e urgência. in **Revista Brasileira de Reumatologia**. 51(4), 2011. p.299-308

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos.** 5.ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

MATLIN, Margaret. **Psicologia Cognitiva.** – 5ª ed. – Rio de Janeiro: LTC, 2004.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento. As bases biológicas da compreensão humana.** São Paulo: Palas Athena, 2001.

_____. **A ontologia da realidade.** Belo Horizonte: UFMG, 2006.

_____. **Emoções e linguagem na educação e na política.** Belo Horizonte: Editor UFMG, 2009.

McLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 2007.

MEDINA, Tiago. **Tiago Medina: depoimento [mai. 2016].** Entrevistador: Fernando Simões Antunes Junior. Porto Alegre: Correio do Povo, 2016 (47 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice J desta tese.

MORIN, Edgar. **O método 5. A humanidade da humanidade.** Porto Alegre: Sulina, 1998.

MUNIZ, Sodrê. **A máquina de narciso: televisão, indivíduo e poder no Brasil.** São Paulo: Cortez, 1994.

FAUSTO NETO, Antonio. *Como as linguagens afetam e são afetadas na circulação?* In BRAGA, José Luiz; FERREIRA, Jairo; FAUSTO NETO, Antonio; GOMES, Pedro Gilberto (Org.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação.** São Leopoldo/RS: Ed.Unisinos, 2013. p. 43 – 64.

O'CONNOR, Joseph; LAGES, Andrea. **Coaching com PNL.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

O'CONNOR, Joseph; SEYMOR, John. **Introdução à programação neurolinguística.** São Paulo: Summus, 1990.

ORLANDI, Eni. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** Campinas: Pontes, 1990.

PEARLS, Fritz. **A abordagem gestáltica e testemunha ocular da terapia.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

PEIRCE, Charles. **A fixação da crença**. Popular Science Monthly, 12 (November, 1877), p.1-21, Lusosofia. Disponível em <http://www.lusosofia.net/textos/peirce_a_fixacao_da_crenca.pdf>. Acessado em 10 de abril de 2016.

_____. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PÔRTO, Weyler Galvão. **Emoção e Memória**. São Paulo: Artes Médicas, 2006.

PRIMO, Alex. **Interação mediada por computador: comunicação, cibercultura, cognição**. Porto Alegre: Sulina, 2007.

RAMOS, Roberto José. **Roland Barthes: Semiologia, mídia e fait divers**. Ensaio s.d.

_____. Roland Barthes: Semiologia e Cultura. **Revista Em Questão**, Porto Alegre: v.12, p. 173-184, 2006.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ROBERTS, Monty. **O homem que ouve cavalos**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2001.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual verbal**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

_____. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SERRA, Floriano. **Curso básico de análise transactional**. Rio de Janeiro: Ediouro Tecnoprint, 1979.

SCHULTZ, Duane P. & Schultz, Sydney Ellen. **História da Psicologia Moderna**. 8ª Edição. São Paulo: Cengage Learning, 2005.

SILVEIRA, Antônio Paulo Soares Lopes da. **O papel da mídia na expansão do medo e consolidação da demanda punitiva**. Porto Alegre, 2016. 115 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Criminais) – Faculdade de Direito, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS.

STOKHOLM, J., VOGEL, A., GADE, A. & WALDEMAR, G. **The Executive Interview as a Screening Test for Executive Dysfunction in Patients with Mild Demencia**. *JAGS*. 53(9), 2005. p.1577-1581.

STREY, Cláudia. **Linguagem e emoções: um estudo em interfaces**. 2011. 95 f. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em <<http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2036/1/437336.pdf>>. Acessado em 12 de maio de 2015.

TEIXEIRA, João de Fernandes. **Mente, cérebro e cognição**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 1998.

_____. **Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa**. Petrópolis/ RJ: Vozes, 1995.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005.

VERÓN, Eliseo. **La semiosis social, 2: ideas, momentos, interpretantes**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

WAINBERG, Jacques Alkalai. **Império de palavras**. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

_____. **Revolucionários, mártires e terroristas. A utopia e suas consequências**. São Paulo: Paulus, 2015a.

_____. Os títulos, as emoções e a utopia. **Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**. São Paulo: vol.38, n.1, pp.191-211, 2015b. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/interc/v38n1/1809-5844-interc-38-01-0191.pdf>>. Acesso em 27 de abril de 2016.

WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. **Pragmática da comunicação humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 2007.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação de Massa**. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

YOUNG, Skip Dine. **A psicologia vai ao cinema: o impacto psicológico da sétima arte em nossa vida e na sociedade moderna**. São Paulo: Cultrix, 2014.

APÊNDICE A - Tabela 10 - Primeira medida das questões da RE G PILOTO

FICHA	RELIQW	RELUGR	RELIJT	RELIQA	RESALM	RESAUR	RESAUT	RESAUA	RECARM	RECARR	RECAT	RECARA	REDESPM	REDESPR	REDESPFT	REDESPA	REBELM	REBELT	REBELA	RECOMM	RECOMV	RECOMA	REFNMV	REFNVR	REFNVT	REFNVA	RELAZM	RELAZV	RELAZT	RELAZA
P1	70	40	40	100	30	10	10	100	60	60	20	100	10	10	20	60	70	30	70	30	30	30	100	30	30	30	60	40	40	100
P2	80	100	80	100	40	10	30	80	30	30	50	100	60	10	20	90	60	20	70	100	90	100	60	40	30	70	20	10	70	80
P3	20	10	10	80	20	10	10	90	40	20	20	80	0	0	0	80	20	30	60	20	30	30	50	10	10	60	10	10	10	80
P4	50	20	20	70	10	10	10	100	50	20	20	70	50	20	20	70	10	10	30	0	30	70	30	30	30	40	10	10	10	100
P5	60	0	30	40	40	0	10	80	60	40	70	10	30	30	40	60	40	10	100	100	10	80	10	40	40	20	10	0	70	

APÊNDICE B - Tabela 11 - Segunda medida das questões da RE G PILOTO

FICHA	RELIQW	RELUGR	RELIJT	RELIQA	RESALM	RESAUR	RESAUT	RESAUA	RECARM	RECARR	RECAT	RECARA	REDESPM	REDESPR	REDESPFT	REDESPA	REBELM	REBELT	REBELA	RECOMM	RECOMV	RECOMA	REFNMV	REFNVR	REFNVT	REFNVA	RELAZM	RELAZV	RELAZT	RELAZA
1	60	10	40	60	30	10	40	100	40	20	100	10	20	10	30	60	70	20	20	80	20	100	10	100	10	20	60	10	40	60
2	80	20	70	90	90	20	40	60	100	40	90	10	30	20	50	70	20	40	90	90	100	90	100	90	100	30	10	40	80	80
3	20	10	20	80	10	10	10	90	50	20	30	50	10	20	20	70	30	20	60	30	30	40	40	10	30	70	10	10	10	90
4	60	50	30	40	10	10	20	80	60	100	100	10	50	40	30	30	30	40	50	40	10	40	10	20	10	30	50	30	70	70
5	70	0	90	50	30	0	30	70	40	40	80	10	40	0	10	60	30	0	90	70	0	80	10	10	10	60	20	20	20	60

APÊNDICE C - TABELA 12 - Primeira medida das questões da RE G2+G3

Nº ficha	CLASSE	RELOGM1	RELOGR	RELUQ1	RELUQ2	RESAUM1	RESAUT	RESAUA1	RECAUM1	RECAUR	RECAUT	RECARA	REDESPM1	REDESPR	REDESP1	REDESPA	RELEM1	RELEER	RELELT	RELELA	REROMM1	RECOMR	RECOMT	REROMA1	REFINM1	REFINR	REFINT1	REFINA1	RELAZM1	RELAZR	RELAZT1	RELAZ2	RELAZ3	
5 B1	60	40	70	80	90	50	80	90	50	80	90	50	80	90	50	80	90	80	80	100	80	80	100	80	80	70	80	70	80	60	50	100		
6 C1	80	70	80	90	50	80	60	30	100	30	30	30	100	30	30	30	30	30	30	30	70	30	30	80	30	40	60	80	50	80	50	80		
7 B1	80	40	40	70	50	10	20	50	80	70	80	50	30	10	20	90	80	20	30	70	10	0	10	100	90	10	10	70	50	80	80	40		
10 C1	50	40	80	60	60	40	30	70	50	80	60	30	50	70	80	50	20	80	70	50	40	70	60	60	80	70	40	30	60	70	60			
12 C2	80	40	60	70	60	70	10	90	90	90	90	40	70	70	100	0	80	60	90	70	50	50	40	100	80	100	0	80	100	90	50			
14 B2	40	50	30	60	50	40	60	50	70	60	60	40	40	60	70	30	20	40	70	30	50	40	50	70	60	40	40	30	50	60	60			
16 B2	70	60	90	80	70	50	90	80	80	60	70	90	60	70	90	60	70	30	50	40	60	70	30	80	90	70	70	80	80	90	70	100		
21 A2	50	20	20	20	80	50	20	100	10	10	10	80	10	10	10	90	20	20	20	20	80	10	10	100	10	10	60	10	10	10	70	10		
23 C1	30	30	10	90	20	30	20	60	60	10	10	90	40	10	10	10	80	10	30	100	30	10	20	100	90	70	90	40	10	10	10	90		
24 B1	100	60	50	90	50	40	40	70	60	40	20	20	20	20	100	60	40	30	90	80	20	20	100	100	70	100	50	40	20	20	20	100		
27 B2	20	60	60	50	10	10	10	10	70	70	30	40	40	60	30	20	10	10	80	20	10	10	10	70	20	20	20	20	10	10	20	70	100	
31 A2	20	10	10	80	10	10	10	100	30	10	10	10	90	10	10	90	20	10	90	20	10	10	100	30	10	10	80	10	10	10	10	10	100	
32 B1	70	10	20	90	10	10	10	100	10	10	10	100	20	10	10	60	30	10	20	80	40	20	10	70	90	30	40	80	30	20	10	10	90	
34 B1	40	20	10	90	10	10	10	70	40	40	60	30	20	60	90	60	90	60	80	90	60	100	50	100	70	100	60	10	10	10	10	10	100	
35 B2	50	20	20	90	80	20	60	70	40	10	50	90	10	10	100	10	10	100	10	10	100	50	20	100	70	50	10	10	10	10	10	100	100	
36 B2	70	40	40	100	20	10	10	90	60	30	30	80	50	10	20	90	70	50	60	100	50	20	20	100	60	80	70	50	10	10	10	100	100	
40 C1	80	60	50	90	70	30	60	80	80	70	60	40	0	0	20	50	60	50	50	90	80	40	40	60	50	60	80	70	0	0	30	90	100	
41 B2	40	0	30	100	30	50	0	90	60	10	10	100	70	30	0	70	20	10	90	80	50	10	30	100	80	10	0	50	80	30	80	60	100	
42 B2	40	20	20	80	60	50	60	60	100	40	30	80	70	60	60	60	60	20	20	30	100	100	100	100	100	50	20	20	30	100	100	100		
43 C1	50	40	30	70	80	60	50	50	20	50	30	80	50	40	30	80	30	30	60	90	50	30	40	90	80	70	30	50	10	20	40	80	80	
44 B1	70	60	50	90	50	30	30	90	70	50	80	60	60	50	80	70	80	50	80	70	80	50	90	80	80	40	70	80	30	50	80	80		
45 B1	70	80	70	90	60	90	70	50	90	70	80	70	60	60	60	50	90	70	80	90	100	100	60	50	30	40	60	70	60	60	100	100	100	
46 A2	40	20	10	80	70	50	50	60	30	20	70	50	40	20	90	40	10	20	80	50	20	50	50	80	40	30	0	60	20	20	90	90		
47 B2	50	40	70	90	40	40	60	80	50	70	70	90	50	50	70	100	60	50	70	100	60	70	80	80	70	80	70	50	30	30	70	80	80	
49 C1	90	80	70	40	50	70	60	70	90	80	80	30	50	30	30	80	80	60	40	80	90	60	70	90	100	90	30	60	50	30	70	90	90	
50 B1	80	50	20	80	40	0	0	100	90	0	0	90	70	50	30	90	60	60	100	60	100	60	60	60	90	100	100	60	30	20	100	100	100	
51 B2	80	50	90	40	70	80	30	60	100	90	70	80	90	60	100	90	70	100	50	90	50	80	90	50	90	70	60	40	50	30	30	90	90	
52 C1	60	40	40	50	30	30	50	30	70	70	70	50	40	40	70	60	60	50	70	50	60	60	60	60	60	60	40	40	40	40	40	70	70	
53 C2	90	70	60	40	100	20	20	100	60	20	60	90	70	0	0	100	100	20	0	100	0	0	0	100	90	70	90	70	90	20	20	100	100	
54 B2	90	40	60	90	70	60	50	80	80	30	30	90	40	30	40	80	40	50	50	100	60	30	30	100	70	60	40	80	60	40	40	100	100	
56 C1	40	50	40	90	30	40	50	50	80	60	60	90	40	50	50	90	50	20	40	30	100	40	30	90	50	50	80	60	40	40	40	40	90	90

APÊNDICE D - TABELA 13 – Segunda medida das questões da RE G2+G3

Nº ficha	RELOGM2	RELUQ2	RELUQ1	RESAUM2	RESAUT2	RESAUA2	RECAUM2	RECAUR2	RECAUT2	RECARA2	REDESPM2	REDESPR2	REDESP2	REDESPA2	RELEM2	RELEER2	RELELT2	RELELA2	REROMM2	RECOMR2	RECOMT2	REROMA2	REFINM2	REFINR2	REFINT2	REFINA2	RELAZM2	RELAZR2	RELAZT2	RELAZ3			
5	70	50	70	90	70	40	60	80	80	70	50	70	80	80	70	80	30	30	30	30	90	90	80	100	70	90	60	70	40	60	90		
6	60	40	20	70	50	60	60	70	40	30	30	60	30	40	60	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	30	70	90
7	90	60	30	40	20	30	30	40	20	50	60	20	10	20	90	30	30	30	30	30	30	10	10	100	100	30	60	20	40	60	0	0	
10	50	40	60	70	50	30	40	60	60	50	60	50	40	40	60	40	40	40	40	40	60	30	40	60	60	40	70	60	60	30	30	80	
12	50	40	70	80	30	30	10	50	40	60	60	40	60	90	90	80	40	90	90	70	50	60	90	30	90	90	30	0	90	90	40	60	
14	60	40	50	60	30	40	60	50	60	30	60	50	40	20	30	70	30	40	40	60	30	20	40	80	60	40	60	30	30	40	60	60	
16	80	70	70	80	50	70	60	60	80	40	60	80	40	50	40	70	50	40	50	40	50	40	50	80	30	40	50	70	60	80	90	60	
21	80	60	100	30	30	70	60	100	10	10	20	100	100	60	60	10	10	30	30	10	80	80	60	40	40	40	10	70	100	70	100	70	
23	70	20	10	90	60	10	10	80	20	10	10	80	20	10	100	20	10	10	100	20	10	10	100	90	70	80	30	10	10	10	10	90	
24	100	40	40	70	70	40	30	100	80	20	30	70	70	70	70	50	30	30	30	30	40	20	20	100	100	50	80	30	40	20	20	100	
27	40	50	10	10	10	10	10	100	30	10	10	100	20	10	30	50	30	20	40	20	10	10	40	70	10	30	50	30	20	10	80	80	
31	20	10	10	10	10	10	10	100	30	10	10	100	20	10	10	80	10	10	10	10	20	20	100	30	10	20	80	20	10	10	10	90	
32	80	30	20	100	70	20	20	30	80	70	30	50	30	30	20	80	30	10	20	90	40	20	90	50	40	70	40	40	40	40	90	90	
34	40	20	20	80	60	20	30	80	70	30	50	70	60	90	100	60	80	60	90	50	80	90	40	90	50	80	60	20	10	10	100	100	
35	40	10	50	90	60	60	40	70	50	20	10	90	60	10	20	100	20	10	100	10	10	100	70	20	40	60	10	10	10	10	10	100	100
36	60	30	20	90	60	30	30	50	60	30	50	40	90	30	30	90	80	50	60	70	30	40	90	80	50	30	60	50	20	20	90	90	
40	80	40	40	20	100	50	0	20	100	50	20	100	30	10	40																		

APÊNDICE G - TABELA 16 - Reações emocionais por construto simbólico

Grupo	Ficha	Data	Manchete / Assunto	Emoção Percebida	Portal
G2	5	18/03/2016	Comissão do Senado aprova pílula contra o câncer sem registro da ANVISA	Medo/Alegria	ZH
G2	5	19/03/2016	Quatro homens são presos tentando assaltar banco	Alegria	ZH
G2	5	19/03/2016	DEIC trabalha para fechar cerco a quadrilhas	Alegria	CP
G2	5	20/03/2016	Grêmio vence o Ypiranga	Alegria	ZH
G2	5	21/03/2016	Tarifa dos táxis sobe 2,95%	Raiva	ZH
G2	5	18/03/2016	Homem morre em acidente na BR 152	Tristeza	ZH
G2	5	18/03/2016	Homem morto em milharal por colher castanhas	Raiva	CP
G2	5	18/03/2016	O que explica os assaltos durante caos político	Raiva	CP
G2	5	19/03/2016	Vândalos brigam e depredam Trensurb	Tristeza	ZH
G2	5	19/03/2016	Feira do Peixe vende 40 toneladas no primeiro dia	Alegria	CP
G2	5	20/03/2016	Colégio Farroupilha comemora 130 anos na capital	Alegria	ZH
G2	5	20/03/2016	Família é rendida por assaltantes	Medo	CP
G2	5	20/03/2016	Assalto em ônibus trancam passageiros no bagageiro	Medo	CP
G2	5	21/03/2016	Creche em Santa Maria suspende aula por doença	Medo	ZH
G2	5	21/03/2016	Mercado Público amplia horário na Semana Santa	Alegria	CP
G2	5	21/03/2016	Capotamento em São Francisco de Paula mata 3 pessoas	Medo/Tristeza	CP
G2	5	22/03/2016	Aumento do preço do milho causa dificuldades nas indústrias de carnes	Tristeza	ZH
G2	5	22/03/2016	A ação de Moro não traz nenhum risco para a democracia	Medo	ZH
G2	5	22/03/2016	Marceneiro: o ofício que transforma madeira em arte	Alegria	CP
G2	5	22/03/2016	Dia de sol em todas as regiões	Alegria	CP
G2	5	23/03/2016	MEC programa para alfabetização	Alegria	ZH
G2	5	23/03/2016	Toin dança para bebês	Alegria	ZH
G2	5	23/03/2016	Ex-líder político é condenado à prisão por genocídio	Medo	CP
G2	5	23/03/2016	Quadrilha assalta farmácia na Zona Norte	Medo	CP
G2	5	24/03/2016	GRP Habitasul incentiva leitura	Alegria	ZH
G2	5	24/03/2016	Estúdio Pensando Bem inaugura sede em Porto Alegre	Alegria	ZH
G2	5	24/03/2016	Desintoxicação pós Páscoa	Alegria	CP
G2	5	24/03/2016	Dia abafado com sol	Alegria	CP
G2	5	25/03/2016	Dia mundial do teatro	Alegria	ZH
G2	5	25/03/2016	Feriado de Páscoa	Alegria	ZH
G2	5	25/03/2016	Sol em todas as regiões	Alegria	CP
G2	5	26/03/2016	Roteiro de lugares para conhecer em Poa	Alegria	ZH
G2	5	26/03/2016	Papa pede a cristãos para levar esperança	Alegria	ZH
G2	5	26/03/2016	Chuva no litoral	Tristeza	CP
G2	5	26/03/2016	A Profecia do Paladino chega ao Brasil	Alegria	CP
G2	5	27/03/2016	Retorno do feriado tem congestionamento	Raiva	ZH
G2	5	27/03/2016	Número de acidentes foi menor neste feriadão	Alegria	CP
G2	5	27/03/2016	Exposição agrícola foi visitada por 44,5 mil no segundo dia	Alegria	CP
G2	5	28/03/2016	Acidente na BR 101 mata 5 pessoas	Medo	ZH
G2	5	28/03/2016	Lula e Dilma em semana decisiva	Raiva	ZH
G2	5	28/03/2016	RS tem três gestantes com Zika Vírus	Tristeza/Medo	CP
G2	5	29/03/2016	Eva Wilma é internada com embolia pulmonar	Tristeza	CP
G2	5	29/03/2016	Dólar é cotado a 3,59	Alegria	CP
G2	5	30/03/2016	Bailarina do Passo das Pedras consegue dinheiro e vai participar de seleção na Bélgica	Alegria	ZH
G2	5	30/03/2016	Funcionários protestam contra parcelamento dos salários	Medo	CP
G2	5	30/03/2016	Homem é preso em Foz do Iguaçu	Medo	CP
G2	5	31/03/2016	Jovens de baixa renda podem viajar gratuitamente em ônibus interestaduais	Alegria	ZH
G2	5	31/03/2016	Suspeita de matar marido e filho é presa	Raiva	ZH
G2	5	31/03/2016	Paisagismo e ambientalismo na BR 116	Alegria	CP
G2	5	25/03/2016	Sandy é resgatada em carro ilhado	Alegria	CP

G2	5	27/03/2016	Vendas de ovos cai 14%	Tristeza	ZH
G2	5	28/03/2016	Luis Fernando Veríssimo é internado	Tristeza	CP
G2	5	29/03/2016	Motociclista morre na BR 116	Medo	ZH
G2	5	29/03/2016	Cai liminar e tarifa de ônibus volta a 3,75	Tristeza	ZH
G2	5	30/03/2016	Pílula do câncer deve ser legalizada	Alegria	ZH
G2	5	31/03/2016	Ônibus voltam a circular na Zona Norte	Alegria	CP
G2	6	17/03/2016	PRF apreende 200 kg de maconha	Medo	CP
G2	6	17/03/2016	Mulher é flagrada dirigindo nua	Tristeza	CP
G2	6	18/03/2016	Lincoln ganha elogios do Roger	Alegria	CP
G2	6	18/03/2016	Argel muda tom e fala em reformulação no Inter	Alegria	CP
G2	6	19/03/2016	Papa Francisco estreia conta no Instagram	Tristeza/Medo	CP
G2	6	20/03/2016	Meninas migrantes morrem afogadas	Tristeza	CP
G2	6	16/03/2016	Táxi pega fogo no Menino Deus	Tristeza	CP
G2	6	16/03/2016	Caminhão sai da pista e bate em parede	Tristeza	CP
G2	6	19/03/2016	Bélgica mantém atenção aos ataques terroristas	Medo	CP
G2	6	20/03/2016	Ataque do Estado Islâmico mata 15 policiais	Medo	CP
G2	6	21/03/2016	Ucrânia é considerada culpada de assassinato de dois jornalistas russos	Medo	CP
G2	6	22/03/2016	Argentina aumenta nível de segurança para visita de Obama	Alegria	CP
G2	6	26/03/2016	Coreia do Norte divulga vídeo com montagem de ataque contra EUA	Medo	CP
G2	6	27/03/2016	Supremo desarquiva ações contra FHC	Alegria	ZH
G2	6	29/03/2016	Atentado deixa 3 mortos e 22 feridos em Bagdá	Medo	CP
G2	6	26/03/2016	Jovem é morto em festa Rave	Medo	ZH
G2	6	29/03/2016	Polícia prende suspeito de esfaquear estudante no Menino Deus	Medo	ZH
G2	7	18/03/2016	PRF apreende 200 kg de maconha dentro de carro em Canguçu	Medo/Alegria	CP
G2	7	21/03/2016	Obama busca selar reaproximação entre Cuba e EUA	Alegria	ZH
G2	7	21/03/2016	Grêmio vence o Ypiranga por 2x1 em Erechim	Alegria	CP
G2	7	22/03/2016	Bruxelas: 21 mortos em explosões em aeroporto e metro	Tristeza	ZH
G2	7	22/03/2016	Obama se reúne com Raul Castro no palácio da revolução	Alegria	CP
G2	7	22/03/2016	Obama exalta novo dia das relações entre Cuba e Estados Unidos	Alegria	CP
G2	7	18/03/2016	PF mostra adega do sítio que era usado por Lula	Raiva	ZH
G2	7	18/03/2016	"Que palhaça é essa que o MP me denunciou"	Raiva	ZH
G2	7	18/03/2016	Grêmio receberá 1 milhão por contrato de transmissão de 6 anos	Raiva/Alegria	CP
G2	7	21/03/2016	Mais da metade das empresas demitiu em 2015	Tristeza	ZH
G2	7	21/03/2016	PF deflagra 25ª fase da Lava Jato em Portugal	Medo	CP
G2	7	22/03/2016	Petrobrás registra prejuízo de 34,8 bi em 2015	Raiva/Vergonha	ZH
G2	7	23/03/2016	Odebrecht informa "colaboração definitiva" com investigações	Medo/Raiva	CP
G2	7	23/03/2016	Teori manda Moro devolver investigação sobre Lula ao STF	Raiva	CP
G2	7	24/03/2016	Governo prevê rombo de 96 bilhões nas contas públicas em 2016	Medo	ZH
G2	7	24/03/2016	Preso cadeirante suspeito de envolvimento com roubo de 200 veículos na região metropolitana	Raiva	ZH
G2	7	24/03/2016	Lula: "Vou ajudar Dilma a governar nem que seja a última coisa que eu faça"	Raiva/Vergonha	CP
G2	7	28/03/2016	Empresa cresce investindo na produção de impressoras	Alegria	ZH
G2	7	28/03/2016	Grêmio goleia o Lajeadense e dispara na liderança do Gauchão	Alegria	CP
G2	7	23/03/2016	Preso suspeito de atentado terrorista em aeroporto de Bruxelas	Medo	ZH
G2	7	23/03/2016	Apesar do fracasso em teste, uso da fosfoetanolamina passa no Senado	Alegria	ZH
G2	7	30/03/2016	Moro pede desculpas por polêmicas sobre conversas de Lula	Alegria	ZH

G2	7	30/03/2016	Dilma envia defesa de nomeação de Lula ao STF	Tristeza/Vergonha	CP
G2	7	24/03/2016	Inter busca empate com Flu mas é eliminado nos pênaltis	Alegria	CP
G2	7	28/03/2016	Uber de caminhões chega ao Estado	Alegria	ZH
G2	7	28/03/2016	Aeroporto de Bruxelas anuncia testes sem data de reabertura	Medo/Alegria	CP
G2	7	30/03/2016	Suspeitos de sequestro são presos em Canoas	Medo/Alegria	ZH
G2	7	30/03/2016	Brasil empata com Paraguai e deixa zona de classificação	Tristeza	CP
G2	10	18/03/2016	Mulher é flagrada dirigindo nua e alcoolizada	Alegria	CP
G2	10	19/03/2016	Pepe Mujica se diz convencido da inocência de Lula	Esperança/Alegria	ZH
G2	10	19/03/2016	Quatro homens são presos tentando arrombar banco	Alegria	ZH
G2	10	19/03/2016	Líder dos Bala na Cara é morto em emboscada	Alegria	CP
G2	10	17/03/2016	Manifestação contra governo reúne cerca de 300 pessoas no Parcão	Tristeza	ZH
G2	10	17/03/2016	Dilma é notificada da suspensão de posse de Lula na Casa Civil	Alegria	ZH
G2	10	17/03/2016	Ministro do STF reage e diz que Lula insultou o judiciário	Medo	CP
G2	10	17/03/2016	Manifestantes entram em conflito em Brasília durante protestos contra posse de Lula como ministro	Medo	CP
G2	10	18/03/2016	Caminhoneiro morre após veículo pegar fogo	Tristeza	ZH
G2	10	18/03/2016	Nova liminar suspende posse de Lula	Raiva	ZH
G2	10	18/03/2016	Brasil está à beira de uma crise constitucional	Medo	CP
G2	10	19/03/2016	Mãe e filho são encontrados em bairro de Passo Fundo	Medo	CP
G2	10	20/03/2016	Duas meninas migrantes morrem afogadas perto de Ilha Grega	Tristeza	CP
G2	10	20/03/2016	Rússia começa a investigar causas do acidente aéreo que matou 62 pessoas	Tristeza	CP
G2	10	21/03/2016	Rosa Weber vai decidir recurso de Lula no STF	Raiva	CP
G2	10	21/03/2016	Quatro atletas russos flagrados pelo uso de Neldonium	Tristeza	CP
G2	10	22/03/2016	Presidente do PP diz que defender Dilma no RS "suicídio político"	Medo	ZH
G2	10	22/03/2016	Sartori sanciona reajuste do próprio salário de secretários e de deputados	Raiva	CP
G2	10	23/03/2016	Americano que sobreviveu a três atentados terroristas...	Espanto/Medo	ZH
G2	10	21/03/2016	ANVISA autoriza prescrição de remédios com Canabidiol e THC	Felicidade/Alegria	ZH
G2	10	21/03/2016	Principais bolsas europeias fecham com tendência negativa	Medo	ZH
G2	10	24/03/2016	Em Sapucaia, 98 ton de material apreendido em desmanches são destruídas	Alegria	ZH
G2	10	24/03/2016	AGU entra com novo recurso no supremo para garantir posse de Lula na Casa Civil	Medo	CP
G2	10	24/03/2016	Moro cumpre decisão e remete ao supremo investigação sobre o Lula	Raiva	CP
G2	10	28/03/2016	Cachorro deixa "presentinho" no palco do Domingão do Faustão	Alegria	ZH
G2	10	22/03/2016	Bélgica registra 34 mortos e 136 feridos	Medo	CP
G2	10	28/03/2016	STF não pretende rever decisão sobre impeachment	Medo	CP
G2	10	29/03/2016	Ferramenta permite assistir Netflix juntos à distância	Alegria	ZH
G2	10	29/03/2016	Usuários do Twitter pedem renúncia de Michel Temer	Raiva	ZH
G2	10	23/03/2016	Senado aprova uso da pílula do câncer	Alegria	ZH
G2	10	23/03/2016	Dilma diz ter convicção de que irá conseguir barrar impeachment na câmara	Raiva	CP
G2	10	23/03/2016	"Corda vai estourar de algum lado", diz presidente de consórcio de ônibus	Raiva	CP
G2	10	24/03/2016	Primeiro show dos Stones em Cuba	Alegria	ZH
G2	10	26/03/2016	U2 se prepara para receber prêmio por inovação na música	Alegria	CP
G2	10	26/03/2016	Stones levam quase meio milhão de pessoas a show histórico em Havana	Alegria	CP

G2	10	27/03/2016	Sobe para 65 número de mortos em explosão no Paquistão	Tristeza	CP
G2	10	27/03/2016	Bélgica prende quatro suspeitos em nova operação antiterrorismo	Medo	CP
G2	10	28/03/2016	Ministro do turismo é o primeiro do PMDB a pedir demissão do governo	Raiva	ZH
G2	10	28/03/2016	Sandy é resgatada de carro levado por enxurrada em Campinas	Medo	CP
G2	10	29/03/2016	Mulher é encontrada morta dentro de cinema em Poa	Medo	CP
G2	10	29/03/2016	Passagem de ônibus de Poa volta à 3,75 nesta quarta-feira	Raiva	CP
G2	14	18/03/2016	Professor da UFRGS retira faixa	Medo	ZH
G2	14	18/03/2016	Nova investigação caso Bernardo	Tristeza	ZH
G2	14	18/03/2016	Polícia divulga foto da arma de Kurt Cobain	Tristeza	CP
G2	14	18/03/2016	Doação de Pearl Jean para vítimas de Mariana	Alegria	CP
G2	14	19/03/2016	Prefeito de Porto Alegre suspende concursos e obras	Medo/Tristeza	ZH
G2	14	19/03/2016	Crescimento da intolerância em manifestações	Tristeza	CP
G2	14	20/03/2016	Três acusados de racismo são soltos no RJ	Raiva	ZH
G2	14	20/03/2016	Gaúcha é eliminada na semi-final de The Voice	Tristeza	ZH
G2	14	21/03/2016	Eduardo Cunha apresenta defesa no conselho de ética	Raiva	ZH
G2	14	21/03/2016	Jardel troca de advogado e pede mais prazo	Raiva	ZH
G2	14	21/03/2016	Nelson detalha pacote de alívio aos Estados	Medo	CP
G2	14	22/03/2016	Terror no núcleo da União Europeia	Medo	ZH
G2	14	22/03/2016	Galhardo cita interesse em voltar ao Brasil	Medo	ZH
G2	14	23/03/2016	Marcelo Odebrecht e executivos farão delação	Raiva	ZH
G2	14	24/03/2016	Morre Johan Cruyff	Tristeza	ZH
G2	14	19/03/2016	Papa Francisco estreia conta no Instagram	Alegria	ZH
G2	14	25/03/2016	Eliminatórias da copa 2018	Medo	ZH
G2	14	19/03/2016	DEIC fecha cerco a quadrilhas	Medo	CP
G2	14	27/03/2016	Final the Voice Kids	Alegria	ZH
G2	14	28/03/2016	Vitória do Inter responde críticas	Raiva	ZH
G2	14	28/03/2016	Vitória do Grêmio como jogo-treino	Medo	ZH
G2	14	29/03/2016	Seleção pode ficar sem Neymar	Medo	ZH
G2	14	31/03/2016	Keith Richards critica cantores que não compõem	Alegria	ZH
G2	14	20/03/2016	Obama desembarca em Cuba	Alegria	CP
G2	14	20/03/2016	Rússia investiga causas do acidente	Medo	CP
G2	14	21/03/2016	ANVISA libera medicamento com Canabidiol	Alegria	CP
G2	14	23/03/2016	Lista Odebrecht cita 200 políticos	Raiva	ZH
G2	14	24/03/2016	Inter é derrotado nos pênaltis	Tristeza	ZH
G2	14	25/03/2016	Desemprego atinge 9,6 milhões	Medo	ZH
G2	14	26/03/2016	Brasil e Uruguai empatam	Medo	ZH
G2	14	26/03/2016	Aniversário de Porto Alegre	Alegria	ZH
G2	14	27/03/2016	Papa pede apoio a refugiados	Alegria	ZH
G2	14	29/03/2016	Justiça derruba liminar que reduz valor da passagem de ônibus	Tristeza	ZH
G2	14	30/03/2016	Ônibus volta a custar 3,75	Raiva	ZH
G2	14	30/03/2016	Seleção empata com o Paraguai	Tristeza	ZH
G2	14	31/03/2016	Morte no hospital Cristo Redentor	Medo	ZH
G2	16	19/03/2016	Mujica se diz convencido da inocência de Lula	Raiva	CP
G2	16	19/03/2016	Argel muda tom e fala em reformulação no Inter	Medo	CP
G2	16	20/03/2016	Polícia investiga quem incomodou morte de líder dos Bala na Cara	Medo	ZH
G2	16	23/03/2016	Inter busca empate com Flu, mas é eliminado nos pênaltis	Raiva	CP
G2	16	23/03/2016	Déficit deve chegar à 96 bi em 2016	Medo	CP
G2	16	19/03/2016	Ministro dá recado à PF: Se houver vazamento equipes serão trocadas	Tristeza	ZH
G2	16	19/03/2016	Mendes suspense nomeação de Lula	Raiva	ZH
G2	16	20/03/2016	Rosberg recupera corrida e vence na Austrália	Alegria	ZH
G2	16	20/03/2016	Nível de rejeição a Lula atinge recorde de 57%	Alegria	CP
G2	16	20/03/2016	Inter joga mal e fica no 0x0 com Lajeadense	Raiva	CP
G2	16	21/03/2016	Lula chega à Brasília para começar articulação política	Raiva	ZH

G2	16	21/03/2016	Marcelo Oliveira está disponível para treinar	Alegria	ZH
G2	16	21/03/2016	BM revela que só 2 policiais por turno atendem 4 cidades do interior	Medo	CP
G2	16	21/03/2016	Roubo termina em perseguição e prisão em Poa	Medo	CP
G2	16	23/03/2016	O que dizem os 47 políticos gaúchos citados em lista	Tristeza	ZH
G2	16	23/03/2016	Obama: Brasil tem estrutura forte para resolver crise	Tristeza	ZH
G2	16	25/03/2016	Esquema funcionaria desde o governo Sarney, diz site	Tristeza	ZH
G2	16	26/03/2016	Linha de turismo terá 50% de desconto na semana de Poa	Alegria	ZH
G2	16	26/03/2016	Abertas as inscrições para bolsas de estudo no Canadá	Alegria	ZH
G2	16	26/03/2016	Inter vence o Novo Hamburgo por 4x2 no Beira Rio	Alegria	CP
G2	16	26/03/2016	Piloto do Marcas morre em acidente em Tarumã	Tristeza	CP
G2	16	28/03/2016	Walt Street fecha quase estável	Alegria	ZH
G2	16	28/03/2016	Rodrigo Dourado ficará 3 semanas em recuperação	Tristeza	CP
G2	16	25/03/2016	STF já analisou excesso de Sérgio Moro no caso Banestado	Tristeza	ZH
G2	16	30/03/2016	Escola de Poa terá só 2 horas de aula por turno	Medo	ZH
G2	16	30/03/2016	Harrison Ford leiloa jaqueta de Star Wars	Alegria	CP
G2	16	25/03/2016	EPTC admite acionar corridas do Uber para apreender veículos	Raiva	CP
G2	16	25/03/2016	Brasil empata com Uruguai	Tristeza	CP
G2	16	28/03/2016	Acordo entre Renan e Temer acerta demissão de ministros	Alegria	ZH
G2	16	28/03/2016	Dólar fecha o dia a 3,62	Alegria	CP
G2	16	30/03/2016	Piratini vai parcelar salário de março em 9 meses	Tristeza	ZH
G2	16	30/03/2016	Brasil empata com Paraguai e deixa zona de classificação	Raiva	CP
G2	23	21/03/2016	Líder dos Bala na Cara é morto em emboscada	Alívio	CP
G2	23	21/03/2016	PSOL protocola ação para manter tarifa dos ônibus em 3,25	Alegria	CP
G2	23	22/03/2016	CEEE confirma 190 demissões em todo o RS	Preocupação/Medo	ZH
G2	23	22/03/2016	Bélgica registra 34 mortos e 136 feridos	Tristeza	CP
G2	23	23/03/2016	Documentos da Odebrecht listam mais de 200 políticos	Raiva	CP
G2	23	23/03/2016	Dilma diz ter convicção de que irá conseguir barrar impeachment na câmara	Nojo/Raiva	CP
G2	23	21/03/2016	PF indicia 4 deputados federais na Lava Jato	Raiva	ZH
G2	23	21/03/2016	Kerry tem encontro histórico com FARC	Alegria	ZH
G2	23	22/03/2016	Três cursos da UFRGS estão entre os 100 melhores do mundo	Orgulho/Alegria	ZH
G2	23	22/03/2016	Dilma Russeff: Jamais renunciarei	Frustração/Tristeza	CP
G2	23	23/03/2016	Condenado ex-padre acusado de estupro	Alívio/Alegria	ZH
G2	23	23/03/2016	Número de passageiros cai 6% na Região Metropolitana	indiferença	ZH
G2	23	25/03/2016	Sul do estado terá muita chuva neste sábado	Tranquilidade/Alegria	ZH
G2	23	25/03/2016	BRs 158 e 287 devem receber tapa-buraco	indiferença	ZH
G2	23	25/03/2016	Eventos gratuitos celebram Poa no final de semana	Ansiedade/ Alegria	CP
G2	23	25/03/2016	EUA pedem que mulheres com Zika adiem a gravidez	Preocupação/Medo	CP
G2	23	27/03/2016	Facção do Talibã assume ataque	Tristeza	ZH
G2	23	27/03/2016	Wagner Barreto é campeão do the Voice Kids	Alegria	ZH
G2	23	27/03/2016	RS ainda tem 40 mil pontos sem energia	Raiva/indignação	CP
G2	23	26/03/2016	Mais de 170 mil veículos devem passar por rodovias federais na volta do feriadão	indiferença	ZH
G2	23	26/03/2016	STF já analisou excesso de Sérgio Moro no caso Banestado	Medo/Nervosismo	ZH
G2	23	26/03/2016	Vendas de ovos cai 14%	Indiferença	CP
G2	23	26/03/2016	População de Poa segue aguardando importantes obras viárias	Raiva	CP
G2	23	29/03/2016	Sequestro de avião egípcio termina com prisão	Medo	CP
G2	23	30/03/2016	Ministro do STF diz que impeachment é esperança vã de superar crise	Tensão/Medo	CP
G2	23	31/03/2016	Milhares saem às ruas no país contra o impeachment	Raiva/Medo	CP

G2	23	01/04/2016	Defesa civil alerta para temporais neste sábado	Preocupação/Medo	ZH
G2	23	01/04/2016	Cilindro de solda explode e fere 2 em São Gabriel	Medo/Horror	ZH
G2	23	01/04/2016	Não se tira dinheiro de onde não se tem, diz Sartori	Raiva	CP
G2	23	01/04/2016	Cid Gomes protocolo pedido contra Michel Temer na Câmara	Orgulho/Alegria	CP
G2	23	02/04/2016	Milhares de colombianos vão às ruas contra Governo Santos	Orgulho/Alegria	ZH
G2	23	02/04/2016	Bombeiros voluntários ministram curso na Europa	Orgulho/Alegria	CP
G2	23	03/04/2016	Impeachment tem 261 votos na Câmara e contrários chegam a 117	Esperança/Alegria	ZH
G2	23	03/04/2016	Mossack Fonseca teria manejado fortuna para círculo próximo ao presidente da Rússia V. Putin	Decepção/Tristeza	ZH
G2	23	27/03/2016	Diretrizes de um possível governo Temer estão prontas	Preocupação/Medo	CP
G2	23	04/04/2016	Polícia investiga arrastão e assaltos a comércio em Poa	Medo	ZH
G2	23	04/04/2016	Fazenda confirma que Sartori farpa decreto com cortes de orçamento	Desgosto/Tristeza	ZH
G2	23	28/03/2016	Barreira ecológica no Arroio Dilúvio deve evitar que lixo chegue ao Guaíba	Orgulho/Alegria	ZH
G2	23	28/03/2016	STJ derruba liminar que suspendia aumento da tarifa de ônibus na capital	Indignação/Raiva	ZH
G2	23	28/03/2016	Ligado a Michel Temer, ministro do turismo pede demissão	Esperança/Alegria	CP
G2	23	28/03/2016	Dólar cai e é cotado a 3,62	Alívio/Alegria	CP
G2	23	29/03/2016	Passagem de ônibus de Poa volta à 3,75 nesta quarta-feira	Raiva	ZH
G2	23	29/03/2016	Cremers vai investigar pediatra que negou atendimento à filha de petista	Vergonha/Raiva	ZH
G2	23	29/03/2016	Simers exige instalação de detectores de metal no Hospital Cristo Redentor	Medo	CP
G2	23	30/03/2016	Procuradoria denuncia José Otávio Germano e mais 6 do PP	Vergonha/Raiva	ZH
G2	23	30/03/2016	Roberto Carlos faz três shows no RS	Indiferença	ZH
G2	23	30/03/2016	Governo do RS vai pagar salário de março em 9 parcelas	Raiva/Ódio	CP
G2	23	31/03/2016	Morre premiada arquiteta Zaha Hadid	Tristeza	ZH
G2	23	31/03/2016	Poa tem 105 casos de autóctones de dengue em 2016	Medo	ZH
G2	23	31/03/2016	A partir dessa sexta remédios sobem 12,5%	Raiva/Incredulidade	CP
G2	23	02/04/2016	Lula diz que espera tomar posse como ministro na quinta	Nojo/Raiva	ZH
G2	23	02/04/2016	Jovens atropelados em racha no Parcão recebem alta	Alívio/Alegria	CP
G2	23	03/04/2016	Hospital de Clínicas mantém atendimento restrito devido à superlotação	Surpresa/Medo	CP
G2	23	03/04/2016	Confirmadas duas primeiras mortes pro gripe A no RS em 2016	Medo/Horror	CP
G2	23	04/04/2016	Crise política no Brasil é capa do The New York Times	Vergonha/Tristeza	CP
G2	23	04/04/2016	Cisne Branco é rebocado para estaleiro em São Gerônimo	indiferença	CP
G2	27	22/03/2016	Atentados na Bélgica	Espanto/Medo	ZH
G2	27	22/03/2016	PF prende doleiro em Porto Alegre	Vergonha/Tristeza	ZH
G2	27	23/03/2016	Desemprego volta a subir e atinge 8,2%, indica IBGE	Preocupação/Medo	CP
G2	27	22/03/2016	Polícia encontra carros roubados de Porto Alegre no PR	Medo/Alegria	CP
G2	27	22/03/2016	Filme brasileiro ganha festival nos EUA	Orgulho/Alegria	CP
G2	27	23/03/2016	Homem é morto a tiros dentro de casa na Av. Ipiranga	Espanto/Medo	ZH
G2	27	23/03/2016	Guaporé: Quadrilha mata dois adolescentes e 1 jovem	Tristeza	ZH
G2	27	23/03/2016	Assalto termina com morte em avenida de Porto Alegre	Preocupação/Medo	CP
G2	27	28/03/2016	Com 18 mortes, cai número de vítimas no feriadão	Alívio/Alegria	ZH

G2	27	28/03/2016	Suspeitos de queimar e matar idoso em Vacaria são presos	Satisfação/Alegria	ZH
G2	27	28/03/2016	Incêndio atinge prédio na Voluntários da Pátria	Tristeza	CP
G2	27	29/03/2016	Suspeito morre em tentativa de assalto em Poa	Preocupação/Medo	CP
G2	27	30/03/2016	Presos suspeitos de roubar 20 caminhões no mês	Espanto/Alegria	ZH
G2	27	30/03/2016	BM prende 4 e apreende arsenal perto de escola em Poa	Admiração/Alegria	CP
G2	27	31/03/2016	Vídeo mostra homem que fez juíza refém em São Paulo	Espanto/Medo	CP
G2	27	01/04/2016	Homem acionou SAMU durante trote em NH	Tristeza	CP
G2	27	01/04/2016	Suspeito é agredido após assalto na Av. Independência	Espanto/Medo	CP
G2	27	03/04/2016	Após morte de capitão reformado moradores cobram segurança na Zona Sul	Preocupação/Medo	ZH
G2	27	03/04/2016	Homem é encontrado morto com pernas amarradas no Guaíba	Espanto/Medo	ZH
G2	27	03/04/2016	Missa e caminhada lembram dois anos da morte de Bernardo	Tristeza	CP
G2	27	03/04/2016	Homem é morto com mais de 10 tiros em Imbé	Espanto/Medo	CP
G2	27	04/04/2016	Criminosos fazem arrastão em supermercado de Porto Alegre	Espanto/Medo	ZH
G2	27	04/04/2016	Porto Alegre ganha nova feira ecológica	Admiração/Alegria	ZH
G2	27	04/04/2016	Liberado condutor do Audi que atropelou casal em Porto Alegre	Preocupação/Medo	CP
G2	27	04/04/2016	Governo Sartori fará novo corte nas despesas	Preocupação/Medo	CP
G2	27	28/03/2016	RS convoca policiais e bombeiros para suprir saída de temporários	Alegria	CP
G2	27	29/03/2016	Polícia prende suspeito de esfaquear estudante no Menino Deus	Alívio/Alegria	ZH
G2	27	29/03/2016	Homem é executado no hospital Cristo Redentor	Preocupação/Medo	ZH
G2	27	29/03/2016	Mulher é encontrada morta dentro de cinema em Poa	Tristeza	CP
G2	27	30/03/2016	Suspeitos de sequestro são presos em Canoas	Alívio/Alegria	ZH
G2	27	30/03/2016	Simers exige instalação de detectores de metal no Hospital Cristo Redentor	Espanto/Medo	CP
G2	27	31/03/2016	Piratini vai parcelar salário de março em 9 meses	Preocupação/Medo	ZH
G2	27	31/03/2016	Morre premiada arquiteta Zaha Hadid	Tristeza	ZH
G2	27	31/03/2016	Morre aos 65 anos a Nobel da arquitetura Zaha Hadid	Tristeza	CP
G2	27	01/04/2016	Casal é atropelado durante racha no Moinhos de Vento	Tristeza	ZH
G2	27	01/04/2016	Porto Alegre e Viamão tem primeiros casos de gripe A	Preocupação/Medo	ZH
G2	27	02/04/2016	Temporal atinge fronteira oeste do RS	Preocupação/Medo	ZH
G2	27	02/04/2016	30 artistas pintam muro da Mauá	Alegria	ZH
G2	27	02/04/2016	Jovem atropelado em racha teve alta	Alegria	CP
G2	27	02/04/2016	Ventos chegam a 110km/h em Uruguaiiana	Preocupação/Medo	CP
G2	31	22/03/2016	Explosões deixam 36 mortos e 100 feridos em Bruxelas	Tristeza	ZH
G2	31	22/03/2016	Doleiro é preso em Poa em nova fase da Lava Jato	Raiva	CP
G2	31	22/03/2016	PSOL protocola ação para manter tarifa dos ônibus em 3,25	Respeito/Alegria	CP
G2	31	23/03/2016	Lincoln ganha elogios do Roger	Esperança/Alegria	ZH
G2	31	23/03/2016	Desemprego no Brasil volta a subir	Preocupação/Medo	CP
G2	31	25/03/2016	Duas crianças morrem em incêndio em Canoas	Tristeza	ZH
G2	31	25/03/2016	BM convocará mais de 200 aprovados em concursos	Alegria	ZH
G2	31	26/03/2016	Cães viram coelhinhos em campanha de adoção	Carinho/Alegria	ZH
G2	31	26/03/2016	Porto Alegre completa 244 anos e embala saudades de gaúchos pelo mundo	Admiração/Alegria	CP
G2	31	27/03/2016	Impeachment não é golpe, desde que a constituição seja respeitada	Respeito/Alegria	ZH
G2	31	27/03/2016	Batman x Superman lidera bilheteria na estreia	Expectativa/Alegria	ZH
G2	31	27/03/2016	Bélgica prende quatro suspeitos em nova operação anti-terrorismo	Medo	CP
G2	31	27/03/2016	Explosão no Paquistão mata 56 pessoas	Tristeza	CP
G2	31	22/03/2016	Lincoln não é o futuro Messi, Ronaldinho ou Neymar	Esperança/Alegria	ZH

G2	31	28/03/2016	U2 se prepara para receber prêmio por inovação na música	Alegria	CP
G2	31	23/03/2016	Estudantes podem concorrer à bolsas remanescentes do PROUNI	Alegria	ZH
G2	31	23/03/2016	Prévia da inflação é menor pra março desde 2012	Preocupação/Tristeza	CP
G2	31	24/03/2016	Sartori não garante pagamento em dia dos salários	Nojo/Raiva	ZH
G2	31	24/03/2016	Revista americana considera Moro décimo terceiro maior líder mundial	Nojo/Raiva	ZH
G2	31	24/03/2016	Bolaños é homenageado no empate do Equador	Respeito/Alegria	CP
G2	31	24/03/2016	Grêmio negocia empréstimo de Kadu	Tristeza	CP
G2	31	25/03/2016	Dilma aproveita feriado e pedala em Poa	Tensão/Medo	CP
G2	31	25/03/2016	Beatles num céu de diamantes chega em Poa em maio	Alegria	CP
G2	31	26/03/2016	Conheça Colinas: A cidade que respira Páscoa	Desejo/Alegria	ZH
G2	31	26/03/2016	Jogadores do Inter comemoram vitória	Alegria	CP
G2	31	28/03/2016	PMDB e PP avaliam saída do Governo	Suspense/Medo	ZH
G2	31	28/03/2016	Grêmio usa Gauchão para treinar pensando na LDU	Expectativa/Alegria	ZH
G2	31	28/03/2016	Queremos lutar para fugir dessa corrupção, diz cavalariano	Revolta/Raiva	CP
G2	31	29/03/2016	Retorno de Wallace recuperou as trocas de passes do Grêmio	Alegria	ZH
G2	31	29/03/2016	Sobre seleção, Geromel afirma que foco é o Grêmio	Alegria	ZH
G2	31	30/03/2016	Continuaremos no Governo e no PMDB, diz Kátia Abreu	Despreso/Raiva	ZH
G2	31	31/03/2016	Chico Buarque participa de ato de Não ao Golpe	Convicção/Alegria	ZH
G2	31	31/03/2016	Onda de ódio não pode continuar, diz Ministro da Justiça	Preocupação/Medo	ZH
G2	31	01/04/2016	Cunha é o bandido que mais gosto, diz Roberto Jefferson	Raiva	ZH
G2	31	02/04/2016	Dilma passará o final de semana com a família	Alívio/Alegria	ZH
G2	31	02/04/2016	Teste: Você é coxinha, petralha ou isentão?	Pena/Tristeza	ZH
G2	31	02/04/2016	Estamos crescendo no momento certo, diz Argel	Engraçado/Alegria	CP
G2	31	03/04/2016	Papéis citam Cunha e lobista do PMDB	Despreso/Raiva	ZH
G2	31	03/04/2016	Mulher de Sérgio Moro cria página de apoio ao Juíz	Respeito/Alegria	ZH
G2	31	03/04/2016	Empate no último minuto com Juventude	Preocupação/Medo	CP
G2	31	30/03/2016	PGR denuncia José Otávio Germano e mais seis	Alegria	CP
G2	31	01/04/2016	Piratini deposita parcela de R\$1250,00 aos servidores	Nojo/Raiva	ZH
G2	31	02/04/2016	Casal é atropelado durante racha no Moinhos de Vento	Raiva	CP
G2	32	22/03/2016	Estado Islâmico reivindica atentados em Bruxelas	Medo	CP
G2	32	24/03/2016	Principais bolsas europeias abrem com queda	Tristeza	ZH
G2	32	25/03/2016	Rolling Stones fazem show grátis em Cuba	Alegria	ZH
G2	32	26/03/2016	EPTC admite acionar corridas do Uber para apreender veículos	Tristeza	CP
G2	32	26/03/2016	População de Poa segue aguardando importantes obras viárias	Raiva	CP
G2	32	27/03/2016	Jovem é morto em festa Rave	Medo	ZH
G2	32	27/03/2016	Luis Fernando Veríssimo é hospitalizado com pneumonia	Tristeza	ZH
G2	32	28/03/2016	Uber de caminhões chega ao estado	Alegria	ZH
G2	32	28/03/2016	STJ derruba liminar que suspendia aumento da tarifa de ônibus na capital	Raiva	CP
G2	32	22/03/2016	MEC lança exame específico para certificação do EJA	Esperança/Alegria	ZH
G2	32	22/03/2016	Painéis solares são instalados em escola municipal de Poa	Felicidade/Alegria	ZH
G2	32	22/03/2016	Recém-nascido é abandonado em calçada em São Paulo	Raiva	CP
G2	32	23/03/2016	Polícia descobre loja de celulares usada para tráfico de armas no centro de Poa	Insegurança/Medo	ZH
G2	32	23/03/2016	Aposentada transforma lixão em Jardim em Sapucaia do Sul	Alegria	ZH
G2	32	23/03/2016	Liminar suspende inquérito sobre tragédia em Mariana	Tristeza	CP

G2	32	23/03/2016	Ônibus da linha T1 vão paralisar por 1h em Poa	Preocupação/Medo	CP
G2	32	24/03/2016	Duas pessoas são assassinadas em Poa	Medo	ZH
G2	32	24/03/2016	Gestante de Ivoti é diagnosticada com Zika Vírus	Medo	CP
G2	32	24/03/2016	RS terá feriadão sob mau tempo com formação de ciclone	Preocupação/Medo	CP
G2	32	25/03/2016	Governo busca apoio do PMDB e Michel Temer articula saída	Raiva	ZH
G2	32	25/03/2016	Abertura oficial de rodeio de Poa ocorre no sábado	Alegria	CP
G2	32	25/03/2016	Jovem de 26 anos morre em acidente em Três de Maio	Tristeza	CP
G2	32	26/03/2016	Colômbia registra 58838 casos de Zika, 10812 em grávidas	Preocupação/Medo	ZH
G2	32	26/03/2016	Preso escapa de presídio em Passo Fundo e anuncia fuga em Facebook	Raiva	ZH
G2	32	29/03/2016	Cremers vai investigar pediatra que negou atendimento à filha de petista	Raiva	ZH
G2	32	29/03/2016	Passagem de ônibus de Poa volta à 3,75 nesta quarta-feira	Indignação/Raiva	ZH
G2	32	29/03/2016	Motociclista morre na BR 116	Tristeza	CP
G2	32	27/03/2016	Reduz para cerca de 14 mil os locais sem luz em Porto Alegre	Alegria	CP
G2	32	27/03/2016	Acidente deixa duas pessoas mortas nas Missões	Tristeza	CP
G2	32	28/03/2016	Homem é morto a facadas em Cruz Alta	Medo	ZH
G2	32	28/03/2016	RU da UFRGS fecha temporariamente em Poa	Tristeza	CP
G2	32	29/03/2016	RS pode antecipar vacinação contra gripe A	Esperança/Alegria	CP
G2	32	31/03/2016	Calor aumenta no RS nesta quinta-feira	Alegria	CP
G2	32	01/04/2016	Greve de ônibus pode começar na segunda-feira	Raiva	ZH
G2	32	01/04/2016	Estruturas ganham novo colorido na BR 116	Orgulho/Alegria	CP
G2	32	30/03/2016	Roberto Carlos faz três shows no RS	Alegria	ZH
G2	32	03/04/2016	Estudantes de medicina farão avaliação nacional para receber o diploma	Alegria	ZH
G2	32	03/04/2016	Luis Fernando Veríssimo recebe alta de hospital no RS	Felicidade/Alegria	ZH
G2	32	03/04/2016	Inter carimba classificação com goleada sobre Glória em Vacaria	Felicidade/Alegria	CP
G2	32	30/03/2016	Procuradoria denuncia José Otávio Germano e mais 6 do PP	Vergonha/Medo	ZH
G2	32	04/04/2016	Com a crise, Odebrecht se retira de projeto no Peru	Vergonha/Medo	ZH
G2	32	04/04/2016	Prédio da presidente Dilma é pichado em Poa	Tristeza	ZH
G2	32	30/03/2016	Drogômetro será utilizado a partir de abril em Poa	Esperança/Alegria	CP
G2	32	04/04/2016	Tartarugas se recuperam após serem resgatadas no litoral sul	Esperança/Alegria	CP
G2	32	30/03/2016	Fosfoetanolamina deve ser legalizada como suplemento alimentar	Alegria	CP
G2	32	31/03/2016	RS adia segunda parcela do salário dos servidores	Pavor/Medo	ZH
G2	32	31/03/2016	Medicamentos podem ficar 12,5% mais caros	Indignação/Raiva	ZH
G2	32	31/03/2016	STJ mantém aumento da passagem de ônibus na capital	Raiva	CP
G2	32	01/04/2016	Poa e Viamão tem os primeiros casos de gripe A do RS	Preocupação/Medo	ZH
G2	32	01/04/2016	RS registra 100 casos de dengue em apenas uma semana	Preocupação/Medo	CP
G2	32	02/04/2016	30 artistas pintam muro da Mauá	Felicidade/Alegria	ZH
G2	32	02/04/2016	Aeroporto de Bruxelas reabrirá parcialmente no domingo	Tristeza	ZH
G2	32	02/04/2016	Bombeiros voluntários ministram curso na Europa	Alegria	CP
G2	32	02/04/2016	Ventos chegam a 110km/h em Uruguaiana	Medo	CP
G2	32	03/04/2016	Cisne Branco será rebocado para estaleiro nesta segunda-feira	Alegria	CP
G2	32	04/04/2016	Hospital de Clínicas mantém atendimento restrito devido à superlotação	Tristeza	CP
G2	35	22/03/2016	A crise política no Brasil pelo olhar estrangeiro	Decepção/Tristeza	ZH
G2	35	22/03/2016	Mais de 20 pessoas morrem em explosões na Bélgica	Tristeza	CP
G2	35	22/03/2016	Obama se reúne com Raul Castro no palácio da	Esperança/Alegria	CP

			revolução		
G2	35	23/03/2016	CEEE vai demitir 190 funcionários até o início de abril	Surpresa/Medo	CP
G2	35	24/03/2016	Já são 110 casos de dengue na Capital	Preocupação/Medo	ZH
G2	35	24/03/2016	"Corda vai estourar de algum lado", diz presidente de consórcio de ônibus	Decepção/Tristeza	CP
G2	35	26/03/2016	EPTC admite acionar corridas do Uber para apreender veículos	Nojo/Raiva	CP
G2	35	27/03/2016	Mais de 170 mil veículos devem passar por rodovias federais na volta do feriadão	Preocupação/Medo	ZH
G2	35	27/03/2016	Vendas de ovos cai 14%	Despreso/Raiva	CP
G2	35	27/03/2016	Diretrizes de um possível governo Temer estão prontas	Raiva	CP
G2	35	28/03/2016	Uber de caminhões chega ao Estado	Alegria	ZH
G2	35	28/03/2016	RS convoca policiais e bombeiros para suprir saída de temporários	Alívio/Alegria	CP
G2	35	29/03/2016	Barreira ecológica no Arroio Dilúvio deve evitar que lixo chegue ao Guaíba	Alegria	ZH
G2	35	29/03/2016	STJ derruba liminar que suspendia aumento da tarifa de ônibus na Capital	Raiva	CP
G2	35	29/03/2016	Mulher é encontrada morta dentro de cinema em Poa	Tristeza	CP
G2	35	30/03/2016	Setor público tem déficit recorde de 23 bi, diz BC	Preocupação/Medo	CP
G2	35	30/03/2016	Drogômetro será utilizado a partir de abril em Poa	Segurança/Alegria	CP
G2	35	22/03/2016	Vejam onde estão as opções de pós-graduação no estado	Alegria	ZH
G2	35	23/03/2016	Ritmo das obras da trincheira da Anita é alvo de reclamação	Decepção/Tristeza	ZH
G2	35	23/03/2016	Governo faz contingenciamento adicional de 21 bi no orçamento	Desapontamento/Tri	ZH
G2	35	23/03/2016	Trump e Clinton ganham primarias no Arizona	Expectativa/Alegria	CP
G2	35	24/03/2016	Estudante indígena é agredido na UFRGS	Raiva	ZH
G2	35	24/03/2016	Sense 8 terá cenas rodadas no Brasil	Alegria	CP
G2	35	26/03/2016	Debandada do PMDB acelera rito de impeachment	Raiva	ZH
G2	35	26/03/2016	Conheça 6 locais que inspiraram músicas sobre Poa	Alegria	ZH
G2	35	26/03/2016	Restaurante dispensa talheres e aposta em cardápio para comer com as mãos	Intusiasmo/Alegria	CP
G2	35	27/03/2016	Dicas de passeios por diferentes bairros de Porto Alegre	Alegria	ZH
G2	35	28/03/2016	Ex-funcionária diz que pagamento de propina era prática na Odebrecht	Raiva	ZH
G2	35	28/03/2016	Israel recomenda que cidadãos abandonem Turquia por risco de atentados	Medo	CP
G2	35	29/03/2016	Virada Sustentável traz programação gratuita	Alegria	ZH
G2	35	30/03/2016	Clínicas de Porto Alegre já oferecem vacina contra gripe	Alegria	ZH
G2	35	30/03/2016	Usuários reclamam do aumento da tarifa de ônibus em Poa	Raiva	ZH
G2	35	01/04/2016	Polícia federal deflagra 27ª fase da operação Lava Jato	Raiva	ZH
G2	35	01/04/2016	Conta de energia elétrica deve ficar mais barata	Alívio/Alegria	ZH
G2	35	01/04/2016	Mesmo que impeça impeachment Dilma não conseguirá governar	Preocupação/Medo	CP
G2	35	01/04/2016	Sequência de Transpointing deve estreitar ainda este ano	Alegria	CP
G2	35	04/04/2016	AGU apresenta defesa de Dilma na comissão do impeachment	Esperança/Alegria	ZH
G2	35	04/04/2016	Ampliação do Shopping Iguatemi entra na reta final	Alegria	ZH
G2	35	04/04/2016	União bloqueia primeiros repasses do fundo de auxílio	Preocupação/Medo	CP
G2	35	04/04/2016	Crise política no Brasil é capa do The New York Times	Vergonha/Medo	CP
G2	36	22/03/2016	Explosões em aeroporto e metrô de Bruxelas matam 26 e ferem dezenas	Medo	ZH
G2	36	22/03/2016	Tarifa dos táxis sobe 2,95%	Indignação/Raiva	ZH
G2	36	22/03/2016	Doleiro é preso em Poa em nova fase da Lava Jato	Raiva	CP

G2	36	23/03/2016	Bélgica faz um minuto de silêncio em homenagem às vítimas de atentados em Bruxelas	Respeito/Alegria	ZH
G2	36	23/03/2016	CEEE vai demitir 190 funcionários até o início de abril	Tristeza	CP
G2	36	23/03/2016	Desemprego no Brasil volta a subir e chega a 8,2%, indica IBGE	Preocupação/Medo	CP
G2	36	24/03/2016	BM convocará mais de 200 aprovados em concursos	Esperança/Alegria	ZH
G2	36	24/03/2016	Duas crianças morrem em incêndio em Canoas	Tristeza	ZH
G2	36	24/03/2016	Famílias buscam desaparecidos em atentados em Bruxelas	Esperança/Alegria	CP
G2	36	24/03/2016	Papa lava os pés de refugiados	Acolhimento/Alegria	CP
G2	36	25/03/2016	Sandy é resgatada de carro ilhado por enxurrada em Campinas	Susto/Medo	CP
G2	36	26/03/2016	Mais de 170 mil veículos devem passar por rodovias federais na volta do feriadão	Expectativa/Alegria	ZH
G2	36	26/03/2016	Cães viram coelhinhos em campanha de adoção	Fofura/Alegria	ZH
G2	36	26/03/2016	Porto Alegre completa 244 anos e embala saudades de gaúchos pelo mundo	Felicidade/Alegria	CP
G2	36	27/03/2016	Impeachment não é golpe, desde que a constituição seja respeitada	Respeito/Alegria	ZH
G2	36	27/03/2016	Batman x Superman lidera bilheteria na estreia	Alegria	ZH
G2	36	27/03/2016	Explosão no Paquistão mata 56 pessoas	Raiva	CP
G2	36	28/03/2016	Dólar cai e é cotado a R\$3,62	Expectativa/Alegria	CP
G2	36	29/03/2016	Prefeitura aguarda publicação de liminar no DO sobre passagem	Raiva	CP
G2	36	30/03/2016	Servidores começam a quinta-feira recebendo 1250,00 de salário	Raiva	ZH
G2	36	22/03/2016	Dilma diz que conversará pessoalmente com deputados da comissão de impeachment	Nojo/Raiva	CP
G2	36	30/03/2016	Drogômetro será testado em Poa	Esperança/Alegria	ZH
G2	36	23/03/2016	Homem é preso com mais de 2 mil munições em Poa	Raiva	ZH
G2	36	25/03/2016	Grupo armado faz arrastão em ônibus de Porto Alegre	Medo	ZH
G2	36	25/03/2016	Feriadão de Páscoa já registra 13 mortos no trânsito gaúcho	Tristeza	ZH
G2	36	25/03/2016	EUA mata o número 2 do Estado Islâmico	Justiça/Alegria	CP
G2	36	26/03/2016	Domingo de Páscoa terá nebulosidade, sol e chuva no RS	Expectativa/Alegria	CP
G2	36	27/03/2016	Mega-Sena fica acumulada e pode pagar 13 milhões	Expectativa/Alegria	CP
G2	36	31/03/2016	RS adia segunda parcela do salário dos servidores	Raiva	ZH
G2	36	28/03/2016	Canal de vídeos de menina que teve câncer é invadido por hacker	Tristeza	ZH
G2	36	28/03/2016	Termer diz a Lula que PMDB está fora do Governo	Esperança/Alegria	ZH
G2	36	28/03/2016	OAB protocola novo pedido de impeachment na Câmara	Justiça/Alegria	CP
G2	36	31/03/2016	Rodoviários da Nortran chegam a acordo e ônibus voltam a circular	Raiva	ZH
G2	36	29/03/2016	Dos 31 deputados federais gaúchos, 20 aprovam impeachment de Dilma	Expectativa/Alegria	ZH
G2	36	29/03/2016	Juro do cheque especial atinge 293,9%	Raiva	ZH
G2	36	31/03/2016	Remédios sobem 12,5% em média	Raiva	CP
G2	36	29/03/2016	Jovem é levada como refém em assalto em Passo Fundo	Insegurança/Medo	CP
G2	36	30/03/2016	"Acho um absurdo esse valor", diz passageira de ônibus em Poa	Indignação/Raiva	CP
G2	36	30/03/2016	Desarticulada quadrilha envolvida em 200 roubos de caminhões no RS	Alegria	CP
G2	36	31/03/2016	Maioria dos ministros mantém no Supremo investigação sobre Lula	Justiça/Alegria	CP
G2	36	01/04/2016	Motoristas do Uber registram ao menos 25 ameaças de taxistas em Poa	Raiva	ZH
G2	36	01/04/2016	Homem é esfaqueado na rodoviária	Tristeza	ZH
G2	36	01/04/2016	Preso suspeito de latrocínio em Poa	Justiça/Alegria	CP
G2	36	01/04/2016	Problemas na rede elétrica fazem Trensurb operar com intervalos maiores	Raiva	CP

G2	36	02/04/2016	Porto Alegre recebe show gratuito que celebra 60 anos do rock	Alegria	ZH
G2	36	03/04/2016	Taxista e uma adolescente são mortos a tiros em Gravataí	Tristeza	ZH
G2	36	03/04/2016	Jovem é preso por tráfico de ecstasy em Santa Maria	Justiça/Alegria	ZH
G2	36	03/04/2016	Corrida beneficente reúne 300 cães na Redenção	Alegria	CP
G2	36	04/04/2016	Emergência do Conceição restringe atendimento a casos graves	Tristeza	CP
G2	36	04/04/2016	Quadrilha é presa após perseguição no Partenon	Justiça/Alegria	CP
G2	36	02/04/2016	Temporal atinge fronteira oeste do RS	Tristeza	ZH
G2	36	02/04/2016	Lula espera tomar posse na Casa Civil na quinta	Raiva	CP
G2	36	02/04/2016	Casal é atropelado durante racha no Moinhos de Vento	Tristeza	CP
G2	36	03/04/2016	Hospital de Clínicas mantém atendimento restrito devido à superlotação	Raiva	CP
G2	36	04/04/2016	Muro da Mauá repaginado	Alegria	ZH
G2	36	04/04/2016	Cisne Branco será rebocado para estaleiro nesta segunda-feira	Expectativa/Alegria	ZH
G3	43	31/05/2016	Publicitários gaúchos promovem encontro	Alegria	ZH
G3	43	31/05/2016	Temer defende conjunção de esforços no combate à violência contra a mulher	Alegria	ZH
G3	43	31/05/2016	Primeiras fotos do elenco caracterizado em peça de Harry Potter são divulgadas	Alegria	CP
G3	43	31/05/2016	Vida de criança estava em perigo, diz diretor de Zoo onde gorila foi abatido	Raiva	CP
G3	43	01/06/2016	Suspeito de estupro coletivo se entrega e nega no Facebook participação	Medo	ZH
G3	43	01/06/2016	Após polêmica, secretaria da mulher defende aborto em caso de estupro	Alegria	ZH
G3	43	01/06/2016	Análise de revista britânica prevê estabilização da economia brasileira em 2017	Alegria	CP
G3	43	01/06/2016	Comandante admite excesso policial em protesto de estudantes na Capital	Raiva	CP
G3	43	02/06/2016	Relator rejeita inclusão de áudios de Machado no processo de impeachment	Raiva	ZH
G3	43	02/06/2016	Documentário "Epidemia de cores" ilumina arte como terapia mental	Alegria	ZH
G3	43	02/06/2016	Dilma participa de manifestação nessa sexta em Poa	Medo	CP
G3	43	02/06/2016	Soldado da BM, homossexual, é autorizado a casar usando farda de gala	Alegria	CP
G3	51	31/05/2016	Stephen Hawking pede à britânicos que permaneçam na U.E.	Medo	ZH
G3	51	31/05/2016	Mundo tem 45,8 milhões de pessoas escravizadas	Raiva	ZH
G3	51	31/05/2016	Professores e governo discutem reivindicações da greve	Tristeza	CP
G3	51	31/05/2016	OMS recomenda ao menos 2 meses de sexo protegido em áreas afetadas pelo Zika	Medo	CP
G3	51	01/06/2016	Temer emite sinais contraditórios	Raiva	ZH
G3	51	01/06/2016	Eduardo Barbosa: Quem irá indenizar a adolescente vítima de estupro?	Raiva	ZH
G3	51	01/06/2016	Manifestação feminista em Poa pede o fim da violência contra mulher	Tristeza	CP
G3	51	01/06/2016	Mulher e filha de 17 anos matam professor no interior de São Paulo	Tristeza	CP
G3	51	02/06/2016	Suíça pode tornar realidade sonho de receber sem trabalhar	Alegria	ZH
G3	51	02/06/2016	Papa pede que sacerdotes reconheçam que são impuros	Medo	ZH
G3	51	02/06/2016	Violência contra mulher cresceu 44% no Brasil em 2015	Tristeza	CP
G3	51	03/06/2016	Menos emprego levanta dúvidas sobre saúde econômica dos EUA	Medo	ZH
G3	51	03/06/2016	Limitar aquecimento global a 1,5°C. Realidade ou quimera?	Tristeza	ZH
G3	51	03/06/2016	Perícia estima que vítimas de chacina morreram na	Tristeza	CP

			semana passada		
G3	51	03/06/2016	Marinha encontra 104 de migrantes na Líbia	Tristeza	CP
G3	51	04/06/2016	Principais reações à morte de Muhamad Ali	Alegria	ZH
G3	51	04/06/2016	Câncer: As promessas da medicina de precisão e genômica	Alegria	ZH
G3	51	04/06/2016	Saneamento ainda está longe da universalização	Medo	CP
G3	51	04/06/2016	Ativistas são detidos e vigiados no 27º aniversário da repressão na Praça da Paz Celestial	Raiva	CP
G3	51	05/06/2016	Delação muda o país	Raiva	ZH
G3	51	05/06/2016	Vala comum é encontrada em reduto do Estado Islâmico	Medo	ZH
G3	51	05/06/2016	Tornado derruba poste e deixa 100mil sem luz em Campinas	Tristeza	CP
G3	51	05/06/2016	Ações voluntárias recolhem agasalhos em Poa	Alegria	CP
G3	51	06/06/2016	Buzzfeed recusa publicidade de Trump	Alegria	ZH
G3	51	06/06/2016	Anistia adverte para violação de direitos na Venezuela	Raiva	ZH
G3	51	06/06/2016	Carro arranca bomba de combustível e provoca incêndio em Posto da Cidade Baixa	Medo	CP
G3	51	06/06/2016	Brian Johnson aprova tecnologia que poderia levá-lo de volta aos palcos	Alegria	CP
G3	51	07/06/2016	Dilma envia ofício responsabilizando Temer por eventual violência em voos comerciais	Raiva	ZH
G3	51	07/06/2016	Mulher com morte cerebral há 4 meses dá à luz em Portugal	Alegria	ZH
G3	51	07/06/2016	INSS é condenado a pagar 80 mil à doméstica que perdeu bebê em Carazinho	Raiva	CP
G3	51	07/06/2016	Preguiça de ler e internet são culpados por erros de português, diz pesquisa	Tristeza	CP
G3	51	08/06/2016	Japonês da Federal: A queda do mito com pés de barro	Raiva	ZH
G3	51	08/06/2016	PF combate fraude no seguro desemprego e INSS no estado	Raiva	ZH
G3	51	08/06/2016	Anatel quer ouvir governo e sociedade sobre franquia para internet fixa	Alegria	CP
G3	51	08/06/2016	Samarco tem 10 dias para solucionar vazamento de rejeitos em Mariana	Tristeza	CP
G3	51	09/06/2016	Paquistanesa morta pela mãe por escolher o próprio marido pe enterrada	Raiva	ZH
G3	51	09/06/2016	Papa terá encontro com sobreviventes de Auschwitz, na Polônia	Tristeza	ZH
G3	51	09/06/2016	Ônibus com universitários sofre acidente e 16 morrem em São Paulo	Tristeza	CP
G3	51	09/06/2016	Nave espacial poderia sobreviver ao buraco negro, aponta estudo	Alegria	CP
G3	51	10/06/2016	Ato contra reforma da previdência ocorre em frente ao INSS de Poa	Raiva	ZH
G3	51	02/06/2016	Placa alerta para assaltos em Porto Alegre	Alegria	CP
G3	51	10/06/2016	SUS adota antipsicótico para tratamento de doença de Parkinson	Alegria	CP
G3	51	10/06/2016	Dos 122 mortos em função da gripe no RS, só 1 havia se vacinado	Medo	CP
G3	51	11/06/2016	O que os grampos e vazamentos dizem sobre nossa democracia	Raiva	ZH
G3	51	11/06/2016	Quatro mulheres são degoladas em ataque do Boko Haran na Nigéria	Raiva	ZH
G3	51	11/06/2016	Secretário de Educação confirma que estado pedirá desocupação de escolas na justiça	Medo	CP
G3	51	10/06/2016	Após 76 anos, filho comprova inocência do pai na condenação por erro médico	Tristeza	ZH
G3	51	12/03/2016	Síndicos cobram propina para reparos em condomínios no RS	Raiva	ZH
G3	51	12/03/2016	Casal é preso por receptação em Gramado	Raiva	CP
G3	51	13/06/2016	Pai derruba filho em brasas de carvão durante ritual indiano	Tristeza	ZH

G3	51	13/06/2016	Robôs humanoides recebem pacientes em dois hospitais Belgas	Alegria	ZH
G3	51	13/06/2016	Obama pede ao Congresso que controle as armas de guerra	Raiva	CP
G3	51	11/06/2016	Um terço da humanidade não consegue mais ver a via láctea à noite	Tristeza	CP
G3	51	12/06/2016	FBI investiga ataque à boate de Orlando como ato terrorista	Tristeza	ZH
G3	51	12/06/2016	Massacre em Orlando coloca terror e controle de armas na agenda das eleições	Medo	CP
G3	51	13/06/2016	Pai do atirador de Orlando afirma que "Cabe a Deus punir os homossexuais"	Raiva	CP
G3	53	01/06/2016	Estudantes da UFRGS instalam assaltômetro após roubos em faculdade	Medo	CP
G3	53	10/06/2016	Após 76 anos, filho comprova inocência do pai na condenação por erro médico	Alegria	ZH
G3	53	10/06/2016	Polícia belga detém outro suspeito dos atentados de Bruxelas	Raiva	CP
G3	53	31/05/2016	Senado aprova pena maior para crime de estupro coletivo	Alegria	ZH
G3	53	31/05/2016	Número de mortes por gripe A chega a 72 no RS	Medo	ZH
G3	53	31/05/2016	Esquadrão Suicida é o filme inédito mais citado no Twitter	Alegria	CP
G3	53	31/05/2016	Canal e orquestra Filarmônica d PUCRS homenageiam Shakespeare	Alegria	CP
G3	53	01/06/2016	Dezenas de bebês tigres congelados são descobertos na Tailândia	Tristeza	ZH
G3	53	01/06/2016	Mulher de Johnny Depp denuncia ator por violência doméstica	Raiva	ZH
G3	53	01/06/2016	Obra de hospital veterinário público já ganha forma em Porto Alegre	Alegria	CP
G3	53	11/06/2016	Um terço da humanidade não consegue mais ver a via láctea à noite	Tristeza	ZH
G3	53	03/06/2016	Razões para preservar a nova Rússia	Alegria	ZH
G3	53	03/06/2016	Voluntários espalham pela Capital estações com ração e água para cachorros de rua	Alegria	ZH
G3	53	03/06/2016	Menino desaparecido no Japão é encontrado após 6 dias	Tristeza	CP
G3	53	03/06/2016	Escola aposta em novo método para guiar jovens no mercado de trabalho	Alegria	CP
G3	53	04/06/2016	Homens fazem ato pelo fim da violência contra mulheres na Cidade Baixa	Alegria	ZH
G3	53	04/06/2016	Garoto muda versão sobre morte de menino de 10 anos em SP	Raiva	ZH
G3	53	04/06/2016	Americana compra freezer usado com cadáver dentro	Medo	CP
G3	53	04/06/2016	Bebê panda nasce na Bélgica	Alegria	CP
G3	53	05/06/2016	Cristão é assassinado em Bangladesh	Tristeza	ZH
G3	53	05/06/2016	Entra em vigor tratado mundial contra pesca ilegal	Alegria	ZH
G3	53	05/06/2016	Terremoto de magnitude 6.3 sacode a Indonésia	Medo	CP
G3	53	05/06/2016	Rebeldes curdos se aproximam de reduto do EI na Síria	Esperança/Alegria	CP
G3	53	09/06/2016	Feira do livro e outros eventos devem encolher por mudanças na lei de incentivo do RS	Tristeza	ZH
G3	53	09/06/2016	Em vídeo, Biel pede desculpas à jornalista que o acusou de assédio	Raiva	ZH
G3	53	09/06/2016	Jovem admite que inventou estupro na linha T1 em Poa	Raiva	CP
G3	53	09/06/2016	Israel adota primeiras medidas após atentado palestino em Tel Aviv	Tristeza	CP
G3	53	10/06/2016	Comovidas com queda de árvores, crianças distribuem sementes	Alegria	ZH
G3	53	10/06/2016	Gramado registra neve a 10 dias do inverno	Alegria	CP
G3	53	12/06/2016	Massacre em Orlando coloca terror e controle de armas na agenda das eleições	Medo	ZH

G3	53	11/06/2016	ONU pede mobilização mundial contra Boko Haran após ataque na Nigéria	Medo	ZH
G3	53	11/06/2016	Papa lembra que Igreja tem que abrigar a todos	Alegria	CP
G3	53	11/06/2016	Duplo atentado do EI a mausoléu xiita deixa 20 mortos na Síria	Medo	CP
G3	53	12/06/2016	Piquenique gigante comemora 90 anos da Rainha Elizabeth II	Alegria	ZH
G3	53	12/06/2016	Massacre em Orlando teria sido cometido por combatente do EI	Medo	CP
G3	53	12/06/2016	Atirador sorria enquanto matava as pessoas na boate, diz jornalista brasileiro	Medo	CP
G3	53	13/06/2016	Moana, nova animação da Disney ganha primeiro trailer	Alegria	ZH
G3	53	13/06/2016	Empresa lança primeira TV para pets no Brasil	Alegria	ZH
G3	53	13/06/2016	Trump propõe suspender imigração de países com histórico de terrorismo	Raiva	CP
G3	53	13/06/2016	Pai do atirador de Orlando afirma que "Cabe a Deus punir os homossexuais"	Tristeza	CP

APÊNDICE H – Transcrição de Entrevista⁶⁵ com Márcio Gomes, Coordenador de Jornalismo do Correio do Povo Online, realizada em 05/05/2016

Pesquisador: Porque você se tornou comunicador?

Márcio Gomes: O jornalismo foi algo que sempre me chamou a atenção. Desde pequeno, desde criança. Nunca me imaginei conseguindo ou querendo fazer outra coisa além de passar adiante a informação, de escrever e de viver, de ter essa vida conectada, recebendo diversas informações, filtrando, tentando compreender exatamente o que acontece ao meu redor, assim. Então isso meio que me direcionou para o jornalismo.

Pesquisador: O que especificamente te chamava atenção no jornalismo quando criança?

Márcio: Eu lia muito coisas de Mundo, assim... Internacional. Então era tipo eleição norte-americana, guerra no Oriente Médio.

Pesquisador: Você era criança quando se interessava por estes assuntos?

Márcio: É, criança com 10, 11 anos. E muito esporte, também. Futebol. Gostava muito e acompanhava muito o noticiário esportivo também.

Pesquisador: E o que te motiva a fazer o teu trabalho hoje? O que te motiva a estar no jornalismo hoje?

Márcio: Tem a questão pessoal, que é... é o meu trabalho, eu tenho minha família, preciso me alimentar... Financeiramente... Todas estas questões... Tem a questão de gostar do que eu faço, embora muitas vezes seja estressante, seja cansativo, até frustrante em alguns aspectos assim, mas é aquilo pelo qual eu sei e gosto de fazer assim. Receber a informação e tentar transmitir esta informação da melhor maneira possível.

Pesquisador: O que você acha que acontece, quando recebe e transmite informações, na cabeça das pessoas que recebem estas informações?

Márcio: Depende muito de qual informação a gente tá falando. Acho que pode despertar raiva, tristeza... Pelo que a gente acompanha em postagens de Facebook, por exemplo, nos comentários, raiva e ódio é uma coisa muito palpável em qualquer

⁶⁵ Esta e todas as demais transcrições de entrevistas contidas nos apêndices foram fielmente transpostas da linguagem coloquial usada pelos entrevistados para a linguagem escrita. Erros de conjugação, tempo verbal e frases desconexas foram mantidos para que não se perdesse qualquer carga emocional que tais equívocos possam representar nas análises.

tipo de informação, seja na questão política ou policial, que são as coisas mais óbvias, mas até coisas bobas assim, do tipo “banda tal lança um disco”, e as pessoas (em tom raivoso comentam) “eu não gosto de banda tal”, “quem se importa”, sabe? Não tem uma raiva embutida aí, mas tem uma rejeição àquilo que, no fato... se tu não gosta, até, seria... simplesmente ignoro. Não, mas as pessoas se sentem compelidas a expressar a sua reprovação. Ou quando tem fila de gente comprando ingresso pra qualquer coisa. Ai vem alguém e “ah, pro Enem as pessoas se atrasam”. Então sempre tem um... Então eu acho que hoje, mais do que em uns tempos atrás, não sei se porque isto fica mais evidente pra gente através das redes sociais, ou se porque realmente, tem uma postura mais inflamada da sociedade, nós temos um discurso bem mais violento, mais combativo, mais impaciente com o gosto e com a opinião e com a postura do outro.

Pesquisador: Você acha então que hoje existe um discurso de ódio, digamos assim, mais latente?

Márcio: Sim. A minha dúvida é se ele sempre existiu e ficava escondido. Que é o que eu acredito. O que tu antes comentava com, sei lá, com o teu tio reacionário numa festa de aniversário, que dizia que bandido bom é bandido morto, mas aquilo ficava em conversa de família. Hoje esse tio raivoso está nas redes sociais e ele encontrou outros tios raivosos que nem ele, entendeu? E aí tu acaba criando uma teia e as pessoas acabam externando, se sentindo mais à vontade para externar, seja discurso de ódio, seja discurso de preconceito contra negros, travestis, gays, etc. etc. etc. As pessoas têm mais acesso para expressar sua opinião, né? O direito de deixar registrado... Enfim, todo um novo Mundo de possibilidades pra tu exprimir o que tu tá pensando, e daí este discurso começa a aflorar.

Pesquisador: Uma pesquisa norte-americana mostrou que 60% de todo o conteúdo televisivo nos Estados Unidos era sobre violência, seja ela física ou psíquica. No Brasil não temos pesquisa parecida, mas existe um levantamento da Unicef de que aqui este índice seria maior, em torno de 70%. No caso do telejornalismo, a violência abarcaria 95% de tudo o que é mostrado. No jornalismo online, quanto do conteúdo que é produzido se refere à violência física, psíquica ou até mesmo moral. Como no caso da política, temos muita violência moral, ou seja, muita coisa que acontece e que viola o ser enquanto indivíduo moral. Qual a sua percepção.

Márcio: Aí é uma questão subjetiva. Porque se tu for encarar a violência você vai encontrar a violência em tudo, seja nas artes, nos filmes, na política, na moral, sei lá. O Impeachment da Dilma, para alguns, pode ser uma violência moral. Pra outros é a permanência da Dilma é uma violência moral. A defesa dos deputados e senadores petistas, aquilo é uma violência... Daqui a pouco tu entra na seara de que tudo é violência, e daí tu não consegue fugir. A mesma coisa no esporte. Daqui a pouco uma falta tu considera violenta e a outra você considera “de jogo”. Ou que 90% do jogo de futebol é violento, ou de basquete, enfim, qualquer jogo de esporte que tenha contato. Então, acho que este é um campo meio delicado. Quanto às notícias que a gente retrata do que seja violento ou não, o Correio do Povo não é um site exatamente de notícias mais populares, assim, que tem como mote este tipo de notícia. Então, né, raramente nossas manchetes, pelo menos no site, são de crimes ou assassinatos. A não ser que seja um caso muito absurdo ou muito gritante, como é o caso do menino Bernardo (menino cuja morte teria sido planejada pelo próprio pai e pela madrasta, segundo apurações até o momento), etc. Mas é muito difícil que seja alguma coisa nesse ponto. Mas invariavelmente, cai nestas questões que eu estava te falando que eu acredito que sejam subjetivas, da violência política, da violência esportiva, mesmo a violência policial. Teve o caso daquela execução há duas semanas atrás (onde, após perseguição, um policial atira à queima roupa em um suspeito até leva-lo a óbito. As cenas foram registradas pela câmera de segurança de um banco)... Não tem um número comparativo pra te passar, assim. O que eu posso te dizer é que a gente não se pauta por isso. Pelo menos não de forma consciente. Tipo, ó, vamos botar uma notícia sangrenta ou uma notícia mais provocativa e combativa para provocar uma reação. Claro que a nossa... muitas vezes tu até torna uma notícia de uma forma diferente porque tu sabe que se tu der uma notícia de uma forma, como vou dizer... fria, seca, muito estatística ou muito pragmática, a reação das pessoas àquilo vai ser meio de bater o olho e sair fora. Então tu tenta atrair o leitor tornando aquela notícia um pouco mais... seja pela chamada, seja pelo texto, seja pela edição, um pouco mais atrativa, para que o cara se sinta presente ali. Mas não é algo, como vou te dizer... a emoção pela emoção, entendeu? Não vou te pegar por botar de manchete, botar num lugar de destaque, sei lá, de estupro ou abuso só por ser abuso, entendeu? A não ser que aquilo seja realmente, dentro da nossa avaliação, relevante.

Pesquisador: Existe alguma preocupação de vocês, editores, em relação à emoção que é recebida pelo receptor? Por exemplo, assim, “vou escrever esta

manchete de um jeito porque eu sei que isto talvez provoque um efeito emotivo específico em quem vai ler”...

Márcio: Eu não sei se a gente tem isso d dizer, ó, vou escrever essa manchete pra fazer o cara chorar, ou vou fazer essa manchete pra fazer o cara rir, ou fazer essa manchete pra fazer o cara ter algum tipo de emoção... mas a gente sim tenta fazer alguma edição para que ele tenha sim alguma reação frente aquilo que ele tá lendo, seja dele gostar daquilo ali ou seja de provocar ele de alguma forma, porque afinal de contas a gente não tá tratando com robôs ali. São pessoas, que interpretam aquilo ali e temos também uma gama de outros veículos de comunicação que chamam determinados conteúdos de forma diferente... então tu tenta transformar aquela informação que tu recebe em algo palatável, pra que se torne mais simples de a pessoa entender, né? Seja porque vai despertar um, não digo um sentimento de ódio ou de raiva, ou de coisa, não é bem isso... Porque a ideia também não é moldar o que o cara vai sentir. Não vou botar uma manchete tipo “Safado, Cunha é cassado pelo STF”, né? Que seria uma coisa que despertaria um “ah, realmente, esse fi...” né? Então vamos dar uma notícia que é “STF cassa Cunha”, por exemplo. Poderia ser “STF toma decisão sobre Cunha”, né? Tu modifica, tu transforma aquela notícia que tem uma informação forte, que deu... tua vai despertar alguma coisa em alguém que tá lendo numa coisa mais... “ah, uma decisão sobre Cunha...”. A gente não é assessoria de imprensa, entendeu? A gente não é release. Nós temos que transformar aquela notícia em algo atraente pro leitor, né?

Pesquisador: Existem correntes do jornalismo que dizem que o jornalismo busca retratar a realidade e outras que dizem que o jornalismo ajuda a construir a realidade. Pelo seu trabalho, pelas coisas que você faz, com qual destas correntes se identifica mais?

Márcio: Eu me identifico mais com a primeira. A de retratar. É assim que eu tento fazer meu trabalho. Mas eu não posso negar que notícias que tu dá, ou determinado destaque que tu dá... ou de determinada forma que tu dá uma informação... que aquilo influencia as pessoas. Não acho que a coisa é simples, do tipo “ah, eu vi um filme violento e vou virar um serial killer”, não acho que seja desta forma, né? Mas eu acho que, sim, talvez com a quantidade de informação, que nem tu falou do estudo... Sei lá, se 95% das notícias da televisão brasileira são sobre sangue, é normal que tu tenha uma sociedade um pouco mais voltada... mais amedrontada ou mais raivosa, né? Mas eu não acho que essa seja uma ligação direta. Tem outros elementos que

influenciam e que transformam a forma como as pessoas se relacionam, como elas se portam em determinados momentos.

Pesquisador: Que consequências você prevê em uma sociedade que seja mais amedrontada?

Márcio: Eu acho meio difícil, assim... Eu sei porque eu fiz história, assim, então eu nunca gosto de prever coisas. A não ser que tu tenha elementos e dados muito fortes, aí é muito chute, né? É muito intuição, assim, ah... “o Grêmio vai se classificar hoje a noite”, não sei, acho que não, mas pode né? Então é óbvio que uma sociedade mais amedrontada ela se torna mais defensiva. Se tu tá caminhando na rua e se alguém te toca no ombro, talvez a primeira reação seja tu, né, dar um cotovelasso, ou tu paralisar... Ontem mesmo, num exemplo específico, eu tava no banco tirando dinheiro e eu tava com o fone de ouvido, e daí eu ouço um grito. E eu pensei “deu, né? É um assalto”. Quando eu olho não. Era só um cara brabo que não tava conseguindo passar na roleta, na porta giratória. Mas é um pouco também deste meio que a gente vive, né? Tô num banco e sei que a qualquer momento vai entrar um cara e, na saidinha de banco, ou vai assaltar o banco, ou vai me assaltar na saída, então tu já fica todo espiado. Tem determinadas ações que tu não faz. Eu tenho filha pequena, por exemplo. Tipo, eu evito sair de noite em lugares que não tenham estacionamento, né? Não preciso estar tirando ela (do carro) na rua, né? Quando eu chego na escola, quando vou deixar ela na escola, é um momento sempre que eu fico meio tenso porque tu demora um tempo até sair, dar a volta no carro, tirar ela da cadeirinha e tirar do carro. Então tu fica ali, à mercê de alguém chegar e te assaltar. Então quando tu tem uma sociedade mais amedrontada, tu tem pessoas que ficam na defensiva e expressam isso de diversas formas. Se retraem e acabam se tornando pessoas mais quietas, mais facilmente manipuláveis, né? Ou se tornam pessoas violentas, que, a partir do medo, partem para a ignorância. Tipo, “a minha forma de combater essa violência é comprar uma arma e a primeira pessoa que gritar comigo no trânsito eu vou botar a arma na cara dela”. Então, o medo meio que faz uma sociedade naturalmente um pouco mais violenta. Mas eu não sei se nós vivemos numa sociedade do medo, essa é que é a questão, assim. Não sei se é pra isso que nós estamos caminhando. Não sei...

Pesquisador: Que emoção lhe vem à tona quando você lê o próprio conteúdo? Assim, eu sei que depende do conteúdo, mas, tu como editor, deve ter uma emoção, assim...?

Márcio: Ah, ela é crítica, normalmente. Crítica no sentido de tentar ver onde é que a gente errou, ou erro de digitação, ou erro de vírgula, ou poderia ter chamado dessa forma ou de outra... né? É sempre uma postura crítica, né...

Pesquisador: Ou seja, é sempre uma postura crítica não sobre o conteúdo em si, mas sobre a forma?

Márcio: É, sobre a forma. Se poderíamos ter feito desse jeito ou daquele outro. É mais uma... mais do que de prazer... Não é que eu ache que a gente faz bom conteúdo ou mal conteúdo, isso independe da questão de que eu estou sempre olhando aquilo que a gente produz com um olhar crítico, assim, por ser editor. Normalmente não é eu que faço, mas eu pauta as pessoas, eu edito. A produção raramente é minha, então aquele prazer de ver “ah, notícia bem feita...”. Normalmente eu elogio as pessoas e acho que a gente fez um bom trabalho, mas o meu primeiro olhar ele é sempre crítico. Tanto é que quando eu tô em casa eu evito olhar o site porque se eu olhar o site eu vou ver coisas... tu trabalhou comigo, tu sabe (risos)... eu vou ver coisas e eu vou mandar mensagens para as pessoas, né, então tipo...eu evito fazer isto pra tentar ter um distanciamento, pra minha vida não ser só isso. Com criança de três anos não tem como...

Pesquisador: Que importância você atribui ao seu trabalho perante a sociedade?

Márcio: Eu acho extremamente relevante. Não só o meu, como o de qualquer veículo de comunicação. De qualquer jornalista inserido nesse processo.

Pesquisador: O que faz ele ser relevante?

Márcio: Informar. Contar bem uma história.

Pesquisador: E porque é importante contar bem uma história e informar as pessoas?

Márcio: Porque as pessoas precisam saber o que acontece à sua volta, né? Por mais que tu seja bem informado, por mais que tu tente ficar antenado com o que acontece, tu precisa receber um... e a gente precisa contar bem essa história pra que essa informação chegue de forma qualificada pro usuário, para que ele compreenda que se vacinar pra gripe é importante, mas que também não precisa entrar em pânico porque está faltando vacina e avançar sobre os postos de saúde, por exemplo (risos). Tentar pegar as últimas doses. É importante ele saber que o trânsito vai modificar porque tem jogo do Grêmio no fim de semana, ou que vai ter a votação do impeachment na próxima quarta. Tipo, essa é a função que a gente tem que dar. E tem

que dar os elementos pra, em casos como esses, que não são casos de serviço, propriamente dito, pro cara saber se informar e ter a sua própria opinião.

Pesquisador: Você acha que o seu trabalho, então, serve pra fazer a sociedade funcionar melhor. É isto?

Márcio: Sim. Funcionar melhor e ficar um pouco mais consciente sobre si mesma.

Pesquisador: Você já fez alguma coisa contra a sua vontade no seu trabalho?

Márcio: Certamente.

Pesquisador: Saberia especificar o que?

Márcio: Trabalhar no final de semana por exemplo (risos).

Pesquisador: Digo, na construção de conteúdo. Já teve que construir conteúdo com o qual tu não concordava?

Márcio: Obrigado pela empresa, tu diz assim?

Pesquisador: É...

Márcio: Não. Aí eu acho que não. Eu posso dar matérias, por exemplo, que eu normalmente não daria. Tipo as pautas 500, que a gente chama. Que são as pautas comerciais assim, que toda empresa acaba fazendo. É aquele tipo de pauta que se eu não fosse demandado pra fazer eu não faria. Mas não é algo que tipo, ah, eu me negaria a fazer, ou que eu me senti violado fazendo aquilo, entendeu. Não... Não me lembro de nada específico assim, nem aqui no Correio do Povo, nem no período em que trabalhei na RBS. Não me lembro de nada assim. Se ocorreu alguma coisa nessa linha, não foi nada que tenha me marcado assim. Algo que me fez sentir sujo assim, que tivesse que tomar banho 15 horas pra tirar a sujeira (risos).

Pesquisador: O que lhe deixa com raiva?

Márcio: Dentro do jornalismo ou no geral?

Pesquisador: Pode ser tanto profissionalmente quanto... estou aberto a considerações gerais.

Márcio: Fora o Grêmio? (risos) O trânsito é uma coisa que me, né, tem hora que eu me controlo, principalmente com criança pequena do lado, pra não buzinar, não xingar, não deixar o trânsito me afetar. Mas eu dirijo pouco, dirijo praticamente nos fins de semana e pra levar minha filha no colégio. Eu trabalho usando o transporte coletivo e tal... Por isso um pouco me atrasei. O trânsito é uma coisa que me deixa com bastante raiva. Talvez algumas posturas das pessoas em relações pessoais em que

sejam muito intransigentes. Seja em caminhos profissional ou pessoal. Seja político, enfim...

Pesquisador: A intransigência te deixa irritado?

Márcio: Um pouco. A intransigência me deixa intransigente (risos). Mas, assim, não acho que eu seja uma pessoa muito raivosa. Acho que eu sou até relativamente calmo, assim. Algumas coisas do trabalho, obviamente, algumas coisas que são mal feitas, ou que eu combino e que não são feitas, ou que não me avisam, mas aí são questões profissionais, né? Não é uma coisa que me faça sair gritando com todo mundo, mas tem momentos em que, né, tu acaba saindo do controle, em situações...

Pesquisador: Como tu reage quando isso acontece?

Márcio: Não sei, falo um pouco mais alto, eu acho... Mas me controlo, não saio chutando coisas, né? Não saio dando porrada nas paredes, nem nas pessoas. Me controlo. Falo um pouco mais alto, fico mais fechado, né? Menos comunicativo. Acabo não conversando com as pessoas como converso normalmente, tipo, mas isto é por um período, depois passa.

Pesquisador: E o que te deixa feliz, hoje? O que te traz felicidade?

Márcio: Minha filha, certamente. Fazendo as coisas que eu gosto, especialmente em casa. Lazer, ver um filme, ir no cinema com minha esposa, etc. Essas coisas. Mais nas questões pessoais assim. Claro, no profissional também, quando a gente faz um bom trabalho... Mas como eu já tô há 15 anos nessa história o cara fica mais calejado. Assim como é difícil tu sentir muita rejeição ou muita raiva em relação à tua vida profissional, também é mais difícil tu te empolgar muito, assim. Tu acaba criando uma casca, assim.

Pesquisador: Fica mais apático, talvez?

Márcio: Não, acho que apático não, mas assim, mais controlado. Não me emociono tanto nem me enfureço tanto com as coisas, assim. Mas apático não. Até porque no momento em que eu ficar apático eu largo.

Pesquisador: Pra gente finalizar, você acha que o teu trabalho desperta mais empatia ou mais apatia nas pessoas?

Márcio: Sabe que hoje é difícil isso, por causa desse momento político muito conturbado que a gente vive. Depende da matéria que a gente dá. Se dá uma matéria favorável ao governo, por exemplo, desperta apatia em algumas pessoas e empatia em

outras... Então é uma coisa muito dividida assim. O Juremir⁶⁶, que este tempo até eu estava comentando na Rede Pampa...O Juremir tem uma frase que é assim: “as pessoas te consideram imparcial quando a tua opinião é a mesma que a delas. Quando ela é indiferente, então tu já não é mais imparcial”, né, então tu tá errado, ou tu é petralha⁶⁷, ou é coxinha, então hoje a coisa tá muito dividida, é um momento muito “grenalizante”⁶⁸ da política brasileira. É difícil tu dizer se gera empatia ou... E isso se vê em qualquer coisa. Em coisa de polícia, o caso do policial que matou o cara na frente do (Hospital) Cristo Redentor, e as pessoas dizendo que tem que matar, que bandido bom é bandido morto, e outras dizendo que não, que o que o cara fez foi uma execução, tipo, mesmo ali ...

Pesquisador: O que que tu pensa sobre este caso (da execução de um suspeito na frente do hospital Cristo Redentor)?

Márcio: Olha, eu não tenho todos os elementos pra saber como foi aquela perseguição. Eu acho que foi uma execução, tá, eu acho que foi. O cara tava (SIC) pra se render... Só que eu entendo o lado do policial. Pelo seguinte. O cara vem tiroteando com o cara desde a Avenida do Forte. Ele tá com dois brigadianos do lado, amigos dele, ensanguentados no carro. Ele tá com um cara no chão e tem outro correndo lá... Provavelmente ele teria que se virar pra combater o outro, e ele não sabe se o cara no chão não ia tirar uma arma pra dar um tiro nele. Também é um cara, pelo que eu li em alguns lugares, não sei se é verdade também, não apurei ainda nesse sentido, mas que também foi preso e libertado diversas vezes, sabe... No momento ali, no calor, eu acho que é muito difícil tu julgar. Não é o tipo de execução “clássica” onde tu pegou o cara, botou no banco de trás da viatura, levou no mato e deu dois tiros na cabeça. Botou de costas, ajoelhou... Não é uma execução nessa linha. Mas o cara (o suspeito) estava, em tese, imobilizado. Só que eu entendo que o policial não poderia ali, naquele momento, parar e algemar o cara, porque tinha um outro cara correndo lá e o tiroteio tava pegando. Então é algo delicado, eu não sei se tem uma resposta pra este caso. É muito difícil tu julgar o policial e é isso que eu fico na bronca, que às vezes, as pessoas tentam criar discursos prontos em cada situação, sabe? “Ah, bandido bom é bandido morto! Aquele cara tinha que morrer”... Não sei, eu. “Ah, aquilo foi uma execução, a polícia é bandida”...

⁶⁶ Juremir Machado, colunista do Correio do Povo

⁶⁷ Neologismo criado pelos opositores ao PT que acusam o partido de corrupção, em analogia aos Irmãos Metralha, trio de bandidos dos quadrinhos do Pato Donald.

⁶⁸ Em referência às disputas de futebol que envolvem os clubes Grêmio e Internacional

Pesquisador: Discurso pronto, tu diz, é o cara criar uma diretriz para ele a qual fica seguindo...

Márcio: E fica seguindo aquilo e tu va(SIC)... Eu acho que a vida ela é mais cinza, antes de qualquer outra coisa. É difícil tu ter uma posição “ah, não, isso é certo, isso é errado, isso é assim, isso é assado”. Não, as coisas normalmente não são nem assim e nem assado. Elas são no meio, entendeu? Então tu chegar ali e julgar porque tu viu um vídeo, porque tu não sabe todo o contexto, seja favorável ou contrário, isso é muito complicado. É muito complicado... E tu adotar um discurso e defender “ah não, é porque foi sempre...”, é difícil... Eu, sinceramente, eu acho que aquilo foi uma execução, eu acho que a polícia não deve fazer aquilo, mas eu no lugar do cara (do policial) não sei se não faria a mesma coisa. Num momento de tensão, sem saber como é a preparação do cara... Mas mesmo com preparação, às vezes, por mais preparado que o cara seja, sabe... Tu tá levando tiro, sabe? O cara tá atirando em ti, sabe? Por mais que tu tenha uma preparação, tem um instinto de sobrevivência em primeiro lugar né? Tu vai tentar te proteger. Aí assim, tu julgar o policial que matou? Tem que ver o histórico do cara. Se o cara tem, sei lá, quinze mortes no currículo, bom... Agora, se foi o primeiro caso que aconteceu, e o cara nunca matou alguém, então talvez tenha que relevar. É difícil, é um caso extremamente delicado. Por isso que, por ele ser tão delicado e tão complexo, eu acho que é extremamente perigoso tu dar qualquer juízo de valor de uma forma assim, que é como as redes sociais fazem, né? Tipo, determinante. Hoje todo mundo é “especialista”... Cai a ciclovía (no Rio de Janeiro), todo mundo é especialista em engenharia. Matam um policial, todo mundo é especialista em segurança. O Grêmio perde, todo mundo é especialista em futebol. Né? As pessoas são especialistas em tudo e cagam regra pra tudo. E eu acho que têm determinadas coisas que são perigosas demais pra gente ficar cagando regra assim, e esse é um caso.

Pesquisador: Tu concorda com Humberto Eco, que diz que “a internet (as redes sociais) deu voz a uma legião de idiotas (imbecis)”?

Márcio: Pois é... É um termo forte. Acho que sim. Não sei se são idiotas, mas pessoas mal informadas, entende? Despreparadas... A internet deu voz à pessoa comum. E essa “pessoa comum” sempre existiu. Seja hoje, há 20 anos ou há 100, 200, 300 400 ou 500 anos. Sabe? Democratizou esse acesso. Entendeu? Só que isso se transformou em um tambor perigoso.

Pesquisador: Pelo fato de não terem preparo pra se comunicar?

Márcio: É... Não sei se é não ter preparo pra se comunicar. Acho que as pessoas têm o direito de opinar independente de ter curso de comunicação ou não. A minha dúvida é o quanto nós educamos essas pessoas pra entenderem o mundo complexo em que elas estão inseridas. Nós eu digo o jornalismo, o sistema educacional, porque o discurso pronto, o discurso clichê, ele é muito simples, né? “Bandido bom é bandido morto”, “corrupto tem que ser preso”, isso aí é fácil, isso aí eu falo, tu fala, todo mundo fala. Mas tem toda uma coisa por trás assim. O bandido não chegou a ser bandido porque simplesmente ele nasceu mau, porque ele não é uma pessoa de bem. Usando destes termos mais odiosos, né... As coisas não funcionam dessa forma. E às vezes, a maneira como as pessoas expressam, elas acham que nós vivemos em uma guerra entre “nós e eles” e quanto mais “deles” morrer, melhor, entendeu? E os “eles” sejam bandidos, sejam o petralha, o coxinha, não sei quem... entendeu?

Pesquisador: Esta percepção de ver que as pessoas estão polarizando as discussões ou estão simplificando demais as coisas, isso interfere na maneira como tu faz o teu trabalho? Ou seja, tu mudou a maneira de construir as notícias? Ou orienta de forma diferente teus redatores?

Márcio: Tento... mas é difícil. Porque na verdade as pessoas... Por isso que eu te falo da questão da atração assim... tentar atrair o leitor é muito importante. Especialmente em títulos e chamadas, porque as pessoas não leem. Elas não leem! Se é uma postagem no Facebook o cara lê o título do negócio. Ele não entra na matéria pra entender o que que o cara está explicando. Os comentários sobre, por exemplo, os posts que a gente faz do Juremir no Facebook são exemplares, assim. As pessoas não leem os textos do cara. Não leem. Elas partem de um pressuposto de que ele é petista, né, e ele poderia ser, acho que não é o caso mas, né? Poderia ser... Mas elas não entram no texto e, independente do que ele escreva ali, vão chamar ele de petralha e “tu tá sendo pago pelo governo” , “eu vou cancelar a assinatura do...”, “tu é esquerdopata, comunista, etc etc etc”, que por sinal, essa é um pouco da pobreza do discurso que eu falo...É a forma como eles conseguem se identificar. Não conseguem trazer um discurso novo. Daí pegam aquilo que conseguem identificar no passado, que é o capitalismo, o comunismo... Discurso que já foram, né... Mesmo os países comunistas, hoje, são países que se abrem, tipo a China. Ou seja, não tem mais aquele...

Pesquisador: Se autodeclaram comunistas, mas na prática...

Márcio: Na prática é outra... E as pessoas ainda estão naquele discurso “Vão transformar o Brasil numa Cuba”. Enfim... mas acho que é por esta questão de as pessoas não lerem, e por não lerem não entendem. Né? Falta leitura mas falta muita interpretação de texto. As pessoas não conseguem entender o que leem. E isso é um problema grave, por falta de atenção. As pessoas não prestam atenção no que estão fazendo. As pessoas não conseguem fazer a conexão, porque daí falta uma base educacional importante para que elas consigam estruturar um pensamento e entender o que o cara está falando, ligar o “A” com o “B” ou com o “C”. É muito mais fácil chegar com o discurso pronto. “Ah, fulano é isto, fulano é aquilo, ou aquilo outro” e encher de clichês porque o clichê funciona em qualquer situação, né? Se não funcionasse não seria um clichê. Funciona, que eu digo, ele se adapta àquilo ali. “bandido bom é bandido morto” tu pode botar em toda notícia policial, né. Mas tem toda uma questão que envolve por trás daquilo ali que tu não pode transformar a polícia em um esquadrão de execução. Não funciona assim. É polícia, não milícia. Aí muda um pouco a questão, né? Tem que explicar pro cara que tu não pode executar um bandido porque tem todo um processo de uma sociedade estruturada num processo judicial onde tu precisa ouvir as duas partes, e só então o cara é condenado. Por mais que o cara tenha matado 20 pessoas, tu tem que cumprir o rito... Que é mais ou menos o que está acontecendo no Senado... Há todo um rito de Impeachment que a gente já sabe qual vai ser o resultado, né? Mas, tipo, tu precisa ter aquilo ali. Pra tu legitimar o processo, porque senão aí sim, mais do que nunca, é golpe, né? Não pode simplesmente tirar “o cara” sem qualquer tipo de discussão.

Pesquisador: Pra ti, é golpe (o processo de impeachment contra Dilma Rousseff) ou não?

Márcio: É um golpe moral. Não é um golpe político e nem um golpe jurídico. Mas acho que é um golpe moral no sentido de que ela (Dilma) não é corrupta. Pelo menos não se tem indícios de que ela seja. Então, sei lá, estão tirando ela por pedaladas? Se todos os governadores fazem pedaladas? Ah, porque o governo é ruim? Trocentos governos são ruins... Ah, porque se roubou no governo a Petrobras? Tipo, roubo na Petrobras o Paulo Francis denunciava em 1998. Inclusive foi processado por isto. Não acha que estes sejam motivos fortes, a não ser que se tivesse um regime parlamentarista, aí sim, tu perde o apoio da base, tu cai. Mas isso, aí, bom... tem que mudar o sistema de governo então. Acho que é um golpe mais moral do que qualquer outra coisa. Acho que elementos, se as pedaladas são crime e se são passíveis de

impeachment, aí, bom... que sejam julgadas. Tem elementos, praquilo ali... Só que moralmente, eticamente, até porque as pessoas estão julgando, né? Não vai acabar com a corrupção. E vai botar lá quem? Não é o mesmo partido que tava apoiando a presidente? Né... Os mesmos caras que serviram de base de apoio? Então... mas isso aí é um pouco do contexto político nosso, né? Da necessidade de um salvador da pátria, né? O Brasil sempre vive dessas coisas de Salvador da Pátria. Seja na política, no futebol, em qualquer coisa, né? As pessoas... Quem é a pessoa que vai nos salvar? É o nosso próximo presidente. É uma coisa meio católica... que já vem de Portugal, sebastianismo, enfim... Mas também não vamos aprofundar tanto... Mas é uma coisa essa né, desde o Sassá Mutema, lá da novela (Roque Santeiro). Da época do Collor. Os militares antes. É sempre aquela coisa de que alguém vai vir para nos salvar, para nos tirar dessa angústia, dessa miséria e dessa tragédia. Ou “temos que tirar a Dilma e depois a gente vê o que faz. “Ah, mas por quê?”. Não sei! Tem que tirar, ela é ladrona, tem que tirar, tira. “Ah, mas vai entrar o Temer que era o vice dela, que também foi eleito e que também sabia de tudo”, ah, mas não importa. Tem que tirar... Tipo...É a coisa do formulismo mágico, de achar que mudando uma peça, mudando o treinador, o time vai começar a vencer. Quando na verdade tem todo um time atrás.

Pesquisador: Como tu vê o posicionamento dos grandes veículos de comunicação do Brasil hoje? Como Veja, Folha, Globo...

Márcio: São veículos com uma posição política forte. A Veja há mais tempo, mas nesse caso (do impeachment), todos tiveram uma posição política forte contrária ao governo. O que eu não acho errado, desde que se abra o voto. O Estadão sempre fez isto. Sempre abriu o voto. Invariavelmente para o PSDB, mas abre o voto. Eu acho justo. Né? Tem uma linha ideológica, uma postura, é mais honesta ao menos, né? “Nós acreditamos mais nesse outro sistema, e não acreditamos naquele. Então tu que está lendo saiba que o nosso jornal é conduzido por pessoas que acreditam neste sistema político e econômico”. Só que da mesma forma, quando a coisa é pintada com moldes de “isenção” e de “imparcialidade”, tipo... o primeiro discurso da Dilma pós apresentação do relatório da Impeachment, quando ela falou, não citou nominalmente, mas disse que era vítima de um golpe, que tinha um chefe e um sub chefe do golpe, né... dando a entender que eram o Temer e o Cunha, a Globonews não transmitiu. E a Globonews transmitia tudo que era discurso de presidente. Às vezes era o lançamento de um “Minha casa., minha vida” (programa de crédito para habitação do governo federal) em Cacimbinhas, e tava lá a Globonews transmitindo o discurso da Dilma. E

daí esse, não... Então ficou muito evidente... Fora os comentaristas, é claro, mas teve um movimento da imprensa tradicional, né, desses veículos de comunicação, e que o Correio tentou, tanto impresso quanto online, a gente tentou fazer um contraponto disso, tentou fazer uma coisa mais imparcial, tentando mostrar o outro lado, tentando fazer edições que representassem as duas vertentes... foi um movimento de, comprou a versão, né? De que o governo tinha que cair.

Pesquisador: Hoje o principal concorrente do Correio é a Zero?

Márcio: Localmente sim, né?

Pesquisador: E tu consideras que o Correio tenha um posicionamento diferente do que a Zero Hora?

Márcio: Jornalisticamente sim. Não só no online, mas também no impresso.

Pesquisador: Em que ponto estariam as maiores diferenças? Em quais aspectos?

Márcio: Acho que esse aspecto político é um deles. Acho que como a gente tem uma estrutura menor do que a deles, a gente tenta focar em coisas mais informativas. A gente não consegue abrir o escopo pra “frufus” (pautas de comportamento, moda, gastronomia, entretenimento etc). A gente acaba sendo mais direto ao ponto, mais informativo... E nesse discurso político a gente tenta ter uma prática de isenção um pouco mais forte, assim. Tanto em questão de comentaristas quanto em questão de posicionamento editorial mesmo. De edição, de capa, de matérias. Existe uma preocupação forte, de ser muito cuidadoso assim. “Ó, o momento é delicado, nós não estamos comprando nenhuma das duas versões”. Nossa ideia é dar uma coisa equilibrada, imparcial, etc etc etc. Talvez erre aqui, erre ali, mas sempre tentando fazer esse jornalismo online mais imparcial assim. Mais equilibrado.

APÊNDICE I – Transcrição de Entrevista com Rodrigo Celente, editor de web do Correio do Povo Online, realizada em 05/05/2016

Pesquisador: Hoje, qual é o teu posicionamento sobre a política no País?

Rodrigo Celente: Se pensarmos em dividir entre “coxinhas” e “mortadelas”⁶⁹, digamos assim, ah... eu sou um mortadela. Sou uma pessoa mais à esquerda, digamos assim.

Pesquisador: Como é que tu vê hoje a atuação da mídia na cobertura política do País? Estou falando de mídia tradicional, os grande meios de comunicação de massa, na qual se inclui o Correio do Povo...

Rodrigo: Se tu tiver que pensar dentro dos preceitos do jornalismo de independência, credibilidade, apurar as fontes, é catastrófica a cobertura. Catastrófica!

Pesquisador: Por que catastrófica?

Rodrigo: Porque ela foi tendenciosa desde o início. Tipo, alguns veículos que são mais ligados ao governo, ou contra o processo de afastamento, também distorcerem ou manipularem informações que são importantes para a pessoa ter uma visão total da coisa. Assim como grandes corporações fizeram o oposto. Um exemplo quando saiu a lista da Odebrecht (empresa envolvida nos escândalos de corrupção da Petrobrás e investigada pela Operação Lava Jato, da Polícia Federal) a Globo não citou nenhuma pessoa mencionada porque disse que a lista era muito extensa e que não tinha... E que as pessoas não teriam tempo suficiente para buscar o outro lado. Quando foi só citado Lula, Dilma Rousseff ou os ministros do governo, todos eles... e aí, passam todas as transcrições dos áudios, editadas de uma maneira té distorcida. Por esse aspecto ela foi tendenciosa. Agora, a cobertura é de um governo de transição. É como se já tivesse ocorrido uma eleição, o Temer tivesse sido eleito, o governo Dilma não conseguiu se reeleger e aí tem que fazer a transição do governo, porque todo dia tem “ah, o Fernando Antunes vai ser o novo Ministro da Justiça, o Rodrigo Celente o novo Ministro da Cultura”...

Pesquisador: Tu achas que a mídia já mudou o tom?

⁶⁹ Outra alcunha dada aos manifestantes partidários do Governo do PT, em referência ao suposto recebimento de pagamentos em sanduíches de mortadela para que participassem de atos pró Dilma.

Rodrigo: Já, já... No início foi uma carga mais violenta. Tipo “tem que sair, tem que sair, tem que tirar o governo”. Agora como o processo já está realmente... é inevitável, agora é uma coisa mais branda, é o novo governo que vem, e as novas políticas que serão adotadas...

Pesquisador: Tu falaste em uma carga mais violenta. O que, na profissão de jornalismo, ou na prática jornalística, faz a carga ser mais violenta ou menos violenta? É a maneira como se constrói a notícia? É o conteúdo em si?

Rodrigo: A maneira como tu constrói a notícia, né? De como tu usa os elementos que tu tem pra construir a notícia. É uma declaração, é uma imagem fotográfica, que dê a entender que a coisa... Como a famosa foto do Estadão que mostra a Dilma em um contra plano à uma fogueira. É como tu constrói assim...

Pesquisador: Esta imagem é violenta?

Rodrigo: Não, acho que ela retrata a situação mesmo, tipo, de que o País está pegando fogo. Ela(Dilma) representa o símbolo máximo de uma Nação presidencialista. Não digo que (a imagem) diz “tem que queimar a Dilma como uma bruxa”, não li desta maneira...

Pesquisador: Não leu dessa maneira mas percebe alguma intenção editorial do veículo em fazer aquilo?

Rodrigo: Sim, sim. Foi o mesmo jornal onde outro fotógrafo foi premiado por aquela famosa foto em que ela tá se curvando durante uma cerimônia e tem um espadachim, um Dragão da Independência (guarda pessoal da presidência da república) ao lado dela, cuja imagem parece que a espada está atravessando a Dilma. Isto foi até antes do processo (de impeachment), e dá um ciclo de como a coisa (o estadão) gostaria que fosse. O veículo é o mesmo.

Pesquisador: Uma pesquisa feita nos Estados Unidos nos anos 90 mostrou que 60% de todo o conteúdo da televisão daquele país era pra retratar a violência, fosse física ou psíquica. No Brasil não temos uma pesquisa dessa envergadura, mas a Unicef estima que no Brasil este índice seja de 70%. Aí é televisão de uma forma geral. Em se tratando de jornalismo, estima-se que esse índice vá para 95%, ou seja, 95% de tudo que é construído pelo telejornalismo do Brasil seja para retratar a violência. Tu como editor de um veículo de comunicação, que pratica jornalismo, sente isto como uma verdade no teu dia-a-

dia ou não? Sente que esse índice é verdadeiro na tua prática diária? Sente que retrata muita violência hoje?

Rodrigo: Se for essa violência do tipo roubar, matar, como crime assim, ou troca de ofensas, eu não digo que seja 90%, mas ela tá presente na prática diária.

Pesquisador: Pra você, qual seria a reação mais instintiva de um ser humano – e é claro que uma pessoa responde diferente de outra – mas em uma média de “senso comum”, o que você acha ser a resposta mais natural das pessoas para a violência? Que emoção aflora?

Rodrigo: Uma indignação, uma raiva. Acho que é indignação.

Pesquisador: Das quatro emoções básicas. Medo, raiva, tristeza ou alegria, a violência despertaria mais qual delas na tua opinião?

Rodrigo: Acho que a raiva, né?

Pesquisador: Quando você produz um conteúdo, quando constrói uma notícia, você se preocupa com o que o leitor vai sentir?

Rodrigo: Não.

Pesquisador: E qual é a tua preocupação na hora de construir uma notícia?

Rodrigo: Pensar no receptor no sentido de...

Pesquisador: No sentido de se preocupar com o que o receptor vai sentir. Existe essa ponderação?

Rodrigo: Não se tem ponderação do emocional. Tem assim, de como ele vai receber a notícia e se vai entender a notícia. Interpretar de forma que fique claro pra ele. Ver que tem a versão A, a versão B, a síntese é essa e o núcleo da notícia é esse. Esse é o fato. Agora, que emoção vai despertar, eu não vejo... Hoje isso acontece mais quando temos que decidir se vamos disseminar nas redes sociais. Tipo, “bah, isso aqui vai gerar muita confusão, ou isso vai gerar muita indignação. Temos que ter cuidado porque os comentários que vão entrar vão ser de ofender a pessoa citada na matéria”.

Pesquisador: Isso é posterior, é uma coisa de divulgação da notícia nas redes sociais, mas não durante a construção dela?

Rodrigo: É...

Pesquisador: Como é que você vê hoje essas manifestações exacerbadas de emoções nas redes sociais. O que tu enxergas quando se depara com este tipo de reação, principalmente nos comentários das notícias. Como é isso enquanto construtor da notícia, um cara que busca informar as pessoas sobre os fatos.

Rodrigo: Eu vejo com medo e tristeza ao mesmo tempo. Medo de como hoje o ser humano está voltando a uma idade média de apontar o dedo, de que “eu sou o dono da verdade e as outras pessoas não prestam e tem que morrer”. E isso toma conta, assume uma verdade de acusar alguém... Medo das reações que dali partem. Medo de pessoas que se articulam para organizar coisas violentas através das redes sociais. E as tristeza de ver no que estamos regredindo.

Pesquisador: Você sente, então, que há um processo de regressão assim? De ausência de consciência?

Rodrigo: Ah sim! Sim! Total. Total...

Pesquisador: Ao que você atribui esse fenômeno? Consegue identificar, assim, “bah, isso está acontecendo porque...”?

Rodrigo: A causa dessa quase insanidade que a gente tá...?

Pesquisador: Isso, o que você acha que está por trás disso?

Rodrigo: Bah, essa é uma ótima pergunta.

Pesquisador: Já parou pra pensar sobre isso?

Rodrigo: Não... Não... O que tem motivado cada vez mais a essas... Talvez, eu não sei se as pessoas tem um desejo de serem vistas e ouvidas de alguma maneira... E, na verdade, algumas podem até estar pedindo socorro. E a única válvula de escape que tem é mandar um comentário, nem que seja pra ofender, pra... tipo, “olha, por favor, eu preciso ser visto”, às vezes pode ser até um pedido de ajuda mas a pessoa não sabe nem se manifestar. É aquilo, a internet aproximou os estranhos e afastou os próximos, então as pessoas estão em casulos, individualizadas. É quase uma Matrix, o cara tá plugado, mas ele tá só naquele mundinho dele, e quando ele consegue, tipo, ter uma interação, mesmo que seja virtual, aflora e salta nele... Mas se existe toda uma outra rede por trás que levasse a isso, se existe um a Matrix, alguém que esteja...

Pesquisador: Tu achas que existe uma valorização do que é negativo em detrimento daquilo que é positivo?

Rodrigo: Ah, sim! Sim, até hoje eu fico revoltado quando se faz matéria jornalística sobre o rapaz que entrou uma maleta vcom cinco mil reais e devolveu pro dono. Tipo, essa... Não deveria ser feito matéria sobre isso, isso é o comum né? Não é teu, tu vai procurar o dono e devolver. Aí aquele ser humano é transformado num herói... Tipo... E também é sempre o lado negativo é que, tipo... sim sim!

Pesquisador: Tua acha que o lado negativo pauta o jornalismo hoje?

Rodrigo: Pauta.

Pesquisador: É a “principal fonte” de notícias hoje?

Rodrigo: É, o negativo, o bizarro, o non sense...

Pesquisador: Por quê? Por que que o jornalismo opta por isto, na tua visão? Não quero teorias, mas quero a percepção do teu dia-a-dia. Sente que, sei lá, tem mais leitores? As pessoas se atraem mais por isso? Porque o jornalismo tem esse viés negativista?

Rodrigo: Acho que isso vem se observando na sociedade. É um processo histórico, que se exacerbou nos últimos anos. O ser humano está cada vez mais individualista. É quase um processo de retroalimentação. O jornalismo dá a violência porque as pessoas estão cada vez mais violentas. E como eu acredito que aflora a questão da raiva e da indignação, aí a partir daquilo ali tu vai rebatendo e se retroalimenta e vai num processo nesse sentido. Acho que o público, o jornalismo pauta a opinião pública, mas a opinião pública também indica ao jornalismo “queremos mais isso, estamos ávidos por mais notícias de guerra de tráfico, crianças que são assassinadas”. Gera indignação, raiva, mas ao mesmo tempo surgem lá dizendo que “ah, não, era um criminoso, foi bem feito”...

Pesquisador: Ou seja, uma espiral de ódio onde o jornalismo tem seu papel também?

Rodrigo: É, é... Exatamente.

Pesquisador: Enquanto construtor da notícia, como tu se sente fazendo parte disso?

Rodrigo: Eu não vejo a hora de sair da espiral desse universo, né? (risos). Olha, eu tento ao máximo não embarcar em simplesmente noticiar ou ir atrás apenas da violência pela violência. O caso recente do tiroteio em frente ao (Hospital) Cristo Redentor, quem viu o vídeo sabe que um dos suspeitos, se o cara era criminoso, uma daquelas quatro pessoas foi executada. É fato. O cara estava com as mão levantadas e o... “ah, porque a adrenalina do policial...”, mas ele tem que ser uma pessoa treinada pra ver que a pessoa tá se rendendo. “Ah, mas ele (o suspeito) está fortemente armado...”, sim, mas ele (policial) é a autoridade. Tem que ter um... Até porque existem pessoas em volta. Eu fui contra a veiculação do vídeo (que mostra a execução do suspeito) mostrando esse detalhe. Eu fui voto vencido (na redação). Foi uma coisa que me incomodou.

Pesquisador: Ou seja, teve uma reunião onde vocês discutiram se iriam colocar ou não o vídeo no site, isso?

Rodrigo: Sim...

Pesquisador: E a maioria (dos jornalistas) optou por colocar?

Rodrigo: Sim...

Pesquisador: Então, na tua prática, tu estás dizendo que busca não alimentar essa espiral de violência, mas geralmente é voto vencido?

Rodrigo: Sim...

Pesquisador: Por que você acha que é voto vencido? Assim, por que acha que as pessoas (que trabalham na redação), tendo talvez um pouco mais de consciência, trabalhando nos veículos, sabendo que existe uma espiral de violência... Porque elas optam por alimentar isso?

Rodrigo: Do ponto de vista mercadológico é “ah, porque os outros vão dar e vai dar audiência”. Do ponto de vista pessoal, é “ah, porque isso vai gerar repercussão”.

Pesquisador: Ou seja, existe uma coisa mais mercadológica do que moral nessa decisão?

Rodrigo: Sim...

Pesquisador: Você é uma pessoa influenciável?

Rodrigo: Todos somos, né?

Pesquisador: E você tem liberdade para expressar opinião no seu local de trabalho?

Rodrigo: Sim.

Pesquisador: Nunca sofreu represália por expressar uma opinião divergente do resto?

Rodrigo: Não, represália não. Um concorda, outro não concorda, mas “não quero ouvir tua opinião” não.

Pesquisador: Nem “ah, você vai ser penalizado por pensar assim”?

Rodrigo: Não.

Pesquisador: Você já fez algo contra a sua vontade no trabalho enquanto comunicador? Já noticiou algo contra a vontade? Algo que você julgou não ser moralmente correto, mas você noticiou mesmo assim?

Rodrigo: Já. O exemplo do vídeo (da execução na frente do Hospital Cristo Redentor) é uma delas.

Pesquisador: E como você se sentiu ao ter que dar uma notícia que você não queria dar? Em termos de emoção, mesmo.

Rodrigo: Frustrado, né?

Pesquisador: Na tua prática profissional, tu sentes mais que emoção? Sente mais felicidade, medo, raiva, tristeza... pode ser alguma outra... nojo, frustração, sei lá... Mas se fosse elencar assim, “essa emoção traduz o meu trabalho”...

Rodrigo: A emoção que traduz o meu trabalho é... (pensativo)

Pesquisador: Eu sei que é um misto, mas se você pudesse destacar uma...

Rodrigo: Ah... É a frustração. Eu fico mais frustrado com o jornalismo em geral.

Pesquisador: Por que você fez jornalismo (enquanto profissão)? Por que escolheu esta prática enquanto prática profissional? O que te motivou a fazer jornalismo?

Rodrigo: Bah, que pergunta... Ter que pensar lá atrás sobre isso...

Pesquisador: Hoje teu motivador pra trabalhar com jornalismo não é o mesmo que te levou a fazer jornalismo?

Rodrigo: Não...

Pesquisador: Então vamos lá pra trás, primeiro. O que te motivou a buscar a profissão? E o que te motiva a fazer hoje? É esse paralelo que preciso entender.

Rodrigo: Eu sou até hoje alguém mais ligado à cultura, à literatura, à história. Então eu enxerguei no jornalismo uma maneira de unir as duas coisas. Que é contar história de uma pessoa mas que traduzisse um momento, um sentimento que refletisse na vida de mais pessoas. Que as pessoas enxergassem a história de uma mas se enxergassem ali pra melhorar a sua vida ou pra... “opa! Isto está acontecendo com ele mas também está acontecendo comigo e tenho que estar atento à determinada situação”. Enxergar que “assim como ele conseguiu buscar seus direitos eu também posso”. Nem que... Tentar tirar completamente as vendas dos olhos das pessoas, mas afrouxar um pouquinho para que a pessoa consiga espiar e perceba que existem outras alternativas, né?

Pesquisador: Por que era importante pra ti “tirar essa venda dos olhos das pessoas”? O que tu esperava com isso? Ou o que espera?

Rodrigo: Eu espero, hoje, através de outra coisa. Vou ter que fazer isto através da literatura...

Pesquisador: Por que pelo jornalismo tu já acha que não pode conseguir isso?

Rodrigo: Não!

Pesquisador: Mas porque é importante fazer isso? O que está por trás disso? O que que o Rodrigo quer provocando isso nas pessoas?

Rodrigo: Que as pessoas deixem de ser robozinhos, né? De que... Vamos dizer que era pra eu ler o máximo de livros possíveis para não acreditar em tudo o que eles diziam, né? Tipo, não é porque está num jornal, ou na TV, que aquilo é verdade. Então é preciso se alimentar (de informação) cada vez mais, pra continuar desconfiando daqueles mesmos livros e fontes que tu leu. Então quanto mais informação conseguir levar para as pessoas, através de uma reflexão literária... de uma... As notícias hoje... O que eu quero é libertar as pessoas dessa espiral de violência e de individualização. Que as pessoas deixem de ser máquinas ao se destruírem. Tô sendo meio apocalíptico, assim, meio Bauman, assim? (risos)

Pesquisador: Mas se tu queres libertar as pessoas da violência, tu queres algo que seja o contrário disso. Esse é o teu desejo? Seria o quê? Qual é o contrário de violência? Tu chamarias de quê?

Rodrigo: Tu diz, na minha atividade, como é que eu vou...

Pesquisador: Se tem um desejo “ah, eu gostaria que as pessoas se libertassem pra acabar com essa espiral de violência”, tem um desejo que é o contrário disso. Na verdade tu queres acabar com isso pra chegar num outro estado (emocional). Que estado seria esse?

Rodrigo: Um estado acho que de consciência. De consciência ética, de consciência moral. Sobre os seus atos, sobre o que está lendo, o que está escrevendo...

Pesquisador: As pessoas com mais consciência resultaria em uma sociedade menos violenta?

Rodrigo: Menos violenta...

Pesquisador: Poderíamos dizer, então, que o que motiva o Rodrigo, ou motivava (na prática jornalística) é um desejo de paz? Que as pessoas conseguissem um estado de consciência pra viver em paz? Podemos dizer isso?

Rodrigo: Com o outro e consigo mesmo... Sim.

Pesquisador: Então eu tenho um estado de consciência que me faz entender que o outro é diferente de mim. Eu tenho ferramentas pra isso, pois estou consciente. Então eu consigo entender o cara que pensa diferente sem me sentir agredido...

Rodrigo: Sim... Sim! Não é porque uma pessoa é vegana que eu tenho que botar a cabeça dele que no domingo ele tem que comer churrasco, ou o contrário, tipo... Eu acho que hoje essas posições polarizadas se vão ao enfrentamento. Mas por quê? Por que não podem conviver de forma harmônica? “Então que (o diferente) vá só no espaço dele!”. Não... Mas por que isso? É aí que continuamos cada um se individualizando dentro de seus casulos. É aí que ocorre um... Hoje, a sociedade é a sociedade da exclusão. “Não, ele não faz mais parte do meu círculo de amizades porque ele é coxinha”...

Pesquisador: E tu achas que pelo jornalismo (este estado de consciência nas pessoas) tu não consegues mais?

Rodrigo: Eu, enquanto a minha prática?

Pesquisador: Tu enquanto produtor de notícia.

Rodrigo: Não, acho que tem que ser por outro caminho...

Pesquisador: Então o que te motiva hoje a fazer o que faz? Qual é o teu principal motivador hoje?

Rodrigo: Não sei se eu tenho algum motivador... Pra seguir nessa utopia de tirar a venda dos olhos das pessoas?

Pesquisador: Não. Tu tens isso como horizonte, e provavelmente tu segues... Mas tu não acreditas que o jornalismo te leve a isso, certo? Mas tu estás aqui ainda (no jornalismo). O que te motiva a vir pra cá hoje?

Rodrigo: É uma necessidade. É uma necessidade.

Pesquisador: E por qual caminho você acha que pode chegar onde quer, nesta situação social mais harmônica?

Rodrigo: É pela academia, por me dedicar a cursos, ou a... Ter um espaço onde eu consiga colocar isso para mais pessoas, tipo... Passa pela academia, para refletir, pesquisar e divulgar nesse sentido.

Pesquisador: Você acha que o jornalismo não consegue provocar isso nas pessoas? Reflexão... Pensar... Aprofundar...

Rodrigo: Veículos independentes, bem específicos... Mas por mais que tu possa elogiar a Revista Piauí, tu sabe que o dono é o filho do cara da Globo, ou seja, é um projeto pessoal que ele... “ah, eu quero ter”... Até que ponto a ideologia dele é uma postura independente em si. As grandes corporações não tem mais esse norte... Eu não enxergo isso.

Pesquisador: Você acha que comunica fatos ou interpretação dos fatos?

Rodrigo: Acho que é uma mistura dos dois, né? Uma mistura...

Pesquisador: Em algum nível é uma interpretação?

Rodrigo: Sim.

Pesquisador: O que te traz felicidade hoje? O que deixa o Rodrigo feliz hoje? Independente de ser profissional ou não. Pode ter elementos profissionais, mas é uma pergunta bem aberta.

Rodrigo: Ah, acho que é o meu filho, né?

Pesquisador: Por que teu filho te deixa feliz?

Rodrigo: Além de ser muito parecido comigo? (risos) Porque eu enxergo, tipo, não tô dizendo que todo mundo tem que ser pai ou mãe. Mas depois de ser pai eu enxerguei tipo, tá ok, esse também é um motivador pra fazer uma sociedade melhor. Fazer uma sociedade melhor pra deixar pra ele. E tu ver que tu continua, de alguma maneira... Nem que ele fique perpetrando minhas ideias. Não digo nem pelo nome, seguir o nome da família, mas ter conhecimento das ideias do pai dele... Que ele consiga usufruir de alguma maneira e melhore o Mundo, né?

Pesquisador: Ou seja, tu enxerga nele esperança?

Rodrigo: É...

Pesquisador: E o que te deixa com medo, hoje?

Rodrigo: Não queria ser repetitivo, do tipo, se alguma coisa acontecesse com minha família, mas acho que é por aí...

Pesquisador: A segurança da tua família, ou a ausência de segurança, te deixaria com medo...

Rodrigo: É, que alguma coisa acontecesse né?

Pesquisador: E o que te deixa triste?

Rodrigo: O que me deixa triste... (pausa) Também, igual ao que me deixa feliz é... Eu acho que é o sentimento de indiferença que hoje as pessoas tem uma com as outras, de não querer ouvir o que o outro quer dizer, ou de (não) estender a mão pra alguém... Claro, de repente com medo. "Ah, o cara tá pedindo uma moeda, mas depois vai me perguntar as horas, vai pedir meu relógio", tipo... Nessa espiral maluca de indiferença, de fazer de conta que não tem ninguém ali. Com o outro com um animal também, né? A gente vê cada...

Pesquisador: Tu achas que hoje a gente sofre talvez de uma falta de empatia? Das pessoas não conseguirem mais se colocar no lugar das outras?

Rodrigo: Sim.

Pesquisador: E a prática do jornalismo contribui para este cenário (de falta de empatia) ou ela ajuda a diminuir?

Rodrigo: A prática atual contribui para aumentar a falta de empatia.

Pesquisador: E o que te deixa com raiva?

Rodrigo: O que me deixa com raiva... Acho que, quando... Eu não gosto de depender dos outros para fazer determinada função, e quando eu dependo, seja uma questão técnica, esperar um prestador de serviço, no trânsito, dentro do ônibus... Estas coisas me deixam com raiva, saber que eu não posso me resolver sozinho.

Pesquisador: A dependência então, te deixa com raiva?

Rodrigo: Isso...

Pesquisador: Pra finalizar, que emoções tu acha que o jornalismo majoritariamente provoca nas pessoas?

Rodrigo: Eu acho que provoca a raiva, o espanto, a questão de motivar a pessoa a se indignar com alguma situação... E o medo também, né? Só coisa boa (risos).

APÊNDICE J - Transcrição de Entrevista com Tiago Medina, Editor de Web do Correio do Povo Online, realizada em 06/05/2016

Pesquisador: Por que tu te tornaste comunicador?

Tiago Medina: Foi algo que eu sempre quis. Não vou dizer que tenha o dom, mas foi algo que eu sempre, uma área que sempre me interessou, desde o colégio e acabou naturalmente, escolhendo um caminho na comunicação, jornalismo, que é algo que eu sempre gostei. De áreas de interação de pessoas, de interação de conteúdo, por aí. Foi um caminho natural, nunca tive muita dúvida.

Pesquisador: Lembra de algo que tenha acontecido no colégio especificamente que tenha te mostrado “é isso o que vou fazer”?

Tiago: Não tinha um quê específico, mas sempre tive muita facilidade com texto, sempre gostei muito de história, geografia... Sempre tive facilidade com conteúdos de humanas, vamos dizer assim... E foi algo natural, não teve um marco, foi sempre algo assim, um caminho que eu segui sem muita dúvida.

Pesquisador: Por que tu acreditas que gostava mais destes conteúdos?

Tiago: Eu era muito ruim em matemática (risos). Talvez? Eu me sentia mais à vontade. Quando eu era criança eu não era muito de ler, mas eu gostava de escrever, eu gostava de aulas de história. Sempre foi algo que me interessou. E antes de história, estudos sociais eu sempre gostava, tirava boas notas e sempre me interessou mais do que a parte das exatas, assim.

Pesquisador: O que te motivou a buscar o jornalismo? É a mesma coisa que te motiva a trabalhar hoje?

Tiago: Eu acho que o jornalismo foi um caminho natural, como eu acabei de falar. Eu acho que quando eu comecei a decidir pelo jornalismo talvez eu me imaginasse mais no jornalismo esportivo. Sempre gostei muito de esporte, muito de futebol, aquela coisa de criança, assim. Não deu pra ser jogador de futebol, vamos ser jornalista. Trabalhar sempre no meio. Mas já trabalhei profissionalmente ali nessa área e... uma pequena decepção, não foi algo que eu gostei...

Pesquisador: O que te fez não gostar?

Tiago: O que me fez não gostar porque não... não se pratica... eu vi que ali não adiantava ser jornalista em si. Ali eu via o que a gente chama de “muita bruxaria”, assim. Às vezes eu fazia... tinha todo o meu trabalho técnico, mas pra eu conseguir a informação que eu ia precisar eu tinha que ser amigo, ou puxa-saco... esse jogo meio sujo que tem no esporte e que tem em outros cantos do jornalismo, mas particularmente ali eu me decepcionei um pouco...

Pesquisador: E o que te motiva hoje?

Tiago: O que me motiva hoje é... Acho que eu posso dizer que eu tento fazer o meu melhor...Eu tento fazer, não só eu... Talvez eu me motive por ser ainda bastante crítica. Como jornalista nunca tive a inspiração, como outros jovens têm, de pegar e querer mudar o Mundo, e fazer uma reportagem com um baita furo... Não, eu sempre quis fazer um bom trabalho, e ainda tenho esse desejo de fazer um bom trabalho, especialmente hoje, que eu acho que se produz jornalismo de menos qualidade hoje do que se produzia há alguns anos atrás. Acho que hoje, pelo excesso de conteúdo, pelo excesso de divulgação, acaba muita coisa de pouca qualidade se propagando e às vezes ganhando mais repercussão do que aquilo que é sério e deveria ganhar. E aí eu saber que eu ainda não sou... não virei nem pretendo virar alguém baseado num “caça clique”, talvez isso me motive. Tentar fazer uma coisa boa, tentar fazer um serviço no jornalismo... não tão de serviço, mas informar bem a população.

Pesquisador: O que seria ser jornalista, pra ti? E quanto desse “ser jornalista” tu consegue praticar na tua rotina?

Tiago: Um jornalista tem que ser alguém comprometido.

Pesquisador: Comprometido com o quê?

Tiago: Principalmente com a verdade, principalmente com a população. Um dos dias em que sai mais satisfeito daqui foi um dia complicado. No temporal do dia 29 de janeiro (de 2016). Foi um dia exaustivo, com muitas horas a mais de cobertura, mas eu sai daqui com a certeza de que eu tinha informado bem a população do que que tinha acontecido, do que que era e não era pra fazer. Enfim, saí satisfeito com o trabalho que a gente conseguiu produzir aqui com pouca gente, dando uma noção inicial do que tinha acontecido, porque noção real só deu pra dar quando o dia raiou. Mas deu pra noticiar que o que aconteceu foi algo muito forte. Conseguimos mostrar os estragos grandes, o perigo que era estar na rua, tudo mais... Foi porque a gente foi baseado no “vamos ver o que está acontecendo”. Comprometido com a verdade. Basicamente isso.

Pesquisador: Quanto desse “ser jornalista” tu consegues praticar na tua rotina?

Tiago: Menos do que eu gostaria. Não dá pra quantificar quanto, mas menos do que eu gostaria. Porque o jornalista, acho que acima de tudo, é um cara utópico. O jornalista sempre reclama de que poderia fazer... que poderia estar numa condição melhor... Uma série de fatores. E eu que tenho umas limitações minhas, umas limitações às vezes editoriais, às vezes físicas, às vezes de pessoas. Quando tem pessoas sei que não vai adiantar um determinado repórter pra uma pauta que não vai render. Não vai conseguir recuperar aquela história, narrar bem a história como deveria. Uma série de fatores. Eu tenho que manter um site atualizado, uma capa atualizada. Tem uma série de fatores que me prende mais do que eu gostaria aqui na redação. A gente vive muito um imediatismo, ainda mais nestes tempos de cobertura de impeachment e tudo mais. A gente tem um trabalho que é muito braçal que acaba tirando um pouco do trabalho intelectual que eu gostaria de fazer mais porque o bom jornalismo, pra completar, exige tempo. Exige maturação das pautas, quanto de texto, de qualidade, quanto de entrevistas mais densas.

Pesquisador: Tu consegues fazer trabalhos de maturação hoje na tua rotina?

Tiago: Consigo. Não na minha rotina. É um trabalho, vamos definir por trabalhos de maturação, pautas especiais. Hoje a gente consegue fazer mais do que fazia antes, mas menos do que eu gostaria. Mas a gente consegue. Mas também exige uma logística diferente do que a gente tem no dia-a-dia, mas a gente consegue.

Pesquisador: Quando tu vais fazer o teu trabalho, o que tu pensas em levar para o teu leitor. O que quer provocar nas pessoas?

Tiago: Eu quero provocar um sentimento de verdade. Verdade e contexto. Acho que uma boa matéria é uma matéria contextualizada, até porque to0do mundo tem pressa hoje, e a pressa não deixa as pessoas se informarem tanto. Então uma boa matéria é uma matéria bem contextualizada. Eu sempre procuro... não é uma questão de ponto e contra ponto...as regrinhas básicas... mas é o contexto em que aquilo está acontecendo.

Pesquisador: Hoje tu achas que comunica mais fatos ou interpretação de fatos?

Tiago: Muito mais fatos. Com certeza. Eu acho... A gente bota... Nesse momento específico, pontuando esta cobertura do impeachment, que está pegando muito do

nosso tempo. Essa cobertura do impeachment tem muita interpretação. Tem muita... “Ah, a Dilma deve ser caçada”, diz Aécio. “Não, é golpe”, diz presidente do PT. Isso não deixa de ser uma matéria de interpretação, e não um fato. Pontualmente hoje eu acho que a cobertura está mais de interpretação, através destas matérias, que supostamente narram fatos.

Pesquisador: A maneira como tu, Tiago, constrói a notícia gera interpretação. Ela pode gerar interpretação no sentido de anunciar um fato e gerar interpretação de um fato.

Tiago: Pode. Pode. As pessoas, a gente... com o tempo a gente vê que as pessoas... A gente quase prevê a reação das pessoas. Mas às vezes tem que... Não digo que nosso objetivo seja provocar essa reação, mas com o tempo a gente sabe que determinadas reações serão provocadas a partir de determinadas matérias.

Pesquisador: Quando tu pensas em um conteúdo para levar para as pessoas, tu pensas na emocionalidade que o conteúdo vai provocar ou isso não é considerado? Tu pensas só na questão da verdade, de querer levar os fatos, ou existe uma ponderação, não sei, em reunião de pautas, se é discutido ou não, sobre como isso vai ser recebido pelas pessoas na questão emocional. Existe uma preocupação em relação a isso, se conversa sobre isso?

Tiago: Pouco. E em determinadas pautas. Tu falando me lembra mais matérias de polícia. Tem mais casos assim. Bem, se a gente desse uma matéria de que um assaltante foi segurado pelas pessoas depois de cometer um assalto e foi linchado, eu tenho certeza que a maioria da população...do meu público ia bater palma pra eles. O que a gente pode fazer, o que a gente faz, é citar que isso é crime. Mas às vezes as pessoas não se apegam a esse “detalhe” da matéria. Como ontem a matéria do Grêmio foi eliminado da Libertadores... Sei exatamente a reação em gremistas e colorados que isso provoca (risos). Algumas pautas... Tem que noticiar!

Pesquisador: Nesse caso que você usou do ladrão que vai ser linchado, eu senti um tom meio de reprovação, assim, porque é um crime. O que você acha que precisaria ser feito para que as pessoas conscientizassem que isso talvez não seja o que deveria ser feito?

Tiago: Principalmente elas deveriam ler. Uma coisa que eu aprendi também ao longo desses anos foi que a verdade muitas vezes é um conceito que as pessoas espalham. A verdade é aquilo que a pessoa escolhe acreditar. Ainda que esteja dito uma coisa, as pessoas vão ler e vão interpretar de outro jeito, e isso muitas vezes é até

uma ignorância da população, porque as pessoas são movidas de repente às redes sociais. Não sei se é um fenômeno de redes sociais, teria que haver um estudo sobre isso. Mas as pessoas escolhem e vão numa onda de opinião na mesma direção e elas não se informam direito. Em muitos casos, inclusive. Por mais que tenha um conteúdo disperso, existe um bom conteúdo. Mas muitas vezes a gente olha e... a gente que é jornalista sabe quem é confiável, onde dá pra confiar e onde não dá. Pra nós isso é muito claro. E às vezes eu não sei como as pessoas acreditam em qualquer coisa que elas leem. E isso acaba movendo, gerando reações nas pessoas. Digo, eu, trabalhando num veículo grande, com uma responsabilidade, mas ainda assim, não fazendo um mea culpa, existem muitos sites menores que se aproveitam do sensacionalismo e que... A notícia que eu acabei de dizer em tom de reprovação até aconteceu esse tempo atrás, mesmo. A gente noticiou há alguns meses, mas... teriam outros sites, outros veículos que noticiariam “Marginal é pegado e toma uma sova depois”. Tudo é uma questão de interpretação. Eu não procuro levar as coisas pra esse lado. Procuro fazer uma cobertura, dentro do possível, isenta, pra evitar reações que eu acho... A população reage ao que ela lê, e acaba sendo um incentivo.

Pesquisador: Hoje a gente vê uma onda de notícias falsas circulando pelas redes sociais. Tem cara de produto jornalístico, mas você vê que a manchete é falsa, a informação é falsa, a fonte é duvidosa. Você se depara muito com isso no seu dia-a-dia e, se sim, como tu enxerga isto enquanto comunicador?

Tiago: Eu não me deparo muito com isso mas eu acho que é por causa do meu algoritmo (filtro determinado pelo comportamento do usuário perante as informações que seleciona para consumir), porque eu acabo não clicando, não lendo, e acaba aparecendo pouco, conseqüentemente para mim, nas minhas redes sociais. Mas é um fenômeno para inflar público, um fenômeno pra fazer aquela verdade que convém que eu falei há pouco. As pessoas não querem às vezes uma verdade, entre aspas, “uma verdade verdadeira”, elas querem uma verdade que lhe convém para poder acusar alguém, nesses tempos políticos aqui. Eles querem uma verdade que a Dilma roubou, a Dilma tem que ser cassada. Eles querem que surja essa notícia, surja a notícia, surja uma prova cabal, surja qualquer coisa, pra que a Dilma seja cassada. Isto uma parte da população. Outra parte quer que seja escancarado que não, uma prova cabal, uma notícia cabal de que é golpe. Por exemplo. Acho que acaba sendo fruto do que as pessoas querem. E jornalismo não é isso. Eu queria noticiar muitas outras coisas. Matérias ao contrário do que eu noticio. Mas as pessoas, acho que elas procuram uma

verdade. E hoje é muito fácil tu se “camuflar”, entre aspas, como jornalista. É muito fácil tu publicar alguma coisa e as pessoas acreditarem naquilo. Quem vai dizer que não? Por isso que eu também o jornalista, o papel do jornalismo, muito como curador de notícias. O jornalista, hoje, tem que ter mais credibilidade do que tinha antes. Porque hoje tem muito conteúdo pipocando por aí.

Pesquisador: O que, nas pessoas, determina a busca por uma verdade específica? O que as pessoas procuram?

Tiago: Sentimento... O sentimento delas, assim...

Pesquisador: Mas aonde que nasce isso? Já parou para refletir sobre isso?

Tiago: Honestamente eu não parei, mas imagino que seja do âmago delas. E isso acaba sendo muito favorecido por um algoritmo, que dita o Facebook hoje, que é a principal forma por onde as pessoas se informam. A pessoa que sempre curte foto de cachorrinho, cachorrinho abandonado, cachorrinho aquilo... ela vai construir uma rede de contatos, sites e blogs que falem sobre cachorrinhos. A pessoa que adora notícia de polícia a mesma coisa. Pessoal que respira futebol a mesma coisa, porque tem muito conteúdo, tem muita gente produzindo conteúdo. Alguns tem caráter e outros não. E esse é o problema quando as pessoas não diferenciam isso. E isso é grave.

Pesquisador: Você é uma pessoa influenciável?

Tiago: Sou. Devo ser, como todo mundo (risos).

Pesquisador: Você acha que os meios de comunicação de massa, hoje, tem o poder de influenciar as pessoas?

Tiago: Com certeza, dentro daquilo que a gente tava falando agora. E vamos tomar como meio de comunicação.... As pessoas se organizam hoje pelos meios de comunicação. Esses dias o próprio fenômeno de bater panelas foi uma organização via... uma forma de protestar, foi por um meio social. As pessoas se organizaram pela internet e quando a Dilma apareceu na TV foi todo mundo pra janela bater panela. Todo mundo não, mas as pessoas daquele nicho, que foram influenciadas por leituras de sites que não necessariamente jornalísticos, mas que se dispõem a falar uma verdade que as pessoas se dispõem a acreditar que aquilo é verdade.

Pesquisador: Tua acha que as redes sociais têm uma grande responsabilidade nessa construção do imaginário coletivo das pessoas?

Tiago: Com certeza, com certeza. As pessoas hoje são cada vez mais conectadas, e acabam tendo essa influência direta pelo algoritmo delas. Como disse antes. As pessoas que buscam um cachorrinho vão ter sempre um cachorrinho

aparecendo pra elas. Esporte a mesma coisa, política idem. E isso é muito perigoso. É muito perigoso. Isso leva pessoas a um grau... uma tendência de serem cada vez mais radicais. Enquanto comunicador eu entendo que é um algoritmo, mas às vezes até eu mesmo sou enganado pela proporção daquilo que me aparece. Só que tem pessoas que sequer ouviram falar em algoritmo na vida, e elas abrem o Facebook, passam horas no Facebook e veem que todo mundo tá falando mal de determinada pessoa. E aí elas acreditam que o Mundo inteiro está falando mal daquela pessoa, mas é uma ínfima parte. E essas bolhas de conteúdo, acho que são algo muito perigoso. E diretamente responsáveis por influenciar pessoas, seja o assunto que elas escolherem e acabarem entrando nesse assunto.

Pesquisador: Hoje tu tens liberdade de expressar tuas opiniões no teu local de trabalho?

Tiago: Tenho.

Pesquisador: Já sofreu represália por expressar opinião diferente?

Tiago: Não represália, mas, não vou chamar de autocensura, mas digamos que eu tenho algum bom tom, da mesma forma que eu tenho um relacionamento muito tranquilo com meus chefes diretos. Mas não vou ter o mesmo tipo de relacionamento com o presidente da empresa, que é uma pessoa que eu mal vejo, que eu não conheço. Mais uma questão, não ideológica, uma questão de postura profissional.

Pesquisador: Já teve que fazer algum trabalho com o qual não concordava?

Tiago: Sim. A gente já fez alguma ou outra pauta ali que eu não faria, eu discordo da pauta, não... Felizmente não foi nada, entre aspas, "difícil" de fazer, digamos... Nada que me colocasse numa situação que eu me constrangesse. Só uma pauta que eu discordo da necessidade de que deveria ser feita. Enfim, nada que me constrangesse como profissional ou como pessoa. Mais uma questão de relevância.

Pesquisador: O que é felicidade pra você? Ou, o que lhe causa felicidade?

Tiago: O pai de um amigo meu sempre diz que a felicidade não é um fim, é um meio, né? Que a gente tem que pegar e tentar buscar. Eu acabo tentando fazer a minha vida feliz. Tem algumas coisas que me dão felicidade que eu procuro mantê-las, incentivá-las. A felicidade e a alegria das pessoas ao meu redor. Eu sou espírita, eu acredito em, meio leigo, nem tão leigo, acredito em correntes vibratórias. Procuro me manter, não necessariamente alegre, mas vibrando alto, vamos dizer assim. Ainda que seja difícil, procuro não guardar rancor, procuro não sentir raiva, procuro não brigar.

Fico muito mal quando brigo com alguém. Acho que vou levando da minha forma assim... É claro que eu gostaria de fazer várias coisas na minha vida que não dá (risos). Por mim eu tinha onze meses de férias e um mês trabalhando, ao contrário do que é hoje, mas não é possível. Mas dentro daquilo, dentro da minha rotina eu procuro manter um nível bom de felicidade fazendo aquilo que eu gosto.

Pesquisador: Tu és feliz profissionalmente?

Tiago: Eu sou orgulhoso, profissionalmente. Eu acho que tive uma carreira... Eu me cobro muito, sou muito crítico. Então acho que eu tento ter algo, um padrão elevado de trabalho, apesar de saber que pode ser bem melhor. Mas eu acho bonita a trajetória que construí até agora. Feliz na carreira eu posso dizer que eu sou. Mas é uma questão de ponto de vista. Eu não reclamo. Poderia estar melhor mas poderia estar pior. Eu aceito como eu estou.

Pesquisador: O que te deixa com raiva?

Tiago: Sabe que essa pergunta é difícil porque eu procuro não sentir raiva...

Pesquisador: mas você sente em alguns momentos?

Tiago: É difícil. Mas se trocarmos raiva por indignação, posso dizer que algumas coisas me deixam indignado...

Pesquisador: Tipo o Grêmio (risos)?

Tiago: O Grêmio, por esse lado, é mais felicidade (risos). Mas é, futebol acaba sendo uma fonte grande de indignação e até de raiva mesmo. Mas é, digamos, uma raiva mais leve, assim, que a gente sabe que vai incomodar um pouco e um dia depois não vai mais existir. Mas injustiças fortes, corrupção forte. Maniqueísmo, vamos chamar assim, diante de todo esse cenário político, assim, ali, às vezes, ao longo dessa cobertura eu me indignei algumas vezes. Algumas coisas, o sistema como um todo. Tu vê que as coisas acontecem não de uma maneira mais honesta, idônea, e isso me indigna, chega a provocar um pouco de raiva, me entristece um pouco. Mas não chega a ser uma raiva que eu passe o dia incomodado. Mas pensando por aí, intolerância religiosa é uma coisa que me incomoda muito. Às vezes me dá raiva, às vezes me dá medo, porque...

Pesquisador: Tu chama de intolerância religiosa os dogmas que jogam umas pessoas contra outras?

Tiago: Exato. Dizer que assim, eu ter uma religião e tu outra, e por não ser da minha religião, tu é do Demo, e por isso merece ser espancado. Ou então “eu sou um pastor, tu é um fiel e eu te obrigo a me dar tua casa, teus carros, em nome de Deus”.

Isso é uma prática que eu acho condenável, me dá raiva de quem faz, fico triste por quem sofre e não se dá conta, ainda que eu reconheça que existem esses casos, e que muitas pessoas que entrarem na religião são mais felizes e eu fico feliz por elas. Mas saber dessa exploração à defesas, assim, me incomoda muito.

Pesquisador: Qual é a tua opinião sobre a Igreja Universal⁷⁰?

Tiago: Minha opinião é que a Igreja Universal faz um trabalho muito bom para muitas pessoas, bem como eu disse, e também tem métodos com os quais eu não concordo. E ela é muito organizada. Eu tenho uma visão de religião que não é... Que é simples. E a Igreja Universal eu não considero uma organização simples. Acho que ela ostenta muito para uma religião.

Pesquisador: Você já sentiu influência no teu trabalho pela questão religiosa, por ser o Correio uma empresa ligada à Igreja Universal?

Tiago: No meu trabalho não. Eu já vi influência no trabalho dos colegas. Em pautas. Determinadas pautas que eu acho que o jornal não cobriria em outra época foi coberta.

Pesquisador: Que tinham a ver mais diretamente com a questão da Igreja Universal...

Tiago: Exato. No meu trabalho em si, direto, não.

Pesquisador: O que te deixa com medo, hoje?

Tiago: Medo... Violência. Violência gratuita me dá medo.

Pesquisador: Tu se deparas muito com violência gratuita na tua profissão?

Tiago: Eu noticio isso né? Eu tenho um tablete que, às vezes, é uma caixa de pandora. Aquele tablete lá com aqueles grupos de policiais assim, que às vezes a gente não acredita naquilo tudo que sai. E a gente acaba ficando até mais duro, digamos assim. Mas, em sete anos de jornal, quase, algumas vezes eu sai mal daqui. Em algumas vezes cenas violentas chegaram a me atingir. Teve uma vez que a gente noticiou que um gurizinho tinha sido mordido no pescoço por um cachorro, quando fui ver, o guri era filho de uma amiga da minha mãe. Uma vez noticiei um acidente, um capotamento meio feio, em que por sorte não morreu ninguém mas, quando fui ver eram os pais do meu colega. Então coisas assim, sabe... Isso nos torna mais humanos. Eu acho errado a gente ser duro, desse jeito. Acho errado noticiar o fato pelo fato, como acontece por aí. O jornalismo é baseado em histórias. O certo seria a cada crime

⁷⁰ A Igreja Universal do Reino de Deus é a instituição mantenedora do Grupo Record de Comunicação ao qual está ligado o Correio do Povo.

mais grave a gente ir atrás, fazer uma história, ver o que aconteceu. Infelizmente são tantos, e é tão pouca gente, que acaba ficando o fato pelo fato. Acaba virando um número.

Pesquisador: Tem uma pesquisa feita nos Estados Unidos que diz que 60% de todo conteúdo da televisão é pra retratar a violência. A Unicef estima que no Brasil este índice seja de 70%, e que, em se tratando de telejornalismo, este índice seja de 95%. No teu trabalho, tu sente uma verdade nestes índices?

Tiago: Sinto.

Pesquisador: Tu sente que retrata prioritariamente a violência? Seja física, psíquica ou moral?

Tiago: Troca violência por tragédia. Se der um acidente onde bateram dois carros eu não noticio. Se der um acidente onde bateram dois carros e uma pessoa morreu, eu noticio. Isso não é, necessariamente, uma violência. É uma tragédia. Pode ser investigando, que pode ser também uma violência. Se um cara saiu, bebeu todas, e saiu pra dirigir, ele cometeu um ato violento. Mas em alguns casos eu não vou atrás de toda essa história, só vou narrar o fato. Mas eu noto que acaba sendo... a Violência pauta muito o jornalismo.

Pesquisador: O que tu achas que faz as pessoas se atraírem por isso? Pela violência?

Tiago: Eu fico curioso. Também gostaria de saber. Não faço ideia. Eu trabalhando com isso eu me sinto desgastado. Muitas vezes eu canso, saio pesado daqui, e muitas vezes eu prefiro nem ver televisão, principalmente, porque tu liga a TV e vê só tragédia. Mas incrivelmente a gente faz uma outra pauta e não dá o mesmo alcance. Eu gostaria de saber porque vocês só querem saber de violência. As pessoas querem saber, no fim, do inusitado. São mais atraídas por tragédias, por sangue, não necessariamente pra se prevenir disso, mas é mais pelo “olha o que aconteceu”! Tem um filme argentino, chamado “O Incontinês” (inaudível). Não fala sobre violência em si, mas o protagonista era um cara que colecionava notícias sobre coisas absurdas. E ele acaba... Ele colecionava notícias absurdas e no fim da história ele diz porque e tu “putz...” tu concorda> Tu vê que as pessoas são atraídas pelo inusitado. Pelo diferente.

Pesquisador: E, pra finalizar, o que te deixa triste?

Tiago: Ver que as coisas às vezes... Eu tenho uma leve impressão de que o mundo, o Brasil e a minha cidade estão menos legais hoje do que eram há um tempo.

Isso me deixa triste. Isso me deixa triste. Ter vontade de, de repente, ter que virar as costas para ter que procurar outro lugar pra viver.

Pesquisador: O que você acha que está menos legal aqui do que antes? É só a questão da violência ou tem outras questões?

Tiago: A questão da segurança, a questão do debate, a questão do radicalismo. As pessoas, hoje, elas debatem menos, dialogam menos e acabam brigando mais. Não necessariamente física, nem agressão. Digo que por esse excesso de debate infrutífero as coisas não andam. E eu sou uma pessoa que gosta muito de viajar. Então eu vou a lugares que eu vejo que as coisas andam, tem obras sendo feitas sem maiores polêmicas. Tem lugares ficando mais legais do que eram antes e aqui, às vezes, a gente tem a sensação de que parou no tempo em diversos pontos.

Pesquisador: Você diz em relação a Porto Alegre?

Tiago: Em relação a Porto Alegre e ao Rio Grande do Sul. Eu sou uma pessoa que, há dez anos, nunca cogitaria morar em Florianópolis. Hoje eu namoro a ideia de morar em Florianópolis ou outro lugar que seja. Porque eu vejo que, há dez anos atrás, Floripa⁷¹ era um lugar menos legal do que é hoje. E Porto Alegre, às vezes, a gente se prende a debates, se prende à polêmicas, à questões menores, vamos dizer assim. Acaba tendo esses debates infrutíferos, que não são necessariamente agressões, mas que no contexto da cidade não anda. O Estado não anda. A gente tem um pensamento meio retrógrado. Acho que isso também é um pouco da influência de viajar. Eu sou uma pessoa que, como gosto de viajar. Eu até tava conversando com um amigo que mora em Salvador, que é daqui. Ele diz que escreveu um texto, me chama a atenção e vou ler aquele texto. Tu para pra ler, tem uma música lá, na Bahia, que é um cara que começa a cantar todo animado “Bem-vindo a Salvador! Quem bom! Você chegou!”. O você não faz nenhuma referência a turista ou referência a morador. Faz uma referência a quem está chegando, não importa quem você é. “Que bom que tu tá aqui”. Enquanto o gaúcho é muito “eu”, “eu sou do sul”, “minha terra tem o céu azul”, “sirvam nossas façanhas”... Menos (risos)! Menos, sabe?

Pesquisador: Você acha que a tradição pode atrapalhar o desenvolvimento?

Tiago: Menos do que o radicalismo. Eu acho que aqui a gente tá contaminado por radicalismo. Um exemplo básico é o PT e o anti-PT. Não tem meio termo. Ou como

⁷¹ Apelido diminutivo de Florianópolis

chamaram agora, o “isentão”. O “em cima do muro”, que é outro extremo. E aí, porque tu é PT e eu não, se tu tiver uma boa ideia, eu não vou te apoiar? Vou te dar pau? E vice-versa? Eu acabei acompanhando um pouco de perto, e talvez isso tenha me desiludido um pouco, quando trabalhei na Câmara, há três anos. Quando eu via a oposição defendendo uma coisa, a situação outra, e pouco ou nada de diálogo. Isto tudo dentro do plenário. Fora do plenário todo os vereadores eram amigos basicamente. Isso também me desiludiu. Também me desiludiu o fato de, há dois anos, ter a Copa do Mundo e, nunca vi essa cidade tão legal. Ou pega dez anos atrás... Essa cidade nunca foi tão legal quanto aquele período de 2014. Foi uma cidade muito legal, e desde então eu vi as coisas só piorarem. Aí tu vê aquelas obras prometidas que não andam, a violência aumentando, o radicalismo. Tivemos um bom exemplo no ano passado, pensando no esporte, que foi a torcida mista. Que foi uma solução genial, misturar, o diálogo. Oposição e situação tudo ali, se deram bem. Meu primo, se criou comigo, cinco meses mais velho que eu, ele é gremista, e com uma posição completamente contrária à minha nesta questão de política. Eu tenho falado pouco com ele (risos), mas não deixo de amar ele. Mas das últimas vezes que tentei falar com ele, a gente meio que discutiu e aí eu preferi baixar a bola. Se for pra brigar silencia pra evitar confronto. Hoje a sociedade brasileira está muito disposta à briga.

Pesquisador: Pra onde tu achas que está caminhando isto tudo?

Tiago: Tudo em quê?

Pesquisador: Essa situação de extremismo, de radicalismo. Tu vê um futuro promissor nisso? Acha que é uma fase, que vai passar?

Tiago: Acho que é uma fase. Até porque a gente tá falando, no fim das contas, porque que as pessoas se interessam por violência, porque estamos debatendo isso e não debatendo iniciativas legais, que tem tantas por aí também? Uma hora acho que... Não vai ter essa bobagem de tanque de guerra, de ditadura militar... Não. Não vai ter e, tipo, acho que, honestamente, o que estão fazendo lá em Brasília, não deixa de ser um golpe de estado, ainda que tenha meu pai, que entende muito mais de legislação do que eu e discorde frontalmente de mim. Mas daqui a pouco, naturalmente vai parar isso. A gente vive um período muito conturbado, mas queira ou não, as instituições que deveriam funcionar estão funcionando em Brasília.

Pesquisador: Tu acha que é golpe e o teu pai discorda?

Tiago: Meu pai discorda. Totalmente. Meu pai defende que ela cometeu crime de responsabilidade, argumenta. Eu não acho que a Dilma seja uma boa presidente. Não

votei nela. Não sei nem se tem embasamento ou não pra discutir se ela cometeu crime de responsabilidade fiscal. Ms, como estava na frase do relator da Câmara, O Jovair Arantes. Ele chegou a falar que aquele processo demandaria alguma flexibilidade jurídica. Eu, pelo amor de Deus, se um dia eu for a julgamento, eu não vou querer que o juiz tenha flexibilidade jurídica pra qualquer coisa, cara! Assim como tem muito governista reclamando do que fizeram com o Cunha, de tirarem do poder só depois do Impeachment. Que bom que tiraram! Não importa se tiraram antes ou depois. Que bom que tiraram. Que ele fez coisa errada fez. Eu só vou começar a ser crédulo... apostei com o vô da minha mulher, até. Ele é daqueles que “vai cair a Dilma, depois vai cair todo mundo”. Eu apostei com ele. Não vai cair todo mundo (risos). Mas vou ficar feliz se eu ver ele (Cunha) preso. Não vou deixar de ficar feliz se o Temer assumir a presidência e o Cunha for preso. Não vou deixar de ficar minimamente satisfeito. Mas enfim, som todas essas conturbações, eu não gostaria de ver o Lula candidato em 2018. Nem acho que o Lula tenha sido um mal presidente ou coisa assim, só acho que o Lula representa um extremismo. Extremismo da esquerda, Extremismo do PT. E eu acho que a gente precisa de pessoas menos extremistas e mais dispostas a dialogar.

Pesquisador: O que tu achas que vai acontecer em 2018?

Tiago: Não tenho noção! Não dá pra ter ideia, né?

Pesquisador: E o que tu gostarias que acontecesse em 2018?

Tiago: Diálogo. Alguém com perfil de dialogar que não seja uma cobra da política. Alguém propositivo.

Pesquisador: Tu enxergas alguém assim no cenário político hoje?

Tiago: Não, mas eu sei que tem. A gente sabe. Eu trabalhei com política e tu vê que tem pessoas boas. Aqui, por exemplo tem o Sebastião Melo (vice-prefeito) que é absurdamente respeitado na Câmara pelo poder de diálogo dele. Eu mal conhecia ele, não poderia emitir opinião sobre ele. Mas vi que o cara é bom de conversa, de diálogo. Não tô defendendo a campanha dele, nem nada, mas eu digo que tem pessoas que estão... a frase “todo político é ladrão” é falsa, tem gente querendo trabalhar. O sistema político brasileiro talvez seja um pouco complicado, mas tem gente querendo, tem gente boa.

APÊNDICE K - Transcrição de entrevista com Marcelo Miranda Becker, editor assistente em Zero Hora Digital, realizada em 16/06/2016

Pesquisador: Marcelo, qual é a tua função aqui?

Marcelo Becker: Eu sou editor digital na Zero Hora, basicamente é um trabalho de edição do material que é produzido aqui no âmbito do site de Zero Hora. Sou especificamente da área de editoria de notícias que é um canal que junta principalmente conteúdo de hard News, ou seja política, polícia, economia, junta também um pouco de trânsito, às vezes. No que antigamente se configurava como editoria geral. Basicamente a gente faz eventuais alterações nos textos produzidos por nossos repórteres ou vindos de agências, dá um tratamento pra essas matérias pra que respeite os critérios de noticiabilidade, critérios de, enfim, checar, fazer a checagem (sic) do trabalho dos repórteres também e garantir que chegue pros nossos usuários, os nosso internautas o melhor conteúdo possível.

Pesquisador: Há quanto tempo tu fazes esse trabalho?

Marcelo: Aqui na Zero Hora eu tô desde abril do ano passado.

Pesquisador: Você passou por onde antes?

Marcelo: Eu antes de vir pra cá, eu fui estagiário. Minha primeira experiência profissional foi como estagiário no jornal O Sul, na editoria de política, mas era um trabalho basicamente na área de colunistas. A gente era responsável por fazer a edição do material que chegava dos colunistas pro jornal. Depois disso eu passei um tempo numa bolsa de CNPQ na responsável pela consolidação da marca da rede gaúcha de incubadoras de empresas e parques tecnológicos, a REGIMP, que era um trabalho também de assessoria de imprensa, mas a gente tinha um veículo interno de newsletter que a gente ajudou a criar, a criar uma rede de comunicação interna que também... Isso por si só também era uma forma de garantir a visibilidade da marca da rede que tava (SIC) se criando. Depois disso eu entrei no Terra, onde eu fiquei mais seis anos, primeiro como estagiário, depois como redator, depois como repórter, de onde eu saí. E agora estou aqui. É que no Terra eles fazem distinção entre redator e repórter. Redator era basicamente quem fazia trabalho na redação, não fazia tanta cobertura na rua. E repórter era um trabalho como se fosse de sucursal, aí sim a gente todo dia tinha pauta na rua fazendo cobertura. Eu, às vezes, costumo brincar que a diferença entre fazer a reportagem nacional como o Terra e aqui é que lá a gente tava

sempre pensando no olhar nacional sobre Porto Alegre e aqui é o inverso, o olhar de Porto Alegre sobre o mundo. Então, isso é basicamente a diferença entre os dois.

Pesquisador: Quando você veio pra cá você já veio como editor?

Marcelo: Como editor, sim. É que nessa minha passagem pelo Terra eu fiquei mais de um ano assumindo de forma esporádica interinamente a edição assistente, que é um trabalho, guardadas as devidas proporções, semelhante ao que acabei assumindo aqui. Acredito que também muito dessa experiência acabou me ajudando... (inaudível).

Pesquisador: O que te motivou a ser jornalista? Qual é a tua motivação primeira?

Marcelo: Eu tinha muito aquela, a síndrome do criativo né, sempre que o cara é criativo na adolescência fala assim “ah, esse cara tem que ir pra comunicação e tal”. Primeira opção era inicialmente publicidade, mas algo... Não gostava exatamente de publicidade, não sei. Algo... Às vésperas de me inscrever pro vestibular eu... Algo que me fez refletir foi justamente a questão do consumismo. Eu sou justamente o oposto, eu não sinto, até pelas respostas que eu marquei ali⁷² tu vai ver, eu sou uma pessoa que não tem por hábito o consumo, eu não vejo muita necessidade em estar eternamente comprando e fazendo, e querendo me expor de alguma forma através disso. E a publicidade justamente vive de estimular isso nas pessoas. Foi aí que me deu um baque de que talvez o jornalismo fosse mais adequado pra mim, que sempre gostei muito de escrever, sempre gostei muito de história e que por si só o jornalismo também é história em acontecimento, história em tempo real. Então basicamente era também uma forma de eu, claro, soa até pretencioso falar isso, mas fazer parte da história, fazer, ajudar a narrar a história só acontecer. E, claro, todas as questões também de que uma sociedade bem informada é uma sociedade vigilante, uma sociedade mais saudável que tem mais consciência do seu papel enquanto cidadão.

Pesquisador: Bom, essa foi a tua motivação. Hoje, depois de anos de experiência trabalhando no Terra, trabalhando no O Sul e aqui na Zero Hora, tu sentes que o jornalismo é aquilo que tu esperavas? Que fosse te proporcionar, em termos de vivência? Ou se deparou com uma realidade diferente da que tu esperavas? Tem a questão que você falou do consumo, que a publicidade incentiva o consumo. Tu achas que o jornalismo faz isso?

⁷² Marcações no mapeamento de crençário.

Marcelo: Eu acho que faz também. E tem... É um misto de sentimentos, tem aspectos muito positivos e tem aspectos que são evidentemente não tão prazerosos assim. A própria desunião da categoria, o mercado cada vez mais restrito, o próprio desrespeito da atividade jornalística. Ontem teve um jornalista preso no exercício da sua função⁷³ e nem mesmo entre os próprios jornalistas foi possível criar um movimento unido em repúdio a isso. Então, tem... Não é exatamente aquela visão ingênua de “nós podemos mudar o mundo”. Isso evidentemente cai, acho que no primeiro dia que tu começa a frequentar a faculdade, mas eu apesar de tudo isso ainda acho que a gente é todo um processo de transformação, de mudança de modelos de negócios e é esse momento ainda eu não acho assim que, ah o jor (SIC)... Tem muita gente que gosta de profetizar o fim do jornalismo. Tem páginas e páginas dedicadas a isso e eu discordo dessa visão. Eu acho justamente que é um momento que tá florescendo formas alternativas de jornalismo e também uma tomada de consciência de que o jornalista não tá mais falando sozinho. Acho que talvez o principal legado desses anos 2010, inicialmente numa escala do exterior, agora aqui no Brasil desde 2013 pra cá é justamente essa noção de que a sociedade tá... Tá tomando também os meios de se informar. Claro que isso vai fazer, vai fazer cada vez mais necessário ter um trabalho de apuração, de pautar discussões, de fazer uma filtragem nessa miríade de informação que está aí disponível pra todo mundo.

Pesquisador: Qual é a importância que você atribui hoje ao jornalismo, nessa sociedade onde o jornalismo não está mais sozinho como uma voz representativa?

Marcelo: É justamente eu acho que um papel certificador. O jornalismo perdeu um pouco da exclusividade de ser o gatekeeper né. Não... As portas estão escancaradas. Não basta mais simplesmente... Não é só o que sai no grande jornal que vai pautar a discussão da sociedade. Tá cada vez mais invertida essa lógica. O que tá em discussão nas redes, o que tá em discussão nas ruas, enfim, os movimentos é que tá pautando o jornalismo. Mas ainda assim eu acho que é muito emblemática a... muitos casos recentes de, por exemplo, um jovem for espancado, quase morreu porque houve uma denúncia de que ele seria um estupro do T1 e depois verificou-se que nem ele era o estupro, nem havia estupro algum. Enfim, isso é um único caso de vários casos. Tinha um ministro que falava que... “o Brasil está em guerra

⁷³ O repórter gaúcho Matheus Chaparini foi preso pela Brigada Militar no dia 15 de junho de 2016, enquanto realizava cobertura de uma ocupação de estudantes no prédio da Secretaria da Fazenda, em Porto Alegre.

contra o mosquito da dengue” e eu acho que não. O Brasil, o mundo, acho que o principal inimigo é a desinformação e não no sentido de pessoas que estão desinformadas, mas os desinformadores(SIC), que são as pessoas que de forma deliberada, consciente propagam informações que sabidamente são mentiras. E acho que o jornalismo tem que se prestar a um papel de restabelecer a verdade, de garantir que as pessoas... que a informação é chave nesse ponto. Na sociedade da informação basicamente a gente precisa garantir que ela pelo menos seja mais fidedigna possível. Acho que cada vez mais vai se fazer necessário um bom jornalista pra isso.

Pesquisador: Tu achas que o jornalista de hoje, falando de jornalistas tá, ele reproduz fatos ou ele reproduz interpretações do fatos?

Marcelo: Acredito que um bom jornalista sempre tenta buscar de forma mais objetiva possível os fatos, se chegar aos fatos. Claro que isso sempre vai partir de alguma subjetividade, porque enfim, ele é uma pessoa, mas existem vários mecanismos que tu pode chegar pra justamente minorar o impacto da tua subjetividade. Uma delas é garantir que todos os lados sejam ouvidos, não se limitar a um jornalismo declaratório “não sei o que, não sei o que, diz fulano de ta”l. Pronto, tá aí, não preciso checar nada, basta colocar na voz desse sujeito. Isso é algo preguiçoso, desleixado, não é o que se busca de forma ideal. Basicamente é se cercar do máximo de relatos e, claro, chegar ao fundo da questão de factual, assim. Acredito que de maneira geral ainda assim existe uma busca pelo... pela objetividade, pelo fato.

Pesquisador: Quando você edita um material, quando você produz um material, você chega a refletir sobre que emoção aquilo vai causar nas pessoas ou você não leva isso em consideração na hora de editar um material? O que você busca provocar nas pessoas com os materiais que você edita?

Marcelo: O primeiro compromisso é com a informação, é primeiro garantir que a gente não está... está dando a representação mais próxima da realidade e evitar de todas as formas alguma distorção. Vou te dizer que principalmente no ambiente que a gente trabalha, de digital, é muito corrido esse tipo de coisa, a edição. A gente tá editando uma matéria ali e em cinco minutos já está editando outra e é assim sucessivamente. Nem sempre a gente consegue... Nem sempre é tão racional o processo de decisão, do ponto de vista de qual emoção eu pretendo passar pra alguém. Isso não é algo que está em um primeiro plano, pelo menos não no início. A primeira preocupação é com a noticiabilidade, a veracidade dos fatos, se tá de forma clara, se não leva o leitor a um entendimento precipitado do acontecimento, se ela

não... Principalmente vetar um título que não seja corroborado pela informação que está na matéria. A partir disso a gente não... Eu vou te dizer assim de forma bem sincera, não é algo que a gente trabalha de forma cotidiana, numa discussão sobre que tipo... que emoção a gente quer fazer. Até porque isso por muito tempo foi considerado, dentro do jornalismo. Uma matéria que trabalhe excessivamente na carga emocional é considerada uma matéria sensacionalista. A matéria que seja feita de forma a causar esse tipo... uma carga emocional muito forte nas pessoas, é uma matéria que de certa forma pode ser vista como algo apelativo, então a gente sempre tem que dosar de forma bem moderada.

Pesquisador: Você acha que nos títulos, por exemplo, que você constrói, nas chamadas. Você acha que consegue aplicar uma isenção emocional para não deixar que a tua emoção não contamine o conteúdo? Você acha que consegue fazer isso?

Marcelo: Sim (risos). Não saberia dizer se eu consigo. Eu te garanto que isso é uma preocupação constante até pela formação, enfim, de todo jornalista tem essa preocupação de não deixar sua carga emocional influenciar no trabalho. O que pode haver de formulação de frases ou... é tentar, aí sim talvez seja um aspecto danoso, tentar achar algo atrativo, não necessariamente influenciar uma ou outra emoção, mas tornar a chamada atraente para que a pessoa leia. Isso sim é uma preocupação que a gente tem que ter porque por muitos anos - e continua sendo assim - ainda é um dos objetivos do jornalismo como negócio. É audiência, é garantir que seja lido, seja visto, seja clicado pelo maior número de pessoas possível.

Pesquisador: Pela tua experiência, o que tu sentes que atrai mais as pessoas em questão de conteúdo. E que consequências você acredita que o teu trabalho provoca na sociedade em geral?

Marcelo: Esportes de uma maneira geral. Violência. Casos de polícia escabosos (SIC). Algumas expressões interessantes, por exemplo, aqui em Porto Alegre tem algo interessante que é uma atraência (SIC) por assuntos de... micro locais como supermercados, supermercados que vão abrir e tal. Isso é algo que é bem interessante assim. E é algo que eu ainda não consegui entender a lógica por trás delas.

Pesquisador: As pessoas se interessam muito?

Marcelo: Muito. O inusitado, sempre né. Aquela coisa, não quando o cachorro morde o homem, mas quando o homem morde o cachorro isso sim vai ser acessado,

vai ser buscado, justamente pelo resultado assim. Desculpa, eu não me lembro a outra pergunta...

Pesquisador: Qual a consequência que tu esperas do teu trabalho pra sociedade. O que você esperaria que a sociedade tirasse dele? Qual a consequência que você espera mesmo, do tipo “eu estou fazendo porque eu espero que aconteça isso, eu quero que as pessoas leiam e aconteça isso”. O que seria o “isso”?

Marcelo: Aí que tá, de forma geral. Ah, tem outro aspecto também que acabou sendo bem... principalmente no último ano, que é questão política né, escândalos políticos também acabaram ganhando uma dimensão maior nos últimos anos. Toda a situação do país, do estado, mas do ponto de vista do nosso compromisso e do que esperaria das matérias, principalmente tomada de consciência. Eu não acredito exatamente num papel educador da imprensa, mas um papel de exercício de cidadania. Eu acredito que seria o de órgão fiscalizador também. Não tenho a visão romântica de achar que liberdade de imprensa se resume a “faça absolutamente tudo em nome da liberdade de imprensa, noticiem quem vocês quiserem”. Não se trata disso. A liberdade de imprensa é justamente garantir que o jornalista, em seu papel, tenha plena liberdade para fazer a informação chegar ao seu leitor.

Pesquisador: Você tem liberdade pra expor as suas opiniões aqui na Zero Hora?

Marcelo: Sim.

Pesquisador: Você já foi obrigado a fazer algo ou editar de uma maneira com a qual você não concordava por imposição de alguma visão, de alguma linha editoria?

Marcelo: Não.

Pesquisador: Sempre que você editou um conteúdo você estava de acordo?

Marcelo: Aham.

Pesquisador: Isso quer dizer que você nunca fez nada contra a sua vontade aqui dentro?

Marcelo: Não.

Pesquisador: Você é uma pessoa influenciável?

Marcelo: Influenciável?

Pesquisador: É, assim, no sentido de se deixar levar pela opinião de outras pessoas?

Marcelo: Não, não me considero.

Pesquisador: Você se considera uma pessoa com opiniões bem...

Marcelo: Não... Uma vez me apresentado com argumentos que me convençam do contrário eu tenho total humildade de mudar de opinião. Mas não por influência de opinião contrária, mas de argumentos.

Pesquisador: Entendi. O que é felicidade para você? O que te deixa feliz? É algo que você busca no seu dia a dia?

Marcelo: Sem dúvida. Felicidade acho que é paz de espírito.

Pesquisador: Você consegue vivenciar paz de espírito?

Marcelo: Nem sempre (risos). A gente tenta. Claro que não é algo que se consiga todo dia.

Pesquisador: O que te traz paz de espírito?

Marcelo: Estar perto de quem eu gosto. Tranquilidade. Ausência de pressa, principalmente. Dar tempo pras coisas.

Pesquisador: Ausência de pressa te dá paz de espírito e tu vens trabalhar num lugar que os caras vivem te apressando?

Marcelo: (risos) Exato, vai entender né?

Pesquisador: Em que momento você sente raiva? O que te provoca raiva?

Marcelo: Injustiça.

Pesquisador: Injustiça?

Marcelo: Principalmente.

Pesquisador: E você vivencia muita injustiça no teu dia a dia?

Marcelo: A gente noticia todo dia, mas tento não me... não absorver tanto disso, mas é difícil.

Pesquisador: O que te deixa triste?

Marcelo: Às vezes a frustração de ver as coisas se repetirem sem que as injustiças ou tudo o que há de perverso seja revertido.

Pesquisador: Tu consegues lembrar de algum momento que tenha sentido isso? Que situação?

Marcelo: Tristeza?

Pesquisador: É.

Marcelo: Vejo muito no... Quando tu faz alguma aferição de senso comum, assim, uma breve sondagem sobre o pensamento médio do brasileiro ou do porto-alegrense e de como a gente ainda tem... É muito conservador e tem uma visão muito limitada em assuntos. Principalmente de direitos humanos. E isso é algo que de fato me deixa triste, me deixa desesperançoso.

Pesquisador: Como você vê essa polarização de opinião nas redes sociais principalmente. Tantas manifestações de ódio. Como tu percebes isso? Percebe que isso é consequência da internet? Ou a internet só evidenciou algo que estava ali?

Marcelo: Acho que ao mesmo tempo em que as redes sociais potencializaram, todo mundo que tem Facebook, que tem página no Twitter se sente na necessidade de emitir uma opinião sobre tudo e todos. Ao mesmo tempo em que isso teoricamente seria um estímulo à participação cidadã, à democracia de forma geral, isso também cria uma falsa ilusão de que tu está dialogando com as pessoas, que as pessoas na verdade vivem em uma bolha social de pessoas que compartilham dos mesmos ideais que ela. E o primeiro momento que elas são confrontadas com uma visão de mundo diferente, ocorre o conflito, ocorre a troca de ofensas, ocorre crimes, basicamente, ocorre a total falta de empatia. As pessoas não conseguem se colocar no lugar de outras pessoas que tenham a visão de mundo minimamente diferente delas, assim. E isso pra mim é muito sintomático da radicalização que a gente tá vendo de forma geral assim, seja na política, seja nas relações interpessoais, é muito oito ou oitenta, assim. Se tu não age de acordo com alguma... algum rótulo que esperam de ti, tu é automaticamente rotulado do lado oposto. Agente não... perdeu tantas nuances nesse processo que é difícil encontrar uma voz que se proponha de fato a ouvir o outro lado.

Pesquisador: Ao que você atribui essa perda de empatia das pessoas?

Marcelo: Não sei. Eu acho que isso já até é um fenômeno que não se limita ao Brasil, a Porto Alegre. Acho que é algo geral.

Pesquisador: Mas você percebe que isso é uma coisa antiga? Mais recente? Qual é a tua percepção a essa deterioração da empatia?

Marcelo: Não sei, acho que as pessoas por muito tempo foram feitas a acreditar que todos são especiais e todos têm garantidos um lugar ao sol, bastando para isso que se empenhassem. E a partir do momento em que elas não chegam ao sucesso esperado que, enfim, é absolutamente natural, porque... as pessoas automaticamente encontram frustração, e a partir do momento em que elas não tem os próprios desejos

nutridos, elas passam a desconsiderar qualquer possibilidade de que existem outras prioridades que não a satisfação de seus próprios desejos. Existe um... pelo menos é minha visão, assim... que a gente tá numa sociedade cada vez mais individualista, assim. Que a valorização do indivíduo, o culto a... seja o culto ao corpo, o culto a imagem, o próprio uso do Facebook, das redes pra autopromoção, pra criar um personagem de si mesmo, um avatar de felicidade ali. Enfim, existem até estudos mostrando como o Facebook deixa as pessoas mal, por olhar a felicidade alheia que não é real, as pessoas também ali estão infelizes, mas estão todas propagando uma felicidade que não existe, que justamente... como uma forma da autopromoção, de vender o seu peixe, assim. Acho... talvez, chute baseado em absolutamente nada, mas eu acho que muito também dessa falta de empatia é por causa dessa valorização do individualismo, do culto a sua persona, sua...

Pesquisador: Acha que os meios tem alguma influência nesse processo?

Marcelo: Não sei se tanto os meios... É, se levar em conta a publicidade, comunicação de uma forma geral, é... é possível. É possível, porque de toda forma é um estímulo a toda... várias marcas se valorizam nessa... nesse tipo de ideia de vender “seja você essa pessoa, seja você alguém”. Então, acho plausível.

Pesquisador: Mais duas perguntas e a gente finalizar, tá? Primeira delas: Estamos passando por um processo político bastante conturbado, qual é a tua posição sobre esse processo? O que tu enxergas dele? O que tu percebes? É impeachment? É golpe? E tu consegues retratar o que tu considera a verdade sobre esses fatos políticos na empresa onde tu trabalhas?

Marcelo: Antes de te responder isso devo te alertar que é contra a ... tem os princípios éticos da empresa... é qualquer posicionamento político. Então, só... qualquer posicionamento político...

Pesquisador: Da empresa ou do jornalista?

Marcelo: Do jornalista. Não de forma proibida, mas o jornalista deve evitar qualquer manifestação pública política ou vinculação partidária. Até de forma a garantir, garantir não, de forma a resguardar a independência da empresa... do jornalista e consequentemente da empresa. Por isso te pergunto, essa parte do questionário também é...

Pesquisador: É mais uma questão de saber como tu, enquanto construtor das notícias, como tu enxergas o processo. É uma pessoa que, bem ou mal, tem acesso a informações que a maioria do público não tem, né? E saber se tu

consegues colocar tudo aquilo que tu apura ou se existe algum direcionamento. Pra saber, a partir daquilo que tu apuras, qual percepção de verdade que tu tens e se tu consegue colocar isso.

Marcelo: Acho que não é segredo nenhum que o processo, a crise política que se instaurou, o próprio processo de impeachment é um julgamento sim, mas é um julgamento de certa forma, político. E isso é um dos principais pontos de divergência entre quem diz que é legal e quem diz que é golpe. As pessoas dizem “não, o impeachment está previsto na constituição” Sim, não é isso que é discutido. O que é discutido é que um impeachment sem base legal, sem que se aponte um ato... um crime de responsabilidade com um ato doloso falando, no caso, do chefe do executivo, ele é... não é exatamente um golpe, mas ele é uma forma de desvirtuar e, de toda forma, é bastante preocupante no Brasil a gente esteja passando mais uma vez por um processo de destituição do presidente nessa história recente. São poucos os presidentes que conseguem terminar o seu mandato. E uma coisa é clara, a presidente perdeu toda a base de apoio dela no congresso, ela foi eleita com um discurso de resgate da esquerda, terminou a eleição, apesar de uma eleição duríssima, ela ainda assim tinha conquistado mais da metade dos votos, tinha conquistado a maioria, e passado os primeiros dias de governo ela... o principal esforço dela era justamente adotar o discurso do derrotado. As urnas já tinham sido bem claras que o discurso vencedor era de resgate da esquerda, de valorização dos programas sociais. E a partir do momento que ela já tinha 49% dos eleitores... 49 não, 47, 46 dos eleitores que rejeitavam, de acordo a... ela tentou a todo custo conquistar esses 46 abrindo mão de 54 que tinha de fato eleito ela. E isso ela perdeu em pouco tempo o resto de base que restava a ela. Ela não só perdeu apoio no congresso, ela perdeu apoio nas ruas. E é isso pra mim que é o principal lado favorável ao impeachment... é isso, ela não tinha mais governabilidade. Inclusive isso foi usado na campanha dela pra atacar a Marina Silva. Tinha até uma peça bem memorável feita pelo João Santana, que tá preso, que falava justamente “Marina Silva, se ela for eleita ela não vai ter nenhuma base. As outras vezes que isso aconteceu...” aí mostrava, era o Jânio, mostrava o Collor. E aconteceu exatamente a mesma coisa com a Dilma, perdeu a base. Só que muito disso porque, porque ela se aliou ao que justamente o que há de mais retrógrado na política brasileira, que são as pessoas que comandam desde sempre. E, de certa forma, o governo dela e todos os demais são reféns desse grupo que é o que hoje já tá sendo reconhecido como o famoso centrão. São pessoas que, de alguma forma, encontraram

no impeachment uma forma de tentar barrar o avanço das investigações da Lava Jato e estancar a crise. Restringir a sangria a algum grupo específico. E eu acho que isso é o que tá em principal discussão agora. Que é justamente a instabilidade política de tu ter de um lado uma presidente que abdicou de sua legitimidade, ela podia ter feito um governo totalmente... podia ter sido tudo diferente, bastava que ela tivesse se mantido coerente com o discurso de vitória. E, do outro, tem um governo interino sem legitimidade e já tendo que responder por uma sucessão de escândalos que, bem ou mal, são dele. São próprio dele e que remontam algum indício bem forte de que houve alguma conspiração pra segurar... pra segurar a Lava Jato.

Pesquisador: Tu achas que a Zero Hora consegue passar isso?

Marcelo: Acho que sim. Acho que é o objetivo, pelo menos. A gente evita...

Pesquisador: Essa maneira como tu estás colocando as coisas. Você colocou vários aspectos desse governo. Existe uma conspiração, mas existe também um lado político não acertado, incoerente da parte dela. Mas existe um governo que tá ilegítimo. Tu achas que a Zero Hora consegue passar esses cenários adiante?

Marcelo: Eu acho que em parte, de forma sempre tentando o máximo de objetividade possível. É claro que muito da minha análise também tem por base fatos e tem por base minhas interpretações de fatos. E essas interpretações, por mais que sejam válidas em uma conversa que... elas têm vários riscos. Se tu colocar uma interpretação dessas numa página de um jornal ou numa página de site sem a devida comprovação comprobatória. E eu acho que assim, no que tem de conjunto de evidencias que foram já exploradas, muito de reportagens analíticas, de contexto, eu acho que sim. Acredito que se tenta botar tanto o lado do enfraquecimento político, quanto um movimento de acordo para salvar determinados grupos. Acho que isso, de uma maneira geral, é possível enxergar.

Pesquisador: Pra finalizar, o que te deixa com medo?

Marcelo: Com medo?

Pesquisador: É.

Marcelo: Eu acho que insegurança com relação a futuro. Não do ponto de vista de criminalidade especificamente, mas de falta de perspectiva concreta em relação a futuro assim, não saber exatamente, no longo prazo, em 5, 10 anos, o que que exatamente vai fazer. E isso é um pouco preocupante. Justamente por a gente estar num momento de instabilidade da profissão, instabilidade também política, instabilidade

também, de certa forma, social. De não conseguir traçar um panorama, um prognóstico, pelo menos médio prazo. Isso é o mais difícil.

Pesquisador: Você acha que o Brasil corre risco de sofrer uma nova ditadura, por exemplo?

Marcelo: Militar, dos moldes que a gente viu, não. Mas uma ruptura institucional do ponto de vista de um grande acordo de alguns setores da sociedade eu encaro assim... já tive mais medo disso, mas ainda acho que é uma possibilidade a ser encarada com alguma preocupação

Pesquisador: O que te tranquilizou um pouco? Porque tu disse que já sentiu mais medo disso.

Marcelo: A constatação de que não fomos silenciados. Tipo, passado o primeiro... primeira fase do impeachment, porque a presidente está afastada temporariamente 180 dias, passado isso a imprensa não se calou. E isso pra mim é o que diferencia, e é o que também pesa contra aqueles... quem faz o discurso de que se trata de um golpe comparando com 64 porque naquela ocasião de fato tinha vários setores da imprensa dispostos a dar legitimidade ao regime. E esse movimento eu não enxergo agora. E enxergo ainda uma imprensa, de uma forma cética em relação ao que pode sair de um governo interino e não tirou o pé do acelerador, assim, em relação às apurações, às denúncias, aos questionamentos, à fiscalização do governo. E acho que isso, de certa forma, me tranquilizou. Não 100%, mas ainda assim.

APÊNDICE L - Transcrição de entrevista com Rafael Balsemão, editor assistente em Zero Hora Digital, realizada em 16/06/2016

Pesquisador: No que consiste o teu trabalho?

Rafael Balsemão: O trabalho principal é editar as matérias do site, né, os processos... coordenar os processos, enfim. É esse mais ou menos o meu trabalho. Eu fico aqui no período da tarde. Enfim, acho que é isso.

Pesquisador: Você define as pautas?

Rafael: Mais ou menos. Na verdade assim, a gente tem uma pessoa que ela é... são os produtores, né, que são os que definem a pauta do dia e que definem o que cada repórter vai fazer. Mas a minha função é mais ou menos ir coordenando... ir vendo o que tá acontecendo ao longo do dia e ir dando encaminhamentos para esses repórteres que estão produzindo e, se surgir alguma nova demanda, é mudar o rumo, às vezes, enfim. Trabalho bem diretamente com esse produtor “ah, precisa de alguém pra fazer isso, precisa de alguém para fazer aquilo e tal”. É mais ou menos isso.

Pesquisador: Você trabalha há quanto tempo como jornalista?

Rafael: Eu trabalho... (pausa longa de pensamento) 2002...

Pesquisador: Você se formou em 2002?

Rafael: Não, me formei em 2003, mas em redação é desde 2002 que eu trabalho.

Pesquisador: É, dá um 14 anos, quase isso.

Rafael: 14 anos, é, isso.

Pesquisador: Você se formou aonde?

Rafael: Na UFRGS, na Fabico.

Pesquisador: Porque você se tornou comunicador? O que te motivou?

Rafael: Na verdade, assim, eu fiz Direito antes de fazer jornalismo. Eu fiz três semestres de Direito. Estava insatisfeito com o curso, assim, mas sem saber muito o que eu queria, quando eu fui pro jornalismo. E aí eu fiz vestibular, fui chamad(sic)... não passei, quando fui chamado foi naquelas últimas chamadas. Aí eu tava no quarto semestre de direito já matriculado na UFRGS também, aí me chamaram naquelas últimas listas assim. E aí eu fui digo “ah, não vou perder a vaga do direito mesmo, vou ver qual é que é do jornalismo”. Aí eu super me encontrei lá, acho que tinha tudo a ver. Me identifiquei muito com os meus colegas. Acho que foi muito legal essa parte e

também desde o primeiro ano eu comecei a trabalhar numa redação, que foi em 2002. Me senti muito identificado, enfim, com o trabalho. Claro, além disso eu sempre gostei de escrever, de ler, essa questão sempre teve a ver com a minha vida, assim. Mais ou menos isso.

Pesquisador: O que te motiva a fazer o teu trabalho e qual a importância que tu atribuis a ele para a sociedade?

Rafael: O que me motiva a fazer o meu trabalho é (pausa longa). Eu acho que na verdade assim (pausa). É que não sei se vai te ajudar muito nesse detalhe. Na verdade, eu morei em São Paulo até o ano passado né, e a minha sensação muito era de que eu queria fazer outras coisas da minha vida, não mais... não tinha mais a ver com jornalismo assim, eu trabalhei...

Pesquisador: Por isso que tu foste pra São Paulo?

Rafael: Não não, eu fui... É eu fui pra... Na verdade assim, eu já trabalhei aqui em Porto Alegre, eu trabalhei, comecei no Jornal do Comercio, trabalhei no Correio do Povo, trabalhei no Terra. Aí do Terra fui transferido pra São Paulo, depois eu trabalhei na Folha de São Paulo lá. Eu trabalhei... Aí depois trabalhei no Glamurama, trabalhei em outro site, trabalhei na Turner que é... concentra CNN, Warner, TNT num site lá de entretenimento, cinema e tal. Eu tinha uma sensação muito de que a minha relação com o jornalismo já tinha chegado ao fim. E não foi uma sensação de frustração assim, tinha uma sensação de que tinha feito tudo o que eu queria fazer. Eu tinha uma vontade muito grande de ter trabalhado na Folha de São Paulo e consegui, foi muito legal e tal. Então, mais ou menos foi isso. Então, enfim, o site que eu trabalhava lá ele acabou. Eu acabei vindo pra cá meio que por acaso assim. Eu faço letras agora na UFRGS também. A graduação. E... porque eu ia fazer lá em São Paulo e eu perdi a inscrição do vestibular. Por outros fatores, enfim. E no semestre passado, no ano passado eu comecei a trabalhar numa agência de publicidade. Não tava gostando. Não me identifiquei muito. Os processos, enfim. E já tava fazendo letras e aí surgiu a oportunidade de vir aqui pra Zero Hora, assim. Vim até um pouco reticente. Eu ia embora... eu ia morar em Berlim. Tava com passagem comprada. Mas achei muito legal aqui, a estrutura. Eu tinha... a minha impressão era “ah, eu trabalhei na Folha de São Paulo, vou trabalhar na Zero Hora, um jornal que é... tudo bem, é grande, mas é um pouco menor assim e tal”. Então achei trabalhar aqui muito bacana, acho que tem colegas muito bons, acho que chefes muito bons que me fizeram crescer. Me deram um novo folego de ver o jornalismo. E acho que, enfim, eu acho que a gente faz coisas

muito legais aqui e eu consigo uma experiência... eu consigo ajudar meus colegas, ajudar no que é feito e é isso. Aí quanto ao meu papel pra sociedade...

Pesquisador: A importância que tu atribui ao teu trabalho em frente...

Rafael: Eu não sei. É complicado assim, porque eu acho que o jeito como a sociedade enxerga os jornais, os meios de comunicação, cada vez mais descrente, eu acho, né. E cada vez as pessoas talvez deem a devida importância. Não sei. Não sei. Acho que tanta coisa legal que é feita, na avaliação e as pessoas não valorizam. Enfim, eu não sei explicar muito bem, mas não sei se as pessoas... acho que tem coisas muito legais que as pessoas poderiam aproveitar, mas talvez não aproveitem tanto assim. Talvez por uma descrença no jornalismo e tal, enfim.

Essa descrença das pessoas que você sente, você atribuiria ao que? Porque você acha que isso aconteceu?

Rafael: é complexa essa pergunta, mas é... eu não sei, acho que teve uma pulverização das informações. Muita informação por todos os lados e tal. Eu acho que um tempo atrás Zero Hora era muito mais importante como o único lugar que tu conseguia informação legal, importante. Acho que com a internet tem muito mais coisas. Não sei, acho que houve um descrédito, talvez, uns anos atrás as pessoas... Não sei, talvez não saiba fazer a leitura correta. Não sei explicar muito bem porque a minha impressão é que tem muita coisa boa aqui, mas as pessoas já antes de conhecerem elas já rejeitam. Um pouco. Não sei se responde um pouco a tua pergunta.

Pesquisador: Eu tenho essa sensação de que as pessoas também criaram uma resistência. A minha dificuldade é entender o porquê isso aconteceu...

Rafael: Por exemplo assim, acho que as pessoas tão muito..., percebo só agora com as redes sociais, as pessoas tão muito é... tem uma opinião e tem uma dificuldade de mudar, entendeu? Assim, muito grande, eu acho. Sensação que as pessoas têm a sua opinião e não conseguem refletir mais e mudar de opinião, talvez. Por exemplo, a gente, aqui no jornal recebeu muita crítica, na época do... não só o jornal, né... quando teve os atentados em Paris “ah, tá rolando lá Paris e teve a tragédia em Mariana e ninguém dá bola nisso” Aí o jornal investiu, mandou um repórter pra cobrir Mariana, fez um trabalho espetacular e as pessoas não clicavam no site pra ver, pra ler Mariana, e a matéria não repercutiu como talvez, se tu fosse pensar. Então, assim, querem criticar por criticar, entender. Então, acho que nesse sentido eu acho que é... muitas... não sei... a sociedade não consegue, talvez... acho que os grupos também não entendem o

papel, a importância como... ou mesmo vê como pode ajudar nessas questões, enfim... acho que tem uma sensação assim. Enfim, não sei se te ajudei muito.

Pesquisador: Ajudou sim. Existe esse fenômeno de as pessoas estarem em polarizações muito fortes de opinião. O fato de as redes sociais possibilitarem manifestos disso. Tu acreditas que isso dificultou o trabalho do jornalista, o seu propósito? E qual o propósito do jornalismo pra ti, nesse cenário onde as pessoas estão mais resistentes, estão mais conflituosas. Que papel você atribui ao jornalismo?

Rafael: Eu acho que é papel do jornalismo o mesmo, cada vez mais, ampliar mais e discutir as grandes questões que... pra todo mundo assim, mas eu acho que cada vez mais é uma dificuldade de chegar nas pessoas. As pessoas, elas tão... elas tem uma opinião e tipo... ah, não é o que elas pensam elas já descartam, entendeu? Elas não conseguem se abrir pros meios de comunicação, pros jornais e tal, pra tentar refletir e tal. Falta uma reflexão, eu acho, das pessoas. É que eu acho que essa reflexão existe aqui dentro, sabe... enfim. Não sei, acho que nesse... sabe. Acho que as pessoas estão com dificuldades de refletir, parar pra pensar, tentar entender como tá acontecendo. As pessoas têm uma visão muito fechada e “ah, tipo, se é a Zero Hora... Que a Zero Hora que...” Um exemplo, a Rosane de Oliveira é xingada de reacionária e de petista ao mesmo tempo, assim. Então é uma coisa muito louca, entendeu?

Pesquisador: Cada lado enxerga ela de um jeito...

Rafael: É, então... então tu enxerga só o que tu quer. Então acho que tem essa questão, assim. Tem essa impressão.

Pesquisador: Por falar em “enxergar o que se quer”, você acredita que você comunica fatos ou até mesmo você, jornalista, comunica interpretações de fatos?

Rafael: Acho que são as duas coisas. Eu acho que tanto uma quanto... assim... A gente começa comunicando um fala, mas depois a gente dá a interpretação. Acho que são as duas coisas. Acho que isso não... Interpretação sempre existiu no jornalismo. Eu acho que o jornalismo que não tenta dar uma interpretação, acho que ele perde seu valor, assim.

Pesquisador: Essa interpretação, especificamente falando de Zero Hora, você consegue identificar alguma linha editorial na Zero Hora que a diferencie de outros veículos pelos quais você já passou? Nessa interpretação dos fatos? Se você enxerga, que características você atribui a isso?

Rafael: É que eu acho que existe duas coisas. Existe... Talvez as pessoas não consigam separar que é... existe a opinião, que é uma coisa que tá bem definida dentro do jornal, que o jornal tem seus colunistas, com suas opiniões e tal. E tem as reportagens, enfim. E tem um método, né. O método jornalismo. A objetividade como método que eu acho que... enfim...

Pesquisador: Você acha que quando você objetiva, você consegue se distanciar, por exemplo, emocionalmente, de um fato?

Rafael: É que tem... são dois conceitos né. Um da parcialidade e da imparcialidade, que eu acho que não existe. Entendeu, isso não existe. Eu acho que essa distância ela... enfim, mas existe jornalismo como método que é objetividade, que não tem nada a ver com ser objetivo ou não, entendeu? Que é, escutar os dois lados, tentar ver todos os ângulos e tal. A minha sensação é que aqui isso existe, entendeu? Acho que... enfim.... Principalmente na reportagem que é onde tem que ter, enfim, não é opinião.

Pesquisador: Você provavelmente já leu os seus próprios conteúdos, aquilo que você editou... algum colega escreveu e você modificou, enfim. Se você fosse selecionar uma emoção que vem quando você lê o seu próprio conteúdo, que emoção seria essa?

Rafael: Como assim o meu próprio conteúdo? O conteúdo dos repórteres ou o que eu escrevo?

Pesquisador: O que você escreve ou o que você edita. Aquilo que você edita e que muda, talvez, o significado de um material. Mas a construção simbólica que você faz quando você lê um material que sai das suas mãos. Seja um material exclusivamente seu ou construído em conjunto com outras pessoas.

Rafael: Eu não sei... acho que não consigo... acho que como a gente... como a gente lida com essa notícia há tanto tempo, acho que a gente tenta ser o mais frio possível no trabalho. Eu não consigo sentir emoções, assim. Claro. Tem uma hora ou outra, tem matérias que te pegam e tal, mas elas são esporádicas, assim... não sinto uma emoção assim. Não sei. Não sei explicar. E mesmo, por exemplo, quando eu fiz uma matéria... eu não sou repórter, né, mas vez ou outra eu faço reportagens aqui. É... fiz uma matéria longa que eu, por exemplo, fiquei um mês só andando de bicicleta pra mostrar como é a vida de ciclista. Eu não peguei ônibus, não peguei táxi, nada assim. A sensação, acho que... durante o processo foi meio que até de um esgotamento assim, por cansaço de estar com o tema há tanto tempo, assim. De conseguir só

enxergar o que eu estava fazendo e ver uma emoção assim, foi depois de pronta que consegui tirar aqui. É mais como um ofício mesmo, eu não sei. Acho que a maior parte do tempo é uma coisa... sensação meio fria... de ser frio com o conteúdo.

Pesquisador: Pessoalmente tu consegues manter um distanciamento?

Rafael: Claro, tem questões pontuais que tu não tem como manter... Sei lá... acho que... a questão do estupro coletivo⁷⁴, eu acho que mexeu com todo mundo, com a sociedade, mexeu com a gente também. Acho que aí tem alguns momentos que tu não consegue manter essa total frieza que é o ideal pra fazer um trabalho bom e bem feito, sem usar tanto a tua emoção, assim. Eu acho que, principalmente, o trabalho de editor. Acho que quando tu te coloca como repórter, é melhor tu colocar a tua emoção, ser mais... liberar um pouco mais, assim. Porque aí tem alguém que vai te ler e achar que talvez tu tenha passado um pouco do limite, enfim.. A emoção está mais no repórter do que no editor, assim.

Pesquisador: Qual o teu objetivo em comunicar o que tu comunicas hoje? Um pensamento mais abrangente sobre as coisas que tu constrói como notícia. Qual é o teu objetivo em fazer o que fazes? O que tu esperas alcançar fazendo o que fazes?

Rafael: Eu acho que em primeiro lugar tentar ampliar os horizontes das pessoas, tentar abrir a cabeça das pessoas um pouco mais. Acho que nesse sentido. Num primeiro momento. Acho que num segundo é fazer a coisa melh(sic)... assim mais bonita né. No sentido de ah, escolher a melhor foto, de fazer um texto mais legal e tal, vídeos que causem algum impacto nas pessoas, assim. Acho que um objetivo de sempre é ampliar os horizontes das pessoas. Acho que nesse sentido.

Pesquisador: Você acha que está tendo sucesso nisso?

Rafael: Não sei, não sei te dizer porque a gente... é muito... a primeira reação que vem são os comentários nas matérias e nas redes sociais, que eu acho que é uma coisa muito complicada de lidar hoje em dia. Porque tu não sabe ah, se... quem... quem gostou tá se manifestando, não tá se manifestando. Quem tá se manifestando são só pessoas de posições muito dos extremos, assim... enfim, eu não sei te dizer, assim. Por exemplo, eu posso te falar de coisas específicas, de matérias específicas, mas no geral eu não consigo te responder essa pergunta.

⁷⁴ Referência ao caso de uma adolescente estuprada no Rio de Janeiro que ganhou repercussão nacional após um vídeo com cenas do crime terem viralizado na internet.

Pesquisador: Quando você pensa em uma pauta, quando você vai construir uma notícia, existe reflexão sobre qual emoção a pessoa que vai consumir aquilo vai sentir?

Rafael: Construção da pauta?

Pesquisador: É, ou da notícia mesmo. Ah vou colocar essa manchete porque isso vai provocar tal emoção e tal...

Rafael: Ah, eu acho que depende muito assim. Eu acho que nosso caso ali, que a gente trabalha na editoria de notícias que é o hard news, mais política e economia, não tem tanto isso assim. Eu acho que seria uma coisa mais da emoção pra quem trabalha com o Sua Vida ou no caderno com as matérias maiores e tal. Assim, a gente não tem essa preocupação ah... sei lá... falando do processo de cassação do Cunha, impeachment da Dilma. Eu acho que a gente tem menos emoção, acho que é melhor nesse caso, assim. Ah, diferente de quando tu vai contar uma história mais... sei lá... histórias de vida, histórias... aí é diferente. Que não é o que a gente trabalha tanto. Que foi o que eu fiz nessa matéria do ciclismo que é outra questão, mas eu tava em outra posição também, que era repórter. Que aí eu acho que tu tem mais o direito de se emocionar mais, de colocar tua emoção melhor ali no texto.

Pesquisador: Você tem liberdade de expor suas opiniões aqui na Zero Hora? Você sente que pode expor livremente aquilo que você pensa?

Rafael: Totalmente. Não me sinto... Assim... Nunca me senti tolhido, nada assim.

Pesquisador: Você já teve que construir algum conteúdo com o qual não concordava muito?

Rafael: (pausa) Não. (pausa longa) Não me lembro de nada. Tipo...

Pesquisador: Ah, tipo, por exemplo: O pessoal do Correio, por exemplo, um dos editores me disse assim “a questão dos brigadianos que derem o tiro, o vídeo aquele em frente ao Cristo redentor”. E a dúvida deles era “vamos colocar o vídeo ou não?”. Na opinião do cara o vídeo não deveria ser colocado, mas uma maioria decidiu que sim e ele se sentiu constrangido...

Rafael: Não, acho que não. Acho que isso nunca aconteceu. É...

Pesquisador: Nunca aconteceu nada que tenha te deixado um pouco contrariado?

Rafael: Não não. Assim... Não. Acho que, muito contrariado não. Deve existir coisas do dia-a-dia, mas eu não consigo te lembrar um fato assim. Coisas normais de

dia, sim. Mas acho que... não sei... acho que essa questão ali é uma questão de discutir muito, de conversar muito.

Pesquisador: Uma decisão editorial é tomada em cima de consenso?

Rafael: É, uma discussão coletiva e sempre ser escutado. Respondendo até um pouco mais a tua pergunta anterior. Nunca me senti acuado, de não poder falar nada. Desde o primeiro momento que eu cheguei assim. Até porque, te falo isso, porque como eu tinha essa sensação de que eu tinha feito tudo eu “ah, qualquer momento que eu precisar sair, assim, eu saio” entendeu? Então, não sei, nunca... assim, até hoje nunca aconteceu, assim. Não sei como seria isso talvez com os colunistas. Não sei como poderia ser isso.

Pesquisador: Eu ia te perguntar isso, porque geralmente, pelo menos em manifestações que eu tenho acompanhado e tal. Claro que tem gente que... os esquerdistas dizem que a Zero Hora é uma mídia golpista e o pessoal mais da direita diz que a Zero Hora é petista. Os extremos sempre dizem. Como tu te sentes vendo essas manifestações?

Rafael: Eu acho que... eu acho que... eu acho que o que a gente faz aqui também é muito o reflexo da sociedade, eu acho. Tipo o exemplo que eu te dei de Mariana, entendeu? A gente foi lá, fez uma matéria e foi ignorada, assim. Então a gente não vai também ficar fazendo matérias pra ninguém, né? E um outro exemplo, teve uma manifestação lá, depois na Casa de Cultura. Uma colega nossa chegou lá e aí uma... acho que foi uma feminista lá do movimento disse assim “o que que tu tá fazendo aqui tu é da Zero Hora”. E aí uma colega mais experiente disse assim: “olha, eu sou mulher, que nem vocês. Também sou contra a cultura do estupro e tô aqui pra cobrir”. Então assim, o jornal tá dando espaço pra um movimento e tal e o movimento trata o jornal de uma forma... então eu acho, eu não sei. Eu não consigo... Eu acho que as pessoas estão muito cegas. É uma impressão assim... eu acho que a... acho que os grandes veículos precisam... devem ser criticados e tem muita coisa pra criticar, mas acho que a crítica é mal feita. Acho que as pessoas não conhecem, não sabem o que elas estão criticando.

Pesquisador: Você como um construtor de notícias, que tem acesso a informações que a maioria das pessoas talvez não tenham, talvez por ignorância ou por não saberem onde procurar, você está presenciando um momento político, econômico do país muito complicado e de um ponto de vista, vamos considerar assim, um pouco mais privilegiando do que as outras pessoas. Sem

querer saber a tua opinião política, se você é de esquerda ou de direita, isso não me interessa. Mas, qual é a leitura que você faz desse momento político. A gente viveu um processo de impeachment, agora existe um governo interino. Qual é a tua visão sobre isso. O que que os elementos que te chegaram te dizem a respeito de tudo isso? Conseguiu formar uma opinião sobre isso? Como você enxerga?

Rafael: É, na verdade assim. Eu te falei que eu estudo letras, a gente fez uma oficina pra uma escola. Não foi essas oficinas das escolas ocupadas... foi um trabalho de faculdade que o tema era notícia e como ler uma reportagem para crianças e tal. É muito complexo o ano que a gente tá vivendo, assim... eu acho que... eu não sei... eu acho que... e aí meus colegas do grupo que, enfim... que eu acabei... são pessoas que eu fui conhecer pra fazer esse trabalho e tal... também com essa mesma visão assim... é... e aí chegou um momento que a gente falou assim: “a gente vai falar de impeachment, mas aí o que que a gente vai falar”... então eu acho que... não sei... não sei o que te dizer... tem que ter muita cautela e muito... muito estudo do que acontecer, sem chegar e dizer... já ir pra um lado e abraçar, entendeu. Porque é muito complexo, digamos assim. A corrupção tu vê que tá em todos os partidos, entendeu? Então... eu não sei, eu acho que é difícil... eu não sei exatamente qual é a tua pergunta. A minha visão é que a gente tá num momento muito complexo e que a gente não pode chegar e já dar uma opinião de cara assim, sair defendendo ela e gritando sem... eu acho que falta essa reflexão.

Pesquisador: Defendendo ela no caso a Dilma? Ou a visão?

Rafael: Tanto faz. Ou a favor ou contra, assim. Com... totalmente entregue pra qualquer um dos lados, assim. Porque tá tudo muito complexo, assim.

Pesquisador: Falando especificamente do processo de impeachment, tem um lado que diz que houve uma ruptura institucional nesse processo e tem o outro lado que diz que não, que foi um processo legítimo, que aconteceu dentro de uma legalidade frente a supostos crimes que ela (Dilma) teria cometido. Diante dos fatos que você tem, dos elementos que você tem, nessa posição. Você ainda tem alguma dúvida sobre que lado tem mais argumentos ou os mais...

Rafael: Eu acho que... é... eu acho que... enfim... por ser jornalista e por estudar Letras também eu acho que tem que tomar muito cuidado com as palavras do que é dito, assim. A gente não... quem diz que foi um golpe tem todos os elementos pra defender isso também, entendeu? Mas não pode dizer que foi um golpe mili... (SIC)

como um golpe... não foi... mas não é a mesma coisa que 64. É outra história, entendeu? De que forma tu vai colocar que foi um golpe? Acho que isso é muito importante. Aí tem outras pessoas que o colocam como uma inabilidade política da Dilma. É uma questão também, então... Existe a questão da traição né, das pessoas que tavam com ela e... eu acho que são muito lados e tu pode defender o teu ponto de vista de várias maneiras. Eu acho que todos eles talvez façam sentido. O que me incomoda, eu acho, às vezes, é a forma como as pessoas defendem os seus lados, assim. Eu acho que às vezes os argumentos não são os melhores, entendeu? Que eu acho que talvez, voltando um pouco a tua pergunta de antes, é a nossa função aqui: tentar abrir mais a cabeça das pessoas, entendeu?

Pesquisador: Você acha que o que acontece talvez seja uma discussão muito no campo emocional e pouco no campo racional?

Rafael: Eu acho que sim, eu acho que muito, assim. Eu acho que as pessoas estão com as suas ideias, tão defendendo elas até o último momento, sem escutar o que tá acontecendo, entendeu? Eu acho que não é uma coisa ou outra. E como eu sou a favor de, enfim, de...ah, de se estudar, de... é um momento muito recente e a gente não pode dizer exatamente o que aconteceu. A gente tá estudando processos de... acho que talvez agora esteja mais amadurecido o que aconteceu na época do Collor, talvez. Ter acontecido agora tu não pode chegar e dizer “foi isso”, entendeu? A gente tem opinião, a gente tem jornalismo, mas certeza dos fatos, né... enfim. Eu acho que as pistas tão dadas, tão todas aí, mas... não sei... acho que é muito mais complexo do que como as pessoas colocam, dos dois lados, assim. Eu acho que tem uma tendência a simplificar e acho que tem um pouco a ver com o que tu falou de emoção, assim. Tu usa como tu quer, assim, tu pode redirecionar como tu quiser as coisas.

Pesquisador: Saindo um pouco da questão política, indo um pouco mais para o teu emocional mesmo. O que te deixa feliz, hoje?

Rafael: Em tudo ou no jornalismo?

Pesquisador: Em tudo, assim, na tua vida. Você é um jornalista, você trabalha com jornalismo, mas não só com isso. Até porque, no trabalho do jornalista, “a boa notícia é a má notícia”. Às vezes o cara faz um bom trabalho, mas não fica feliz com ele...

Rafael: Na verdade assim, eu me sinto muito bem aqui, no jornal. Eu acho que tem dias que são dias normais de trabalho, dias pesados e tal, mas eu fico muito feliz quando começo meu trabalho aqui, mesmo, assim. Tipo, exemplo quando eu consegui

fazer essa matéria, que eu consegui sair da minha... do que eu faço todo dia e tal. Eu fico feliz quando eu consigo ajudar um repórter, assim, tipo, de virar uma matéria especial, de... comecei muito novo e acho que virei editor muito novo, sabe, então..

Pesquisador: Tu estás com quantos anos agora?

Rafael: Trinta e seis. Enfim, acho que hoje eu me sinto mais preparado pra ajudar os repórteres que são mais novos e tal. Eu fico muito feliz de poder ajudar, de poder transformar uma matéria mesmo, assim.. que eu acho que há cinco anos eu não conseguia fazer isso, sabe. Eu tava lá, tava fazendo a máquina funcionar, mas era muito diferente o meu papel, sabe. Eu acho que hoje eu consigo... fico muito feliz), falando de jornalismo, de ajudar as pessoas, de ajudar os repórteres que tão começando e de fazer coisas pra mim mesmo, reportagens legais e tal. Acho que tem essa questão no meu trabalho. Bom, faço Letras. Eu amo o curso, Tô adorando, assim. Então é... imagina, trinta e seis anos, né. Acordo cedo, pego o D43 pra ir pro campus do Vale, lotado assim, mas tem valido a pena. Sou muito feliz nesse curso. É... de continuar descobrindo o mundo, de continuar, né, com leituras com aulas muito legais. Tenho professores incríveis. Tô no terceiro semestre, desde o primeiro semestre de... isso me deixa muito, muito feliz, assim. Ao mesmo tempo que me deixa cansado, né... é cansativa essa jornada dupla, assim. Então tem muitas coisas aqui, da minha faculdade que tá valendo muito a pena, apesar de todo esforço que eu tenho que fazer. E aí tem as emoções mais, tipo, de felicidade, assim de... ah, eu joga vôlei então, é sempre bom. Sempre bom quando joga campeonatos e tal, então... enfim, essas coisas, assim. Não sei, tipo...

Pesquisador: Em que momento você sente raiva? O que lhe provoca raiva?

Rafael: É... Eu acho que tem um pouco essa intransigência das pessoas, assim... lendo comentários de Facebook de matérias. Essa coisa extremista me deixa com muita raiva e em alguns... é... nas opiniões muito, talvez, radicais, assim, sem embasamento. Isso me deixa um pouco com raiva. Eu acho que... Tanto aqui como fora, eu acho que essa questão das redes sociais deu uma perturbada boa nas redações...

Pesquisador: Tu consegues lembrar de algum episódio onde isso tenha acontecido e o que especificamente...

Rafael: Acho que sim, acho que teve duas coisas, eu acho, que... uma prima minha bem... que não é próxima, assim, na época que tava rolando a discussão sobre o estupro coletivo lá... publicou um texto “porque sou machista”. Aquilo me deixou

muito... Pensei “o que que é isso? Uma mulher compartilhando isso? Ela não tá entendendo o que tá acontecendo? Não tá entendendo a discussão? O que ela tá pensando? O que que tá...”. E ao mesmo tempo a minha madrasta que teoricamente é uma pessoa esclarecida e tal foi lá e compartilhou e ela é uma pessoa que vota na esquerda, que foi contra o impeachment e aí ela compartilha um post que diz “porque sou machista”. Então parece, tipo, “não tá entendendo nada, assim”. Eu digo “tu não entendeu o que tá acontecendo, sabe”. Então eu acho que, não sei. Acho que...

Pesquisador: Isso te deixou com raiva?

Rafael: Fiquei com raiva, sim. Tipo assim... pegar e... de falar com meu pai “mas o que que ela tá compartilhando isso”, sabe, “o que que tá acontecendo..”.

Pesquisador: Tu chegou a falar com o teu pai?

Rafael: Não não, não falei, mas...

Pesquisador: Mas pensou?

Rafael: Pensei, assim. E nesse próprio trabalho da faculdade que eu fiz, assim, com os meus colegas, assim. Claro, eu tava numa posição... foi engraçado porque esse tema “o que é notícia, não sei o que” não foi... exatamente, eu não queria falar sobre... Em nenhum momento eu quis fazer esse tema porque eu faço o curso exatamente pra fazer coisas diferentes do meu trabalho. Não pra ficar falando, sabe, eu falo sobre notícias, às vezes eu falo com universitários e tal... a discussão é o tempo inteiro sobre jornalismo, não sei o que. Então eu faço a faculdade pra falar de outras coisas, pra ter um outro lado da vida, assim. E acabou rolando sem eu me posicionar. Eu digo “ah, eu sou jornalista”. Ai vem com umas opiniões muito prontas e tal e eu digo “cara, isso não é assim, sabe”. Então toda vez ter que entrar nessa discussão e tal. No final foi muito válido, assim, porque eu acho eu consegui abrir um pouco a cabeça dos meus colegas e tal, mas as opiniões muito prontas e as pessoas não sabem do que tão falando isso acho que me dá um... E teve alguns momentos desse trabalho, eu acho que, de raiva, que as pessoas... é... não sei qual é... que é aquela visão, né tipo “ah trabalha na Zero Hora”. Acha que eu tenho um pensamento de mídia golpista, sei lá. Esse clichê que as pessoas gostam de falar e não entendem os processos ou... enfim, acho que na minha visão... acho que talvez “ah, se eu fosse mais novo eu perguntaria mais” entendeu? Então teve alguns momentos de raiva, talvez, assim. Nessas questões. Mas acho que é isso.

Pesquisador: E o que te deixa triste?

Rafael: Triste... (pausa longa) Ah, cara, não sei. Eu acho que a gente confunde muito essa coisa né... Até nas perguntas eu fui... respondi, mas tentei fazer como tu falou e tal, mas acho que confunde um pouco tristeza com raiva, eu não consigo... assim, não vou dizer que eu sou a pessoa mais feliz do mundo, não sou, mas eu não sou... não fico muito triste, não me sinto muito triste. Hoje principalmente. Sinto mais raiva do que tristeza. Não sei. Talvez depois de um momento de raiva, como esse... Porque é mais triste essa questão, sei lá, da minha prima. Mais triste do que eu sentir raiva. Mas acho que isso vem depois e tal.

Pesquisador: Tipo uma reflexão?

Rafael: É, acho que vem mais nesse sentido. Mas ao mesmo tempo eu sou muito prático, então eu não fico tão assim... Porque se eu for ficar, talvez...(pausa) Bah, difícil essa pergunta. Eu não sei te responder de tristeza, assim. É mais... deixa eu pensar... Não sei, assim. Sendo bem sincero.

Pesquisador: É como se fosse uma ressaca da raiva, assim?

Rafael: Eu acho que sim. Mas eu acho que é meio que o meu perfil de não ficar me lamentando muito com as coisas, sabe. De “bola pra frente e tal”. Acho que tem a ver meio que com a minha personalidade

Pesquisador: E a última pergunta pra finalizar a entrevista. O que te provoca medo? Do que você tem medo?

Rafael: Ah, eu acho que é esse... essa onda super reacionária. Essa... me provoca bastante medo essa questão que teve na.. Tipo, na boate lá em Orlando⁷⁵. Acho meio assustador, assim... que tudo bem, a gente não tem coisas... claro, a violência do Brasil talvez seja até maior que lá, mas nesse momento assim, reflete uma onda que dá um pouco de medo. Dá esse embate, de cada vez mais pessoas, né, talvez achando que a solução é matar ou, às vezes isso... Não é nem raiva, nem tristeza, mas me angustia, assim, de ver essas pessoas cada vez mais se mostrando e aparecendo. Eu acho que redes sociais, comentários de internet, sabe... Eu acho que isso me dá um pouco de medo.

Pesquisador: De que talvez não acabe bem?

Rafael: É, eu acho que a gente tá vivendo um momento assim... Não sei se isso sempre existiu e talvez agora fique mais evidente com as redes sociais e com a internet, mas isso me assusta um pouco. Eu acho que no Brasil, principalmente. Bate

⁷⁵ Em referência ao atentado terrorista em uma boate LGBT de Orlando, nos Estados Unidos.

meio que um pânico, assim: “o que vai acontecer”, “onde isso vai dar”. E tem um pouco de... Morei oito anos em São Paulo, voltei ano passado pra cá. A impressão de Porto Alegre tá muito perigosa. Que eu não sentia isso em São Paulo. Um medo mesmo de sair na rua. Que eu acho que é um reflexo, assim, de a cidade ser pouco ocupada e tal. Uma vez eu tava num bar na cidade baixa e tava um clima muito estranho. Tinha a sensação de que ia ser assaltado a qualquer momento. Teve isso, assim, foi uma coisa que eu fiquei bem... Entraram uns cara que eu fiquei assim, achando aquilo muito estranho. E aí eu fiquei com muito medo naquele momento e nada aconteceu. Eu acho que é bem inexplicável. Não, tinha um... né... de pessoas estranhas entrando, uma movimentação estranha. Mas fazia muito tempo que eu não sentia aquela...(pausa longa)

Pesquisador: Tu sente uma tensão entre as pessoas?

Rafael: É, eu acho que Porto Alegre tá complicado, assim. Que é uma coisa que, enfim, São Paulo talvez... não que lá não tenha. A gente sabe pelos números e tal. Mas lá eu nunca tive medo de andar na rua, de fazer nada, assim. Aqui eu passei a sentir.

APÊNDICE M - Transcrição de Entrevista com Juliana Jaeger, Coordenadora de Produção de Zero Hora Digital, realizada em 22/06/2016

Pesquisador: O que te motivou a se tornar comunicadora?

Juliana Jaeger: Eu decidi bem cedo, assim, quando eu tava no, como é que se chama agora? Ensino médio? Na época a maioria dos meus colegas não sabia o que queria fazer e eu logo decidi assim. Não, eu quero ser jornalista. Eu sempre gostei de escrever e isso foi uma coisa que me levou pra alguma profissão que eu pudesse desenvolver isso, assim, embora hoje eu não faça muito isso. Então é engraçado, porque eu entrei na profissão de jornalista porque eu achava que eu ia conseguir desenvolver melhor assim, essa coisa que eu gostava de fazer, gostava de escrever. Quando criança assim, eu até escrevia rimas, poesias, algumas coisas nada a ver assim, mas eu sempre fui muito de escrever assim. Fazer redação e tal. Então naquela época isso me incentivou assim. E sempre tive um desejo de poder me relacionar com as pessoas, né, de poder estar... No jornalismo tu tem essa... Talvez de uma forma muitas vezes informal, né? De ir atrás de histórias, de conhecer pessoas, e não simplesmente uma relação cliente – produto, como se fosse, sei lá, um banco, uma loja ou alguma coisa assim. Uma coisa mais fria. Acho que o jornalismo nos proporciona a gente poder, é, ter relações com as pessoas, numa comunidade, num lugar, um pouco diferente, assim. Foi um pouco isso, né, uma mescla destas duas coisas, assim. É, e em alguns momentos eu achei que, assim, que “ah, ser jornalista pra mudar o mundo, pra trazer coisas legais, pra contar histórias e tal”. Mas isso assim foi bem no início da faculdade. Já tava na faculdade assim e acho que foi uma coisa meio de entrar lá e ver um mundo diferente, de como as pessoas podem ser.

Pesquisador: Sentia um desejo de melhorar o mundo...

Juliana: De melhorar! É...De poder levar coisas legais, assim, para as pessoas.

Pesquisador: Você gosta de ajudar as pessoas?

Juliana: Eu gosto mas eu não sou uma pessoa assim que tu vai olhar no meu histórico e dizer que eu faço muitas boas ações, mas eu gosto, assim...

Pesquisador: Se sente feliz quando consegue...

Juliana: Sim, é... Não faço trabalho voluntário, eu fiz muito pouco assim, na adolescência, alguma coisa, Trabalho em grêmio estudantil mesmo, e depois assim eu não me envolvi em nenhum grupo, mas eu tenho bastante vontade de talvez entrar pra

alguma... sei lá, de talvez fazer uma coisa voluntária, né? De ter um tempo pra me dedicar pelo menos uma vez por semana. Mas eu não tenho feito. Mas o que eu faço, muito assim, tipo, ah, se eu sei que tem alguém precisando de doações de roupa, sabe, tento me mobilizar pra ajudar. Doações de brinquedo, já fiz muito também, mas mais nesse sentido assim. Não sou muito ativa não.

Pesquisador: Você sente que seu trabalho ajuda as pessoas?

Juliana: Ajuda. Meu trabalho aqui, meu, eu particularmente, não, mas o trabalho como um todo que a gente desenvolve ajuda assim.

Pesquisador: Ajuda como?

Juliana: A gente percebe... Tem uma história muito legal pra contar, uma história particular, que até esses dias a gente recebeu o contato da pessoa. Eu era repórter ainda e a gente tava num plantão, ligou lá pra TV uma senhora de uma cidade, sei lá, do extremo sul do Estado... extremo oeste, e ela tava grávida, numa situação muito difícil, acho que eram gêmeos, e o hospital não podia atender ela e ela não estava conseguindo transferência para um hospital maior, pra porto alegre preferencialmente. Ela contou a história assim, foi uma tia da pessoa que ligou, e aí assim, a gente mobilizou repórter, contamos a história, a gente deu matéria de que a pessoa estava a "x" dias tentando transferência e a pessoa conseguiu a liberação de uma ambulância para trazer ela para Porto Alegre. A gente contou esta história aquela vez, e antes de eu sair de férias, eu recebi o e-mail da mãe dos gêmeos. A pessoa que estava precisando da transferência. E ela agradeceu imensamente, quer vir conhecer a gente. Tipo, é uma vida né, uma pessoa que a gente ajudou. Mas, assim, a gente só queria contar uma história né. Pô, a pessoa está lá, é um problema público, um problema de saúde pública, a gente precisa mostrar isso, sabe. A gente não tá ali só para ajudar uma pessoa, estamos para mostrar um problema, mas tu acaba ajudando uma pessoa. Este tipo de coisa eu tenho certeza que a gente ajuda, expondo problemas, expondo negligência do poder público acaba ajudando muito mais do que só uma mãe, mas que, nesse caso, marcou a minha carreira. Mas acho que sim, a gente tem como ajudar de todas as formas, assim.

Pesquisador: Tem uma pesquisa nos EUA que diz que 60% de todo o conteúdo que passava na televisão daquele país era pra retratar prioritariamente a violência. Você sente, em cima do teu trabalho, que isso é uma realidade aqui também? Em se tratando de jornalismo, de veículo de comunicação?

Juliana: Repete a pergunta... O estudo mostra que?

Pesquisador: Mostra que 60% de todo o conteúdo da televisão norte-americana é pra retratar prioritariamente a violência. Tu acha que isso se reflete no teu trabalho aqui também? Como jornalista, construtora da notícia, você acha que isto ocorre aqui também?

Juliana: Sim, acho que sim. A gente não sai correndo atrás de notícias violentas, mas acho que quando a gente se depara com uma notícia violenta a gente acaba dando uma certa valorização pra ela porque também assim, desperta uma certa curiosidade nas pessoas, né? Sei lá. Um acidente muito violento, a gente conta como foi. Às vezes a gente tem que se policiar para não ir num detalhe demasiado violento, assim. Alguns casos de assassinato, sei lá, de questões relacionadas a suicídio, de coisas assim, a gente tem que cuidar. O bom é que, aqui dentro, pelo menos, a gente tem um cuidado em não expor certas formas de violência, né? Que não sejam um atentado assim com a pessoa que tá lendo ou assistindo aquele conteúdo.

Pesquisador: Vocês sentem que o público de vocês se interessa mais por este tipo de conteúdo ou não?

Juliana: Assim, ninguém vem dizer que precisamos ter mais matérias sobre violência. O público em si, assim. Ninguém nunca cobra isso da gente, óbvio, mas em questões que a gente consegue medir, mensurar de audiência, assim, a gente percebe que são os casos que dão mais audiência, mais acessos no digital, por exemplo.

Pesquisador: E tu tens ideia do porque que isto acontece? Porque que as pessoas se atraem por este tipo de conteúdo mais do que outros?

Juliana: Eu não sei se é só curiosidade ou se as pessoas tem, agora me passou uma coisa meio macabra pela cabeça, mas acho que as pessoas tem curiosidade em saber como é a morte, né? Como que alguém conseguiu matar cinco pessoas dentro de uma casa, sabe? Como as pessoas estavam. Eu acho incrível como as pessoas compartilham fotos de corpos, antes por e-mail, hoje pelo whatsapp. As pessoas mandam fotos de corpos e pedaços de corpos e querem ver. Talvez seja a curiosidade em saber como é morrer, porque é a única coisa que não podemos contar, né? (risos)

Pesquisador: Tu achas que as pessoas talvez façam isso por medo da morte?

Juliana: pode ser, pode ser. Eu acredito que sim...

Pesquisador: Se na época da faculdade o que te motivava a fazer jornalismo era uma vontade de mudar o mundo, o que te motiva hoje a continuar na profissão?

Juliana: Hoje eu não sou mais tão sonhadora em querer mudar o mundo, né? Mas acho que, assim, aos poucos, certas coisas a gente consegue chegar e ser um agente transformador de mudanças. É, hoje o que realmente me motiva é levar informação para as pessoas, e a informação não só o que todas as pessoas estão levando... de esclarecer assuntos para as pessoas, principalmente porque estamos vivendo numa era tão... numa fase tão cheia de boatos e informações que, ah, as pessoas compartilham coisas e nem sabem do que tão falando. Se esse mediador explicasse assim “gente, ó, isso aqui é o que tão dizendo aqui e isso é o que estão dizendo aqui e agora tirem suas conclusões, mas não compartilhem qualquer coisa que vocês veem por aí”, sabe. Nós, jornalistas, os meios de comunicação, os veículos estão aí pra dar a informação mais próxima do que é o correto. Enquanto, né, hoje em dia a gente vê tudo muito pulverizado e as pessoas... Esses dias numa conversa assim a pessoa me contou uma coisa que era completamente um boato que tava espalhado por aí e ela contou com certeza, assim, como se tivesse acontecendo mesmo. Hoje o que me motiva é... tá na vida das pessoas o tempo inteiro como veículo de informação, sabe? Poder, aí eu digo pelos meios digitais, poder estar no celular de formas legais, de maneira que as pessoas gostem de consumir isto, e que elas nos busquem pra tirar essas dúvidas, assim. Ah, ser referência no que estaria mais próximo da verdade. Porque eu sei, né, não vou dizer que a gente vai falar verdades, mas pelo menos a gente vai explicar e esclarecer pra pessoa que nem tudo que ela tá vendo é exatamente assim. Acho que é mais ou menos isso.

Pesquisador: Você considera que vocês noticiam verdades ou versões de verdades?

Juliana: Versões de verdades. Versões de fatos.

Pesquisador: Senti uma convicção nessa afirmação...

Juliana: É porque, principalmente pela construção da coisa, né? Tu tá ouvindo duas fontes e cada fonte acha que tem a sua verdade, então, assim, não vou dizer que aquilo que estou falando é a verdade. Não, isso aqui é o que tá acontecendo na cabeça dessa pessoa, é o que ela diz que é verdade. Tem talvez provas que digam que não, que são fatos né, então assim, avaliem, a gente quer construir uma notícia para que a pessoa avalie o que realmente pode ser mais próximo da verdade ou não. Acho que não existe verdade absoluta.

Pesquisador: Você acha que, por não existir verdade absoluta, pode o jornalismo normatizar distorções?

Juliana: Às vezes sim...

Pesquisador: Você consegue pensar em alguma, assim, que “puxa, a gente se enganou aqui...”?

Juliana: Tem... Tem, mas um caso específico... Que o erro tenha partido da gente?

Pesquisador: É, que vocês perceberam “puxa, a gente estava partindo desse pressuposto e talvez a gente tenha errado...”

Juliana: Ah, teve um caso em que fomos muito criticados, assim... A Zero Hora como um todo, e até é super sensível pra gente porque, na época do atropelamento dos ciclistas na Cidade Baixa, lembra?

Pesquisador: Sim, do motorista de um Palio?

Juliana: Isso... A primeira a gente começou noticiando como um acidente, entendeu? E tipo, e foi uma total... não foi assim, “estamos protegendo o motorista”, foi uma total questão de primeiras informações, ainda não muito bem apuradas, uma coisa né, básica, não tinha ninguém lá no local, porque foi uma coisa super na hora... Não tinha chegado repórter, nem fotógrafo, nem nada. E a gente noticiou como um acidente envolvendo um motorista e um grupo de ciclistas, e a gente foi super criticado na época. E isso não foi um acidente. Aí a gente pode, né, tipo assim, pela avaliação dos fatos não foi um acidente, teve vídeo que mostrou que o cara avançou, teve provas e tal. Então assim, ali a gente errou por interpretar de uma forma que na verdade partiu das informações iniciais, assim, que a gente tinha um desconhecimento do que tava acontecendo.

Pesquisador: Isso (este tipo de erro) você atribui a essa necessidade de noticiar as coisas muito rápido? Tipo, jornalista, antes, quando num veículo impresso, tinha um dia para apurar as informações. Agora é uma coisa mais dinâmica...

Juliana: Com certeza na época teve muito a ver assim. A gente, hoje, trabalha a questão do dar a informação antes de uma forma diferente. O site da ZH surgiu em 2007, né? Enfim, a gente já passou por muitas mudanças editoriais nesse sentido de pressa, de dar informação antes e tal. Eu acho, eu, assim... Eu não converso muito com pessoas de outros portais nesse sentido, mas acho que todo mundo meio que tem essa ideia hoje. Eu trabalhei no Terra antes de trabalhar aqui, eu vim de uma cultura da rapidez, agilidade, breaking news, informação, uma linha, sabe? Quase como o rádio, no iníciozinho da notícia da internet. Então tinha essa cultura. Hoje eu vejo que, aqui

pelo menos, a gente não tem essa necessidade. Não somos cobrados para que a gente dê a informação antes. Antes a gente era. Não somos cobrados de dar a informação antes para que a informação saia como ela tem que sair. Pelo menos que a gente tenha 100% de certeza de que é aquilo. Bom, se a gente tem 100% de certeza de que é um acidente, publicamos e tal. Aí ok. Erramos por outro motivo mas não a pressa. Naquele caso erramos sim por causa da pressa. Porque existia uma pressão do mercado de que a internet tinha que ser antes. E pra ser um bom portal de notícias tinha que dar notícias antes. E hoje a visão é diferente.

Pesquisador: Tu trabalhas na Zero Hora há quanto tempo?

Juliana: Eu vou fazer sete anos...

Pesquisador: E na posição de coordenadora de produção?

Juliana: Aqui... Um ano e meio. Hoje é um pouco diferente porque ela abrange um pouco mais o jornal. Antes a gente tinha um núcleo somente digital e eu fazia a produção, só no núcleo digital. E hoje a gente é uma redação integrada. Aí a produção envolve outros processos. Mas dá pra dizer que é um ano e meio nessa mesma função.

Pesquisador: Nesses sete anos de casa então, você já teve que fazer algo que contrariava princípios teus, assim? Já teve que fazer trabalhos que “puxa, se dependesse de mim isso não sairia...”

Juliana: Ai... (risos). Eu acho assim, algumas coisas que a gente... Deixa eu pensar melhor antes de te responder... Tem algumas coisas relacionadas à empresa que eu acho que às vezes a gente faz, que a gente chama de pautas 500, que ok, a gente tem que fazer, porque estamos dentro da empresa... ãh... Outras situações...

Pesquisador: Assim, pautas que... Nos teus critérios jornalísticos não seriam notícias mas você noticia...

Juliana: Isso... A gente tá noticiando quase como uma assessoria de imprensa da empresa, mas faz parte, quase toda empresa faz isso. Mas eticamente falando...

Pesquisador: É... Tipo, uma coisa com a qual talvez você não concordasse realmente. Assim: “puxa, eu acho que essa visão está distorcida, mas, seguindo a linha editorial da empresa, eu preciso noticiar desse jeito...”?

Juliana: Bom, se a gente for contar todos os sete anos aqui dentro, sim. ãh... A Zero Hora, assim... não a Zero Hora, mas eu acho que tipo, no início das manifestações de 2013, a gente teve umas abordagens meio complicadas assim, que diziam respeito a não contar a motivação dos protestos, por exemplo. E isso naquela

época me incomodou bastante, assim, mas eu acho que a empresa logo virou o jogo, assim, conseguiu dar bem os dois lados. Talvez, isso, sim, naquela época, não dar o olhar devido ao tema que tava levantando aquela manifestação, e cobrir talvez por uma visão do que a gente acharia que fosse o nosso leitor, que é o motorista que tava dirigindo enquanto as pessoas estavam lá se manifestando. Mas, assim, era uma questão muito editorial mesmo, assim. Sempre se fez assim, e aí chegou um momento em que...

Pesquisador: Ou seja, não veio alguém de cima dizer “faz desse jeito”... mas é uma coisa que tá no ar, assim?

Juliana: É... é uma coisa que tá lá, que a gente sempre fez assim, que a gente tentava ter um cuidado também pra não valorizar demais um lado ou outro. Mas partiu daqui de dentro muita coisa de a gente, é, cobrir um pouco mais diferente, entendeu...Eu acho que foi uma coisa de olhar pra gente mesmo e para o que a gente tava fazendo. E foi ok, não foi uma “briga”, sabe?

Pesquisador: Hoje a gente vive uma situação política no Brasil bem complicada e extremada. Têm lados que acusam Zero Hora de ser golpista e tem outros que a acusam de ser esquerdista. Eu já vi manifestações dos dois lados. Como é que tu te sentes, enquanto coordenadora de produção desses conteúdos que vão pro ar - provavelmente tu tenhas ingerência sobre estes conteúdos políticos - vendo estas manifestações? E como é que tu enxergas esse processo de impeachment vendo-o de uma situação, digamos, um pouco mais privilegiada, por estar em uma posição de mais acesso às informações e que a maioria das pessoas não tem? Como tu vê a questão do impeachment e como vê as acusações que as pessoas fazem?

Juliana: Começando pela parte das acusações das pessoas, eu acho sensacional. Ontem mesmo eu estava lendo um post sobre o Bolsonaro e os comentários. Tinha o mesmo número de pessoas nos acusando de esquerdistas e os outros dizendo que a gente é de direita, e compactua com a Globo e não sei o que, e que ajudamos o golpe... Então eu acho que a gente transmite tão bem que, talvez, os dois lados, as pessoas não conseguem entender. “ah, vocês só falam do Bolsonaro e não sei o quê, não sei o quê...”, e tem outras que dizem “não, eles também atacam e”, sabe? “Tão dando muito espaço pra Maria do Rosário” e “Não, tão dando muito espaço pro Bolsonaro”, então assim, a gente acha que consegue equilibrar. Eu gosto de ver quando isso acontece, pois é que nem quando somos gremista ou colorado. Se

estamos gerando opiniões divergentes sobre o mesmo assunto, acho que estamos conseguindo equilibrar bem. E como eu vejo o impeachment nisso tudo?

Pesquisador: Isso, qual é a tua visão? Tu achas que é golpe ou acha que é um processo legítimo, legal? Da tua posição enquanto jornalista, com todas as informações que te chegam...

Juliana: Eu acho muito difícil, porque assim. Com certeza tem muita coisa que a gente não vê. Temos informações privilegiadas até ali, sou uma jornalista de Porto Alegre, do Rio Grande do Sul, sabe? Fico numa redação, não tô em Brasília, e mesmo se estivesse, provavelmente, eu não veria tudo o que acontece, porque deve ter uma coisa muito maior entranhada então assim... Eu não sei, eu não acho assim, que é realmente um golpe... Tipo assim... Mas também não acho que é legítimo, porque... Eu estaria mais para o "é golpe", né, digamos assim. Eu acho que talvez não se justificaria, mas sim, houve erro, de alguma forma teria que se punir quem errou, quem assinou as pedaladas e tal. Porque realmente o País quebrou, então alguma coisa foi feita errado. Mas talvez não seja o impeachment o melhor jeito de punir isso. Sei lá, talvez deve ter na lei alguma outra forma de poder punir um presidente por alguma coisa que tenha feito errado, mas eu acho que foi uma forma de se prevalecer em cima de um erro pra tirar a presidente que já não queriam que fosse eleita na época da eleição, porque a pressão foi muito grande. Tipo, durante as eleições foi uma saraivada em cima do PT, né? Acho que é muito mais uma guerra de partidos, né? Não é pelo bem do País, é pelo poder, é pelo "não PT", pelo "Fora PT". Fica difícil a gente saber, sabe, porque assim, pra mim foi claramente uma forma de eliminar o PT. Então assim, se foi golpe, se tá legítimo ou não...

Pesquisador: Tu te sentes atendida pela Zero Hora, neste teu ponto de vista, pelos conteúdos que ela produz?

Juliana: Pois é... Eu acho que sim, porque assim, a gente mostra muita coisa... A gente tenta detalhar muita coisa dos podres, do que não tá certo, mas a gente também foi lá e mostrou o que que não tava certo na administração da presidente, então assim... Isso é uma opinião minha, e a Zero Hora é um veículo que busca não pender nem para um lado nem para o outro, então, acho que não, não me sinto representada, mas eu acho que a cobertura está correta.

Pesquisador: Você acha que a empresa tem sucesso nessa busca? De não pender nem para um lado, nem para o outro?

Juliana: Ah, nem sempre, né? Às vezes cai a mão... (risos) Cinco páginas pro Cunha, duas páginas pra Dilma, sabe? Mas eu acho que chega bem próximo, assim. A gente também não é a Folha (de São Paulo), né? Que está fazendo denúncias que ajudem a derrubar as pessoas, né? Na questão nacional a Zero Hora não tem esse patamar, né? A gente tá muito mais no regional, e daí acho que, se a gente tivesse um exemplo, uma coisa assim...

Pesquisador: Falando em regional, queria uma opinião tua em relação ao governo Sartori. O que você acha do governo e se você acha que Zero Hora reflete a tua visão enquanto cidadã.

Juliana: Acho que sim. Assim eu, minha opinião sobre o governo Sartori, é que pegaram o Estado quebrado e tiveram que fazer alguma coisa, mas acho que apertaram um pouco demais, a questão do parcelamento dos servidores. Assim, não entendo nada de gestão política, mas sei lá, não tinha mais nada pra fazer, não tinha outra opção ao invés de prejudicar o servidor, o cara que tá ali, sabe? E aí tem toda uma questão de não pagar um e dar auxílio pro outro... Votar o próprio aumento, então tem toda uma contradição, sabe? A questão das escolas, agora, que o secretário (da educação) simplesmente sumiu, foi embora, acho que voltou agora. Então acho que pesou a mão o governo Sartori, e a Zero Hora sempre bate no governo Estadual. É difícil... no Governo Tarso a gente vivia batendo, então assim, acho que na questão estadual a gente dificilmente vai ser amigo do governo, assim, embora acho que tenha que mostrar quando as coisas são legais. "Pô, que legal, dessa vez conseguiram não parcelar o salário", é óbvio que vamos dar, então, a gente tá sempre cobrindo, tá sempre lá, mas acho que temos que mostrar muito mais o que está errado. Então assim, batia lá no governo do PT, batia aqui... sempre bateu. É meio que essa coisa assim, ah, tá fazendo errad, não tá fazendo legal, tá prejudicando, tem categoria insatisfeita, sabe? Então, acho que é por esse lado.

Pesquisador: Algumas pessoas que eu entrevistei consideram os veículos de comunicação meio condescendentes com a violência policial. Pois geralmente o jornalista está junto com o policial, nos programas policiaiscos onde o jornalista está acompanhando...

Juliana: Sim... Teve esse último caso do Matheus (Chaparini, repórter do Jornal Já, de Porto Alegre, que foi preso pela BM junto com estudantes secundaristas que ocuparam a Secretaria Estadual da Fazenda).

Pesquisador: Como você vê essa questão?

Juliana: Particularmente eu acho que a polícia passa dos limites fácil. Neste caso foi um onde passaram muito, assim. Agora eu acho que tem uma diferença, que é assim. A gente precisa ter a polícia que vai atrás do bandido, que, sei lá, vai lá na favela, vai lá na vila, que não sei o quê... Que, talvez, precisa de um pouco mais de ação porque está enfrentando pessoas armadas, acho que esta é a questão... E tem a polícia que tá ali pra reprimir protesto. Eu não sei se tem as tropas de choque, mas a mesma tropa de choque vai pra lá armada, também, num protesto, e tipo... Talvez devesse haver uma diferença assim, entre esses tipos de polícia, sabe. Eu acho que a polícia tem que combater de frente quando se trata de crime. Acho que não se pode entrar em favela matando todo mundo. Mas obviamente que eles vão ter um embate com quadrilha, com gente armado com fuzil, que tem arma melhor do que eles e tal. Mas, tipo, num protesto, as pessoas estão expressando um direito, elas estão ali pra mostrar que tem algo errado, e a polícia às vezes age nos protestos como se estivesse enfrentando bandidos lá nas favelas, entendeu? Então, assim, quando são bandidos, né? (risos) Porque também na favela, às vezes, eles agem com pessoas atirando em qualquer um. Então, assim, eu acho que talvez uma reformulação, estudo pra polícia, sabe? Banca mais esse pessoal que está lá dando a vida pelo cidadão pra eles entenderem, sei lá, trabalha o psicológico da polícia. Não sei, tem alguma coisa errada. Porque não pode a polícia bater em manifestante, sem nada. O manifestante tá lá, vai vir uma ordem judicial pra tirar ele, entendeu? Então...

Pesquisador: Como você acha que deveria ser a relação do jornalista com a polícia?

Juliana: Como é com qualquer outra entidade.

Pesquisador: Deveria ser assim. Mas você acha que é assim?

Juliana: Acho que não, né. E, assim, sensível tá... Talvez eu tenha que consultar (superiores) pra saber se tu pode usar, mas o jornalista de Zero Hora, pode ser o mais esquerda que ele for na vida pessoal. Ele pode ter na página do Facebook a Dilma. Mas se ele está cobrindo um protesto em Porto Alegre, qualquer protesto, ele é hostilizado, porque é a Zero Hora. Porque as pessoas não gostam da Zero Hora, porque a RBS mente. E daí, né, se o cara está lá, fazendo o seu dever e sendo hostilizado por manifestantes, qual vai ser a reação dele? É tentar se proteger de alguma forma, né? Porque ele tem que fazer o trabalho dele. Então, às vezes, alguns jornalistas acabam ficando do lado da polícia por uma questão de se proteger, entendeu? Isso acontece com gente jovem, novinha aqui, que acabou de se formar. Vai

pro protesto cobrir, assim, “cuidado”, porque os manifestantes não gostam. Não usa o crachá, não diz que é da Zero Hora... Então assim, tá, ok... Tem outros fatores também, principalmente pra quem é da Zero Hora assim. Então, assim, a gente, aqui, às vezes acaba ficando sim do lado da polícia por algumas outras questões. Falando de protesto em Porto Alegre... Mas em outros casos, teve a Letícia (Duarte, repórter de Zero Hora), que viajou com os refugiados (na Síria), ela obviamente não fez uma reportagem do lado da polícia. Estava do lado dos refugiados, e não tava nem... Nem uma fonte policial não lembro de ela entrevistar. Ela contou a história dos refugiados, do lado dos refugiados, sem ser do lado da polícia. Não acho que o ideal seja o repórter estar ao lado da polícia, entendeu? Acho que ele tem que estar no meio, sabe? Só que às vezes é difícil...

Pesquisador: Pra você, qual é a função social do jornalista?

Juliana: Cara, eu acho que... Ela é gigantesca, ela tem vários aspectos, assim. Tem muita coisa a se fazer, né? E acho que pode ser... E tem vários segmentos, assim, a questão social de comunidade, a questão do jornalismo comunitário, que não está ligado à empresa nenhuma e que acho super essencial, assim. E num âmbito maior eu acho que é formar pensamento crítico, sabe? Basicamente isso, assim. E o jornalismo comunitário ele vem lá do pequenininho, sem ser grande empresa, fazendo isso, formando pensamento crítico. Desenvolvendo as pessoas, dando a informação, se informem “aqui é de um jeito, lá é de outro”... Basicamente isso.

Pesquisador: Hoje a gente vive uma situação de extremos. Nas redes sociais as pessoas declaram ódio ao outro, seja na política... Se tem uma ideia, tem sempre que é a favor e quem é contra. E a gente sente que é uma questão muito emocional e pouco racional. Se vê muito as pessoas usarem o conteúdo jornalístico para justificarem o seu emocional. E não o seu racional. Existe uma preocupação de vocês, que produzem conteúdo, sobre que emoções vocês irão provocar nas pessoas ao publicar determinado conteúdo?

Juliana: É algo que a gente pensa pouco, eu acho. Nas emoções das pessoas... A gente tem um hábito de talvez, assim, logo pensar que “ah, isso aqui nós vamos ser criticado nas redes sociais”, que é onde tem essa loucura de ódio e tãããã (SIC). “Se a gente postar essa matéria vão cair em cima da gente, vão acabar com a gente”, enfim. Mas é mais isso, assim. Que nem ontem, a notícia do Bolsonaro, a gente sabia que se postasse tomaria pau de um lado e de outro, mas a gente não vai deixar de fazer porque as pessoas vão ficar com raiva da gente, entendeu?

Pesquisador: Poderia se dizer que vocês sabem que vai gerar polêmica, mas não sabem que emoções vão aflorar disso?

Juliana: É... É... E assim, obviamente que, quando a gente sabe que vai gerar polêmica, muita assim, a gente tenta ter um cuidado um pouco maior, talvez com o título, talvez com a foto. Sei lá, escancarar uma foto porque tá gerando polêmica, entendeu? Então, quando a gente sabe, é mais nestes assuntos sensíveis, talvez, que a gente já vivenciou. Porque no início a gente também não sabia que o Bolsonaro estava gerando polêmica. Então, a gente noticiou coisas e tal e aí começou a gerar uma comoção e aí fomos aprendendo. Quando a gente descobre as emoções que as pessoas sentem a gente começa a ter um cuidado um pouco maior, entendeu, porque a gente tenta imaginar mas não é uma coisa que a gente faça tão frequente, eu acho.

Pesquisador: Você acha que o jornalista deveria ser preparado para a questão emocional, das pessoas, ou discutir mais sobre as emoções que provoca?

Juliana: Seria legal, porque é um campo que se discute pouco. A gente, às vezes, acaba, na empresa, olhando muito pra audiência e tal e a gente não sabe se aqueles dois milhões de pessoas estão lendo porque estão assustados, porque gostaram, se sentiram felizes com aquilo, né, a gente não sabe. A gente acaba ficando num campo duro, de números. E se debate com essas emoções muito mais nas redes sociais, comentários e tal. E eu acho que deveria. Deveria ser um campo que... Assusta muito aqui a gente, às vezes. Tipo assim, às vezes uma área de comentários vira um campo de batalha, uma guerra de ódio das pessoas por qualquer coisa. E é impressionante, porque às vezes não é nem com a gente. Daí também, não sei, aí é uma questão também da internet. Porque as pessoas ficam brigando entre elas lá, criam um campinho entre elas e se xingando, sem mais comentar o assunto da matéria. Então, assim, às vezes é um assunto que gerou uma emoção, que gerou uma briga, que nem é mais sobre aquele assunto, entendeu? É complexo! (risos)

Pesquisador: Diante dessas reações... Assim, tu falaste que a função social do jornalista é passar informação pra despertar o senso crítico. Diante dessas manifestações, tu achas que o jornalismo tem tido sucesso? A Zero Hora tem tido sucesso nesse “despertar de senso crítico”?

Juliana: Aí é que tá... Não tenho certeza. Não sei.

Pesquisador: É difícil avaliar?

Juliana: É difícil avaliar (risos). Mas eu acho que a questão é também despertar o senso crítico, mas fazer a pessoa não sair criticando tudo, né? Tô falando do bom senso. Despertar senso crítico e bom senso, talvez. Mas eu não sei, assim, a Zero Hora não é... É um lugar, é um meio para as pessoas se informarem, né? Acho que o fato de levar a informação depende muito da pessoa, né, absorver aquela informação... Porque às vezes a pessoa pode absorver a informação de uma maneira errada, né? Achar que a gente tá falando A e na verdade a gente tá falando B. Mas eu acho que a gente poderia melhorar, talvez, em ter mais opinião no jornal. Talvez ter matérias mais detalhadas, ou mais explicativas, para que as pessoas pudessem compreender melhor tudo o que tá acontecendo. Às vezes a gente passa só pelo factual, passa dias que a gente não consegue cobrir, e passa só pelo factual sem dar uma explicação, assim. Mas eu acho que sim, quando a gente faz matérias maiores, tipo, comparando as acusações de alguém com as acusações... Ou comparando o que disse Dilma no seu primeiro discurso, e o que disse Temer... Mas eu não tenho muito como medir se isso tá funcionando, realmente não sei. No que se propõe, ok, mas não tenho como medir isso.

Pesquisador: Você se considera uma pessoa influenciável? No sentido de se contaminar por ideias de outros de uma maneira fácil?

Juliana: Sim. Eu diria que uns 40%. Porque às vezes sim, mas não uma coisa de, não racional. Eu sou muito de, às vezes, porque fulanos está defendendo tal coisa, e me informar mais porque aquilo, porque estão defendendo aquilo, e talvez, aí sim ou não, gostar ou não daquela posição e talvez até mudar. Mas eu diria que uns 40%. (Risos)

Pesquisador: Você acha que hoje tem liberdade para expor as tuas ideias no teu local de trabalho?

Juliana: Sim.

Pesquisador: Total? Numa métrica de zero a cem, quanto de liberdade você tem?

Juliana: Digamos que 80%.

Pesquisador: O que te causa felicidade no teu trabalho? O que te deixa feliz?

Juliana: Meu trabalho é um negócio meio duro, assim. Eu gosto de realizar, sabe? Tipo, entregar coisas. Eu edito matérias mas, eu tô ali na produção e vejo ideias surgindo, sendo trabalhadas e depois concretizadas. A realização é ver o produto final.

Gosto de trabalhar na questão da produção no início, de delegar, de entender e tal. Mas ver quando as coisas se realizam me dá bastante felicidade.

Pesquisador: E na tua vida? O que te dá felicidade?

Juliana: Fora a profissão... Meus amigos. Não sou uma pessoa muito família, sou mais de amigos, de diversão. Eu gosto de estar em lugares, não vou dizer com muita gente, mas com as pessoas certas. E aproveitar a vida assim...

Pesquisador: O que seriam “pessoas certas”?

Juliana: Eu não sou uma pessoa que está toda hora na rua, assim. Mas eu gosto desta coisa de diversão, sair e tal. Então, assim, se estou com dois dos meus melhores amigos eu faço uma festa maravilhosa, entendeu, nem que seja em casa no sofá.

Pesquisador: E tu saberias dizer por que os teus dois melhores amigos são os teus dois melhores amigos?

Juliana: (risos) Ah... Vamos pensar... Eu acho que é por proximidade e por pensamentos parecidos, assim.

Pesquisador: Mesma visão de mundo?

Juliana: Mesma visão de Mundo... Mesmos problemas a serem enfrentados na vida. Tipo, certas dificuldades que a gente se achou em comum, assim, então acaba criando um vínculo bem legal.

Pesquisador: E em que momentos você sente raiva? O que te provoca raiva?

Juliana: Acho que mentira. Não sei... Falsidade, assim. Isso me dá muita raiva.

Pesquisador: Como você percebe quando alguém está sendo falso com você?

Juliana: Nisso eu não sou boa (risos). Tipo, eu até preenchi aquela ali assim (questão do crençário sobre confiar em quem não se conhece) “ah, eu não acredito muito em quem eu não conheço mas eu faço um esforço assim, então, eu vou achando que está tudo ok e acabo descobrindo que não, que a pessoa está fazendo outra coisa sem eu saber ou, pra influenciar outras pessoas. Tem uma coisa que me deixa com muita raiva, além da mentira, que são as pessoas que se prevalecem de certas coisas que não são mérito delas. E isso às vezes acontece bastante, e acontece em toda profissão. Tipo carreirismo, coisas assim.

Pesquisador: Você já viu isso acontecer aqui?

Juliana: (sinal afirmativo com a cabeça)...

Pesquisador: O que te deixa triste?

Juliana: Triste... Acho que às vezes ficar sozinha me deixa triste. Para algumas coisas. E algumas questões de família às vezes me deixam bem triste, assim.

Pesquisador: Você é sozinha hoje?

Juliana: Sim.

Pesquisador: E isso te deixa triste?

Juliana: nem sempre, né? Às vezes eu curto, assim. Quando não quero falar com ninguém. Mas às vezes é legal quando tu pode encontrar mais as pessoas, né?

Pesquisador: Tua profissão te condiciona a ser mais sozinha?

Juliana: Eu acho que sim. Acho que sim. Por exemplo, eu trabalho das 14h às 22h. Enquanto as pessoas estão nos barzinhos eu estou trabalhando, e tem outras pessoas que fazem esses horários malucos. E acho que isto dificulta um pouco as relações, e as pessoas também tem uma dificuldade de se relacionar com outras pessoas. E também às vezes é muito estressante o trabalho aqui, e aí final de semana tu só quer ficar em casa olhando TV. Às vezes tu acaba descontando assim “ah, muito stress durante a semana, fim de semana é só descansar”, sabe? Então acaba sendo meio pesado.

Pesquisador: Tu sentes essa necessidade (de ficar sem fazer nada) quando chega o final de semana?

Juliana: Às vezes, entendeu? E tem outros em que eu preciso ver luz do sol, sabe. Daí é bem diferente, eu preciso ver pessoas, preciso sair, entendeu?

Pesquisador: Mas qual dessas duas opções você faz mais?

Juliana: Ah, eu sou mais de casa (risos).

Pesquisador: E o que te deixa com medo?

Juliana: Violência. Roubo, assalto, essas coisas. Isto é o que eu mais tenho medo, e saúde um pouco também. Não sei se coloquei saúde aí (Na roda das emoções). Eu tenho um medo de não estar saudável para fazer as coisas. Sei lá, não que eu seja hipocondríaca mas, a saúde me preocupa bastante, assim, além da violência.

Pesquisador: Você oscila muito emocionalmente?

Juliana: Acho que não.

Pesquisador: Você consegue manter um equilíbrio, assim?

Juliana: Você diz assim, de euforia para depressão?

Pesquisador: De um medo para a alegria...

Juliana: Eu sou uma pessoa tranquila, assim. Eu sou, às vezes, obviamente, quando tem uma pressão junto com prazos e nãñã (SIC), às vezes fico um pouco agitada aqui, mas geralmente sou uma pessoa super tranquila. Não sou alguém de emoções extremas, assim, “ah, uma hora estou muuuuito maaaal, ou muito feliz”. Geralmente estou mais para o feliz, assim.

Pesquisador: Você se considera uma pessoa realizada?

Juliana: 60% realizada. Profissionalmente sim, mas pessoalmente ainda não atingi tudo o que eu queria, como casar, ter filhos. Ainda estou bem longe disso assim, e é algo que eu queria conquistar mesmo.

Pesquisador: E o que te deixa “bem longe” destas coisas? Por que bem longe?

Juliana: Não faço ideia (risos).

Pesquisador: O que te impede de ter estas coisas hoje?

Juliana: Não sei... Não sei... Não sei porque... Tipo assim, não tenho namorado mas por uma época foi uma opção. Então como formar uma família sem ter um namorado? Então não sei...

Pesquisador: Profissionalmente tu já está realizada...

Juliana: Não, assim... Acho que ainda tenho bastante pra crescer, mas acho que cheguei antes em um lugar antes do que eu esperava. Isso é uma forma de realização, mas não é o que eu quero fazer pra sempre. Quero mais coisas.

Pesquisador: Isso que eu quero entender. Você quer fazer isto (coordenadora de produção) até quando? E daqui quer ir para onde?

Juliana: Não tenho planos de sair daqui, por enquanto, mas sei lá, alguma outra área talvez que surja, algo assim, eu não desenhei o meu futuro. Foi uma coisa meio que aconteceu e tá indo...